

ENDERS



NINGUÉM É REALMENTE O QUE PARECE



LISSA PRICE





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

L I S S A P R I C E

ENDERS

Tradução:
Ivar Panazzolo Júnior



Publicado sob acordo com o autor, c/o BAROR INTERNATIONAL, INC.,
Armonk, New York, USA.

Copyright Texto © 2014 by Lissa Price
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Price, Lissa

Enders / Lissa Price; tradução Ivar Panazzolo Júnior. -- Ribeirão Preto, SP: Novo
Conceito Editora, 2014.

Título original: Enders

ISBN 978-85-8163-381-7

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título.

13-12410 | CDD-028.5



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Você encontra este e demais e-books na Livrarialivros.com

PARA GENE, MEU ENDER FAVORITO.

Minha mão foi até a parte de trás de minha cabeça e tenho certeza de que senti o chip sob a pele. Mas é claro que não o senti; ele estava instalado bem abaixo da placa de metal. Era apenas o tecido cicatrizado após a cirurgia, impiedoso e duro.

Tentei não tocá-lo, no entanto, isso havia se tornado uma obsessão, como cutucar uma farpa enfiada na pele da palma da mão ou tentar arrancar uma unha lascada. Aquilo me assombrava o tempo todo, até aqui, preparando sanduíches na cozinha. Na cozinha de Helena.

Embora ela estivesse morta e houvesse deixado sua mansão para mim, eu lembrava, dia após dia, que tudo era dela. Todas as escolhas, desde os azulejos verde-mar à elaborada ilha no centro da cozinha *gourmet*, eram dela. Até a governanta, Eugenia, havia sido governanta dela.

Sim, foi Helena quem bolou o plano maluco para deter o Velho, usando meu corpo para assassinar o senador Harrison. Tenho que dizer que me ofereci como voluntária para doar meu corpo. A culpa foi minha. Na época, eu estava desesperada para salvar meu irmão mais novo, Tyler. Agora eu não podia mais voltar no tempo, nem me livrar desse chip horrível instalado em minha cabeça. Como eu odiava essa coisa! Era como um telefone no qual o Velho poderia me ligar a qualquer momento. Era a linha direta entre ele e eu, Callie Woodland.

A última vez que o ouvi foi há dois dias, enquanto observava sua preciosa Prime Destinations ser demolida. Sua voz se parecia com a de meu pai, e ele até usava as mesmas palavras de código: *Quando os gaviões gritam, é hora de voar*. Desde aquele dia, não consigo parar de pensar nisso. Porém ao ficar em frente ao balcão da cozinha, espalhando a última porção de manteiga de amendoim no pão integral, decidi que o Velho só queria brincar comigo. Uma brincadeira cruel, é claro, mas não era surpresa, vindo daquele monstro.

— Terminou? — perguntou Eugenia.

Sua voz encarquilhada de Ender cortou meus pensamentos. Não a ouvi se aproximar. Há quanto tempo ela estaria me observando? Virei-me para encarar o olhar de reprovação que ela trazia no rosto enrugado. Se essa fosse a minha vida de conto de fadas, e este fosse o castelo, ela seria a madrastra feia.

— Por hoje é só. Você está acabando com o estoque de minha despesa.

Não era verdade. Havia preparado várias dúzias de sanduíches, mas nossa despesa poderia nos alimentar por um mês. Coloquei o último sanduíche na máquina de embalagens a vácuo, e o filme plástico envolveu o pão instantaneamente com um *zip* estridente.

— Pronto — eu disse, jogando o sanduíche dentro de uma bolsa de viagem.

Eugenia não esperou eu sair para começar a limpar o balcão. Ficou claro que eu arruinara seu dia.

— Não podemos alimentar o mundo inteiro — reclamou ela, esfregando manchas invisíveis.

— É claro que não. — Fechei o zíper da bolsa de viagem e a coloquei no ombro. — Apenas alguns Starters famintos.



Enquanto colocava a bolsa de viagem no porta-malas do carro esporte azul, o olhar de reprovação de Eugenia permanecia em minha memória. Como meus pais estavam mortos, a lógica seria que ela fosse mais gentil comigo. Mas, não sei por quê, ela me culpava pela morte de Helena. Não foi minha culpa. Na verdade, Helena quase fez com que eu fosse morta. Fechei o porta-malas com força. Eugenia só continuou na casa porque adorava Tyler. Tudo bem, eu não precisava dar satisfações a ela. Ela não era minha guardiã.

Minha mão foi até a parte de trás da cabeça, cocei outra vez a cicatriz de meu chip até me dar conta do que estava fazendo. Quando olhei para os meus dedos, as unhas estavam sujas de sangue. Soltei um gemido.

Tirei um lenço de papel da bolsa de viagem e limpei os dedos. Em seguida, saí pela porta da garagem que levava ao jardim. Pedras cobertas de musgo, úmidas do orvalho da manhã, levavam até a casa de hóspedes coberta por roseiras. O lugar estava tranquilo, não havia movimentação por detrás das janelas. Bati na porta para ver se ele havia voltado, mas não obtive resposta.

A maçaneta girou com um rangido. Coloquei a cabeça para dentro da porta.

— Michael?

Eu não entrava na casa dele desde que nos mudamos para a mansão. O lugar estava com o cheiro de Michael, uma mistura de tintas e madeira recém-cortada. Até quando morávamos em prédios abandonados, ele sempre deu um jeito de cheirar bem.

Entretanto, o que realmente identificava que o lugar pertencia a Michael eram seus desenhos maravilhosos que cobriam as paredes. O primeiro mostrava Starters esqueléticos, com olhos famintos e assustados. Vestiam camadas de roupas esfarrapadas, com garrafas de água presas ao corpo e lanternas de pulso presas em seus braços.

Na imagem seguinte, três Starters brigavam por uma maçã. Um deles estava deitado no chão, machucado. Essa era a minha vida alguns meses atrás. O próximo desenho era ainda mais difícil de olhar.

Minha amiga Sara. Uma Starter que tive a esperança de resgatar. Falei sobre ela a Michael e o tempo que passamos juntas na Instituição 37, o lugar que parecia ter sido criado dentro de um pesadelo, onde os inspetores me trancafiaram com outros Starters sem família. O desenho mostrava Sara após desviar a atenção dos inspetores, que estava focada em mim, agarrando-se à cerca de arame farpado antes de morrer. Michael nunca chegou a conhecê-la, mas, como a maioria dos Starters que morava nas ruas, estava familiarizado com o desespero e a coragem. Ele retratou o sacrifício incondicional nos olhos dela.

Esse desenho ficou borrado no meu campo visual. Eu nunca encontraria uma amiga tão leal quanto Sara, mesmo se vivesse um milhão de anos. Ela me deu tudo e eu a decepcionei.

Foi minha culpa.

Alguém entrou na casa de hóspedes. Virei o rosto e vi que era Tyler.

— Cara de macaco! — gritou ele.

Enxuguei os olhos rapidamente. Ele veio correndo até onde eu estava e colocou os braços ao redor de minhas pernas. Michael estava atrás dele, sob o batente da porta, sorrindo. Em seguida, fechou a porta e colocou sua bolsa de viagem no chão.

— Você voltou! — Olhei para Michael.

Ele afastou o cabelo encaracolado da frente do rosto e pareceu surpreso com a preocupação na minha voz. Tyler se afastou.

— Michael me trouxe isso aqui.

Ele mostrou um caminhãozinho de brinquedo e colocou-o para rodar em cima do sofá.

— Onde você estava? — perguntei. Michael havia sumido desde que a Prime fora demolida.

Ele deu de ombros.

— Precisava de um pouco de espaço.

Ele não diria nada enquanto Tyler estivesse por perto. Ele havia me visto de mãos dadas com Blake, o neto do senador Harrison. Dois fantoches do Velho.

— Escute, o que você viu... não significava nada — disse, em voz baixa. — E você, você e Florina...

— Acabou.

Ficamos olhando um para o outro. Tyler ainda estava brincando, imitando os sons de um motor com a boca, mas é claro que ele ouvia nossa conversa. Tentei pensar em alguma maneira de explicar meus sentimentos, porém, para ser sincera, não sabia o que sentia. O Velho, Blake, Michael... tudo estava muito confuso.

Meu telefone soltou um bip para lembrar que havia três Zings na minha caixa de entrada e que eu ainda não os havia lido.

— Alguém está louco para falar com você? — perguntou Michael.

Os três Zings foram enviados por Blake. Estava tentando entrar em contato comigo desde o dia em que o vi na destruição da Prime.

— É ele, não é? — disse Michael.

Enfiei o telefone de volta no bolso, inclinei a cabeça e olhei para ele com uma expressão de “não me provoque”.

Tyler nos encarava ansioso, olhando primeiro para Michael e depois para mim.

— Nós vamos ao shopping — disse Tyler. — Comprar tênis para mim.

— Sem pedir minha permissão? — Agarrei a alça da bolsa sobre o meu ombro e coleí meus olhos em Michael.

— Ele implorou — explicou Michael. — E os tênis favoritos dele estão pequenos.

— Ele está crescendo bem rápido. Melhor comprar dois tamanhos diferentes.

Estávamos felizes com a melhora de Tyler após um ano morando em prédios abandonados e frios.

— Você vai com a gente, não é? — disse Tyler.

- Adoraria, mas preciso ir a outro lugar.
- Aonde? — perguntou Michael.
- Ao nosso antigo bairro. Alimentar os Starters.
- Quer ajuda?
- Por quê? Você acha que eu não consigo fazer isso sozinha?

Assim que cuspi aquelas palavras ríspidas, desejei poder voltar no tempo. Michael ficou bem magoado. Tyler ficou de queixo caído, percebeu o clima tenso.

— Me desculpe — disse a Michael. — Obrigada por querer me ajudar. De verdade. Mas vou me virar. Vão ao shopping.

— Você poderia ir almoçar com a gente — disse Tyler. — Depois que comprarmos meus tênis.

Ele segurou a mão de Michael e fez sua melhor cara de “por favor, por favor!”. Tyler estava fazendo o que podia para que ficássemos juntos, éramos como um pai e uma mãe para ele. O que eu queria de verdade era fazer com que nossos pais ressurgissem num passe de mágica; queria ter nossa família de volta. No entanto, tinha que me contentar em atender ao pedido de meu irmão.



Equilibrava a bolsa de viagem no ombro enquanto abria a porta lateral do prédio comercial abandonado, que serviu de casa para Michael e para mim — e também para Florina — enquanto alugava meu corpo para uma Ender. Entrei no saguão e vi a mesa da recepção vazia, como sempre. Nunca admitiria para Michael que meu coração estava batendo mais forte. Mais rápido. Prendi a respiração para tentar escutar sinais que indicavam perigo. Eu conhecia o lugar, mas as coisas mudam. Quem eram os Starters que moravam aqui agora?

Fui até a mesa da recepção para ter certeza de que não havia ninguém escondido atrás dela, pronto para atacar. A área estava limpa. Coloquei minha bolsa de viagem sobre o balcão, abri o zíper e tirei um pano de dentro dela. Enquanto limpava o balcão, ouvi passos atrás de mim. De repente, alguém passou correndo e pegou minha bolsa.

— Ei! — gritei.

Um Starter pequeno e gorducho correu para a saída, agarrando minha bolsa contra o corpo. Vários sanduíches caíram no chão.

— Os sanduíches seriam divididos entre todos, seu ladrãozinho! — berrei para ele.

Ele atravessou a porta como um raio. Eu nunca conseguiria pegá-lo.

Saí rapidamente de trás da mesa da recepção e me abaixei para pegar a comida que havia caído. Estava quase pegando um dos sanduíches quando alguém pisou na minha mão.

— Para trás. — Era uma Starter, talvez um ano mais velha do que eu.

Ela empunhava uma tábua como se fosse um bastão de beisebol, pronta para atacar. Os pregos

enferrujados na ponta da tábua me convenceram a não brigar. Fiz que sim com a cabeça. Ela aliviou a pressão do pé sobre a minha mão e eu recuei.

— Pode pegar — eu disse, indicando o sanduíche esmagado.

Ela o agarrou, e também os outros dois que estavam no chão. Mordeu os sanduíches sem se preocupar em desembrulhá-los, fazendo muitos ruídos. Magra, com os cabelos curtos e sujos, provavelmente algum dia ela foi uma garota de classe média. Assim como eu.

Já estive faminta daquele jeito, mas ninguém nunca foi ao meu prédio para me dar comida. E agora eu sabia o motivo.

Ela engoliu.

— Você. — Ela se aproximou e tocou meu cabelo. — Você é uma Metal, não é?

— Uma o quê?

— Você sabe. Metal. Uma daquelas pessoas do banco de corpos. Você tem um chip na cabeça. — Ela deu mais uma mordida no sanduíche, desta vez tirando o plástico que o envolvia. — Qual é a sensação? — Ela andou até poder olhar para a parte de trás de minha cabeça.

Eu estava usando as roupas menos chamativas que encontrei no armário da neta de Helena. Mas não consegui disfarçar minha pele, que estava impecável, meu cabelo brilhante e minhas feições perfeitas. Para o resto do mundo, era claro que eu havia me tornado uma espécie de escrava com um chip na cabeça.

— De alguém ser o meu dono.



O shopping center limpíssimo e iluminado era completamente diferente da vida dura e sem leis dos Starters, que têm de ir atrás de procurar prédios abandonados para morar. Guardas de segurança Enders mantinham a vigilância do lado de fora das lojas, examinando cada Starter que passava com um olhar duro feito aço. Um dos guardas percebeu que havia alguns garotos desgrehados anunciando às pessoas que não tinham família, com o rosto sujo e jeans manchados. Ele entrou em contato com os seguranças do shopping e eles levaram os garotos até a saída, com truculência.

Este lugar era um shopping de classe alta mesmo antes de a Guerra dos Esporos ampliar a divisão entre ricos e pobres. Embora nem todos os Enders fossem ricos e nem todos os Starters, pobres, era assim que as coisas aparentavam ser. Aqui eu passava por muitos Starters lindos, reluzentes, vestindo suas camisetas e jeans com estampas holográficas e que mudavam de cor e textura conforme eles se moviam. Eram como pássaros exóticos, até os garotos, que usavam óculos com aerotelas, vários lenços ao redor do pescoço e bonés com painéis solares finos para recarregar baterias. Aqueles que tinham chips para controlar a temperatura dentro de suas jaquetas metálicas cintilantes os mantinham ligados. Outros usavam dobradores instantâneos para comprimir suas blusas, de modo que pudessem guardá-las dentro da carteira. As pessoas diziam que se vestiam daquela maneira para se diferenciarem dos Starters de rua. Eu tinha um armário cheio de roupas exatamente como aquelas, herdadas da neta de Helena. Mas não faziam meu estilo.

Esses eram os Starters adotados que viviam em mansões como a minha. Eu sempre conseguia distingui-los das pessoas como eu, que receberam tratamentos cosméticos no banco de corpos. Os “Metais”, disse aquela garota. Esses Starters do shopping eram bonitos porque tinham condições financeiras para isso. Tinham os melhores dermatologistas, dentistas e cabeleireiros, e todos os cremes e produtos de beleza que seus avós podiam comprar. A Guerra dos Esporos não chegou a afetar seus hábitos de consumo.

Parei e fiz um exame de consciência. Ali estava eu, julgando aqueles Starters, mas eles também perderam seus pais. Talvez seus avós não os tratassem tão bem, poderiam ser frios e cheios de ressentimentos ao ver, todos os dias, aqueles rostos que os lembravam dos filhos e das filhas que perderam.

A Guerra dos Esporos transformou todos nós.

Cocei a parte de trás da cabeça e olhei ao meu redor, esperando encontrar uma loja de sapatos. Combinara de me encontrar com Michael e Tyler na praça de alimentação, mas, como a minha missão de alimentar os pobres falhou, eu estava adiantada. Engoli em seco, pensando naquilo. Michael tinha razão; eu não deveria ter ido sozinha. Deveria ter me lembrado do que aprendera nas ruas: nunca tire a mão de sua bolsa. Nunca fique de costas para a entrada. Esteja sempre pronta para brigar. Todo aquele trabalho para alimentar apenas dois Starters, que saíram correndo e sequer me agradeceram.

Concentrei minha atenção na aerotela de informações localizada no meio do shopping.

— Tênis — disse ao microfone invisível.

O sistema destacou a loja no mapa e projetou um holograma. Era a única loja de artigos esportivos do shopping. Conhecia Tyler muito bem e sabia que ele estava experimentando todos os modelos da loja. Eu precisava socorrer Michael.

Fui em direção à loja e, no caminho, passei por uma avó Ender que se apoiava no braço de uma bela Starter, provavelmente sua neta.

Ela é um colírio para os olhos.

Parei no lugar onde estava.

Era aquela voz artificial e eletrônica na minha cabeça, e me fez ranger os dentes.

O Velho.

Olá, Callie. Sentiu saudades de mim?

— Não. Nem um pouco — disse, esforçando-me para falar de maneira tranquila. — Longe dos olhos, longe do pensamento.

Esperta.

Lembrei-me de que ele era capaz de ver através de meus olhos. Coloquei as mãos atrás das costas para que ele não pudesse vê-las tremendo.

Duvido. Tenho certeza de que você pensou em mim o dia inteiro. A cada hora. A cada minuto.

— Você tem que se intrometer em tudo, não é? — Sentia vontade de gritar com ele, mas os guardas pensariam que eu era louca.

Olhei para os guardas. Será que olhavam para mim porque eu estava falando sozinha? Não, eu

poderia estar falando em um microfone ligado a um fone de ouvido. Talvez tivessem percebido meu nervosismo. Não que pudessem fazer alguma coisa para me ajudar.

— O que você quer?

Quero sua atenção, completa e irrestrita. E você vai querer que eu a tenha.

Senti um calafrio correr pelo corpo.

Olhe à sua esquerda e me diga o que está vendo.

— Lojas.

Continue olhando.

Virei para a esquerda.

— Bem... uma loja de chocolate, uma joalheria, uma loja que está fechada.

Você não está olhando com atenção. O que mais?

Dei alguns passos.

— Pessoas fazendo compras. Enders com alguns netos, alguns Starters...

Sim. Starters. Continue olhando.

Meus olhos examinaram a área. Será que ele quer que eu encontre algum Starter?

— Estamos brincando de está-quente, está-frio?

Na verdade, estamos brincando de está-quente, está-quente. Mas daqui a pouco você vai perceber que não estamos brincando.

Fiquei parada no meio do shopping, e tanto Starters quanto Enders tinham que se desviar de mim. Ele queria que eu visse algum Starter. Havia vários deles... mas qual? Foi então que eu vi uma garota com longos cabelos vermelhos. Eu a conhecia.

Reece.

Ela era a doadora que minha guardiã, Lauren, alugou para procurar por seu neto. Lembrava-me de Reece como uma amiga, mas a amiga, é claro, era Lauren. A verdadeira Reece não me reconheceria, porém, eu tinha muitas coisas para lhe dizer.

— Reece! — eu a chamei.

Estava linda como sempre, com um vestido estampado curto e sapatos prateados com saltos não muito altos. Esquivei-me das outras pessoas para me aproximar dela. Ela estava a cerca de três metros mais adiante quando parou e se virou.

— Sou Callie — disse, me aproximando, e as pessoas iam e vinham ao nosso redor. — Você não me conhece, mas eu conheço você.

Ela me olhou de um jeito muito estranho, nunca vi coisa igual. O canto de sua boca se ergueu num meio sorriso, mas não foi um movimento fluido. Foi algo mais... mecânico.

Tinha alguma coisa errada.

Ela rapidamente me deu as costas e se afastou.

— Espere! — gritei.

Mas ela continuou andando. Um Ender caminhava logo atrás dela. Normalmente, eu não repararia naquele homem, mas ele tinha uma tatuagem prateada enorme na lateral do pescoço. A cabeça de um animal. Não consegui visualizar direito o que era. Um leopardo, talvez.

— Era Reece, não era? Você queria que eu a visse?

Eu sempre posso contar com você, Callie.

Será que Reece sabia que o Ender com a tatuagem de leopardo a estava seguindo? Eu não tinha certeza. Quase correndo, ela entrou em uma loja. Ele foi até a loja seguinte, fingindo estar interessado nas gargantilhas de pérola expostas na vitrine.

Dei um passo em direção à loja.

Não. Deixe Reece em paz.

Ela saiu minutos depois, e o homem com a tatuagem de leopardo continuou a segui-la. Fiquei para trás, mas continuei os seguindo e observando.

— Ela está em perigo — disse ao Velho.

Você verá.

Uma sensação horrível de pavor tomou conta de mim.

— Há alguém dentro dela?

O banco de corpos fora destruído, mas o Velho tinha acesso a mim. Ele poderia estar dentro do corpo de Reece também. Só de pensar nisso meu estômago embrulhou. Aquela voz eletrônica. A tatuagem de leopardo. O corpo de Reece sendo usado.

A loja de calçados esportivos ficava mais adiante, bem na frente de Reece. Tyler e Michael estavam entrando.

— Michael! — gritei no meio do shopping, esperando que ele me ouvisse em meio às pessoas e à música. Havia seis ou sete lojas entre nós. Ele parou e olhou ao redor, mas não me viu. E entrou na loja.

Reece deve ter me ouvido porque ela se virou e olhou fixamente para mim. O homem tatuado a alcançou. Ele disse algo em seu ouvido e ela balançou a cabeça negativamente com um movimento artificial. Ele a tocou no braço e ela, ou a pessoa que estava dentro dela, se desvencilhou.

— O que está acontecendo? — Eu estava paralisada, lutando para resolver esse enigma bizarro. — Me diga.

Você destruiu a Prime, mas isso não significa que me destruiu. Não era a minha única base. Ainda posso acessar qualquer chip.

Reece se afastou do homem e correu em direção à loja de sapatos.

E posso transformá-lo em uma arma.

— Não — eu disse para ele, para mim mesma, para todas as pessoas à minha volta.

O tempo parou, prendi a respiração. Tudo aconteceu rápido demais. A multidão à minha volta se tornou um borrão congelado no tempo e eu saí correndo em direção à loja. Parecia que eu estava correndo debaixo d'água, não conseguia me mover rápido o bastante.

Eu estava a duas portas de distância da loja quando, como uma bala disparada por um revólver, um Starter de cabelos escuros com uma jaqueta metálica e bufante veio em minha direção. Consegui ver seu rosto de relance — queixo forte, olhos penetrantes. Ele se atirou contra mim, jogou os braços ao redor do meu corpo e me arrastou para trás o mais rápido que pôde.

Antes que eu reagisse, houve uma explosão horrível, ensurdecedora, no lugar onde Reece estava. Enquanto voávamos pelo ar, só vi um clarão branco e ofuscante.

Estilhaços de vidro e metal choviam sobre nós e batiam no chão. Eu estava deitada de costas com o Starter agachado sobre mim, agindo como se fosse um escudo, me protegendo. Fechei os olhos e cruzei os braços para cobrir o rosto. Uma Ender gritava, dizendo que fora atingida.

Gritos de dor e medo vinham de todas as direções, e eu não saberia dizer com certeza se também participava desse coro. Tudo pareceu durar uma eternidade, mas aconteceu em alguns segundos.

Finalmente, o estrondo horrível e as coisas que batiam umas contra as outras devido à explosão chegaram ao fim. O shopping ficou em silêncio por um momento, como se todos ainda estivessem retomando o fôlego. Em seguida, em meio a um suspiro de alívio coletivo, o ruído começou outra vez, embora um pouco abafado. Eu o ouvia em ecos fantasmagóricos. Enders gemiam por causa dos ferimentos; Starters choravam. Alguns chamavam por seus pais, que, é claro, haviam morrido um bom tempo atrás, por causa dos esporos.

Abri os olhos. O Starter que estava me protegendo aproximou seu rosto do meu e me examinou.

— Você está bem? — perguntou e virou-se para olhar em outra direção. — Os inspetores estão vindo. — Ele já estava em pé.

— Espere — eu disse, começando a erguer o corpo.

— Você vai me ver de novo.

Quando consegui ficar em pé, ele já havia desaparecido. Agitei as roupas para me livrar dos cacos de vidro.

O dorso de minhas mãos estavam manchados de sangue. Como isso pôde acontecer? Como o Velho conseguiu transformar o chip em uma bomba?

Tyler. Michael.

Não! Por favor!

Olhei ao redor para me orientar e vi a loja de artigos esportivos na parte mais afetada pela explosão. Comecei a correr, tropecei nos escombros. Fui até a frente da loja, onde um guarda estava terminando de cobrir com seu casaco o que restava do corpo de Reece. Um dos sapatos dela, o mesmo que eu tinha admirado pouco tempo atrás, jazia no chão com pedaços de vidro espalhados ao seu redor, como se o sapatinho de cristal da Cinderela houvesse acabado de se espatifar.

Meus sapatos rangiam contra os estilhaços quando consegui entrar na loja. As pessoas estavam sentadas nos bancos, que, originalmente, serviam para experimentar os calçados. Os feridos pressionavam lenços, toalhas de papel e até algumas meias da loja, ainda com as etiquetas, contra a cabeça.

Vi Michael atrás de um dos balcões no fundo da loja, com a cabeça baixa. Atravessei a loja correndo para chegar até ele.

— Michael!

Ele olhou para mim com uma expressão de alívio.

— Callie.

— Onde está Tyler?

Tyler ficou em pé, revelando sua presença atrás do balcão. Alguns arranhões, nada além disso. Fui até onde ele estava e o abracei com força.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— Foi uma explosão — respondi, em voz baixa.

— Mas... por quê? — perguntou Tyler.

Vi a confusão nos olhos dele. Seu corpo poderia até estar bem, mas isso acabaria lhe dando mais uma cicatriz por dentro.

— Bem que eu gostaria de saber — eu disse.



Poucas horas depois, os inspetores bloquearam a entrada da loja de calçados e transformaram o espaço em uma área de interrogatório. Investigadores, vestidos com terno e gravata em vez de uniformes, trouxeram mesas e cadeiras de dentro das lojas elegantes e criaram estações, instalando os móveis a uma boa distância uns dos outros para que as testemunhas não fossem capazes de ouvir os depoimentos umas das outras. Tyler e eu estávamos na fila, esperando nossa vez de depor. Eu estava com as mãos sobre os ombros dele, mantendo-o perto de mim. Éramos os próximos. Será que eu deveria revelar o que sabia? O que eles fariam comigo se eu dissesse que podia ouvir vozes na minha cabeça? Será que acreditariam em mim? Ou achariam que eu era louca?

Uma Starter terminou seu depoimento e se levantou de uma das mesas. Um inspetor fez um sinal para nós dois e, com um gesto, indicou a Tyler que deveria se sentar no lugar que ela deixou vago. Ele foi até aquela mesa e eu fui até a mesa seguinte, me sentei na cadeira e fiquei frente a frente com outro investigador. Mesmo sentado, ele era muito mais alto e maior do que eu. Era um Ender musculoso, talvez com 100 anos de idade, pele bronzeada e uma cabeça enorme, coberta por uma cabeleira branca. Percebi que ele tinha uma arma de fogo, mas o que me deixou tensa foi ver o ZipTaser que ele trazia consigo.

— Nome? — perguntou ele.

— Callie Woodland.

Sua aerotela em tamanho reduzido registrava minha voz enquanto eu falava. Dava para ver as palavras invertidas grafadas no visor.

— Idade?

— Dezesseis.

— Avós?

Balancei a cabeça negativamente. Expliquei que Lauren havia se tornado minha guardiã legal recentemente, para eu não ser considerada uma Starter sem família, e dei a ele meu endereço e número de telefone.

- O que você veio fazer no shopping?
- Vim encontrar meu irmão, Tyler, para almoçar.
- Ele está aqui?

Fiz que sim com a cabeça. Ele apontou para o visor da aerotela.

- Por favor, deponha verbalmente — disse ele.
- Sim. Ele está depondo naquela outra mesa.

Cocei a parte de trás da cabeça e logo me dei conta do que estava fazendo. Parei. O investigador olhou para mim. Será que ele percebeu? Enfie a mão debaixo de minha perna.

- Me diga o que você viu.

Respirei fundo. Havia ensaiado meu depoimento na fila. Mas será que conseguiria dizê-lo sem titubear?

- Vi uma garota passeando pelo shopping.
- Pode descrevê-la?
- Tinha cabelos longos e ruivos, mais ou menos um metro e sessenta, bonita...

Meus olhos se encheram de lágrimas. Tentei contê-las. Não queria que ele percebesse que eu a conhecia. Ele apertou os olhos, ainda me encarando.

- Tudo bem. Quando estiver pronta para prosseguir, me avise.

Assenti com um movimento de cabeça.

- Estou bem.
- O que ela estava vestindo?
- Ah... um vestido estampado verde. E sapatos prateados. — Minha voz ficou estrangulada.

Nossos olhares se cruzaram. Eu hesitei.

- E o que mais?
- Ela estava agindo de um jeito estranho.
- Como?

Não diga nada.

Entrei em estado de alerta. O investigador levantou os olhos que estavam fixos na aerotela.

- Você está bem? — perguntou ele.

Agora você sabe o que eu sou capaz de fazer, Callie. Entendeu?

Fiz que sim com a cabeça.

- Pode continuar? — perguntou o investigador.
 - A garota parecia estar nervosa. Estava olhando ao redor.
- Os olhos dele se estreitaram.
- Prossiga.

— Ela estava na frente da loja de sapatos. De repente, houve uma explosão. Eu fechei os olhos e... e depois, vi que ela estava morta. Devia estar com uma bomba. — A minha voz estava chorosa com a dor daquela lembrança horrível.

Ele olhou para mim. A expressão em seu rosto ficou mais suave e ele demonstrou um pouco de simpatia. Queria lhe dizer a verdade. Mas não me atrevi.

— É o que eu sei — eu disse.

Ele me manteve ali na mesa por mais algum tempo. Vi quando Tyler se levantou. Michael o acompanhou em direção ao corredor que levava até a saída do shopping.



Quando terminei meu depoimento, o Velho já havia me deixado em paz. Percebi o silêncio total que surgia em minha cabeça sempre que ele se desconectava. Imaginei que ele fosse conversar com seus capangas, talvez com a pessoa que controlava Reece. Fiquei aliviada por ele ter outras ocupações, pelo menos isso o mantinha longe de mim.

Caminhei como um fantasma pelo shopping vazio. Lembrei-me do que Redmond, meu amigo Ender, o especialista em tecnologia de Helena, disse. Ele previu que os chips em nossa cabeça poderiam ser usados como bombas.

Pobre Reece! Como o Velho conseguiu fazer aquilo? E por quê? Para provar que poderíamos destruir a Prime, mas que nunca o destruiríamos? Ou apenas para me aterrorizar?

Senti como se meu estômago estivesse se retorcendo em um nó. Eu realmente detestava esse chip — essa *coisa* — na minha cabeça. Não ia deixar um Ender sinistro me controlar pelo resto da vida.

Palavras grandiosas, mãos trêmulas.

Estava hesitante. Entrei em uma salinha perto de uma das portas de serviço e respirei fundo algumas vezes. Não conseguia tirar a imagem de Reece e seu sapato de minha cabeça. Será que eu poderia ter feito alguma coisa para salvá-la? Apertei os braços ao redor do corpo para me acalmar, para manter aquilo dentro de mim e me recompor.

Olhei para trás. Estava longe o bastante do lugar onde o desastre ocorreu, e ninguém repararia em mim. Peguei meu telefone e liguei para o senador Bohn. Esforcei-me para falar de maneira tranquila e racional. Sei que consegui.

O senador me ajudou a acabar com a Prime Destinations. Era uma das poucas pessoas que conhecia toda a história e que tinha as conexões para fazer algo a respeito. Expliquei a ele o que aconteceu. Ele estava tentando localizar o Velho, sem sucesso. Disse-lhe que era o Velho que estava por trás das explosões.

— Tenho uma ideia. Acho que podemos encontrá-lo — eu disse, e descrevi meu plano.

O senador Bohn me escutou. Após alguns momentos, ele disse:

— Callie, vou ver o que podemos fazer. Vamos precisar de um mandado de busca especial. Se eu cobrar uns favores, acho que posso consegui-lo dentro de algumas horas.

Desligamos o telefone e, então, liguei para Lauren, minha guardiã, para contar o que havia ocorrido. Depois disso, havia mais uma coisa que eu teria que fazer: quebrar uma promessa.

Michael e Tyler me esperavam na saída do shopping. Vi pelas portas de vidro que alguns inspetores estavam bloqueando a entrada para impedir que qualquer pessoa tivesse acesso ao interior do local. Ficamos ali, parados feito estátuas, todos desarrumados e com uma aparência horrível.

— Como foram as coisas com os investigadores? — perguntei a eles.

Michael ergueu as mãos.

— Dissemos a eles o pouco que sabíamos.

— Uma explosão enorme. — Tyler também ergueu os braços, abrindo-os para mostrar o formato de uma bola enorme. Não consegui evitar o impulso de abraçá-lo.

— Você está esmagando o meu nariz — disse ele com a voz abafada.

Tyler estava assimilando o baque muito melhor do que imaginei que conseguiria. Talvez o tempo que passamos vivendo nas ruas serviu para endurecê-lo. Soltei meu irmão e olhei para Michael.

— Pode levar Tyler para casa e ajudá-lo a se limpar? — perguntei.

Michael inclinou a cabeça.

— Aonde você vai?

— Vou me lavar no banheiro. Tenho que fazer uma coisa.

Michael não ficou feliz.

— Vamos lá, Tyler! Hora de ir embora. Ela vai nos encontrar mais tarde.

Envolti os dois em um abraço duplo. Michael estava quente.

— Não sei o que faria sem vocês dois.

— Não precisa se preocupar com isso — disse ele, ao pé do ouvido. Virei o rosto para olhá-lo.

— Obrigada. — Esfreguei as costas dele, dei um beijo no rosto de Tyler e deixei que fossem embora.

Quando saíram, suspirei, agradecida por Michael cuidar de meu irmão. Em seguida, peguei meu telefone e li os Zings que Blake me mandou.



Enquanto dirigia o carro para me encontrar com Blake, minha visão começou a embaçar. Eu sabia o que viria a seguir, pois isso já havia acontecido outras vezes e, também, há pouco tempo. Encostei o carro no meio-fio.

Estava revivendo uma das memórias de Helena, como se eu mesma tivesse passado por aquela experiência. Era uma espécie de efeito colateral do processo da transposição, a transferência entre mentes e corpos.

A cena surgiu em minha mente como se fossem minhas próprias memórias. Eu via as coisas acontecendo e sentia o que Helena sentiu. Ela entra na Prime pela primeira vez. Todos sorriem para ela: os recepcionistas, o sr. Tinnenbaum e, depois, o Velho. Seus pensamentos se tornam meus, mas não é como se eu simplesmente ouvisse sua voz; não, eu sinto o desespero dela. *Essas pessoas roubaram Emma de mim, arrancaram-na, usaram lasers nela, cortaram fundo na sua carne e a transformaram. Por causa deles, ela se perdeu. Desapareceu. Sumiu. E, provavelmente, morreu.*

Senti o vazio de Helena. Sua solidão profunda. Como a maioria das lembranças, aquela era curta, e logo desapareceu. Mas passou por mim como uma onda emocional, e a tristeza permaneceu por quase todo o percurso. Por que isso estava acontecendo? Será que eu era a única doadora que sofria com os efeitos estranhos das transferências entre mentes e corpos?

Escolhi o parque de Beverly Glen para me encontrar com Blake. Quando o vi à minha espera, sentado sobre uma das mesas de piquenique, meu coração acelerou.

Ao vê-lo com os cabelos iluminados pela luz do pôr do sol, me veio à lembrança a ocasião em que nos encontramos no passado, naquele mesmo lugar. A diferença é que, da outra vez, era o Velho que estava dentro dele. Escolhi este lugar porque ficava relativamente perto e havia um segurança particular para nos proteger. Talvez também houvesse outra razão, inconsciente, que me fez escolher o mesmo parque.

Continuei a caminhar, observando-o durante todo o trajeto. Ele apoiava os cotovelos sobre as coxas, com as mãos unidas, exatamente como eu lembrava. Mas tive que refrescar a memória, pois essa não era a pessoa com quem estive. Esse era o verdadeiro Blake, o neto do senador Harrison, que pensava estar doente, que não sabia nada sobre o banco de corpos, e cujo único indício de que algum dia nós tivemos um relacionamento era uma foto nossa em seu telefone.

Ele estendeu a mão para me ajudar a sentar sobre o tampo da mesa.

— Que bom que você veio — disse ele.

— Me desculpe, não posso ficar por muito tempo.

— Por que não?

— Estou esperando um Zing importante. — Eu sabia que era uma desculpa esfarrapada. — Mas eu vim porque preciso lhe dizer uma coisa.

— Tem algo que eu quero lhe perguntar há muito tempo. Você sabe tudo sobre nós. Eu não sei nada.

— Isso não tem importância agora.

— Tem para mim. — Ele tirou o telefone do bolso. — O que me diz dessa foto?

Ele exibiu a imagem feliz na qual nós dois aparecíamos juntos, abraçados. Mas a foto era uma mentira. Quem estava ali era o Velho.

Olhar para aquela foto era doloroso.

— O que estávamos fazendo? — perguntou ele. — Digo... naquele dia?

— Fomos andar a cavalo.

— No rancho de meu avô?

— Isso mesmo. — Eu detestava relembrar aquele dia. Na época, achava que foi um dos melhores dias de minha vida.

— Parece que nos divertimos bastante.

Suspirei.

— Foi bem divertido.

Os olhos dele encontraram os meus.

— O que mais fizemos?

— Fomos até o Music Center e a um restaurante drive-in. Vimos o sol se pôr.

Não descrevi os detalhes que preenchiam minha mente: como observamos o sol se pôr sobre as montanhas, nossos cavalos andando lado a lado, arrastando os cascos sobre a terra. Como ele me entregou a orquídea com manchas, a primeira flor que um garoto me deu na vida. Reviver aquelas memórias doía muito. Não porque os momentos estavam no passado, mas porque, na verdade, nunca chegaram a existir. Não com ele.

— O que eu estou querendo saber é... nós fizemos alguma coisa além disso? — Ele esticou o pescoço como se a gola da camisa estivesse apertada demais. — Algo... algo mais?

— Não. Apenas nos beijamos.

Naquele dia, não foi “apenas” um beijo para mim. Mas ele não precisava saber disso.

— Gostaria de me lembrar disso — falou ele.

— Eu também gostaria que você se lembrasse — respondi.

Ele hesitou por um momento, como se estivesse tentando captar minha sinceridade. Em seguida, ele se inclinou para a frente, cautelosamente, e seus olhos procuravam por pistas o tempo inteiro.

Eu me aproximei dele até que nossos rostos estivessem quase se tocando. Ele tinha um cheiro amadeirado e natural maravilhoso, o mesmo da outra vez.

Nós nos beijamos. E foi... diferente.

Começou do mesmo jeito, a maciez dos lábios de Blake, o cheiro de sua pele. Mas a fagulha que sentia antes, aquela eletricidade doce, havia desaparecido. Estava somente na minha memória. Tentei outra vez. Talvez estivesse ali. Talvez eu não fosse sensível o suficiente. Talvez o problema fosse eu. Talvez eu estivesse nervosa.

Relaxe. Tente encontrá-la.

Mas parei. E recuei.

Não.

Não estava.

Ele se afastou também e desviou o olhar para longe. Ficamos sentados lado a lado, sem nos tocarmos. Ele passou a mão pelos cabelos. Olhei para o meu telefone. Nenhum Zing ainda.

— Você está ansiosa para ir embora? — perguntou ele, resignado.

— Não, desculpe. Mas é importante de verdade. — Guardei o telefone.

— E então, o que você queria me dizer?

Olhei para ele. Finalmente eu poderia fazer o que vim fazer.

— Você está em perigo. Nós dois estamos.

— O quê? — Ele olhou para mim como se eu estivesse dizendo que o mundo era quadrado. Precisava começar aquela conversa com algo sobre o qual ele já tivesse informações.

— Você ouviu as notícias sobre a bomba no shopping?

Ele franziu a testa.

— Bomba? O noticiário disse que foi uma explosão causada por um vazamento de gás.

— Foi uma bomba. E você poderia ter morrido. Ou eu.

Ele se afastou de mim. Eu não conseguiria convencê-lo facilmente.

— Prometi ao seu avô que não lhe contaria nada — eu disse. — Ele quer protegê-lo, mas você tem que saber. Você se lembra daquele prédio que observamos ser destruído em Beverly Hills, a Prime Destinations?

Ele assentiu lentamente.

— Você foi sequestrado e levado até lá. Eles implantaram um chip em sua cabeça. Seu corpo foi usado, quer dizer, habitado pelo chefe da Prime. É por isso que você não se lembra daquela foto. Não era você quem estava lá.

— Onde eu estava?

— Era como se o seu cérebro estivesse dormindo. — Fiz um gesto com a mão para demonstrar que essa parte da história não tinha importância. — O mais importante é ficar longe dele. Ele é conhecido como o Velho. Você vai reconhecê-lo porque ele usa uma máscara eletrônica e tem uma voz esquisita, artificial. Ele tinha um plano para transformar milhares de Starters em doadores permanentes, e nunca mais acordaríamos. Mas nós o impedimos.

Blake soltou um som que parecia ser uma mistura de risada e enfado.

— Isso é loucura!

— Sei que parece loucura, mas é verdade. Eu também tenho um chip. — Toquei a parte de trás da cabeça.

Ele esfregou as têmporas, como se pensar em toda aquela loucura fizesse sua cabeça doer. Meu telefone mostrou um Zing que veio direto do escritório do senador Bohn.

Consegui o mandado de busca e apreensão. Ligue para mim.

— É ele. Preciso ir — disse.

— Já? — Ele deixou os ombros caírem. — Tenho um milhão de perguntas.

— Me desculpe, precisamos impedi-lo. Pergunte ao seu avô. Mas, por favor, não diga a ele que fui eu que contei para você.

Como odiei deixá-lo ali sozinho depois de lhe dar todas aquelas notícias bombásticas. Porém estavam esperando por mim.

— Não converse com ninguém até falar com seu avô — eu disse.

Quando me afastei, senti uma dor forte no peito, como se tivessem arrancado meu coração. Não conseguia mentir para mim mesma. Sentia falta de Blake.

Mas não desse Blake.

Mesmo assim, isso significava que eu sentia falta de... não. Não queria pensar no que aquilo significava. Era horrível demais. Repugnante. Eu precisava tirar aquilo de minha mente e me concentrar em como iríamos impedi-lo de continuar com seus planos.



Sentei-me no assento traseiro da limusine com o chefe de gabinete do senador e Lauren. Antes da explosão da bomba, o senador Bohn estava liderando uma investigação do Congresso sobre a Prime Destinations, mas não encontrou nada que pudesse ser usado. Os dados nos computadores apreendidos na Prime foram completamente apagados, e não havia nenhum indício neles. A equipe estava encontrando vários becos sem saída.

Mas a explosão acabou por renovar nossa energia na busca pelo Velho. Com o mandato de busca que o senador conseguira para nós, fomos até o único lugar onde havíamos tratado diretamente com ele. A única ressalva era que, como tudo aconteceu de maneira muito rápida, nosso mandato de busca era condicional: apenas para inspeção. Quando chegássemos ao nosso destino, poderíamos examinar os arquivos e os computadores, mas não nos foi permitido copiar nada. Isso tornava minha função ainda mais importante, já que eu era a única pessoa naquele grupo que havia passado algum tempo ali.

— Horrível o que aconteceu com Reece — disse Lauren. — Me sinto responsável.

— Não é sua culpa — eu disse. — Reece escolheu ser doadora antes que você a alugasse. — Dito isso, perguntei a mim mesma: por que o Velho explodiu Reece? Seria coincidência ele escolher o corpo da doadora de minha guardiã para sacrificar? Guardei aquela informação para mim mesma; não queria fazer Lauren se sentir ainda pior.

— Você disse que ela estava agindo de um jeito estranho? — perguntou Lauren.

— Acho que ela estava sendo controlada. Mas não fizeram um trabalho muito bom. Seus movimentos eram rígidos. Ela não estava agindo de maneira natural.

Lauren sentiu um calafrio.

— E tinha também outro Ender — prossegui. — Um homem com quem ela conversou segundos antes da explosão.

— Que homem? — perguntou o chefe de gabinete.

— Um Ender alto, em boa forma física, com uns 100 anos. Tinha um leopardo tatuado no pescoço. Ele a seguiu por todo o shopping até pouco antes de a explosão acontecer.

— Por quanto tempo eles conversaram? — perguntou ele.

— Por alguns segundos. — Engoli em seco. — No meio do shopping, entre tantos lugares possíveis. Havia muitas crianças.

— Ele queria mostrar que desativamos a Prime, mas não podemos impedir seus planos —

disse o chefe de gabinete.

Quer dizer, então, que não era culpa de Lauren, mas minha. O Velho decidiu que o alvo seria o shopping, pois era para onde eu estava me dirigindo. Então, ele usou o corpo da doadora que minha guardiã utilizou, a Starter que eu conheci, e mostrou que ainda conseguia nos machucar. Foi por minha culpa que aquelas pessoas foram feridas e Reece morreu.

Fechei os olhos por um momento.

O motorista estacionou o carro. Chegamos. Não me movi.

— Você não precisa entrar — disse Lauren.

— Preciso, sim. É por isso que estou aqui — eu disse. — Eu o conheço melhor do que vocês. Pode haver uma pista, algo que esteja ligado a alguma coisa que ele me disse. Vocês não podem copiar nada. Então, vão precisar de meus olhos.

Eu não queria entrar, mas era preciso. Desci do carro e olhei para a Instituição 37. Os enormes muros cinzentos faziam meu coração pesar no peito. O complexo parecia ser a prisão que realmente era, com grades pesadas de ferro e uma guarita de segurança. Os muros zombavam de mim e me desafiavam, me incitando a retornar. Será que eu era uma idiota por voltar ali? Na última vez em que voltei, perdi minha melhor amiga para aqueles muros.

Lauren estava ao meu lado. Ela sorriu, e rugas leves se formaram ao redor de seus olhos.

— Está tudo bem, Callie. Estaremos ao seu lado.

O motorista continuou no carro enquanto nós três caminhamos em direção ao portão. Eu estava em segurança, não é? Tínhamos mais poder e dinheiro do que as pessoas horríveis daquele lugar. Muito mais do que aquela maldita chefe de segurança, minha velha carcereira, Beatty.

Então, por que minhas mãos estavam tremendo?

Lauren percebeu e tocou meu ombro.

— Não se preocupe, você não vai vê-la. Vamos entrar apenas para falar com a diretora.

Concordei com um aceno de cabeça. Embora Beatty assombrasse minhas memórias, as chances de que daríamos de cara com ela aqui eram pequenas. Ela provavelmente estaria em algum lugar naquela masmorra de celas de confinamento, torturando algum pobre Starter.

Os portões se abriram com um rangido horrível, que fazia os músculos do meu queixo se retesar. Olhei para baixo e notei que minhas mãos pararam de tremer.

Em pouco tempo, estávamos no escritório principal, esperando que a diretora chegasse. O chefe de gabinete e Lauren se encontravam sentados em velhas poltronas de couro. Eu estava agitada demais para me sentar. Andei de um lado para o outro da sala. Não havia nada colorido ali. Na parede, um quadro desbotado retratava a cena de uma caçada na Inglaterra. Um caçador exibia, orgulhoso, uma raposa morta. Muito apropriado, pensei.

Sobre a escrivaninha, algo brilhante chamou minha atenção. Era um estilete usado para abrir cartas, com o cabo no formato de uma serpente e pedras verdes como esmeraldas no lugar dos olhos. Ao seu lado, o protetor de tela da aerotela não exibia as cachoeiras e os animais selvagens costumeiros, mas uma tela capturada do *HuntDown*, um jogo em que o jogador tem que caçar Starters sem família. Eu sabia melhor do que ninguém o quanto este lugar podia ser brutal, mas essa imagem conseguiu me chocar.

Comecei a ficar enjoada. Odiava estar ali. Queria conseguir logo as respostas e ir embora. Precisávamos apenas de um endereço, de um número de contato, de uma conta bancária. Alguma informação que nos desse pistas de como encontrar o Velho.

— Callie? Não quer se sentar? — perguntou Lauren.

A porta se abriu e eu senti meu corpo se retesar. Em vez da diretora, estava cara a cara com ninguém mais, ninguém menos que Beatty.

— Callie — disse Beatty, com sua voz arrastada. — É muito bom vê-la novamente.

Ela estendeu a mão enrugada para mim. As verrugas em seu rosto estavam maiores. Cruzei os braços. Se o ódio em meu rosto pudesse acender uma fogueira, esta queimaria até não sobrar nada além de restos chamuscados.

O chefe de gabinete se levantou e ficou ao meu lado.

— Estamos esperando a diretora.

Um sorriso discreto se formou em um dos lados do rosto de Beatty.

— Sim. Vocês estão olhando para ela.

— Você? — eu disse, sem acreditar naquilo.

— Sim. Fui promovida.

Recuei um passo. Acho que cheguei a soltar uma exclamação de surpresa, pois o chefe de gabinete colocou a mão sobre o meu ombro. Como isso estava acontecendo? Ela deveria ter sido presa por mandar os inspetores atingirem Sara com seus Tasers. Ela sabia sobre o problema cardíaco de Sara.

— Você é a diretora? — perguntei.

— Correto, Callie. — Ela enfatizou meu nome como se eu houvesse acabado de ser chamada para o paredão de execuções.

Seu cabelo branco estava cortado bem rente nas laterais da cabeça, e o restante apontava para o teto. Não usava mais seu uniforme severo de cor cinzenta nem o distintivo. Ela ostentava um terno de lã caro e um lenço alaranjado ao redor do pescoço.

Senti vontade de apertar aquele lenço no pescoço dela até que seu rosto ficasse azul.

— Estamos aqui para discutir a respeito do diretor da Prime Destinations — disse o chefe de gabinete do senador.

— O que querem saber sobre ele?

Lauren se aproximou e o chefe de gabinete continuou.

— Temos um mandado de busca para a investigação que o Senado está fazendo — disse ele, empunhando um envelope. — Para examinar quaisquer registros que estejam ligados à Prime Destinations e a esta instituição.

— O que vocês estão procurando? — perguntou Beatty enquanto abria o envelope. — Especificamente?

— Queremos saber onde ele está escondido — eu disse.

— A instituição deve saber como entrar em contato com ele — disse Lauren. — Já que estavam fazendo negócios.

Beatty balançou a cabeça negativamente, como se houvésssemos pedido que nos desse um milhão de dólares.

— Sempre foi ele quem iniciou os contatos conosco. A diretora anterior não dispunha de meios para entrar em contato com ele.

— Talvez haja alguém aqui, como a assistente da diretora anterior, que saiba mais — comentou Lauren.

— Ela também não trabalha mais aqui. — O sorriso de Beatty era cínico e discreto enquanto devolvia o envelope ao chefe de gabinete.

— Quem passa um tempo aqui tem o hábito de desaparecer, não é? — Não consegui evitar o comentário.

— Você fala com conhecimento de causa — disse Beatty, aproximando-se de meu rosto.

Senti vontade de lhe dar um tapa.

Três inspetores Enders altos entraram na sala. Cada um deles se colocou atrás de um de nós. Um deles entregou a Beatty uma folha de papel, que ela passou às mãos do chefe de gabinete do senador.

— O que é isso? — perguntou ele.

— Um mandado de segurança — disse Beatty, sem perder a compostura.

— O que significa isso? — perguntei a Lauren.

— Significa que este caso terá que passar pelo tribunal antes de conseguirmos qualquer resposta — disse o chefe. Em seguida, ele tirou os olhos do papel e encarou Beatty. — Você deve ter amigos muito influentes.

Um sorriso se estendeu pelo rosto dela.

— Você nem imagina o quanto. — Em seguida, ela se virou para os guardas. — Tirem essa gente daqui.

O chefe e Lauren foram escoltados para fora do escritório antes de mim. Um inspetor segurou meu cotovelo e os seguiu até a porta. Beatty sussurrou alguma coisa em seu ouvido e, no último momento, ele me soltou e saiu sozinho, fechando a porta atrás de si e me deixando ali dentro.

Fiquei sozinha com Beatty. Meu coração batia rápido. Ela agarrou meu pulso e me puxou para longe da porta, em direção à sua escrivaninha.

— Como você se atreve a voltar aqui? Acha mesmo que pode bisbilhotar meus arquivos privados? — disse ela. — Você deveria ter ido embora e ficado satisfeita com o que conseguiu, como aquela mansão em Bel Air.

Ela sabia onde eu morava. Não era uma surpresa, mas era uma ameaça. Ela segurou meu pulso com mais força.

— Me solte! — gritei. A porta estava longe e era grossa demais para que alguém ouvisse o que se passava ali dentro.

— Você tem muito a perder agora, Callie. — Ela me encarava com aquele rosto cheio de verrugas. — E você vai perder. Não vai demorar muito até que cometa um erro. E eu vou estar por perto para trancá-la aqui dentro outra vez, onde é o seu lugar.

Minha mão estava ficando branca com a pressão de Beatty em meu pulso. Tentei segurar nos dedos dela para me livrar, mas ela cravou as unhas em mim. Eu poderia ter mordido o braço dela e era isso que ela queria. Usaria isso para me jogar na cela de novo, e Lauren teria que contratar e usar mais do que um advogado para me tirar de lá. Com os contatos que Beatty tinha, eu jamais conseguiria sair dali.

Olhei para o estilete com o cabo em formato de cobra que estava em cima da escrivaninha. Eu sabia que não podia usá-lo, mas continuei com os olhos fixos nele, para desviar a atenção de Beatty. Um truque que aprendi nas ruas. Ela caiu no meu engodo e tirou os olhos de mim.

Naquele momento, consegui me desvencilhar.

Corri até a porta e tentei abri-la, mas estava trancada. Soquei a porta.

— Me deixem sair daqui!

A porta se abriu e Lauren e o chefe de gabinete estavam ao lado do inspetor, que guardava a chave no bolso. Lauren colocou o braço ao redor de meu ombro.

— Você está bem, diretora? — perguntou o inspetor.

Beatty alisou o tecido do terno enquanto andava em nossa direção.

— Acompanhem essas pessoas até a saída.

Enquanto os inspetores nos levavam para fora, virei a cabeça para dar uma última olhada em Beatty. Por que fui fazer isso? Ela estava apoiada contra o batente da porta, e um sorriso maligno e vitorioso estampava seu rosto.

Não havia como derrotar aquela expressão. Um a zero para Beatty.



Ficamos bem perto uns dos outros — Lauren, eu e o chefe de gabinete — no banco traseiro da limusine enquanto o motorista se afastava daquele lugar.

— Como ela pode ser a diretora? Depois de tudo o que fez? — perguntei. O carro estava em silêncio. — O que fazemos agora? Desistimos? Podemos pedir a um juiz para reverter essa decisão?

O chefe de gabinete se arrumou no assento.

— É possível que eles não tenham informações específicas sobre o Velho. Ele poderia contatar a instituição apenas em reuniões pessoais e pedir que subordinados cuidassem dos detalhes. Assim, ele não deixaria nenhum rastro digital.

Recostei-me em meu assento, derrotada.

— Como é que vamos encontrá-lo, então?

Ninguém tinha uma resposta.

Quando me levaram de volta para casa, eu sabia que não seguiriam em frente. Lauren desceu da limusine e me abraçou bem forte e depois se afastou.

— E agora? — perguntei.

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Apenas fique em segurança.

— Tenho uma bomba na cabeça e ela pode explodir a qualquer momento. Nunca mais vou me sentir segura. Nem eu, nem nenhum dos outros Metais, incluindo seu neto, Kevin. Você não pode desistir.

Ela me olhou direto nos olhos.

— Callie, tenho 161 anos. Passei os últimos sete meses procurando por ele. Consegui ressuscitar um pouco da esperança para fazer o que fizemos hoje, mas agora... — A voz dela ficou embargada. — Não estou dizendo que vou desistir, mas você não faz ideia do quanto eu me sinto vazia por dentro. Não restou nada. — Ela fez uma pausa e, depois, prosseguiu. — Você é jovem. Você tem o fogo dentro de si. Use-o por mim.

Os olhos dela me imploravam. Em seguida, ela se virou e entrou na limusine. Observei o carro se afastar da calçada, e os portões de ferro se fechar automaticamente em seguida.

Eles não vão ajudar você. Eles não podem ajudar você. Você está sozinha.

Ele estava na minha cabeça outra vez, o Velho. Aqui, em minha própria casa. Eu não queria que ele visse nada pelos meus olhos. Era assustador demais.

Callie?

Corri para a garagem e fechei a porta. Apaguei as luzes e fiquei perto da parede, no escuro.

— Então, quem é o próximo? Quem você vai explodir hoje?

Não precisa ficar no escuro. Eu não preciso ver o lugar onde você está. Posso mandar um sinal diretamente para o seu chip. Achei que havia demonstrado isso muito bem no shopping.

— Quer dizer que você pode explodir o chip de qualquer pessoa se mandar um sinal diretamente para ele?

Mais ou menos isso. Não vou revelar meus segredos.

— Você não explodiria o meu chip.

Então você compreende que o seu chip é especial. Assim como você.

— O que eu compreendo é que você é um monstro e um assassino. E não acredito em nada que você diz.

Vou lhe contar uma coisa que é verdade. E será verdadeira para sempre. Está prestando atenção?

Tive vontade de matá-lo, de silenciar aquela voz metálica.

— Sim.

As palavras dele eram pronunciadas lentamente.

Não confie em ninguém além de você mesma.

Após uma longa pausa, ele acrescentou:

E, em seguida, questione essa confiança.

— Isso não faz sentido.

E lembre-se: talvez eu não queira explodir o seu chip, mas não há nada de especial no chip de Michael. Ou no próprio Michael, por assim dizer.

Apertei os punhos.

Nem no chip de Tyler.

Do que ele estava falando?

— Tyler não tem nenhum chip.

Tem, sim.

— Você está mentindo. Eu o examinei.

Senti o suor se formar no meu pescoço. Tentei lembrar. Ficamos muito felizes por encontrar Tyler, especialmente quando vimos que ele estava ainda melhor do que quando o Velho o

capturou. Estava mais saudável. Em meio à alegria e ao alívio, não o examinei imediatamente, mas o fiz algum tempo depois.

Como você o examinou?

— Examinei a parte de trás da cabeça. Não havia nenhuma cicatriz.

Estamos sempre aprimorando nossa tecnologia. Aplicamos um laser no ponto da incisão. O trabalho ficou perfeito, não acha?

Será que era verdade? Encostei-me à parede e deixei o corpo cair, deslizando lentamente até me sentar sobre os calcanhares. Minha cabeça pendeu para a frente. Esperava que aquilo fosse apenas um truque, caso contrário, seria a pior de todas as notícias, e, assim como eu, Tyler não passaria de um fantoche nas mãos do Velho.

— Você matou Reece, colocou um chip no meu irmão... Fique longe dele — eu disse, olhando para o chão e apertando os dentes.

Isso só depende de você.

Ergui a cabeça.

Você vai me encontrar no lugar que eu escolher.

Minha boca ficou seca. Umedeci os lábios com a língua.

— Onde?

Você não deve contar a ninguém, nem alertar ninguém, nem enviar nenhum Zing a ninguém. Se fizer isso, vou fazer com Michael o mesmo que fiz com Reece. E depois vou fazê-lo com Tyler. Está me entendendo?

O que eu poderia dizer?

— Sim, você está sendo bem claro.

Você já está na garagem. Entre no carro.

Não havia como escapar daquilo. Eu não estava lidando com um inimigo com quem pudesse lutar; ele estava dentro de minha cabeça. Fui até o carro azul e entrei nele. Ele me passou um endereço que eu não conhecia.

Dei partida no carro e a porta da garagem se abriu. Saí da garagem e contornei a calçada. O portão se abriu automaticamente e entrei na rua.

Agarrei o volante com força e dirigi em silêncio. Meu coração batia com força.

Não precisa ter medo, Callie. Não vou machucá-la. Eu preciso de você.

Não tinha ideia do que ele queria dizer com aquilo, mas a frase fez os pelos de meus braços se eriçarem. O que eu poderia fazer para escapar dessa? Eu não podia pedir ajuda a um inspetor, não podia ligar para Lauren nem para o senador. Qualquer coisa que eu fizesse, ele veria. Qualquer coisa que eu dissesse, ele ouviria.

Tampouco poderia avisar Michael. Ele não teria onde se esconder.

A rampa de acesso à rodovia surgiu em meu campo de visão. Passei por ela sem acessar a estrada, pensando que, quanto mais tempo passasse no carro, mais chances eu teria de evitar o inevitável. Detestava ser um fantoche que o Velho podia controlar a distância, mas estava

aterrorizada com a possibilidade de estar sob o controle dele pessoalmente. Nos momentos em que estive perto dele na instituição, ele me assustou mais do que qualquer pessoa que já conheci. Aquela máscara com o ruído eletrônico cheio de estática... Tinha pesadelos frequentes, em que me via sozinha com ele no escuro e tudo que conseguia ouvir era aquele som.

Por outro lado, ele também era capaz de estar dentro de Blake e agir de forma carinhosa e encantadora. Como era possível? Como disfarçar tanta maldade? Ele não tinha alma, não tinha coração. Eu deveria ter identificado quando ele estava dentro de Blake. Como foi que deixei isso passar?

Estou vendo onde você está, como sabe. Você deveria ter entrado na rodovia.

— Você vai conseguir o que quer. Estou indo até você. E você ainda quer me dizer como eu devo dirigir?

Toda aquela audácia era fingimento, para que ele não percebesse o quanto eu estava com medo. Por dentro, meu estômago se retorcia.

— E então, como você acessa os nossos chips?

Logo, logo você vai saber.

Pensei em todos os atos de crueldade que ele cometeu.

— Foi você mesmo quem matou Helena? Ou apenas assistiu?

Foi outra pessoa que a matou.

— Quem?

Não interessa. Mas essa pessoa trabalha para mim.

— Você matou Reece. — Minha mente visualizou a explosão. — Você machucou muita gente no shopping. Avós. Crianças. Alguns estavam muito feridos. Com dores horríveis.

Eu tinha que demonstrar o meu poder para você. Eles foram somente as vítimas infelizes de uma guerra.

— Qual guerra? Você contra todo mundo? Starters, Enders, todos?

Até que enfim você começou a entender.

Dirigi em silêncio. Não podia mais aguentá-lo. Não queria ouvir aquela voz assustadora na minha cabeça. Depois de algum tempo, me aproximei do endereço que ele havia me passado. Eu já estava ali, em Hollywood, perto das colinas. Meu coração começou a bater mais rápido. Eu tinha que encontrar uma maneira de escapar dessa situação.

Causar um acidente? Sair correndo?

Não tente nada. Lembre-se do motivo pelo qual você está fazendo isso. Por Michael e Tyler.

Era como se ele pudesse ler a minha mente — algo que, é claro, ele não podia fazer. Mas eu sabia que ele tinha trunfos.

— Para onde agora?

Suba a colina.

Contornei a curva da estrada e tive que pisar com força nos freios.

Um veículo estranho bloqueava o meu caminho. Parecia uma mistura de furgão e tanque de guerra, e estava parado no meio de uma rua estreita, de frente para mim. Não consegui ver o motorista; as janelas estavam cobertas por uma película escura. O veículo era todo cinzento, feito de aço.

— O que é isso? — perguntei.

Mas antes de ouvir a resposta, a porta do veículo se abriu e um rapaz saiu correndo. Ele usava roupas pretas e uma máscara de esquiador que lhe cobria o rosto.

Meti o dedo no botão e travei as portas. Ele tinha algo brilhante no pulso e mirou o objeto na direção de meu carro. CLICK. Minhas portas se destrancaram.

O que aconteceu depois veio em flashes. Roupas negras contra a minha janela — minha porta aberta com um tranco —, um saco preto jogado sobre a minha cabeça.

Antes que eu percebesse, minhas mãos estavam algemadas às minhas costas. Resisti o máximo que pude, esperneando e gritando, mas o saco abafava a minha voz. Era muito pesado e quente, devia ser feito de metal.

O homem me tirou do carro e me levou até o que imaginei ser seu furgão. Fui jogada no assento. Ouvi a porta bater e, depois, passos. Em seguida, ouvi quando ele se sentou no banco do motorista e fechou a porta.

Quando o carro começou a se mover, ouvi o som de metal raspando. Ele devia estar forçando o furgão a passar em cima de meu carro. Bem, não me importava mais.

— Por favor, tire esse saco da minha cabeça. Não consigo respirar.

— Aguento mais um pouco.

Fiquei surpresa ao descobrir que a voz dele era a de uma pessoa bem jovem, como se tivesse a minha idade. Como um Starter. Estranho o Velho mandar um Starter me capturar...

Ficamos em silêncio. É claro que o Velho não me daria seu endereço. Ele só queria que eu me aproximasse o suficiente para que ele pudesse assumir o controle. Levar-me para um lugar sem que eu soubesse onde estava, nem mesmo em qual cidade.

Senti quando o motorista estendeu o braço, abriu o velcro no fundo do saco e o tirou de minha cabeça. As janelas forradas com a película plástica mantinham o interior do carro escuro, mas deu para perceber que ele havia removido a máscara de esquiador. Identifiquei o contorno de seu rosto, os ossos da face, a mandíbula. E aqueles olhos penetrantes.

Era o Starter que havia me protegido da explosão.

Eu nunca me esqueceria daqueles olhos. Ele era bonito de uma maneira tão intensa que quase chegava a me assustar.

— Pode tirar as algemas agora? — pedi para ele.

— Não até eu ter certeza de que você entende.

— Entendo o quê?

— Que não vou machucar você.

— Você me protegeu da explosão.

Ele não negou. Não fazia sentido. Primeiro, ele salva a minha vida; depois, me sequestra? Ele foi mandado pelo Velho para me capturar ou não?

— Meu nome é Hy den.

— O mesmo do compositor.

— A grafia é diferente.

Percebi que havia armas de todos os tipos presas ao teto e à lataria interna do carro. Elas se encaixavam em ranhuras especiais, cortadas para acomodá-las perfeitamente. Um calafrio percorreu minha espinha.

Ele encostou o carro no meio-fio, mas deixou o motor ligado.

— Incline o corpo para a frente.

Hesitei, mas cooperei em seguida.

— Não se mexa. — Ele pegou uma faca e a usou para cortar o *plexiplast* que atava meus pulsos. Fez aquilo sem ao menos tocar em mim.

Enquanto ele estava ocupado guardando a faca, fui direto em direção à maçaneta da porta para escapar. Mas não tinha como destrancá-la.

— Ei, você disse que confiava em mim — comentou ele.

— Eu não disse isso. Disse que entendi que você não ia me machucar. Agora, abra essa porta.

— Você não quer realmente sair do carro.

— Eu preciso ir embora daqui. Se eu não for, meu irmão e um amigo vão ser mortos.

— Pelo Velho? Ele lhe disse isso?

— Então você sabe quem ele é.

Perguntei a mim mesma se ele era um Metal. Examinei seu rosto. Ele parecia perfeito. Bem, não exatamente. Tinha algumas imperfeições, pequenas cicatrizes.

— Eu sei quem ele é, como ele pensa. Sei exatamente do que ele é capaz. Eu o conheço melhor do que qualquer pessoa.

O que ele estava dizendo era impossível. Como ele poderia conhecer o Velho tão bem?

— Melhor do que qualquer pessoa? — perguntei. — Um homem que sempre usa uma máscara? Como? — Fiquei bem perto da porta.

Ele se inclinou para a frente e pronunciou palavras que pareceram machucá-lo, como se nunca as houvesse dito antes.

— Sou filho dele.

Meus olhos se fixaram em Hyden enquanto estávamos sentados em seu furgão. Será que ele abriria um sorriso e diria que era brincadeira? Será que estava mentindo? Ou será que era louco?

A expressão em seu rosto não se alterou. Respirei fundo.

Ele estava falando sério.

— Eu o conheço melhor do que qualquer pessoa — repetiu ele. — E eu o odeio.

Ele me encarou com “aqueles” olhos. Vi um lampejo de dor por trás deles. Mas era real ou falso?

— Ele é seu pai? — Eu me esforcei para minha voz soar estável. Se fosse louco, não queria deixá-lo irritado.

Ele respirou fundo e depois exalou o ar.

— Sim.

— Não pode ser. — Minha mente estava girando em um redemoinho. — Ele é um Ender. Seria seu avô.

— Ele usou um disfarce.

— Aqueles cabelos brancos...

— Uma peruca. Nunca se perguntou por que ele usava aquelas roupas pesadas, mesmo quando não fazia tanto frio?

— Disseram que ele tinha uma doença. Que sempre sentia frio.

— O que ele tem é um coração frio. Doença? — Ele balançou a cabeça negativamente. — Somente uma mentira para compor o disfarce.

Aquilo era demais para a minha cabeça aceitar.

— Então, você está querendo me dizer que ele é seu pai e, na verdade, é um Middle?

— Isso mesmo.

— Então, como ele está vivo?

— Vacinas compradas no mercado negro.

Ouvi dizer que alguns Middles faziam isso. Não eram vistos com frequência porque não eram bem-vindos nas ruas, a menos que fizessem parte da classe de privilegiados que tinha acesso à vacina — políticos, generais, cientistas. Além disso, também havia os Middles com bons contatos e influência — os astros de holovideos e os super-ricos. Astros eram perdoados, porém os outros causavam tanto ressentimento que, se fossem apanhados no lugar errado e na hora errada, e sem seus guarda-costas, era muito provável que acabassem sendo assassinados.

— Deve ter custado muito caro — eu disse.

— Custou-lhe metade de sua fortuna.

Era difícil acreditar naquilo. Estávamos falando de um homem duro e cruel. Será que ele gastaria tanto assim?

— E o que houve com a sua mãe?

— Morreu.

— Por causa dos esporos?

— Por outro motivo. — Havia uma expressão de dor muito forte em seu rosto.

Não quis pressioná-lo, nem piorar sua dor. Lembrei-me da ocasião em que meus pais discutiram por causa da vacina. Minha mãe queria que meu pai usasse seus contatos para conseguir a vacina para eles, pois, assim, sobreviveriam para cuidar de nós. Mas ele se recusou a fazê-lo, seguiu seus princípios. Sentia que não deveria colocar-se à frente de Starters e Enders, que eram mais vulneráveis e deveriam receber a vacina em primeiro lugar. Admirava esse ato, mas também me ressentia dele.

O olhar de Hyden se escureceu.

— Meu pai é cruel. Não há outra maneira de descrevê-lo.

Olhei pela janela. Será que ele estava mentindo para mim? Não parecia ser o caso.

— Não sei no que devo acreditar. Mas o Velho ameaçou meu irmão, Tyler, e meu amigo, Michael. Disse que ia explodi-los. É por isso que você precisa deixar eu ir embora.

Outro furgão estacionou atrás de nós.

— Acho que são os homens de meu pai agora. — Hyden tirou as luvas.

— O que você está fazendo?

— Estou me preparando. — Ele deixou a mão esquerda cair até a lateral de seu assento.

Desejei muito que ele não estivesse pegando uma arma.

Dois homens desceram cautelosamente do outro furgão e vieram na nossa direção carro. Eram Enders, com cabelos brancos e curtos, que ficaram ainda mais claros em contraste com seus trajes negros.

— Callie Woodland? — gritou um deles. — Está tudo bem agora. Estamos aqui para ajudá-la.

— Deixe a garota ir embora — gritou o outro Ender para Hyden.

— Destranque a minha porta — implorei a Hyden. — Deixe eu sair daqui, por favor.

Os Enders estavam quase em nossas janelas. Hyden se moveu e eu achei que ele fosse apertar o botão para destravar as portas, mas ele agarrou o volante e tirou o carro de perto da calçada.

— Não! — gritei.

Tentei alcançar o volante, mas ele fez um movimento brusco à esquerda, bloqueando-o com o cotovelo. Virei-me e vi um dos Enders tirar uma pistola de dentro da jaqueta. Ele mirou contra a minha cabeça. Tudo parou — minha respiração, meu coração. O outro Ender avançou e desviou a arma do primeiro. Em seguida, eles voltaram correndo para o carro.

— Você quer se entregar para aqueles caras? — perguntou Hyden.

Engoli em seco e vi que eles nos seguiam.

— Eles estão nos seguindo.

Hyden deu uma guinada forte para a esquerda.

— Se segure — disse ele. — Vou cuidar para que não nos sigam.

Ele dirigia com habilidade, fazendo curvas súbitas e bruscas. Dirigia como se fosse um especialista e logo conseguiu despistá-los. Um tempo depois, entrou em um estacionamento subterrâneo.

— Para onde você está me levando?

— Para um lugar seguro. — Ele segurou seu telefone ao lado do portão para pagar a entrada do estacionamento.

O portão se abriu e começamos a descer. Seguimos um percurso em espiral, descendo cada vez mais, deixando para trás cada um dos pavimentos do estacionamento subterrâneo. Quando chegamos ao nível mais baixo, ele estacionou o furgão em uma vaga no canto. Nosso veículo era o único que estava nesse andar.

Ele desligou o motor.

— Vou deixar você sair, mas tem que me escutar: não pode fugir. Agora, não há nenhum lugar para onde você possa ir. Me dê uma chance de lhe explicar tudo, e você verá que o lugar mais seguro para estar é ao meu lado.

Eu estava presa em um estacionamento com um Starter que dizia ser filho do Velho. Que maravilha!

— Pode ser?

Fiz que sim com a cabeça. Ele destrancou as portas e nós saímos. Procurei pela saída. Havia uma porta que levava à escadaria e outra que parecia ser uma porta de serviço. E um elevador. Havia também a rampa por onde descemos.

— Ei — disse ele, encostando-se na lateral do furgão. — Você se lembra de nosso acordo? Vai me escutar e me dar uma chance de explicar a situação.

Fiquei a alguns metros dele e também me encostei na lataria do furgão. Uma das várias coisas que aprendi durante o ano em que vivi nas ruas era que imitar a posição de uma pessoa poderia deixá-la mais tranquila.

Será que o que ele estava alegando poderia ser verdade? Por que alguém diria que tinha parentesco com um monstro, a menos que fosse verdade?

Para ganhar minha confiança.

— Bem, está pronta para confiar em mim? O bastante para me escutar? — perguntou ele.

— Não sei mais em quem devo acreditar. Me disseram para não confiar em ninguém.

— Deixe eu adivinhar. Foi o meu pai que lhe disse isso, não é? Eu sei. Sei que ele pode se comunicar com você dentro de sua cabeça.

Os pelos de minha nuca se eriçaram.

— Ele lhe disse o seguinte: “Não confie em ninguém além de você mesma. E, em seguida, questione essa confiança”. Não foi?

A sensação bizarra de ter alguém repetindo as palavras que você ouviu dentro da própria cabeça... não havia nada como aquilo. Era pior do que ser vista nua.

— Como você sabe?

— Ele costumava dizer o mesmo para mim — respondeu ele. — Durante toda a minha vida, ele fez de tudo para me confundir. Ele sabe muito bem como mexer com a cabeça das pessoas.

— De várias maneiras — eu disse.

Então, Hyden *era mesmo* filho do Velho.

— Temos que protegê-la da influência dele. Esse aqui é o lugar mais seguro para você. — Ele bateu com os nós dos dedos na lataria do furgão.

Examinei o veículo. Era pintado em um tom cinzento fosco, com a suspensão rebaixada e pesada, quase como um tanque de guerra. Imaginei que fosse à prova de balas. Talvez à prova de bombas.

— O carro é seu?

— É minha proteção — disse ele. — E agora, sua também.

Eu estava prestes a protestar quando ouvimos o barulho de um motor. Um carro estava descendo a rampa. Aproximei-me dele e esbarrei minha mão na mão dele.

Ele aspirou o ar como se eu o houvesse queimado.

— Desculpe. Eu... machuquei você? — perguntei.

Ele trouxe o braço para perto do corpo, como se estivesse machucado.

— Não, está tudo bem.

Ficou claro que não estava tudo bem, pela dor que eu via em seus olhos. Seu tom de voz também o traía, ele estava mentindo. Entretanto, não havia tempo para confrontá-lo porque um veículo entrou no piso onde estávamos, atraindo nossa atenção. Era uma caminhonete velha. Quando ela passou por nós, vi que o motorista era um Ender vestido com um uniforme verde, amarrotado. Um encarregado da manutenção, talvez. Ele nos encarou com um olhar duro e estacionou sua caminhonete do outro lado do piso.

Hyden observou o homem da manutenção descer da caminhonete e caminhar em direção à porta de serviço.

— Está vendo isso? — Hyden apontou para as paredes grossas do veículo. — É um bloqueador. — Ele bateu na lateral de sua porta. — Está revestido com titânio e aço.

— Deve ter custado uma fortuna.

— Quanto vale sua vida? — perguntou e olhou diretamente para mim.

— Não sei.

— Você é inestimável para algumas pessoas — disse ele, desviando o olhar. Em seguida, bateu afetuosamente na lataria do carro. — Enquanto estiver aqui dentro, meu pai não pode acessar seu chip.

Ouvir aquelas palavras me causou um calafrio. Eu estava ali, conversando com o filho do Velho. Nunca imaginei que isso pudesse acontecer.

— O que ele quer comigo? — perguntei.

— Você é um caso especial. É a única Metal com um chip que foi alterado para que possa matar quando alguém estiver ocupando você. E você retém sua consciência. Tenho certeza de que ele quer estudar seu chip.

— Ficaria muito feliz em dar o que ele quer. Nada me deixaria mais feliz do que arrancar esse chip da cabeça.

Hyden me olhou com uma expressão séria.

— Se fosse fácil assim...

Senti meu estômago apertar.

— Tenho muito para explicar, e tudo vai parecer muito estranho para você — disse Hyden.

— E o que não é estranho? Vozes em minha cabeça, um chip que pode explodir, e agora você está me dizendo que a única maneira de estar a salvo é ficar o resto de minha vida em um tanque com as paredes revestidas com titânio e aço.

— Ou em algum lugar bem alto. Ou embaixo da terra, como aqui. Dessa maneira, a tecnologia de rastreamento de meu pai não pode acessar seu sinal.

— Ele me acessou quando eu estava no chalé de minha inquilina nas montanhas.

— Eu sei. Consegui acompanhá-lo pelo sistema de comunicação do chip.

— O quê?

— É mais ou menos assim: às vezes, eu procuro o sinal dele, tentando acessar os Metais. Chamo esse processo de *chipspace*. E trabalho para bloquear os sinais.

— Onde você aprendeu a fazer isso?

— Antes de eu nascer, meu pai, o nome dele é Brockman, estava trabalhando na pesquisa e no desenvolvimento de um chip para transferências entre mente e corpo. Muitos cientistas tentavam fazer o mesmo. Minha mãe disse que, quando eu era mais novo, eu entrava no laboratório dele e ficava olhando para a lousa branca em que ele anotava fórmulas e equações. Ela disse que eu ficava lá o escutando, absorvendo informações. Não me lembro. Meu pai não acreditava nela. Depois, pelo que ela me contou, em um dia de verão, antes que eu aprendesse a falar, peguei uma caneta e encontrei a solução de uma equação que meu pai tentava resolver havia dias.

— Sério?

— Talvez ela tenha exagerado. — Ele sorriu. Foi a primeira vez que o vi fazer isso.

— A partir daquele momento, ele começou a me observar e a me tratar como se eu fosse um projeto de pesquisa. Passado algum tempo, descobri como fazer tudo funcionar. Desenvolvemos o projeto juntos, mas discordávamos em relação a como deveria ser utilizado. Eu via aplicações médicas, e ele, é claro, decidiu focar no dinheiro.

— Por que ele não vendeu o projeto, em vez de construir a Prime?

— Ele precisava da Prime para levantar o capital para aperfeiçoar o processo. A Prime também divulgou a tecnologia para os principais interessados.

— Que seriam?

— Governos estrangeiros. Terroristas.

— Mas estaria vendendo seu próprio país!

— Esse é, exatamente, o tipo de homem que ele é. Se importa apenas consigo mesmo. É por isso que você tem que estar em um local seguro.

Algo na maneira como Hyden falava aquelas palavras me fazia refletir.

— Quer dizer que não posso voltar para casa?

— Não há alternativa.

— Mas e meu irmão? O que vai ser dele? E Michael?

— Em primeiro lugar, eles ficarão mais seguros se não estiverem com você. Você é o prêmio, aquele que todos estão tentando apanhar.

Apertei os dentes.

— Não vou abandonar os dois.

— Seu chalé na montanha seria seguro para eles — disse Hyden.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma embalagem de balas de menta. Colocou uma na boca e depois me olhou, um pouco constrangido.

— Me desculpe. Quer uma?

Peguei uma bala e ela rapidamente se derreteu na minha língua.

— Mas ele me acessou enquanto eu estava na cabana.

Hyden apertou os olhos.

— Ele sabe qual é o número de identificação de seu chip, por isso é mais fácil de acessá-lo. É um número único. Mas ele perdeu os números dos outros chips quando a Prime foi fechada.

— Então, como ele conseguiu manter Reece sob controle?

— Ele a encontrou enquanto rastreava chips.

— Em um rastreamento aleatório?

— Ele está procurando por Metais. Posso fazer isso, mas demora.

— Um detector de Metais? — Lembrei-me de algo que vi em um filme antigo.

— Sim, mais sofisticado — disse ele. — Bem, agora que você acredita no que estou dizendo, que o Velho é meu pai, e também entende mais sobre como tudo funciona, é hora de ouvir a próxima parte.

Imaginei o que viria a seguir.

— Me conte.

— Já tomei as providências para que Michael e Tyler fossem levados ao chalé na montanha.

— Você fez o quê?

— E Eugenia também. — Ele olhou para seu relógio de pulso. — Eles já devem estar lá a essa hora.

Queria perguntar mais coisas, porém comecei a me sentir sonolenta. Apoiei-me na lateral do

furgão.

— Você está bem?

Fiz que sim com a cabeça.

— Estou bem. Apenas muito, muito cansada.

Ele abriu a porta do passageiro e eu entrei. Acomodei-me no assento e senti vontade de dormir... por... cem... anos...

Tive um sonho: estava em nossa casa. Antes de Tyler nascer. Meu pai e eu estávamos deitados juntos no sofá, com um cobertor sobre as pernas. Dava para sentir o cheiro da pipoca amanteigada que minha mãe estourava na cozinha. Colocamos um filme antigo na aerotela, um faroeste.

Meu pai ria ao ver a maneira como os pistoleiros manejavam os revólveres.

— Está tudo errado — disse ele.

De repente, uma arma surgiu em sua mão. Ele colocou minhas mãos ao redor dela e apontou-a para a aerotela.

— Segure-a desse jeito. Está vendo?

Coloquei meus dedos miúdos ao redor daquela arma enorme e pesada. Quando puxei o gatilho, o ator caiu para trás na aerotela, atingido.

— Eu o matei, papai! — gritei. — Eu o matei.

Meu pai riu.



Acordei balançando com o movimento do furgão e com a boca seca enquanto Hyden dirigia pela rodovia. Abaixo de nós, ao longe, as luzes da cidade cintilavam.

— Dormiu bem? — perguntou Hyden, tirando os olhos da estrada por um segundo.

— Estava com tanto sono... — murmurei, esticando os braços.

— Toda aquela animação deve ter afetado você.

Ele saiu da rodovia e tomou uma pista marginal. Não reconheci aquela área. Era industrial. O asfalto vazio cercava galpões e depósitos silenciosos. Entramos na ruela que dava acesso a um deles.

— Onde estamos? — perguntei, ainda um pouco grogue.

— No meu laboratório.

Estava me sentindo muito cansada. Sobre o que estávamos falando antes de eu cair no sono?

Hyden guiou o furgão para trás de um prédio sem janelas, de formato retangular, aproximando-se de um portão de metal. Um feixe de laser vermelho leu a placa do veículo. Em seguida, o portão se ergueu, revelando uma garagem organizada. Não havia nenhuma bicicleta ou brinquedo ali, apenas algumas ferramentas estranhas e caixas de metal. Ele conduziu o veículo para dentro e o portão se fechou atrás de nós.

Hyden desligou o motor e eu estendi a mão para abrir a porta.

— Espere — disse ele. — Não se mova.

— Por quê?

- Deixe eu dar uma examinada no lugar antes.
- Mas não é seu laboratório, sua casa? — perguntei.
- Meu esconderijo.

Hyden saiu e examinou cada canto da garagem, empunhando um aparelho e apontando-o para as paredes e para trás de cada um dos caixotes. Imaginei que estivesse procurando por aparelhos de escuta eletrônicos. Vi um painel com sensores de calor na parede, mostrando o corpo de Hyden como um borrão vermelho que se movia. Era a única mancha vermelha, mesmo assim ele verificou cada canto do lugar, olhando para cima e para baixo. Impossível ser mais minucioso.

Ele foi até um sistema antigo de comunicação na parede e apertou um botão. Depois de falar em um comunicador, ele voltou.

- Está tudo bem — disse Hyden. — Você pode sair agora.

Ele me observou descer do furgão e depois me acompanhou até uma grossa porta de metal, digitando alguns números em um teclado instalado na parede. A porta de um elevador se abriu com um som forte de metal raspando, como uma porta de pedra que desliza e revela um portal para um compartimento mágico.

Conforme descemos, o ar foi ficando mais frio e me deixou mais alerta. Eu não era claustrofóbica, mas a ideia de ir tão fundo na terra me parecia errada. Não era algo natural.

Hyden deve ter percebido a expressão em meu rosto, e deu um sorrisinho para assegurar que estava tudo bem.

A porta do elevador se abriu e um corredor surgiu à nossa frente. Ali, Hyden abriu uma porta de metal que levava a um laboratório tecnológico enorme e escuro. Luzes direcionadas iluminavam vários locais, fazendo com que o lugar se parecesse com o salão de um museu, com spots iluminando os objetos em exposição. Aerotelas dominavam cada um dos cantos e componentes estranhos enchiam a sala, alguns pendurados no teto, como pedaços retorcidos de metal, cordões finos e brilhantes de politubo com fagulhas coloridas se movendo por eles. Eu os examinei mais de perto e percebi que as fagulhas eram pequenas formas geométricas com partes móveis. Era um paraíso *geek*.

Do outro lado da sala, curvado sobre uma mesa, um homem com uma cabeleira branca longa e desgrenhada estava de costas para nós quando nos aproximamos. Será que... será que era ele?

- Trouxe uma pessoa — disse Hyden a ele.

O Ender se virou. Mesmo naquele espaço escuro, eu o reconheci.

- Redmond! — gritei.

Corri na direção dele e o envolvi em um abraço. Assim que fiz isso, me dei conta do constrangimento daquele momento. Ele era um Ender que não tinha parentesco algum comigo, e o que eu sentia por ele certamente era maior do que o que ele sentia por mim. Abraçá-lo só fez com que eu sentisse mais saudade de meu pai. Afastei-me.

— Callie — disse ele, com seu sotaque britânico entrecortado. — Essa é uma saudação muito melhor do que a da última vez, quando você apontou uma arma para minha cabeça.

Senti meu rosto ficar vermelho.

— Sem ressentimentos — concluiu ele.

— Pensei que você tivesse sido capturado pelo Velho.

Redmond olhou para Hyden.

— Hyden veio falar comigo, explicou o que estava fazendo e eu concordei em ajudá-lo. O salário é ótimo, e não posso dizer que me incomodo em trabalhar para um gênio.

Hyden deu de ombros, tentando demonstrar humildade.

— Se não foi o Velho que o levou, então quem incendiou seu laboratório? — perguntei a Redmond.

— Eu mesmo o fiz — disse ele. — Não queríamos deixar nenhuma evidência para trás.

Ele havia deixado para mim, em um cofre, um pen drive especial em que detalhava a adaptação que fizera em meu chip. Não sabia se ele havia contado os detalhes a Hyden, mas por que tocar naquele assunto? Provavelmente era apenas um backup, uma cópia de reserva, caso algo acontecesse a Redmond. E ele estava bem.

— Então, vocês trabalham juntos. O que você consegue fazer agora? — perguntei. — Pode remover o chip? — A resposta de Hyden não era o bastante, eu tinha que perguntar.

Ele negou com um movimento de cabeça.

— Não. Não fiz muitos progressos nessa área.

Tinha certeza de que ele ia dizer isso. Mas se houvesse uma chance de tirar aquele chip de mim, de Michael e de meu irmão...

Subitamente, me lembrei do momento em que Hyden disse algo sobre o chip e meu irmão antes que eu caísse no sono. Virei-me e o encarei.

— O que você disse sobre levar todos para a casa nas montanhas? Meu irmão, Michael e Eugenia?

— Ernie, meu guarda-costas, se certificou de que chegaram em segurança — disse Hyden.

— Estão mais seguros lá, devido à altitude — disse Redmond. — Ele não pode acessar um chip do qual não conheça a identificação.

O nível de alívio de Redmond com esse plano me deixou mais tranquila... um pouco mais tranquila, pelo menos.

— Como diziam que acontecia com a antiga recepção de sinal de telefone celular? — perguntei.

— Exatamente do mesmo jeito — disse Redmond.

— Não havia tempo para discutir a situação com você — disse Hyden. — Quando vi que meu pai podia explodir os chips, tive que entrar em ação para proteger sua família.

Meu irmão. Tão longe, no meio das montanhas.

— Nem consegui me despedir.

— Eu sei. Me desculpe por isso. Entretanto, eu preparei uma surpresa para você. — Hyden me levou até uma das aerotelas. — Não podemos nos arriscar a fazer isso de novo; quanto menos

sinais de conexão, melhor, mas eu sabia que você ia querer ver com os próprios olhos. Por isso, esta é a primeira e última vez.

Ele trouxe uma cadeira para a frente da tela e eu me sentei. Ele tocou em um ícone e o rosto de Tyler apareceu.

— Tyler! — Eu me inclinei na direção da tela.

— Cara de macaco! — Tyler sorriu.

Reconheci as peças de tapeçaria da sala de estar do chalé atrás dele.

— Você está com uma aparência ótima. Está tudo bem por aí?

— Tomamos sundae de sobremesa hoje.

— Já está muito tarde. Você deveria estar na cama.

Michael se juntou a ele na tela.

— Deixe que ele ficasse acordado para ver você.

— Quer dizer que todos estão bem por aí? Inclusive Eugenia?

— Estamos todos bem — disse Michael. — Agora.

— Como assim, “agora”?

— Bem, foi meio estranho — disse Michael. — Em um minuto nós estávamos em casa e, no momento seguinte, acordamos no chalé. Nenhum de nós se lembra de como chegamos até aqui. Aí aparece um cara, um tal de Ernie...

— Você pulou em cima dele — disse Tyler.

— O que você faria quando um cara estranho aparece e...

— Um Middle! — Tyler pulava enquanto falava.

— Não interrompa o Michael — eu disse, gentilmente.

Michael continuou.

— Ele nos explicou o motivo por que estaríamos mais seguros, mas não disse como chegamos até aqui.

— Fomos sequestrados — disse Tyler, naquele tom de voz que era uma mistura de sinceridade e brincadeira, e que só as crianças possuem.

Lancei um olhar feroz para Hyden, que estava ao meu lado. Ele deu de ombros, como se quisesse dizer que não havia outra maneira de executar o plano. Em seguida, apontou para o relógio para indicar que estava na hora de encerrar a conversa.

— Preciso ir, agora. Faça o que Michael pedir para você, certo?

— Certo, Callie. Venha se encontrar com a gente logo — disse Tyler.

Michael estava com uma expressão séria no rosto.

— Até mais.

— Tenham cuidado — eu disse.

As imagens deles se desfizeram em pixels e tela ficou preta.

— Me desculpe por não ter mais tempo — disse Hyden, indicando a aerotela. — Não podemos arriscar uma interceptação.

Levantei-me e olhei direto em seus olhos. Hyden recuou um passo.

— Então você drogou minha família? — perguntei.

— Ernie provavelmente lhes deu um sedativo leve para que não entrassem em pânico. Ele tinha que tirá-los da casa rapidamente, não se esqueça disso.

Senti meu rosto ficar quente.

— Você fez o mesmo comigo. Aquelas balas de menta. Eu nunca durmo quando estou dentro de um carro.

— Hoje foi um dia complicado — disse ele. — Tivemos que levar todos vocês a lugares seguros. E foi isso o que fizemos. Tyler está a salvo lá. Você está a salvo aqui.

— Não faça isso comigo, nunca mais. — Apertei os punhos ao lado do corpo. — Nem com minha família. Experimente conversar comigo da próxima vez.

— Tudo bem — disse ele. — Me desculpe.

Os ombros de Hyden caíram. Se não estivesse arrependido de verdade, era um ótimo ator. Concentrei-me na tela apagada. Queria voltar a ter aquela sensação boa de ver Tyler sorrindo. Já odiei os chips por milhares de razões e agora os odiava ainda mais. Eles eram os responsáveis por nos manter longe um do outro.

— Por que você não pode me levar até lá? — perguntei.

— Estão mais seguros longe de você — disse Hyden. — É você que ele quer.

— Quantas vezes vou ter que dizer adeus? — Olhei para a aerotela, desejando que ela se ativasse sozinha outra vez.

Hyden ficou em silêncio por um momento.

— Está tarde. Você deve estar cansada.

Esfreguei o rosto.

— Onde vou dormir?

Ele me mostrou a seção com os alojamentos, que eram surpreendentemente modestos. Meu quarto, assim como os outros, era um dormitório simples, pequeno, apenas com o indispensável. Uma escrivaninha minúscula e um banheiro.

— Não é muito elegante — disse Hyden. — Investi todo o dinheiro na tecnologia. E tento me manter sempre em movimento, por segurança.

— Deve ser difícil.

— Você sabe como é. Viver correndo de um lugar para o outro.

Imagens do ano anterior passaram rapidamente pela minha mente: sacos de dormir sobre o chão, mesas viradas para formar barreiras, fugir de inspetores.

— Quantos Metais você acha que existem?

— Acho que meu pai tem uns cinquenta. Então, há mais ou menos uns cinquenta espalhados por aí.

— Ouviu alguma coisa sobre uma Starter chamada Emma?

Ele fez que não com a cabeça.

— Não, acho que não. Você a está procurando? Ou está querendo fugir dela?

— Ela é neta de Helena. Prometi que a encontraria.

— Entendo — disse ele, com as mãos nos bolsos. — Mas você tem que entender uma coisa: nem todo mundo quer ser encontrado.



Naquela noite, sonhei que estava em pé em um campo aberto, sozinha, durante a noite, no meio de uma grama alta que se erguia até a minha cintura. Havia uma árvore na minha frente. Uma árvore vermelha.

O Velho saiu de trás dessa árvore. Os pixels em sua máscara dançavam e perseguiam uns aos outros, brilhando em tons de azul e emitindo aquele som envolto por chiados.

— Callie, onde você esteve? — disse ele com a voz eletrônica arrastada. — Senti saudade de você.

— Você não estava morto?

— Estou bem aqui, Callie. Você sabe disso. Nunca me afastarei de você.

Ele se aproximou. Eu recuei. Hyden se ergueu do meio da grama alta que rodeava a árvore. Pensei que fosse me ajudar. Mas ficou ao lado do pai, caminhando em minha direção.

— Nós nunca vamos nos afastar — disse Hyden.

Conforme eles se aproximaram, só consegui ver os pixels azuis.

Quando acordei, demorei um momento para me lembrar de que estava na base de Hyden. Minha cabeça doía. Poderia ser por causa do que ele usou para me sedar. Ou era meu chip. Eu colocava a culpa de várias coisas que aconteciam nesses últimos dias em meu chip. Qualquer coisa que afetasse tanto a cabeça de uma pessoa devia ter efeitos colaterais.

Entrei no banheiro apertado e tomei um banho rápido. Queria conversar com Redmond. A sós.

Porém, quando fui até o laboratório principal, Redmond não estava lá. Hyden estava diante de uma aerotela, com as mangas arregaçadas, digitando o código de um programa. Antes que eu voltasse sorratamente para meu quarto, ele percebeu minha presença e fez um gesto para que eu me aproximasse. Ao redor dele, havia uma montoeira mágica de plasmas estranhos, elementos que se pareciam agrupamentos de linhas muito finas, com as pontas flutuando no ar. Líquidos se moviam por tubos invisíveis.

— O que você está fazendo?

— Estou criando um bloqueador para você — disse ele.

— Para impedir que meu chip seja rastreado?

— Não fique tão animada. Pode ser que demore um pouco. — Ele se afastou da aerotela.

— Redmond fez um bloqueador temporário para mim. — Coloquei a mão na parte de trás de minha cabeça. — Ainda está ali, mas não funciona mais.

Eu me lembrei do sonho que tive na noite passada. Como eu poderia confiar no filho do Velho? Minha mãe costumava repetir um provérbio: “A maçã não cai longe da árvore”. Hyden certamente tinha a genialidade técnica de seu pai. E o que mais ele teria?

Ele me olhou de um jeito curioso.

— Por acaso eu a deixo nervosa?

Dei de ombros. Será que eu era tão transparente assim?

— Eu sei — disse ele. — Você acordou pensando: “O que eu estou fazendo aqui, com o filho do Velho?”. — Ele agitou os dedos como se estivesse em um filme de terror antigo. — O fato de meu pai ser um monstro não significa que eu também o seja. Na verdade, é por causa dele que sei exatamente o que não quero ser.

— E filhos nunca acabam ficando bem parecidos com os pais?

— Bom, você terá que me observar para ter certeza de que não serei seduzido pelo lado negro. — Ele passou a mão pelos cabelos e olhou para a aerotela. — Estou trabalhando vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, para impedir que meu pai leve seus planos adiante.

Hyden tinha mesmo que se sentir responsável. Porque o era. Foi ele quem teve a ideia para desenvolver a tecnologia.

— E agora estamos ficando sem tempo — disse Hyden. — Aquela bomba deixou a situação ainda mais séria.

Olhei para um dos tubos perto dele. Uma miríade de cores fluía por dentro do tubo.

— Não seria um desperdício destruir um Metal assim? — perguntei. — Ele não pode fazer outros.

— Não seria um desperdício se ele capturasse você. E foi o que ele quase conseguiu fazer.

Virei-me ao mesmo tempo em que ele o fez e, acidentalmente, esbarrei minha mão em seu braço nu. Hyden se esquivou, segurou o braço e apertou os olhos com força, como se quisesse afastar a dor.

— Você está bem? — Eu me lembrei de como ele reagiu quando estávamos no estacionamento subterrâneo.

Ele inalou o ar com força.

— Não foi nada.

No entanto, era óbvio que havia acontecido alguma coisa. Ele abriu os olhos. Um rubor de constrangimento tingiu seu rosto.

— Não se preocupe com isso — prosseguiu ele, sem olhar em meus olhos.

— Não tive a intenção de machucar você — eu disse. — O que está havendo, Hyden? O que aconteceu com você?

Ele olhou para mim como se quisesse me explicar e não conseguisse encontrar as palavras.

— Tenho que ir. Me desculpe — disse Hyden por cima do ombro enquanto saía.



O laboratório estéril estava vazio. Fui até o corredor, perguntando a mim mesma onde mais um cientista poderia estar. Em seguida, senti cheiro de café. Segui o cheiro e cheguei à cozinha.

Era uma cozinha utilitária, quase industrial, muito básica e ampla. Redmond estava de costas para mim, preparando o café.

— Olá, Callie — disse ele, sem se virar.

— Como você sabe que sou eu?

— Seus passos são muito mais leves que os de Hyden ou de Ernie. E eu sabia que você viria me procurar. — Ele se virou e sorriu. — Quer um pouco? — Ele ergueu o bule de café.

— Claro. — Olhei para o balcão e vi vários potes de vidro cheios de cereal. — Achei que vocês, britânicos, bebessem somente chá.

Peguei uma xícara e misturei um pouco de leite.

Ele levou um dedo até os lábios.

— Psiu. Não conte isso à rainha — disse ele, com um brilho nos olhos. — Bem, ouvi dizer que você está morando na casa de Helena.

— Ela deixou a casa para mim. Bem, metade da casa. A outra metade ficará com a neta de Helena, quando eu encontrá-la.

— Conheço Emma. Conversei com ela várias vezes. E com sua mãe. — Redmond baixou os

olhos.

— Lamento — eu disse, dando um gole no café.

A mãe de Emma, ou seja, a filha de Helena, seria uma Middle, é claro. Sempre que alguém falava dos Middles, era acometido pela tristeza. Não a conheci. Se Redmond a conheceu bem ou não, sempre que o diálogo mencionava a perda de um Middle, trazia consigo a lembrança de todos os Middles que alguém perdeu. Aquilo apenas entristeceria nós dois. Eu não estava disposta a deixar que ele seguisse por esse caminho.

— Me fale sobre Emma — pedi.

— Todas as mulheres daquela família são teimosas e têm opiniões fortes a respeito de tudo. Deve estar nos genes. Especialmente no caso de Emma. Achava que era capaz de consertar o que havia de errado no mundo. Uma Starter típica, como vocês os chamam.

— Se você encontrá-la, pode lhe falar sobre sua avó? E sobre a herança, também...

— Contarei, caso a encontre. — Ele olhava fixamente para o café dentro da xícara. — Como é morar na casa de Helena?

— O lugar é lindo. Parece que ela ainda está lá.

— Ela era uma mulher e tanto — disse ele. — Queria salvar os Starters. Teria feito mais e melhor se soubesse que o homem que ela mais odiava tinha um filho, um Starter, que compartilhava do mesmo desejo.

Pensei em Hyden. Ele era bastante complicado.

— O que há de errado com o braço dele? — perguntei. — Você sabe?

— Braço? Você quer dizer com o corpo inteiro dele, não é?

Fiquei confusa.

— Seria melhor se ele mesmo explicasse a você.

— Ele está machucado?

— Basta não tocar nele e tudo vai ficar bem. Certa vez, esbarrei acidentalmente na mão dele. Demorou uma semana até que ele conseguisse relaxar na minha presença outra vez.

— E ele confia em você?

— Tanto quanto confia em qualquer pessoa.

Aquilo me lembrou do aviso do Velho.

— Você conhece o pai dele?

— Sei coisas a respeito dele. E o que ele quer fazer. Se conseguir aprimorar a tecnologia, ele não hesitará em vendê-la a quem pagar o preço mais alto. Até para um regime terrorista ou coisa pior. É por isso que eu não me importo em viver como um rato.

— Não podemos apenas nos afastar dele? Reunir o resto dos Metais e encontrar uma maneira de remover ou neutralizar os chips?

— Não podemos retroceder tanto. Precisamos trabalhar com medidas de contra-ataque.

— Por que não entramos em contato com o governo e deixamos que cuidem do caso?

— Hyden não confia neles. E eu acho que também não confio. Trancafiar Starters sem família em instituições é uma abominação.

Ele tinha razão.

— Redmond, para que alguém consiga se conectar ao meu chip, precisa ter acesso à tecnologia. Mas somente Hyden e seu pai têm esse acesso, certo?

— Até onde eu sei, sim.

Pensei na voz que se parecia com a de meu pai. Como ele poderia conseguir acesso à tecnologia para entrar em minha cabeça? Mais uma razão pela qual aquela voz não poderia ser de meu pai.



Quando encontrei Hyden mais tarde, estudando um bloco de notas em seu laboratório tecnológico, perguntei se poderíamos conversar. Ele estava trabalhando com equações que eu não conseguia decifrar. Redmond estava do outro lado do laboratório.

Hyden se levantou e me levou a uma sala de reuniões. Sentamos em cadeiras ao redor da mesa. Uma planta grande e frondosa decorava o centro da mesa, com uma luz especial apontada sobre ela para estimular seu crescimento.

— Este espaço é perfeito para pensar. E para conversas privadas — disse ele. Em seguida, abriu uma gaveta sob a mesa e tirou duas Supertrufas. — Acho que você está precisando de uma dessas.

Ele me entregou uma delas, com cuidado, para que não nos tocássemos.

— Sobre o que você quer conversar? — perguntou ele enquanto desembulhava sua Supertrufa.

— Não se preocupe, não é sobre você. — Segurava minha Supertrufa sem muito ânimo. — Seu pai fingiu ser meu pai.

— Ele fez isso? Quando?

— No dia da demolição da Prime. A voz era exatamente igual. Sabia até nossa frase de código pessoal.

— Ele consegue fazer o que quiser. Não é difícil criar uma voz. Ele só precisaria encontrar uma amostra nas Páginas e depois fazer uma extrapolação. Tenho certeza de que seu pai tinha alguma amostra de voz gravada em sua Página, não é? Todo mundo tem.

Imagens de meu pai pescando e conversando com a câmera surgiram em minha mente. Apenas os Enders mais velhos não gostavam de documentar sua vida para que outros pudessem acessá-las.

— É claro — eu disse.

— Ele usou a voz de seu pai para atingir você — disse Hyden, pensando por um momento. — O que seu pai fazia?

— Era inventor. Fazia parte da equipe que inventou as lanternas de pulso. — Desembrulhei minha Supertrufa.

Hyden se inclinou para a frente em sua cadeira.

— A lanterna de pulso? Esse projeto foi enorme. No que mais ele trabalhou?

— Não sei. Ele não falava muito sobre seu trabalho. Se perguntássemos, ele começava a fazer piadas, dizendo que era chato demais para que alguém se interessasse. E depois ele falava sobre velhos holos, filmes antigos. Ele os adorava. — Respirei fundo. — Ele não chegou a conhecer os próprios pais — eu disse. — E minha mãe perdeu os pais num acidente de carro. Quando eu nasci, ela já havia passado dos 30 anos. Mas os esporos a levaram.

— Lamento.

Dei de ombros.

— Nunca se sabe, não é?

Uma imagem de mamãe surgiu em minha mente e, de repente, me senti exausta, prestes a me desmanchar em lágrimas. O chocolate ficou amargo em minha boca.

— Vi quando o esporo caiu no braço dela — eu disse, lentamente. — Meu mundo parou naquele dia.

— Eu sei — disse ele.

Por um momento, os olhos dele ficaram fixos nos meus. Eu sabia que ele queria me confortar. Esse era o tipo de momento em que qualquer pessoa tocaria em seu ombro ou lhe ofereceria um abraço. Mas não Hyden. Engoli em seco e tentei mudar de assunto.

— Você odeia os Enders? — perguntei. — Com exceção de Redmond, é claro.

— Não odeio todos eles, apenas os que criam as regras. Os que aprovaram as leis que dizem que Starters não podem trabalhar e têm que ser colocados em instituições. Será que não perceberam que não estavam oferecendo saída a eles? — Ele balançou a cabeça negativamente. — Você deve odiá-los, também. Veja o que fizeram com você. Mataram seus pais e forçaram-na a viver nas ruas.

— Não odeio todos eles. — Amassei a embalagem em minhas mãos até formar uma bola. — Alguns deles, sim... mas sei que estavam com medo, também. Viram que estavam ficando mais velhos e não teriam dinheiro para se sustentar. Eles precisavam daqueles empregos.

Ele terminou de comer sua Supertrufa e esfregou as mãos para se livrar das migalhas.

— O que você quer, Callie Woodland?

— Quero minha família de volta.

— Você não pode ter isso, me desculpe. Você tem que criar novas famílias com o que lhe restou — disse ele. — Todos precisamos fazer isso. Você tem sorte de ter seu irmão.

Tyler. Ele era a única pessoa capaz de dissipar minha obsessão pela voz.

— Quero que ele fique em paz de verdade — eu disse. — Em uma casa segura, onde não tenha que se preocupar com a possibilidade de ser sequestrado pelo seu pai ou por outra pessoa. Quero aquele chip fora da cabeça dele. Isso seria um bom começo.

— Não sei se conseguiremos fazer isso. — Ele olhou para baixo. — Talvez você se contente em se sentir segura, um dia de cada vez?

— Não. Não vou ser feliz até saber que ele e eu não somos mais Metais.

Os olhos de Hyden me diziam que aquilo não seria possível.

— O que foi? Você acha que nunca vamos conseguir isso?

— Eu não disse nada — respondeu ele.

— Você não sabe como é isso. Sentir esse objeto estranho dentro de sua cabeça, algo que alguém tão cruel quanto seu pai pode invadir. Tenho que conviver com isso a cada minuto de meu dia. Às vezes, tenho tanta vontade de arrancá-lo de mim mesma que acho que vou acabar fazendo isso de qualquer jeito.

— Callie — disse ele. — Você não sabe do que está falando.

— Quero que alguém tire isso de mim.

Hyden balançou a cabeça.

— Nunca conseguimos remover um chip com sucesso. Redmond nunca tentou com humanos, mas fizemos experimentos com animais de laboratório e todos morreram.

— Não diga isso. — Peguei a embalagem do chocolate e joguei-a com força na lata de lixo. — Preciso acreditar que, algum dia, vou conseguir arrancar isso de Tyler e de mim. Que estaremos livres dele. Tenho certeza de que não sou a única Metal que sente isso.

Olhei para a planta que estava sobre a mesa e percebi que minha visão estava ficando embaçada outra vez.

— Callie? — perguntou Hyden.

A voz dele estava muito distante.

Desta vez, a lembrança de Helena retratava a Prime Destinations. Imagens de garotas doadoras, com palavras “esquiadora”, “praticante de snowboarding”, “bailarina”, surgiam ao redor delas. A voz de Tinnenbaum, o exímio vendedor, apregoando as habilidades das garotas. Uma torrente de sensações corria por Helena.

Esses rostos tão felizes não sabem no que estão se envolvendo. Salve-as!

— Callie?

A lembrança se desvaneceu. No entanto, o senso de dever de Helena permanecia. Eu sabia o que tínhamos de fazer.

— Precisamos encontrar os outros Metais — eu disse.

Hyden olhou para mim como se eu estivesse falando alguma língua estrangeira. Voltei a olhar para a planta que estava sobre a mesa de reuniões. Agora, tudo estava claro.

— Precisamos encontrar os outros Metais, os doadores que seu pai criou — eu disse. — E mantê-los a salvo.

— Onde? — Ele olhou ao redor da sala. — Aqui?

— Onde mais? Este lugar é grande e subterrâneo. Estaremos lidando com os Metais que seu

pai não alcançou, não explodiu, nem usou de outras maneiras. Até que você e Redmond consigam desenvolver um jeito de bloquear completamente o acesso de seu pai, isso é o que faz mais sentido para mim.

Hyden entrelaçou os dedos atrás da cabeça e olhou para o teto.

— Acho que temos espaço. Podemos arranjar mais mobília.

— Você disse que conseguia rastreá-los. Mostre para mim como se faz isso.

Entramos no laboratório. Redmond ainda estava trabalhando do outro lado. Hyden foi direto para sua aerotela e começou a manipular os ícones. Um diagrama quadriculado apareceu sobre o mapa da região metropolitana de Los Angeles.

Observou a imagem com cuidado e mudou a perspectiva, examinando seções diferentes. Finalmente, parou e travou o diagrama quadriculado em uma posição específica. Um ponto vermelho pulsava.

— O que é isso? — perguntei.

— Pode ser um Metal.

— Não está muito longe — eu falei. — Podemos ir até lá para verificar pessoalmente.

— Espere. Vamos sair na rua sem um plano? Como podemos confiar num Metal que nem conhecemos? — perguntou ele. — E trazê-lo para cá, com todas as minhas pesquisas?

— Qualquer Metal que está lá fora é como eu, não é? Eles não sabem o que fazer com sua pesquisa e não se importam. Mas se você está preocupado, há uma fechadura com tranca em seu laboratório. Use-a.

Ele ainda tinha dúvidas.

— E se você tivesse encontrado Reece antes de seu pai? — eu perguntei. — Ela ainda estaria viva. Acho que isso faz valer a pena qualquer risco presumido.

Hyden esfregou a parte de trás do pescoço.

— Não sei, Callie. Precisaríamos de ajuda.

— Você disse que seu pai estava fazendo isso, buscando os Metais — eu pressionei. — Não sente vontade de derrotá-lo em seu próprio jogo?

Os olhos dele se estreitaram. Esse argumento o convenceu. Ele pegou o telefone celular e mandou um Zing para alguém. Em menos de um minuto, um homem apareceu na porta do laboratório.

— Callie, este é Ernie — disse Hyden.

Ernie tinha muita presença, com sua pele lisa e escura, e músculos que ameaçavam estourar o terno caro que ele vestia. A característica mais incomum era a grossa cabeleira negra que cobria sua cabeça. Era raro ver aquilo em um adulto.

Era um *Middle*.

Ele estendeu a mão. Eu ainda estava olhando para seus cabelos. Percebi o que estava fazendo e o cumprimentei com um aperto de mão.

— Foi você que levou Tyler para a casa nas montanhas?

— Junto com os outros dois. Sim.

— Você mora aqui, também? — perguntei, intrigada por ele ter surgido minutos depois de receber o Zing de Hyden.

— Sim. Ernie é meu guarda-costas em tempo integral, e um cara muito legal. — Hyden se dirigiu a Ernie. — Callie quer encontrar mais Metais. Vamos entrar em ação.

— Vou preparar o carro — disse Ernie.

Ele me cumprimentou com um movimento cortês de cabeça e saiu.

— Ele é um Middle — sussurrei.

— Sim, muito valioso — disse Hyden, em voz baixa.

Perguntei a mim mesma como um guarda-costas Middle teve condições de pagar pela vacina.

Sentei-me no banco do passageiro do furgão de Hyden, e Ernie ficou na traseira. Hyden apertou um botão e uma aerotela enorme surgiu entre ele e o painel. Um mapa reticulado da área encheu o espaço.

Olhei ao redor.

— Onde está o computador que controla isso?

Ernie colocou o console entre nós. Parecia um robô de manutenção, havia muitas peças dentro do chassi.

— Tenho outro no compartimento de carga — disse Hyden. — Computadores nunca são demais.

A aerotela tinha tudo: profundidade, dimensionalidade e animações. Hyden colocou a mão no meio da aerotela e puxou para o primeiro plano uma página que estava escondida.

— Como você consegue rastrear Metais aqui dentro? — perguntei. — Você disse que o acesso era bloqueado.

— Bloqueado para recepção de sinais. Ergui a antena para estender nosso alcance.

— Onde está o ponto vermelho agora?

— Desapareceu faz algum tempo — disse Hyden. — Mas deve haver outro nas proximidades.

Vi um ponto preto pulsando no diagrama quadriculado, que acompanhava os movimentos de nosso furgão. Imaginei que fosse o marcador que representava nossa presença. Observei a tela, esperando ver qualquer sinal de um ponto vermelho.

— Quanto tempo vai demorar?

— Acho que não vai ser muito diferente de uma pescaria — disse Ernie. — Você já saiu para pescar?

— Já. — Lembrei-me de todas as vezes que fui pescar com meu pai.

— Então você sabe como é. Pode levar um dia inteiro. — Ernie alongou a palavra “inteiro”, e ela soou como uma eternidade.



Dirigimos pelas rodovias por meia hora; nenhum sinal diferente apareceu no diagrama. Ernie viu a placa que indicava uma cidade e sugeriu que saíssemos. Ele disse que essa região tinha a reputação de ser um pouco mais perigosa, e que tinha a sensação de que poderíamos encontrar algo por ali. Pouco tempo depois de sairmos da rodovia, um ponto vermelho apareceu piscando.

Ernie apontou para a aerotela.

— Chip detectado.

Hyden deu um zoom na câmera

— Certo, Metal. Fique aí até conseguirmos encontrá-lo.

— Estamos muito longe?

— Mais ou menos uns quinze minutos até alcançarmos o alvo, se o ponto permanecer no mesmo lugar.

Mantive os olhos na tela. O ponto vermelho estava parado. Dirigimos por alguns quilômetros, passando pelas ruas da cidade. Um grupo de manifestantes estava empunhando cartazes perto de um prédio do governo. Havia Enders e Starters exibindo cartazes para os carros. Um deles tinha os dizeres: *Tragam a Cruz Vermelha de Volta*, referindo-se a uma das muitas organizações humanitárias que perderam verbas nesses tempos difíceis. Organizações que poderiam ajudar Starters sem família.

Eu concordava com eles, porém eles não sabiam disso. Aquelas pessoas viam apenas um furgão enorme e caro, e gritavam palavras de ordem quando passamos por eles.

Hyden olhou para o diagrama.

— Estamos quase lá.

Ele avançou por mais alguns quarteirões, e vi nosso ponto preto se aproximar do ponto vermelho.

— Olhem os arredores, o Metal pode estar por aqui — disse Hyden quando virou uma esquina.

Os dois pontos se iluminaram no mesmo lugar. Ernie foi o primeiro a vê-la. Uma Starter sentada em um ponto de ônibus. Descendência asiática, cabelos curtos.

— É ela — eu disse. — Aquela menina bonita, com o cabelo preto.

— Aquela *perfeitamente* bonita, sem imperfeições físicas — disse Hyden.

Ela se levantou, como se estivesse farta de esperar pelo ônibus, e começou a andar.

— Tem certeza de que é ela? — perguntei.

— Só existe uma maneira de descobrirmos — disse Ernie.

Hyden estacionou o carro alguns metros à frente da garota enquanto ela vinha em nossa direção.

Várias luzes azuis brilharam no computador. Lembrei-me do monitor de Redmond em seu velho laboratório, o mesmo que indicava meu chip.

— Vá, Ernie — ordenou Hyden. — Cubra os olhos dela!

— Eu não deveria ir até lá para convencê-la? — eu questionei.

Ernie estava com a mão na porta.

— Você quer falar com ela?

— Não — disse Hyden. — Não queremos perdê-la.

Quando a garota de estatura baixa passou por nosso carro, Ernie saltou e avançou contra ela. Mas ela o percebeu. Seu rosto demonstrava surpresa, não intimidação. Deu um salto para se distanciar dele, e emendou uma acrobacia no ar, pousando em cima de um muro de grande espessura. A garota correu sobre o muro até chegar ao final dele; em seguida, saltou novamente

e agarrou o galho de uma árvore. Ela se pendurou no galho, tomou impulso e saltou, pousando sobre mesas que estavam na calçada ao redor de uma cafeteria, fazendo com que xícaras voassem e os clientes fugissem.

Ernie tentou persegui-la, entretanto a Starter estava levando a melhor. Ele não conseguia antecipar seu próximo movimento. Ela ia para a direita e ele ia para a esquerda. Observei tudo pela janela do carro.

— Não imaginei que fosse acontecer assim.

— Pelo menos sabemos que o corpo dela não está sendo controlado a distância. Ela é boa demais, os movimentos são graciosos e leves — disse Hyden. — Ela está agindo de acordo com seu talento.

— Como assim?

— Você viu. Reece fazia movimentos bruscos.

— O Velho conseguia controlar as pessoas perfeitamente.

— Apenas sob circunstâncias perfeitas. Aqui, ele não tem a cooperação do corpo do doador. É diferente de estar no laboratório da Prime, controlando tanto o doador quanto o inquilino. O acesso a distância lhe dá um controle muito menor.

Fiz que sim com a cabeça, embora não tivesse entendido tudo. Voltei a concentrar minha atenção em Ernie. Finalmente, ele conseguiu prever o movimento da garota. Quando ela deu um salto para segurar o toldo de uma loja e fugir, ele a agarrou enquanto ela tomava impulso.

— Ernie a pegou — eu disse.

Hyden destrancou a porta traseira e a ergueu com um toque em um botão. Ernie, então, jogou na traseira do carro a Metal que gritava, esperneava e tentava mordê-lo. Ele manteve uma das mãos sobre os olhos dela e subiu no carro. A garota parou de gritar, mas fiquei com medo de que arrancasse os olhos de Ernie, pois se jogou em cima dele enquanto o guarda-costas batia a porta traseira. Em um movimento rápido, ele levou a mão ao pescoço dela e a garota ficou paralisada. Seus olhos ficaram embaçados e seu corpo caiu sobre o assoalho do furgão como se ela tivesse adormecido repentinamente.

— Ela está bem? — gritou Hyden para Ernie.

— Dormindo como um bebê.

Vi que Ernie tinha um pequeno disco na palma da mão. Ele o guardou em um dos bolsos enquanto Hyden tirava o furgão daquele lugar.

— Por que foi preciso cobrir os olhos dela? — perguntei.

— Caso ela estivesse sendo controlada a distância — disse Hyden. — Mas não estava.

— Se tivesse tempo, teria colocado uma venda nela — disse Ernie. — Mas ela ficava pulando de um lado para o outro.

Ernie sentou-se ao lado do corpo da garota no compartimento de carga.

— Ela vai ficar bem? — perguntei, observando o cabelo negro e sedoso da menina.

— A Bela Adormecida vai acordar — disse Ernie. — Dentro de algum tempo.

Quando voltamos para o esconderijo de Hyden, a Metal que Ernie capturou estava deitada no assoalho do furgão, balançando com o movimento do carro. Era difícil de acreditar que era a mesma garota que, havia apenas uma hora, estava saltando pelo ar e arranhando Ernie como se fosse um gato selvagem. Imaginei como ela agiria quando acordasse.

— Não teria sido melhor trazê-la aqui por livre e espontânea vontade? Agora ela vai ficar irritada.

— Você a queria, nós a pegamos — disse Ernie.

Hyden me olhou com uma expressão que denotava um pedido de desculpas implícito enquanto guardava o carro na garagem. Ernie desembarcou, segurando a arma perto do peito. Ele verificou o lugar da mesma forma que Hyden fizera no outro dia. Em seguida, apertou o botão na parede.

— Ele está falando com Redmond?

— Para ter certeza de que está tudo bem — disse Hyden.

Quando Ernie voltou ao carro para buscar a Metal, ele a jogou por cima do ombro como se ela fosse um saco de batatas. O peso da garota não afetava seus passos firmes. Ele a colocou em uma cama em um dos quartos vazios, não muito longe do meu, e nós os observávamos da porta.

— Será melhor se você estiver aqui quando ela acordar — ele me disse e entregou a carteira que tirou da bolsa dela para mim. — Ela se chama Lily.

Sentei-me na cama. Imaginei o que sentiria se acordasse em um lugar estranho, com uma garota que não conhecia olhando para mim. Mas era melhor que ela me visse em vez de Ernie.

Um tempo depois, Ernie trouxe uma bandeja com um sanduíche de queijo e peito de peru, e um copo de suco de maçã.

Não demorou muito até que Lily começasse a se mover e resmungar coisas ininteligíveis. Em seguida, ela abriu os olhos, assustada.

— O quê? — disse ela, desorientada. — Quem é você?

— Meu nome é Callie. E você está bem. Este lugar é seguro.

Ela se esforçou para se sentar na cama.

— Descanse — eu disse. — Está com fome? — A comida pode transformar um inimigo em um amigo... ou, pelo menos, transmitir um pouco de confiança.

Levei a bandeja até ela. Ela pegou o sanduíche e o cheirou. Em seguida, o mordeu.

— Tem mais? — perguntou ela.

Foi nesse momento que percebi que tudo ficaria bem.



Nas duas semanas seguintes, trouxemos vários Starters ao laboratório. Conseguimos convencer a maioria deles pelo diálogo, e não pela força. No entanto, não importava a maneira como os trouxêssimos para cá, todos queriam ficar. Tínhamos um verdadeiro alojamento no subterrâneo, cheio de Metais com grupos variados de conhecimentos e talentos. Alguns desses talentos foram explorados quando os Starters eram alugados, como habilidades de luta livre ou artes marciais, e eles continuaram a praticá-las, quando possível. Outras habilidades, como cozinhar ou fazer reparos, se tornaram úteis em nossa comunidade.

As refeições eram feitas em turnos para acomodar bem todos no refeitório, que ficava ao lado da cozinha. Era um espaço grande de paredes brancas, piso frio e mesas longas, e o jantar era a hora mais feliz do dia. O café da manhã e o almoço eram ocasiões mais simples, em que cada um pegava o que queria comer e ia cuidar de seus afazeres, porém eu quis que todos jantassem juntos. Em parte porque fazia sentido compartilhar as tarefas envolvidas na preparação do jantar, mas também porque os Starters desenvolviam a ideia de que pertenciam a uma comunidade.

Estava com saudade de Tyler. Hyden me convenceu de que o risco de fazer outro contato pela aerotela era grande demais. E eu não sabia se aquilo dificultaria a situação para nós dois no final. Era mais fácil não ouvir a voz de meu irmão, porque eu conseguia me concentrar no que tinha de fazer.

Resgatar os Metais.

Hyden e eu ficamos tão bons nisso que, às vezes, agíamos sem Ernie. Se Hyden tivesse que tocar alguém, ele usava uma toalha ou uma jaqueta como barreira. Já ficávamos um pouco mais relaxados na presença um do outro, no entanto, ele ainda não me dissera o que estava por trás de sua incapacidade de tocar as pessoas.

— Hyden, o que aconteceu com você? — perguntei um dia enquanto dirigíamos na estrada, sozinhos em uma caçada por mais um Metal. — Por que você não pode ser tocado?

Ele ficou em silêncio e respirou fundo. Prendeu a respiração, como se estivesse considerando se deveria responder. Depois, exalou um som que eu esperava ser de alívio, mas, talvez, estivesse apenas bufando, em sinal de teimosia.

— Eu estava trabalhando no laboratório com meu pai, antes de cortarmos relações. Minha mãe estava lá; ela nos trouxe chocolate quente com marshmallows. — Ele sorriu. — Não me lembro da maior parte do dia, mas me lembro dos marshmallows. Estranho, não é?

Balancei a cabeça negativamente. Eu sabia qual era a sensação que ele estava descrevendo, quando me lembrava de algum detalhe bizarro de minha vida antes dos esporos. Antes de me tornar uma Starter. Hyden pigarreou.

— Houve um acidente, uma explosão. Nunca descobrimos o motivo, mas aconteceu. Meu pai estava bem, mas minha mãe e eu ficamos queimados. — A voz dele ficou presa ao dizer “queimados”. — Passamos por tratamentos, cirurgias, porém a dor continuou durante vários meses.

— Que horror!

— Quando estávamos curados a ponto de suportar o toque das roupas em nossa pele, ainda assim não aguentávamos o toque de outras pessoas. Tentaram aplicar terapias para a dessensibilização da pele, na qual um terapeuta toca a pele com as próprias mãos, mas não conseguimos suportar aquilo. A dor era excruciante.

— Quando isso aconteceu?

Ele agarrou o volante com força.

— Faz dois anos. Disseram que eu tinha sorte por estar vivo e que, no passado, não seria possível repararem os danos. Olhe para mim. Ninguém diria que quase fui queimado vivo.

Ele arregaçou a manga da camisa e ergueu o braço. Sua pele era perfeita.

— Bem, mas se sua pele foi reparada...

— Meus nervos também.

— ...e seus nervos também, então por que...

— Há uma desconexão no meu cérebro. Meu cérebro percebe a dor quando sou tocado.

Pensei naquela situação.

— E quando você toca alguém?

— Só posso fazer isso se houver alguma barreira, como luvas, ou se usar minha jaqueta para impedir o toque direto.

— Como no dia em que você me empurrou para longe da explosão no shopping?

Ele confirmou com a cabeça.

— Você acha que vai superar isso algum dia? — Eu costumava sentir pena de mim mesma quando desejava os abraços de meus pais. Mas e Hyden, que não podia ser tocado por ninguém?

— Se for determinado que é algum tipo de fobia, é possível que eu supere. No entanto, eles não têm certeza.

Olhei para os painéis de propaganda caindo aos pedaços ao lado da estrada, pois ninguém mais tinha condições financeiras de alugar. Foi então que algo me ocorreu.

— Você criou a transferência de mentes e corpos para sua mãe e você, não foi? Foi por esse motivo que você a inventou.

Ele inalou o ar outra vez. Mas não o ouvi exalar.

— Esperava que tivesse muitas aplicações médicas. — Ele parecia exausto.

— Mas o que aconteceu?

— Ela morreu devido a complicações antes que eu conseguisse aperfeiçoar a técnica.

— Foi então que seu pai começou a ter outras ideias?

— Ele mentiu para mim sobre seus planos para a Prime — disse ele, bem devagar. — Quando percebi, já era tarde demais.

Continuamos na estrada por quase um quilômetro antes de o scanner detectar outro sinal.

— Está na direção sul. Saia da rodovia — eu disse.

Ele pegou a próxima saída e virou à direita. Dirigimos por mais ou menos um quilômetro e meio. O computador mostrou que estávamos perto.

Apontei para o outro lado da rua.

— Está vindo daquela direção.

Olhamos, mas não vimos nenhum Starter. Apenas Enders.

Ele virou à direita.

— Está no fim desta rua.

Vimos um Starter de cabelos escuros e estatura mediana, bonito, usando uma camisa xadrez desabotoada por cima de uma camiseta. Estava apoiado em um canteiro de concreto enorme, bebendo água de uma garrafa plástica.

Hyden diminuiu a marcha e estacionou o furgão enquanto observávamos o Starter.

— As roupas dele estão gastas — eu disse.

— O que deu em você agora? Virou fiscal de moda?

— Você sabe o que eu quero dizer. Ele não parece ser um ex-doador, um Metal.

— A maior parte deles voltou a morar nas ruas — disse Hyden. — É diferente do que aconteceu com você. Eles nem receberam o dinheiro que a Prime lhes prometeu quando fecharam a empresa.

Ele tinha razão e eu me senti uma idiota. Não estava julgando aquele garoto, apenas procurando pistas. Mas somente a aparência daqueles Starters nos servia como indício, e, agora que eu podia vê-lo num ângulo mais favorável, o garoto era quase perfeito. Ele rosqueou a tampa da garrafa de água e pendurou-a sobre o ombro.

Hyden desligou o carro.

— Fique aqui. Não saia.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele já havia descido e estava indo na direção do Starter.

Hyden tentou agir de forma casual, mas aquele garoto não retribuiu o sorriso que ele lhe deu. Estava nervoso, balançando a cabeça negativamente enquanto ouvia as perguntas de Hyden.

De repente, o Starter o empurrou e começou a correr pela rua. Hyden gemeu de dor, entretanto começou a correr atrás dele. Passei para o assento do motorista e comecei a segui-los.

Não sabia o que Hyden ia fazer quando apanhasse o garoto, porque ele não poderia tocá-lo. O Starter entrou em um beco sem saída e viu que estava acuado. Entrei com o furgão logo atrás de Hyden. O Starter deu meia-volta e começou a escalar um muro, mas Hyden estendeu a mão e encostou uma coisa pequena na nuca do rapaz, então apenas o objeto fez contato com ele. O Starter desmaiou.

Hyden envolveu as mãos com a jaqueta e, juntos, nós pegamos o garoto e o colocamos no furgão. Um Ender do outro lado do beco gritou alguma coisa, mas nós o ignoramos. Hyden entrou na traseira do furgão com o Metal enquanto eu assumi o volante.

— Vá — ordenou Hyden.

Comecei a dirigir.

— Para onde?

— Vá para a autoestrada.

Ajustei o navegador e me concentrei em atravessar aquelas ruas.

Depois de ouvir um ruído vindo da traseira do carro, senti a aproximação de alguém que se sentou no banco do passageiro, ao meu lado. Mas não era Hyden. Era o garoto da camisa xadrez.

Em pânico, sem querer virei o volante com força, invadindo a faixa ao lado.

— O que aconteceu com Hyden? — Virei-me e vi o corpo dele jogado no fundo do compartimento de carga.

O Camisa Xadrez segurou o volante com a mão esquerda.

— Tenha cuidado com meu carro.

Olhei para ele. Ele sorriu, e algo nele me pareceu familiar.

— Hyden? — perguntei.

— Sim — disse o Camisa Xadrez.

Estava tudo muito estranho.

— É você mesmo?

— Em carne e osso. Bem, na verdade, com a carne e o osso que peguei emprestados.

— O que pensa que está fazendo? Você tomou o controle do garoto.

— É para o próprio bem dele. Ele ia querer brigar. — Hyden tirou a mão do volante, mas indicou a estrada com um movimento de cabeça. — Preste atenção.

Entrei na rampa de acesso que levava à rodovia. Hyden colocou a mão em meu braço direito. Porém não era sua mão, era a mão do garoto de camisa xadrez. Tudo aquilo era esquisito demais. Eu nem sabia mais se confiava em Hyden. Imagina o quanto é preciso conhecer alguém que pode ser a pessoa que quiser!?

— Você está bem ali atrás? — Estiquei o pescoço para olhar mais uma vez o corpo de Hyden na traseira do furgão.

— Não precisa se preocupar.

— Qual é o nome dele? — perguntei.

— De quem?

— Do garoto que você está controlando.

Hyden começou a procurar em seus bolsos. Ele tirou uma carteira e olhou para um documento com identificação fotográfica de si mesmo.

— Jeremy Stone. — Ele examinou o restante da carteira. — Não tem muito dinheiro. Ou era um dos últimos doadores e não recebeu o dinheiro, ou gastou tudo que ganhou.

— Como você conseguiu entrar tão rápido em Jeremy?

— Tente adivinhar.

Comecei a pensar naquilo.

— Você tem um chip na cabeça.

— Fui o primeiro. Para testar minha invenção.

Sua mão continuou sobre meu braço, transmitindo calor para mim. Não queria gostar daquela sensação. Recusava-me a gostar. Mas o calor era inegável.

— Não é muito diferente do que seu pai fez. Ele usa uma máscara, e você está usando uma máscara que cobre seu corpo inteiro.

Ele manteve os olhos fixos na estrada. Imaginei que estivesse um pouco envergonhado. Se não estivesse, deveria estar.

— Você não gostaria de estar em meu lugar, Callie. Consegue imaginar alguém que detesta o próprio corpo? Sou um prisioneiro dentro dele.

Já fui prisioneira, quando estava na Instituição 37, e foi a pior época de minha vida. Muito pior do que morar em prédios abandonados. Mas consegui escapar.

Será que Hyden conseguiria?

— Todos os Metais são prisioneiros. Até conseguirmos derrotar seu pai.

Hyden percebeu que Jeremy não comia havia algum tempo porque logo sentiu uma fome imensa, e quis comprar *flash food* no drive-thru de uma lanchonete. Ele começou a ditar o pedido apenas para nós.

— Não! — gritei para a máquina que registrava os pedidos. — Queremos trinta de cada: hambúrgueres, batatas fritas e milk-shakes de chocolate. — Em seguida, olhei para Hyden. — Não podemos comprar comida apenas para nós dois. A comida fará com que confiem em nós.

Quando voltamos ao laboratório, ele hesitou antes de sair do furgão.

— Escute, não quero que os Metais me vejam no corpo de outro Starter. Seria estranho demais. — Ele me falou sobre uma sala privada onde eu poderia encontrá-lo. Saímos separadamente; levei as sacolas de comida. Os Metais ficaram tão empolgados ao ver a comida que não se importaram em perguntar por que eu não me sentaria com eles para jantar.

A sala secreta de Hyden tinha o dobro do tamanho dos quartos do alojamento, com uma cama e uma escrivaninha.

— Quer dizer que é aqui que você se esconde — eu disse, admirando a decoração. — Muito gentil de sua parte compartilhar esse segredo comigo.

Ele tirou um lençol de uma das prateleiras e abriu-o sobre o chão.

— Piquenique? — perguntei.

— Por que não?

Uma das paredes estava coberta com a imagem de um penhasco com vista para o oceano, e eu quase consegui sentir a maresia e os respingos do mar em meu rosto.

— É bonito — eu disse.

— Ajuda um pouco — disse ele, dando de ombros. — Mas não é de verdade.

Coloquei a comida sobre o pano que estava no chão. Ele continuou em pé e eu fiz o mesmo. Ele se aproximou de mim, mais perto do que jamais esteve antes, a menos de meio metro de distância. Estendeu as mãos para mim, com as palmas para cima, um convite ao toque.

— Callie.

Coloquei minhas mãos sobre as dele. Hyden fechou os olhos, como se estivesse saboreando a sensação.

Finalmente, ele abriu os olhos. Segurou minhas mãos, acariciou-as e, depois, girou suas mãos até que nossas mãos ficassem espelhadas, frente a frente. Deslizou os dedos por entre os meus e nossas mãos estavam entrelaçadas. Ficamos assim, de mãos dadas.

Meu coração estava batendo mais rápido. Afastei minhas mãos e dei um passo para trás.

— O que houve? — perguntou ele.

O rosto de Jeremy exibía uma expressão de confusão. Eu tinha que me acostumar com um conjunto inteiramente novo de expressões, já que não estava mais vendo os olhos, a testa e a boca de Hyden.

— É esquisito demais — eu disse, apontando para o corpo dele. Ele se aproximou.

— Por favor — disse ele, tocando o dorso de minha mão levemente com os dedos. — Vamos lá! Essa é a única maneira de eu tocar em você.

Não me movi. Queria ver o que ele faria em seguida.

— Vamos dar uma olhada neste corpo. — Hyden ergueu a camisa. — Ei, olhe essa barriga de tanquinho!

Ele fingiu estar surpreso com a boa condição física de Jeremy. Sorriu e soltou a camisa, cobrindo-se novamente.

Pegou minha mão e colocou-a gentilmente sobre a camisa, por cima do abdômen delineado.

Deixei-a ali por um momento. Em seguida, minha boca ficou seca e eu voltei a recolher o braço.

— O que foi? — perguntou ele.

— Não é você. Não quero fazer parte disso. — Fiz que não com a cabeça. — Você roubou o corpo dele.

Hyden baixou a cabeça. Não conseguia ver seu rosto, mas sua hesitação sugeria que ele estava em conflito.

— Isso é o melhor que eu posso fazer. Por dentro, sou a mesma pessoa que sempre fui. Sou eu quem está aqui. Você sabe disso.

Eu sabia, mas não tinha certeza de como me sentia em relação àquilo.

— O “eu” dentro dessa casca ainda sou eu. O que é que me define? Minha pele? Você sabe que pode ser mudada com tratamentos a laser. Músculos? Podem ser criados por estimulação microelétrica. Gordura? Desaparece com crioterapia. Espero que eu seja mais do que isso. Do que isto. — Ele agitou as mãos em frente ao corpo de Jeremy Stone. — Espero que eu seja aquilo que penso, o que acredito. O que sinto.

Ele levou a mão até meu rosto. Lentamente, deslizou o dedo por minha têmpora, até a lateral da bochecha.

— Sinto falta de poder tocar — sussurrou ele.

O dedo dele deslizou pelo meu rosto até chegar debaixo do queixo. Fechei os olhos e senti a carícia.

— Muito bom. — O toque era tão suave quanto um sopro de ar.

Eu me aproximei dele. Nossos lábios se encontraram, tocando-se em um beijo. Minha cabeça girou, sentindo a eletricidade.

Ficamos nos beijando até nossos lábios queimarem. Viajei para outro lugar, um lugar que nunca teria nada tão mundano quanto um nome. E, em seguida, me lembrei...

— Seu corpo.

Ele se afastou para me olhar com uma expressão sonolenta.

— O que tem meu corpo?

— Nós o deixamos no carro.



Eu já ouvira falar de pessoas que se esqueciam de bebês ou cachorros dentro do carro por acidente, antes da guerra, mas se esquecer do próprio corpo... essa era a primeira vez. Corremos até a garagem.

Hyden destrancou o furgão e abriu a porta traseira. Olhamos para o corpo dele, que continuava ali, deitado.

— Você ainda está respirando — eu disse.

— É claro que estou.

Era muito bizarro ver aquele corpo inerte. Hyden envolveu seu corpo com um cobertor.

— Sou muito fofo — disse Hyden.

— Que sem graça!

— Fico com a parte de cima e você segura os pés — disse ele.

Carregamos o corpo. Não foi difícil no início, no entanto, após um minuto, ele ficou dez vezes mais pesado. Hyden se apoiou contra a parede para que pudesse digitar o código que abriria a porta da garagem.

Quando entramos no elevador, Hyden bateu seu corpo verdadeiro, aquele que estávamos carregando, contra a parede.

— Cuidado — eu disse. — Ainda é seu corpo, se lembra?

— Eu sei.

— Não importa quantas pessoas você controle. Não pode mudar quem é.

Ele não tinha resposta para aquele argumento.

Meus braços começaram a arder pelo esforço de segurá-lo, mas não me atrevi a colocá-lo no chão.

Finalmente, as portas do elevador se abriram no piso do laboratório.

— Não tem ninguém aqui — sussurrei.

— Devem estar no refeitório — disse ele, em voz baixa.

Levamos o corpo até seu quarto privativo e o deixamos sobre o sofá. Hyden colocou o cobertor sobre suas pernas.

— Por quanto tempo você vai dormir?

— Por algumas horas. — Ele apontou para um pequeno adesivo em forma de disco no pescoço. — Ou mais.

— Você não está pensando em ficar nesse corpo, não é? — perguntei, indicando o tronco de Jeremy.

Ele me olhou nos olhos. Eu não sabia se estava lhe dando uma nova ideia, ou se ele sempre considerou essa hipótese.

— Resolveria vários problemas.

— Você não pode fazer isso! — falei com a firmeza que minha mãe usava nos momentos cruciais. Ele esfregou a testa e baixou os olhos.

— Não posso — disse ele, finalmente. — Nunca faria isso com Jeremy.

Meus ombros relaxaram.

— Ótimo.

Era muito estranho conversar com ele na forma de Jeremy, olhando para o verdadeiro corpo de Hyden descansando no sofá.

— Vamos ter que explicar isso ao grupo.

— Você pode dizer a eles.

— Por que não você?

— Você vai se sair bem melhor. Eles gostam mais de você do que de mim. — Ele forçou um sorriso com os lábios de Jeremy.

— Isso acontece porque eu escuto o que eles têm a dizer.

Meu telefone tocou. Olhei para o visor e vi que era Michael. Michael?

A regra era que não deveríamos entrar em contato por telefone, para que as ligações não pudessem ser rastreadas.

— Não atenda — disse Hyden.

— Deve ser importante. — Pressionei o botão para atender. — Michael? — eu disse no celular. — Onde você está?

— Estou em Flintridge — disse ele. — Em frente à velha biblioteca.

— Onde está Tyler?

— Com Eugénia, no chalé. Ele está bem.

Hyden se aproximou para acompanhar a conversa.

— Por que você saiu das montanhas? Era seguro lá. Ninguém consegue rastrear seu chip.

Ao ouvir aquilo, Hyden balançou a cabeça negativamente.

— Por que ele sairia de lá? — murmurou ele.

— É que eu me lembrei de uma coisa — disse Michael. — Algo que não aconteceu comigo, mas com meu inquilino. Precisava me afastar da casa para que a ligação não fosse rastreada até lá.

— Do que você se lembrou?

Hyden tirou o telefone de minha mão.

— Não diga mais nada — ele falou para Michael. — Vamos buscá-lo.

Ele apertou o botão para desligar o telefone e pegou a jaqueta que estava sobre o encosto de uma cadeira.

— Vamos trazê-lo para cá.



Quando chegamos ao prédio que abrigava a biblioteca de Flintridge, estacionamos do outro lado da rua. Em algum momento durante a Guerra dos Esporos, a biblioteca foi fechada e suas entradas e janelas foram cobertas com tapumes. Havia uma cerca de alambrado ao redor dela.

— Vou sozinha — eu disse a Hyden. — Fique aqui.

— Callie. — Hyden colocou a mão sobre a maçaneta da porta.

— Ele me conhece. Nunca chegou a conversar com você. E você nem é você mesmo neste momento — eu disse, olhando para o rosto de Jeremy. — Vou lá buscá-lo e logo estaremos de volta.

Desci do furgão e passei por baixo de um buraco na cerca. Um acampamento improvisado se estendia por todo o estacionamento. Barracas cheias de Starters sem família, e algumas que também abrigavam Enders na miséria, pois perderam todo o dinheiro havia algumas décadas.

Ter mais tempo de vida nem sempre é bom.

Alguns dos Starters olhavam para mim. Eu não me parecia mais com eles. Minhas roupas não estavam esfarrapadas. Meu rosto e minhas mãos estavam limpos. Não levava mais uma garrafa de água sobre o ombro, nem uma lanterna de pulso. E não era mais raquítica como eles.

Tentei não demonstrar medo, tentei não atrair ainda mais a atenção para mim mesma enquanto examinava aquelas pessoas.

Michael, onde você está? Por que não estava do lado de fora da cerca?

Passei por todo o estacionamento e depois voltei por onde vim. Alguém tocou em meu braço, pedindo dinheiro. Comecei a abrir minha bolsa e um mar de pessoas se formou à minha volta. Senti que estava cercada. Não foi uma decisão inteligente.

Eu estava com dificuldade para respirar. As pessoas agarravam meus braços, me puxando em várias direções.

— Por favor, parem — eu disse.

Joguei um pouco de dinheiro no chão. As notas se espalharam com o vento e a multidão saiu correndo atrás delas, me deixando livre para fugir.

Enquanto seguia na direção do carro, ouvi uma voz familiar em minha cabeça.

Menina Cal? Pode me ouvir? Sou eu, seu pai.

Soltei um gemido. Não se anime muito, pode ser mais uma armadilha do Velho.

— Sim, estou ouvindo você. — Parei de andar e me concentrei.

Estou vivo. Não se preocupe.

Era a voz dele. Mas, da outra vez, também foi assim.

Callie?

— Como vou saber que é realmente você? — Meu coração estava batendo com força. — Como posso ter certeza?

Lembra-se do que lhe dei no seu décimo aniversário? A bicicleta vermelha?

Gemi outra vez, surpresa. A bicicleta com o laço de fita enorme.

— Onde você a escondeu?

Na área de serviço, perto da máquina de lavar. Atrás da porta.

Meu coração saltou. Era ele.

— Onde você está? Quero ver você.

Eu sei. Também quero vê-la. Como está Tyler?

Lágrimas se formaram em meus olhos.

— Ele está bem. Sente muita saudade de você. Ele assistia ao seu holo todas as noites, mas nós o perdemos...

Está tudo bem, Menina Cal.

— Pai? Como você está fazendo isso? Como consegue falar comigo?

De repente, tudo ficou quieto. Senti o vácuo, a falta de qualquer som, o vazio. A sensação horrível de isolamento que, às vezes, acontecia. Ele se foi. Eu me sentia vazia por dentro, pior do que quando passava fome nas ruas.

Voltei a prestar atenção ao lugar onde estava. Várias pessoas formavam um semicírculo atrás de mim. Estavam me avaliando, a garota rica que falava sozinha. Será que eu era louca e perigosa? Ou alguém que poderiam atacar?

Quando olhei em seus olhos, eles avançaram.

Tive que correr até o carro. Hyden me viu e abriu a porta. Ele estendeu o braço forte de Jeremy para me pegar. Pulei para dentro do furgão e ele acelerou o carro, antes que eu conseguisse fechar a porta.

— Onde está Michael? — perguntou ele.

— Não sei. Não consegui encontrá-lo.

Fechei a porta. As pessoas que nos perseguiam eram uma mistura de Starters e Enders, todos vestindo farrapos. Parecia um bando de monstros perseguindo nosso carro, os rostos contorcidos pela raiva.

Não levamos muito tempo para deixá-los para trás. Eu queria contar a Hyden sobre meu pai, mas não era o momento certo.

— Use seu telefone. Ligue para ele — disse Hyden. — O risco vale a pena. Rápido!

Peguei meu telefone e liguei para o número dele. O telefone chamou e chamou.

— Ele não está atendendo.

A aerotela começou a bipar. Detectamos um sinal no rastreador de chips.

— Será que é ele? — perguntei, olhando para a tela.

— Vem da direção das montanhas — disse ele.

Dirigimos por um espaço curto de tempo, rastreando o sinal. Flintridge ficava no sopé das montanhas, por isso o chão ficou rapidamente acidentado. As casas começaram a rarear, e visualizamos extensões de terra onde algumas residências foram incineradas devido ao medo da contaminação por esporos.

Rezei para que o sinal fosse de Michael. Ficou mais alto, mais brilhante e piscou mais rápido.

— Estamos perto — eu disse. — Aqui.

— Onde?

— Ali na frente. — Apontei para um corpo que estava deitado em um dos terrenos calcinados.

Ele pisou com força no freio e eu saltei do carro. O corpo de Michael estava de bruços, com o rosto virado para baixo.

— Michael! — gritei.

Ajoelhei-me ao lado do corpo dele. Hyden se aproximou e ficou ao meu lado.

— Michael! — eu disse, mas não houve resposta.

Virei-o para cima e encostei minha orelha em seu peito. Ele estava quente.

— Ele está respirando — eu disse a Hyden. Uma sensação de impotência desesperada tomou conta de mim. Eu não sabia o que fazer. Era horrível vê-lo daquela maneira, desacordado e imóvel.

Apoiei a cabeça de Michael em meu colo.

— O que aconteceu?

— Tudo indica que alguém conseguiu tomar o controle do chip dele. Em seguida, a conexão caiu. É como se um telefonema fosse desligado repentinamente. — Ele olhou ao redor. — Não podemos ficar em um lugar tão aberto. Nós três temos chips. É quase como colocar um letreiro luminoso apontando para nós.

Olhei para o final da rua. Vi que algumas pessoas estavam vindo em nossa direção. Seriam camaradas? Ou não?

— Temos que carregá-lo — eu disse.

Fiquei muito feliz por Hyden estar no corpo de Jeremy; ter condições de tocar as pessoas sem precisar de qualquer barreira facilitava muito as coisas. Ele se abaixou para pegar Michael.

— Você já conhece o procedimento — disse ele.

Coloquei meus braços ao redor das pernas dele. A maior parte do peso ficou a cargo de Hyden.



Quando voltamos ao laboratório, Ernie assumiu o controle, carregando o corpo de Michael. Hyden lhe enviou um Zing explicando tudo.

— Então esse é o corpo que você tomou emprestado — disse Ernie, com um movimento afirmativo de cabeça. — Estava esperando que você fizesse isso.

Ernie colocou Michael em um dos quartos que ainda não estava ocupado. Uma dos Metais, Avery, examinou seu corpo, verificando os sinais vitais. Avery era pequena e gentil. Sua mãe era enfermeira.

— Todos os indicadores estão normais. Pressão arterial, temperatura. Às vezes, a única coisa que se pode fazer com um paciente é esperar. — Ela observou Hyden no corpo de Jeremy.

— Na verdade, este é Hyden — eu disse a ela.

— Eu sei. Ernie nos contou — completou ela.

Senti um toque de desaprovação naquele comentário. Mas ela era educada demais para dizer qualquer coisa diretamente.

— Vou ficar aqui com ele. Vocês podem ir — eu disse.

Depois que eles saíram, observei Michael, deitado na cama. Era muito bom poder vê-lo outra vez, mas não desse jeito tão vulnerável.

Será que ele voltaria para nós? O que aconteceu?

— Michael. — Segurei a mão dele. — Michael... — sussurrei, como se aquele som pudesse alcançar seu inconsciente.

Não funcionou.

Se alguém tomara o controle de seu corpo, já haveria desistido a essa hora. Então, por que ele não acordava?

Fiquei sentada na cama dele por mais algum tempo, pensando no quanto a vida era frágil. Pensando no que Hyden dissera sobre como nós somos mais do que simplesmente nossa carne. Limpei a testa de Michael com uma esponja e conversei em voz baixa com ele, me esforçando para evitar pensamentos negativos. Fiquei um pouco receosa, em dúvida se ele voltaria a acordar.

As pálpebras dele se agitaram.

— Michael?

Ele começou a espertar e se agitar, de um lado para o outro.

— Michael, sou eu, Callie.

Ele parou de se debater. Seus olhos se abriram. Ele olhou para o teto.

— Michael? — sussurrei.

Perguntei a mim mesma se aquele realmente era Michael. Ele apalpou a cama, como se estivesse tentando se orientar. Depois, olhou para mim.

— Callie?

Era ele.

— Sou eu, Michael. Como você está?

Ele ergueu o corpo, até ficar sentado. Estava encharcado de suor.

— Calma — eu disse.

Michael girou as pernas para a lateral da cama e ficou sentado, olhando para baixo.

— Minha cabeça dói.

— Como está se sentindo? Além da dor de cabeça.

— Meio confuso. Como se tivesse dormido por uns mil anos.

— Do que você se lembra?

Ele esfregou a testa.

— Conversamos ao telefone... — Ele parecia não saber, como se esperasse que eu confirmasse a informação.

— Sim. Você me ligou.

— Depois, eu comecei a procurar um lugar onde pudesse esperar por você. Havia muitas pessoas ao redor da biblioteca. Starters, Enders... fui para a rua. Depois... depois...

— O que houve?

— Depois, tudo ficou preto.

Hyden tinha razão; provavelmente alguém assumiu o controle do chip quando ele estava do lado de fora da biblioteca. Por quê? Será que nenhum de nós conseguiria estar seguro?

— E Tyler? Ele está bem?

Michael confirmou com a cabeça.

— Ele adora Eugenia. Não se preocupe. Ele está bem, Callie.

Alguém bateu na porta. Eu a abri e vi que Hyden e Avery estavam lá.

— Ouvimos vocês conversando — disse Hyden.

— Ele está bem? — perguntou Avery.

Eles entraram no quarto, falando baixo, como se estivessem visitando um paciente em um hospital.

— Ele parece estar bem — disse Hyden.

— Muito bem — concordou Avery.

— Esta é Avery — eu disse a Michael.

— E quem é ele? — perguntou Michael, olhando para Hyden dentro do corpo de Jeremy.

— Seu nome é Hyden — eu disse. Decidi que era mais fácil não explicar que ele não estava no próprio corpo.

Avery mediu a temperatura de Michael encostando-lhe um monitor na testa. Ele olhou para mim com as sobrancelhas erguidas e um sorriso.

— Como se sente? — ela perguntou.

Michael esfregou a cabeça.

— Essa dor de cabeça está me matando.

— Vou buscar um comprimido de ibuprofeno. E algo para comer, também. — Avery saiu do quarto.

— Callie disse que você tinha algo importante para nos contar. Algo sobre uma lembrança? — perguntou Hyden.

Michael deixou seu olhar se perder na distância, e não olhou diretamente para nenhum de nós.

— Aconteceu uma coisa muito estranha no chalé da montanha. Eu estava do lado de fora, observando Tyler enquanto ele pescava no lago, quando um flash surgiu diante de meu rosto, como se fosse um Xperience. Como se eu estivesse dentro do cinema. Era como se eu estivesse assistindo a um filme no qual eu fosse o ator... não, como se eu fosse a câmera. Era o meu ponto de vista enquanto eu caminhava pelo banco de corpos. Acabara de sair do banheiro e não me lembrava de onde ficava a saída. Entrei no corredor errado, fiz uma curva e vi um corpo magro em uma maca, completamente coberto com um lençol. Parecia ser uma mulher, uma mulher morta. A maca estava sendo puxada até uma porta de saída, e a pessoa que a puxava já havia passado pela porta. O lençol deslizou, revelando o rosto. Era uma Ender. Mas a parte estranha aconteceu logo depois. Na lembrança, não a reconheci. No entanto, como observador da lembrança, sabia quem era.

Ele olhou para mim.

— Era Helena.

Achei que era minha impressão, mas foi difícil escutar.

— Helena — eu repeti.

Michael confirmou com um movimento de cabeça.

— Eu a reconheci por causa de todos aqueles retratos na mansão. Mas, mesmo assim, na lembrança, olhei para cima e vi que era Trax quem empurrava a maca.

— Trax? Trax, o cara de óculos? — Eu me lembrei dos óculos de armação preta que ele usava. — O Ender nerd que cuidava de meus alugueis na Prime?

— Transposições. Chame de Transposições — disse Hyden, com a voz monótona. Estava um pouco abalado.

Michael olhou para ele e depois para mim, tão confuso quanto eu com a reação que Hyden demonstrou.

— Sim, aquele cara de óculos. De qualquer maneira, me afastei antes que ele pudesse me ver. Foi isso.

Hyden estava pálido. Parecia estar passando mal. Ele se levantou e saiu do quarto devagar.

— O que isso significa? — perguntou Michael.

— A lembrança pertence ao seu inquilino. — Esfreguei os braços. — Assim, deve ser isso que ele viu.

— Mas por que eu me lembraria?

— Está acontecendo com todos nós. Seu inquilino devia ter acabado de entrar em seu corpo. Depois, deu de cara com o que você viu. — Andei de um lado para o outro no quarto. — Ouvi Helena morrer em minha cabeça. Trax a matou.

— Você não sabe se é verdade. Pode ter sido outra pessoa. Ele poderia estar apenas retirando o corpo daquela sala.

— Ele estava escondendo o corpo — eu disse. — Na melhor das hipóteses, ele está envolvido.

Michael olhou para mim com olhos que imploravam, como se eu tivesse todas as respostas. Gostaria de tê-las.

— Por que temos as memórias deles? — perguntou Michael. — Não é o bastante darmos a eles nossos corpos para que possam usá-los?

Fechei meus olhos e concordei, silenciosamente.

Hyden me levou para a região central de Los Angeles, ainda no corpo de Jeremy. Michael quis vir, mas Hyden insistiu que apenas um número mínimo de Metais deveria se arriscar a ser detectado se estivesse fora do complexo. Olhei pela janela para a imensidão de cinzas e pichações.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou Hyden.

— Tenho que tentar — eu disse.

— Meu pai tem a tecnologia para recriar a voz de qualquer pessoa — disse ele. — Ele pode acessar velhos registros telefônicos, quaisquer gravações deixadas nas Páginas e extrapolá-los para criar novas frases. Você não pode confiar no que ouve. Você já sabe qual é a realidade, agora.

Contei a ele sobre meu pai ter conseguido me acessar. Como ele sabia sobre o presente de aniversário. Hyden me disse que aquilo era apenas uma manifestação de um de meus desejos, que era o pai dele, e não o meu, que estava falando em minha cabeça. Encostei a testa nas mãos, procurando, dentro de mim, uma maneira de convencê-lo. A sensação de vazio é pior quando ninguém entende o que você está passando.

— Não consigo evitar. — Afastei as mãos. — Se você estivesse em meu lugar, se amasse seu pai e ouvisse a voz dele dentro da cabeça, viva, você ia querer investigar, não é?

— Depois que você disse “se amasse seu pai”, não consegui mais acompanhar seu raciocínio.

Um suspiro escapou de meus lábios.

— Ele perguntou a respeito de Tyler.

— É fácil encontrar essa informação, até mesmo para uma pessoa normal. Entretanto você está lidando com meu pai. — Ele dizia “pai” como se o homem fosse um demônio.

— Mas parecia tanto com ele... sua maneira de falar... — Forcei minha mente em busca de qualquer resquício de esperança. — E ele foi desconectado. — Eu estava tentando me apegar a qualquer possibilidade e não ia desistir. — Se fosse seu pai, ele teria continuado por mais tempo. Bagunçaria ainda mais minha cabeça.

Hyden olhou para mim do mesmo jeito que alguém olha para uma criança que tenta ressuscitar um peixinho de aquário.

— Gostaria de poder convencê-la do quanto é perigoso estar lá fora — disse ele, apontando para a janela — com o sinal de seu chip anunciando sua presença aos quatro ventos, pronta para ser acessada por meu pai.

Ele estacionou ao lado de um grupo de prédios governamentais decorados com estátuas que um dia foram nobres e altivas, e que agora estavam dilapidadas e se desfazendo. Inspectores entediados se encarregavam de manter a fila de manifestantes atrás de cordas delimitadoras. Hyden pagou para entrar em um estacionamento subterrâneo. Subimos as escadas até o nível do chão e olhamos para o prédio com as enormes letras entalhadas na fachada, que diziam: *Departamento de Registros.*

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou Hyden.

Olhei para ele com minha melhor expressão “não faça perguntas” e subi as escadas.

No saguão, passamos por um detector de metais que examinava o corpo inteiro. O aparelho tocou um sinal de alerta quando passei por ele. Será que aquilo aconteceu por causa do chip? Comecei a suar. O que eu diria?

Uma das vigias fez um gesto para que eu ficasse ao lado do aparelho. Ela agitou a mão ao redor de meu corpo e parou sobre o bolso. Tirei algumas moedas de dólar.

Continuamos a caminhar e passamos por uma Starter encostada contra uma parede, no final de uma longa fila. Tinha os objetos típicos que um Starter carrega consigo: uma lanterna de pulso e uma garrafa de água presa sobre o ombro com uma correia, e vestia várias camadas de roupas velhas. Também tinha o corpo perfeito, o rosto de uma modelo e nenhuma imperfeição visível.

Metal? Se fosse examinada sob uma lente de aumento, talvez mostrasse sinais de ser uma Starter normal, como algumas cicatrizes de acne, algumas sardas no rosto.

Hyden olhou na direção dela e rapidamente desviou os olhos. Sorri para ele.

— Aposto que você adoraria examiná-la.

Um sorriso bem sutil surgiu em seus lábios.

— Acho que precisamos ir ao segundo andar — disse ele, apontando para a escadaria.

O prédio era muito antigo, e nenhum de nós confiava no Z-elevador. Alguns dos prédios mais novos tinham sistemas de energia baseados em zaprófitos, um sistema de energia complexo criado por plantas que se alimentam de fungos. A poeira dos esporos era um recurso temporário para que aquilo funcionasse, e algumas pessoas mais empreendedoras estavam transformando os limões que a vida lhes deu em limonada. A questão ainda era polêmica, pois alguns acreditavam que o mecanismo poderia liberar esporos contaminantes no ar. E aquela fonte de energia não duraria para sempre.

No segundo andar, depois de esperar na fila, finalmente conversamos com uma Ender no balcão. Havia uma aerotela antiga entre nós. As imagens que o aparelho produzia estavam desbotadas, arranhadas e malfeitas, assim como a própria Ender que nos atendeu.

— Ray Woodland, você disse? — perguntou ela com a voz arrastada.

— Sim, é meu pai.

— Mas ele é um Middle, não é? — disse ela.

Confirmei com um movimento de cabeça.

— Então, querida, ele se foi — disse ela, como se não fosse a primeira vez que tivesse que contar a um adolescente que seus pais estavam mortos. — Todos eles morreram.

— Nem todos — eu disse. — Conheço um Middle pessoalmente. E o que me diz dos astros de filmes antigos e dos políticos?

— Eles fazem parte de uma classe especial — disse ela, como se eu fosse uma criança. — Mas todos os outros... — Ela fez um sinal negativo com a cabeça.

— Pode procurar pelo registro dele, por favor? — disse Hyden.

Ela apertou os lábios e começou a mover os dedos pela aerotela. O aparelho funcionava devagar, e ela teve que repetir o processo algumas vezes.

Finalmente, ela encontrou um resultado. Tocou num ícone que revertia o texto para que eu pudesse lê-lo.

Ray Woodland, idade: 55 anos. Falecido.

No registro também constava seu endereço e profissão: “inventor”.

— Eu não... será que não há algum engano? — eu disse. — Havia tantos Middles antigamente. Deve haver algum erro.

Hyden olhou para mim. Sua expressão, no rosto de Jeremy, era muito triste. A Ender inclinou a cabeça.

— Lamento por sua perda, querida. De verdade. Vocês, Starters, precisam de respostas definitivas. Vou lhe mostrar algo que não deveria, mas...

Ela fez um movimento com os dedos diante dos lábios, como se os estivesse fechando com um zíper.

— Entendeu? — perguntou ela.

— Claro — eu disse.

Olhei para Hyden. Estávamos confusos.

— Esperem em frente àquela porta — disse ela.

A Ender indicou uma porta que estava a poucos metros de distância. Seguimos as instruções dela e, um minuto depois, ela abriu a porta e deixou que entrássemos.

Ela levou um dedo até os lábios. Concordamos com ela em silêncio e a seguimos até uma sala nos fundos, que estava cheia de Enders sentados atrás de escrivaninhas. Era uma visão tenebrosa, sem nenhuma luz além daquela emitida pelas aerotelas. Todas as telas mostravam cadáveres.

— É aqui que são registrados todos os dados das pessoas mortas. A maioria vem de instituições de tratamento — explicou a atendente.

Ela se inclinou sobre o ombro de uma das funcionárias e sussurrou em seu ouvido.

A funcionária digitou o nome de meu pai na aerotela, com a data de nascimento e o endereço, e uma imagem surgiu. Um homem, deitado em uma maca. Uma placa sobre seu peito mostrava seu nome e um número com vários dígitos. Seu rosto estava branco e imóvel.

— Ray Woodland — leu a atendente, recitando as informações que estavam na tela.

Meu pai. Morto. A esperança que senti pulsar dentro de mim desapareceu. Foi como se ele morresse pela segunda vez.

Cobri a boca com a mão. Lágrimas rolaram por meu rosto. Hyden colocou o braço ao redor de meus ombros. A atendente Ender olhou para mim e confirmou com a cabeça.

— É melhor ter respostas definitivas, querida. Agora, você sabe.

As palavras ardiam como se fossem ácido.

— Vamos embora — disse Hyden, em voz baixa.



Enquanto andávamos em direção às escadas, Hyden continuou com o braço ao redor de mim.

Na escadaria, ele parou e me encarou.

— Você está bem?

— É minha culpa.

Ele me deu um lenço de papel.

— Não, não é.

— Eu queria descobrir. — Enxuguei os olhos e me esforcei para transformar o sentimento em palavras. — Só não achava que a resposta seria essa.

— Eu sei — disse ele, me envolvendo em um abraço carinhoso.

Apoiei a cabeça no ombro dele e deixei as lágrimas caírem. Ele me abraçou com mais força, como se pudesse afastar a dor.

Não podia.

E também não podia afastar a sensação assustadora que tomou conta de mim quando a voz surgiu em minha cabeça.

Olá, Callie. Me desculpe interromper.

Afastei-me de Hyden.

— Quem está falando? — perguntei.

Um amigo.

Era uma voz masculina. Parecia ser um Middle. Imaginava quem era. Hyden me olhou com uma expressão questionadora.

Coloquei um dedo em frente aos lábios. Hyden estava disfarçado no corpo de Jeremy. A pessoa que estivesse controlando meu chip poderia ver através de meus olhos, porém veria Jeremy, um estranho.

Estou vendo que você está acompanhada de um amigo. Imagino que seja meu filho.

Suspirei. Era tarde demais e ele era inteligente demais. Hyden se afastou e ficou me observando; ele sabia o que estava acontecendo.

— Por que você não está usando a voz eletrônica desta vez? — perguntei a Brockman.

É pretensiosa demais. Decidi ser eu mesmo.

— Então, quer dizer que era você quem estava usando a voz de meu pai?

Ele ficou em silêncio por um momento.

O que você quer dizer com isso?

O lugar em que ficava a escadaria começou a ficar quente. Abafado. Puxei a gola da camiseta para arejar o corpo. Talvez não fosse ele quem estava fingindo ser o meu pai.

Está quente aí? Por que não sai para a rua?

— Por quê? Você quer que eu saia?

Hyden estava bufando. Cobri meus olhos para que seu pai não pudesse ver através deles.

Diga ao meu filho para parar de brincar com outros corpos, sim?

— Diga você mesmo — retruquei.

Tenho outra ideia.

Olhei para Hyden e fiz um sinal, dizendo que algo estava prestes a acontecer. Ouvimos passos abaixo de nós, nas escadas. O som continuou ecoando naquele espaço. Seja lá quem fosse, estava subindo até onde estávamos.

Está pronta?

Os pelos de minha nuca se eriçaram. Uma garota estava na escada. Nós a vimos antes. Era a Starter bonita que vimos no final da fila. Mas seus olhos tinham uma aparência vidrada, morta. Algo estava errado.

— Ela está sendo controlada! — gritei para Hyden.

Garota esperta.

— Cuidado!

A garota, provavelmente com um Ender dentro, correu em direção a Hyden com os cotovelos flexionados em uma posição de luta típica de artes marciais.

Faixa preta.

— Ela é faixa preta! — disse a Hyden.

Hyden, no corpo de Jeremy, se esquivou com habilidade. Ela bateu contra a parede.

— Jeremy também é — disse ele.

A Starter se virou e avançou sobre Hyden outra vez. Eles travaram os braços e começaram a medir forças e o controle que tinham sobre o próprio corpo.

Ela empurrou Hyden contra a parede e ele bateu a cabeça.

Enquanto lutavam, senti algo estranho. Olhei para minha mão. O dedo mínimo da mão direita se movia para cima e para baixo. Não devia ser algo muito assustador, exceto pelo fato de que...

...não era eu quem estava fazendo o movimento.

Viu isso? Sou eu quem está fazendo você se mover. Como se fosse um fantoche.

Meu coração começou a acelerar. Pelo menos, ele ainda estava sob meu controle. Forcei minha mão a ficar imóvel e me concentrei para fazer meus dedos ficarem rígidos como aço.

A Metal estava com as mãos ao redor do pescoço de Hyden, estrangulando-o. Corri até onde estavam e agarrei-a por trás, colocando os dois braços ao redor de sua cintura. Tirei-a de perto de Hyden.

— Segure os pés dela! — gritei.

Ela se debatia e esperneava, mas Hyden conseguiu agarrar seus tornozelos. Ela não era

pesada, então a carregamos pelas escadas.

— O que vamos fazer com ela? — perguntei.

— Vamos levá-la para o subsolo.

Ao passarmos pelo primeiro andar, continuamos a descer as escadas que levavam até o estacionamento subterrâneo. Ela parou de espernear e gritar.

— Já é o bastante? — perguntei.

— Desça mais um — disse ele.

Descemos até o nível inferior. Cortamos a transmissão e ela ficou inerte. Parecia estar bem mais pesada.

— Não está mais aqui — disse Hyden, indicando o corpo da garota.

— Quem? — perguntei.

— A pessoa que estava no controle. Um dos homens de meu pai.

Empurramos a porta com o pé e chegamos à área de estacionamento subterrâneo. Como não havia nenhum guarda nesse piso, nós a deitamos no chão.

— Vou pegar o furgão — disse ele.

Observei a garota que estava no chão. Tinha uma aparência bastante inofensiva e pacífica, os cabelos castanhos caídos por cima dos ombros. Ergui a mão e olhei para meu dedo mindinho.

Estava firme. Imóvel. Do jeito que deveria.

Não demorou muito até que Hyden chegasse com o furgão. Ele colocou a cabeça para fora da janela.

— Como vamos fazer isso? — perguntei.

Ele olhou para um ponto além do lugar onde eu estava.

— Oi — disse ele.

Virei-me e vi que a garota estava acordando e erguendo o corpo para se sentar.

Fui na direção dela.

— Oi. Meu nome é Callie.

Ela colocou as mãos no chão como se estivesse se preparando para atacar, não muito diferente de um gato selvagem. Aproximei-me um pouco mais.

— Está tudo bem. Sou como você. — Virei-me e levantei o cabelo para mostrar a cicatriz. — Está vendo?

— Você é uma Metal — disse ela, com um sotaque típico do sul dos Estados Unidos.

— Sim. E posso ajudá-la.

Ela relaxou.

— Você tem sonhos estranhos também? Não somente à noite? — perguntou ela, com os lábios trêmulos. — São muito estranhos.

— Sim, às vezes tenho — eu disse. — Venha comigo. Temos comida, e você ficará bem.

— Vocês têm comida?

— Supertrufas no carro — eu disse.

Ela apontou para o furgão.

— Tem Enders ali dentro?

— Não. Somente nós, Starters.

Ela se aproximou cautelosamente. Hyden continuou no banco do motorista e destrancou a porta traseira do lado do passageiro. Ela hesitou, olhando para mim com dúvidas nos olhos.

— Ele é legal. Está comigo — eu disse.

O olhar de Hyden cruzou com o meu, e a Starter entrou no furgão.

O nome da garota era Savannah. Comeu três Supertrufas enquanto estávamos no carro. Tivemos que impedi-la de comer mais doces antes que ficasse ainda mais faminta do que quando entrou.

— Vocês têm razão. Eu deveria saber — disse ela enquanto limpava a boca com as costas da mão. — Meu pai era nutricionista.

— Você sabe um pouco de medicina, então? — perguntei. Sempre poderíamos fazer bom uso de conhecimentos médicos.

— Muito. Minha mãe era cirurgiã — disse ela. — Eu queria estudar medicina, mas tudo mudou com a guerra.

— Por que decidi ir à Prime Destinations?

Ela enrijeceu o corpo. Olhou-me pelo canto dos olhos. Vi que estava tentando decidir se revelava sua história ou não.

— Tudo bem. Entendemos — eu disse. — Fui até lá para conseguir dinheiro para comprar uma casa para meu irmão doente. Ele tinha um problema respiratório e viver em um escritório abandonado só estava piorando sua saúde. Foi a única saída que encontrei.

— Eu não ia deixar os inspetores me pegarem. Vi quando levaram os outros garotos do quartirão — disse ela. — Eu poderia ter ficado na casa, mas o governo a condenou, dizendo que estava contaminada. Por isso, fui ao banco de corpos.

— Quando? — perguntou Hyden.

— Faz alguns meses — disse ela. — Mas alguns renegados acabaram roubando todo o meu dinheiro. Logo no primeiro dia em que voltei.

Confirmei com um aceno de cabeça. Já ouvira aquela história antes.

— Pelo jeito, isso não aconteceu com você — disse ela, observando o interior do furgão.

— Vamos ter bastante tempo para comparar nossas histórias — eu disse. — O mais importante, por enquanto, é que você pode confiar em nós.

Ela ergueu os joelhos até a altura do peito e os envolveu com os braços, encostando a cabeça contra a janela.

— Isso é muito bom. De verdade.



Quando chegamos ao laboratório com Savannah, puxei a camisa de Hyden. Falei em voz baixa:

— E quando você vai...? — Apontei para o corpo de Jeremy.

Ele deu de ombros.

— Uau, isso aqui é lindo! — disse Savannah quando entrou no salão principal. — Obrigada por

me trazerem para cá — disse ela, olhando para nós. — Quer dizer que essa é sua casa, Hy den?

— Sim. Por falar nisso, este não é meu corpo. Apenas o tomei emprestado — disse Hy den.

— Sério? Achei que apenas os Enders alugavam nossos corpos — disse ela, estreitando os olhos.

— Geralmente, é assim que acontece — disse Hy den.

— Onde está seu corpo? — perguntou ela.

— Em outro quarto — eu disse. — Por quê?

— Posso vê-lo? — perguntou ela.

Hy den fez menção de negar o pedido, mas o interrompi.

— Claro. Seria bom conhecer o verdadeiro Hy den.

Hy den me olhou, irritado. Eu sabia que ele não gostava muito da ideia, entretanto eu achava importante que nenhum Metal se sentisse excluído.

Fomos até o quarto. Lá estava ele, o verdadeiro Hy den, deitado na cama, dormindo, pálido e com a respiração bem suave.

— Há quanto tempo o corpo está assim? — perguntou Savannah.

— Não muito — disse Hy den.

— Se ficar assim por muito tempo, vai precisar de fluidos — disse Savannah.

— Eu sei — disse ele. — Vou cuidar disso.

— Ótimo — concordou ela. — É um corpo muito bonito, por sinal.

— Obrigado — disse Hy den.

Sua expressão de surpresa quase me fez rir.

— Vamos lá — eu disse, chamando-a para vir comigo. — Vamos encontrar um quarto para você.



Savannah não era exigente. Na verdade, ela estava tão exausta que adormeceu na cama enquanto fui buscar toalhas e produtos de higiene.

Voltei para o salão principal. Hy den estava lá.

Em seu próprio corpo.

Estava de costas para mim, no entanto, reconheci facilmente seus ombros musculosos e seus cabelos ondulados. Senti as pernas fraquejarem. Tudo estava de cabeça para baixo. Ele estava ali, mas estava longe. Era assim que as coisas deveriam ser; ele estava de volta ao seu lugar. Em seu próprio corpo.

Isso significava que não poderíamos mais nos tocar.

— Hyden? — sussurrei.

Ele se virou. Olhei para seu verdadeiro corpo, com aquele rosto que estava começando a conhecer, as feições bonitas e a expressão de dor nos olhos.

— O que foi?

— Você não esperou por mim? Simplesmente voltou ao seu corpo?

Ele inclinou a cabeça.

— Era o que você queria que eu fizesse. Ou não?

É claro que eu queria. Só foi abrupto demais. Em segredo, eu esperava por um último beijo ou um toque de despedida. Um pequeno momento de intimidade antes que ele voltasse a ser Hyden-Não-Me-Toque.

Mas era um desejo egoísta.

— Achei que talvez... — eu disse.

— Eu sei. Eu também achei — disse ele.

Parecia haver uma parede invisível entre nós. Finalmente, as palavras saíram.

— Imaginei que você fosse esperar por mim.

— Não pude. Já estava demorando demais. Savannah tinha razão, meu corpo precisaria de fluidos.

Ele estava agindo como se não se importasse, mas seus olhos cruzaram com os meus e traíram seus sentimentos. Ele desviou o olhar. O corpo de Jeremy estava deitado no sofá, ao lado da cama onde o corpo de Hyden estivera nos últimos dias. Ao lado de Jeremy, havia uma pequena aerotela.

— Está conectada com aquela que fica em seu carro? — perguntei.

— Psiu... — Hyden colocou um dedo na frente dos lábios.

As pálpebras de Jeremy se agitaram e seus lábios se moveram.

Ele estava acordando.

— Não vai fazer alguma coisa para controlá-lo? Ele pode se levantar e atacar — eu disse, discretamente.

— Vou chamar Ernie — disse ele, tirando o telefone do bolso e enviando um Zing.

Porém antes que Ernie chegasse, Jeremy abriu os olhos. Seu rosto demonstrou o pânico que sentia. Ele ergueu o corpo rapidamente, sentando-se no sofá, pressionando as costas contra o encosto. Sua cabeça se movia de um lado para o outro enquanto ele tentava entender onde estava.

— Está tudo bem, Jeremy — eu disse.

Hyden fez um gesto indicando que eu deveria ficar em silêncio, mas era tarde demais. Jeremy ouviu o que eu disse.

— Você? Quem é você? — perguntou ele, virando-se para olhar para mim.

Eu podia ter dito que aquela não era maneira de falar com uma garota que ele beijou, mas não

pegaria bem. Ele levou as mãos à cabeça, como se estivesse com a pior crise de enxaqueca do mundo.

— Meu nome é Callie.

— Não conheço nenhuma Callie.

Sua voz era forte. Parecia que ele estava dando ordens toda vez que falava.

— É verdade, você não me conhece. Posso lhe trazer alguma coisa? Quer um copo de água?

Ele começou a fazer que sim com a cabeça e parou, provavelmente por causa da dor.

— Sim.

Hyden indicou que ele mesmo cuidaria de buscar a água. Quando saiu do quarto, Jeremy o notou pela primeira vez.

— Quem é aquele? — perguntou Jeremy, apontando.

O cara que costumava ser você, eu quis dizer. Mas me contive.

— Aquele é Hyden. É um amigo.

— Acho que conheço aquele cara...

Eu não queria que ele pensasse sobre a luta na rua, quando Hyden o capturou.

— Não, você só está um pouco desorientado. Somos Metais, assim como você.

— Metais. Como eu... — Jeremy disse a si mesmo.

Hyden voltou com a água. Jeremy pegou o copo e engoliu tudo em um gole.

— Então vocês dois também têm o chip da Prime? — perguntou ele.

Fizemos que sim com a cabeça.

— O banco de corpos — disse ele. — Se algum dia eu vir o Velho, juro que vou quebrar aquele pescoço enrugado.

Olhei para Hyden, que não tirava os olhos de Jeremy.

— Você está em condições físicas excelentes — disse Hyden. — Quais habilidades você destacou na Prime?

— Treinei MMA e outras lutas — disse ele. — *Tae kwon do, kali, gatka*.

Hyden assentiu com um movimento curto.

Vimos as habilidades de Jeremy em ação. Letais. Optamos por não revelar muita coisa naquele momento. Era melhor que ele se acostumasse à situação gradualmente. Com exceção de meu chip adaptado, os chips impediam que um Metal matasse alguém enquanto estava sendo alugado. No entanto, duvidávamos que aquilo funcionaria quando não houvesse ninguém nos controlando. E esse não era o melhor momento para tentar descobrir isso.



Naquela noite, enquanto fazíamos nossos pratos na cozinha, Hyden se aproximou de mim por trás, mantendo uma distância segura, e sorriu.

— O que foi? — perguntei. — Toda essa alegria é por causa do *chili* que preparamos para hoje?

— Só queria dizer obrigado.

— Por quê?

— Por isso. Por me convencer de que devíamos reunir os Metais.

— Você se sente melhor por isso, não é? Viu como eu tinha razão?

— Sim. É bom ver todas essas pessoas protegidas da influência de meu pai. Fazendo parte de nossa comunidade — disse ele, sorrindo. — E, agora, temos cozinheiros melhores.

Revirei os olhos e fui até o outro lado da mesa para pegar o pão.

Sentei-me ao lado de Redmond. Hyden estava do outro lado da mesa, sentado de frente para Jeremy. Ao lado deles estava Lily, a acrobata, e Derek, conhecido por suas habilidades de alpinista. Ele tentava passar uma vasilha de salada para Savannah, mas ela estava ocupada, rindo com Michael. Ele terminara o jantar e a estava retratando em seu bloco de desenho. As outras mesas estavam os outros Metais.

Alguém bateu com um talher em seu copo de água e a conversa ficou mais baixa. Era Jeremy.

— Quero falar sobre lembranças — disse Jeremy ao grupo.

— As lembranças de nossos inquilinos, você diz? — perguntou Savannah.

— Sei que não sou o único que tem essas lembranças. Eu ouço coisas. Então, vamos colocar tudo às claras. Quem vai começar?

Savannah ergueu a mão.

— Minha inquilina queria meu corpo de faixa preta para bater em um ex-namorado, um Ender velho. Quando revivi aquela lembrança, fiquei chocada. Não sei o que ele fez a ela, mas minha inquilina ficou muito satisfeita.

Michael ergueu a mão.

— Meu inquilino era um Ender pervertido.

— Eu sei. Tive o prazer de conhecê-lo — eu disse, em voz baixa.

— Ele queria meus talentos artísticos para impressionar garotas Starters. Oferecia-se para desenhá-las — disse Michael.

— Peladas? — perguntou Jeremy.

— É claro.

Todos reagiram com nojo.

— Você deve ter lembranças bem interessantes — falou Jeremy.

— Não. Elas recusavam o que ele, quer dizer, eu oferecia — disse Michael. — Acho que perceberam as intenções daquele tarado.

Lily ergueu a mão.

— Minha inquilina era uma Ender de 100 anos que estava morrendo de câncer. Seu sonho era ser trapezista. Deu para sentir o quanto ela adorava aquilo, a leveza que se apoderou dela. Foi maravilhoso.

As pessoas murmuraram e depois voltaram a se ocupar com suas conversas particulares.

Redmond olhou para mim e falou suavemente.

— Você se lembra do pen drive que deixei para você no cofre?

— Aquele em que há um arquivo em que você explica como alterou meu chip? — respondi, discretamente. — O que tem ele?

— Você ainda o tem?

Por que ele estava me perguntando aquilo?

— Eu o guardei em um lugar seguro.

— Ótimo — disse ele, estreitando os olhos. — Mantenha-o bem guardado. Não o entregue a ninguém.

Vi tristeza por trás dos olhos dele, não tinha ideia do motivo.

— Preciso pedir um favor para você — eu disse.

— Não posso tirar o chip de sua cabeça, se é isso que você está pensando.

— Não é o chip. É a placa de metal que está em minha cabeça. A que você instalou para bloquear o sinal.

— Por quê?

— Não está mais funcionando.

— Eu lhe disse que duraria por pouco tempo.

— Então, quero que você a tire. Acho que está me dando alergia. Não consigo parar de coçá-la.

Ele afastou o prato.

— É melhor deixá-la onde está. Menos trauma para sua cabeça. Do jeito que foi instalada, a placa não lhe causará nenhum dano.

— A cabeça é minha e eu digo que, quanto menos metal, melhor.

Redmond apertou os lábios. Cruzei os braços. Não recuaria, mesmo sabendo que ele tinha razão. Eu achava que, se removêssemos a placa que cobria o local onde o chip fora inserido, estaríamos um pouco mais perto de remover o próprio chip... algum dia.



Redmond conseguiu a aprovação de Hyden para remover a placa. Fiz Michael vir comigo, para me dar apoio moral. Seguimos Redmond até uma pequena sala de cirurgia com uma pia,

frascos de produtos químicos e gavetas com instrumentos cirúrgicos. Enquanto Redmond preparava os instrumentos, um cheiro forte de medicamentos e desinfetantes fez meu nariz arder. Michael ficou por perto.

— Está pronta? — perguntou Redmond.

Confirmei com um aceno de cabeça. Ele fez com que eu deitasse de bruços sobre a maca, apoiando a cabeça em um buraco que havia na mesa de cirurgia. Não era nada confortável. O contorno de meu rosto aderiu a um protetor sanitário de papel enquanto Redmond colocava algo gelado na parte de trás de minha cabeça.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Aplicando tiras impermeáveis ao redor da placa para proteger seu cabelo.

— Mas a placa é minúscula. Parece que você está cobrindo minha cabeça inteira.

— Quanto maior for a barreira de proteção, mais seguro será.

— Isso vai machucá-la? — perguntou Michael.

— Não deveria — disse Redmond. — O procedimento não envolve cortes.

Queria que ele estivesse cortando a carne e removendo meu chip. Mas o que ele estava fazendo era quase tão bom quanto. Ouvi o som de um spray sendo acionado e senti o couro cabeludo ficar gelado.

— Isso aqui forma uma última camada protetora sobre o couro cabeludo para que o solvente que eu vou usar não a queime.

— Para que você vai usar o solvente?

Imaginei a expressão de Michael enquanto observava Redmond executando o procedimento. Deveria estar observando tudo com a fascinação de um experimento científico.

— É melhor você não desenhar isso, Michael — eu disse.

Ele tocou meu braço.

— Por falar nisso, onde está meu bloco de desenho?

— O adesivo usado para afixar essa pequena placa de metal à parte de trás do crânio tem que ser dissolvido para desintegrar sua estrutura. Era bem forte desde o início, por isso eu não queria removê-lo. — Ele acrescentou uma última frase para que eu realmente soubesse o que havia pedido: — Portanto, é necessário usar um solvente à base de ácido.

— Ande logo com isso — eu disse.

— Certo. Bem, não se mexa.

Ouvi o solvente espumando e o senti borbulhando perto de minhas orelhas. Um odor pungente encheu meu nariz.

— Credo! — disse Michael. Imaginei que ele estivesse abanando o ar na frente do rosto.

— Não chegue muito perto — disse Redmond a Michael. — É apenas uma pinça para que eu possa segurar a placa e arrancá-la.

Em seguida, senti Redmond puxando o metal.

— O lado esquerdo está solto... falta apenas o direito.

Redmond continuou trabalhando, e, então, senti a placa se soltar.

— Pronto. Já retirei — disse ele. — Brilhante! Agora vou limpar a área.

Era minha imaginação, é claro, mas eu me sentia mais leve. Michael tocou meu braço.

— Bom trabalho — disse ele.

Quando Redmond se virou para pegar o soro fisiológico, uma sirene estridente começou a soar no corredor.

— O que é isso? — gritei para Redmond, tentando suplantiar o barulho e fazer com que ele me ouvisse.

— Alarme de segurança. Fique aqui.

Ele saiu correndo da sala e fechou a porta.

Sentei-me na maca.

— Acho que é melhor não se mexer, Cal — disse Michael, nervoso.

Minha garganta começou a arranhar e outro cheiro se misturou com o cheiro dos medicamentos e desinfetantes na sala. Tossi. Michael e eu trocamos olhares preocupados. Ele tossiu também.

Olhei para cima e vi uma névoa esbranquiçada entrando pelos dutos de ventilação, como se fosse o hálito de um dragão.

Levantei-me rapidamente da mesa de cirurgia e peguei uma toalha. Molhei-a com água fria e entreguei-a para Michael.

— Cubra sua boca com isso.

Molhei outra para mim. A toalha bloqueava a fumaça, mas mesmo assim não era fácil respirar.

Do lado de fora, no corredor, a fumaça entrava por todos os dutos de ventilação, e o odor acabou nos dominando. Michael me acompanhava de perto.

— Redmond! — gritei, afastando a toalha da boca por um segundo. Não ouvia nada além do alarme que ecoava pelos corredores, pulsando em meus ouvidos.

Meus olhos ardiam com aquele ar enevoado. Não enxergava nem meio metro à minha frente. Avancei tateando as paredes do corredor com a mão que ainda estava livre.

— Redmond! — gritou Michael, por cima do alarme. — Hyden!

Olhei por sobre o ombro, porém a fumaça estava tão densa que não conseguia nem ver o Michael atrás de mim. O barulho, a fumaça, não ver o Michael... tudo isso estava entorpecendo meus sentidos. De repente, alguém agarrou meu braço. Com força.

Não era ninguém que eu conhecia.

Era um Ender musculoso, usando uma máscara de gás que o deixava parecido com um alienígena grandalhão. Tinha um ZipTaser em uma das mãos e uma pistola leve presa ao cinto.

Posicionei o pé logo atrás da perna dele para que perdesse o equilíbrio, mas ele resistiu. Michael tentou me ajudar, e o Ender o golpeou com a coroa do ZipTaser e ele caiu. Larguei a toalha e usei as duas mãos para tentar me desvencilhar do Ender, entretanto ele era forte e logo estava segurando meus dois pulsos. E agora, sem a toalha, o gás malcheiroso fazia minha cabeça girar.

O Ender mirou o ZipTaser contra mim. Consegui desviar assim que o Taser disparou, e o dardo com os eletrodos queimou a parede.

Ele me balançou com força. Eu estava a poucos centímetros daquele rosto coberto pela máscara, fraca por causa do gás. Subitamente, os olhos dele se arregalaram, surpresos, e ele caiu no chão. Ernie estava atrás dele com uma arma na mão e uma máscara de gás sobre o rosto. O alarme deve ter disfarçado o som da pistola de Ernie. Ele arrancou a máscara do rosto do Ender e entregou-a para mim. Hesitei por apenas um segundo. A ideia de conseguir respirar superava o nojo que eu sentia.

— Está tudo bem? — perguntou Ernie, com a voz abafada pela máscara de gás.

Puxei uma mecha de cabelo que havia ficado presa dentro da máscara e confirmei com um aceno de cabeça.

— Michael. Ele está ferido — eu disse, apontando para trás.

— Mais alguém por aqui? — perguntou Ernie.

Fiz que não com a cabeça.

— Onde está Hyden?

— Ele está bem. Mas capturaram os outros — disse Ernie, passando por mim e procurando Michael no meio da fumaça.

— Todos? — perguntei a mim mesma.

Minha pele estava úmida e pegajosa. Olhei para o Ender que fora alvejado.

— Desgraçado! — exclamei, olhando para seu corpo.

Ele abriu os olhos e soltei um gemido de surpresa. Ele estendeu a mão e agarrou meu tornozelo.

— Ernie! — gritei. Tentei desvencilhar minhas pernas, mas o Ender me segurava com força.

Nosso guarda-costas Middle retornou, com a arma empunhada, e Michael logo atrás de si. Ernie se curvou e apontou a arma para a cabeça do Ender.

— Solte-a, agora!

O Ender me soltou e caiu para trás, exausto pelo esforço.

— Callie, saia daí! — ordenou Ernie, fazendo um gesto com a cabeça.

Afastei-me do Ender, e Michael colocou o braço ao redor de mim. A fumaça havia se dissipado o suficiente para que Ernie e eu pudéssemos remover nossas máscaras.

— Para quem você trabalha? — perguntou Ernie ao Ender.

Ele continuou em silêncio, com um olhar de resignação fixo no rosto.

— Escute aqui, vovô. Você está se esvaindo em sangue e a situação só está piorando a cada segundo que passa. Eu diria que você tem apenas mais uns sessenta segundos — disse Ernie, e enfiou a mão no bolso. — Está vendo isso aqui? — Ele exibiu uma seringa. — Isso vai estancar seu sangramento.

O Ender se empertigou, seus olhos estavam esbugalhados e alertas.

— Isso aqui vai salvar essa sua vida miserável. Basta você falar. Quem foi que o mandou até aqui?

Olhei para Michael. Será que o Ender falaria alguma coisa?

Os lábios do Ender começaram a se mover.

— Brockman — disse ele, tossindo.

— O que ele vai fazer com nossos Metais? — perguntou Ernie. — Explodi-los?

Ele negou com um movimento de cabeça.

— Vendê-los... caro... — E estendeu a mão em direção à seringa. — Me dê...

Ernie afastou o braço, tirando-o do alcance do Ender.

— Quando?

O rosto do Ender se contorceu em uma careta por causa da dor.

— Dez... dias.

- Para quem ele vai vendê-los?
- Para os Enders... mais ricos... do mundo.
- Onde?
- A seringa... — O Ender estendeu a mão.

Ernie olhou para seu relógio e acionou a seringa com um movimento rápido de seu polegar. O Ender nem chegou a gemer.

- Onde? — perguntou Ernie, aproximando o rosto do dele. — Onde vai ser o leilão?

Os olhos do Ender ficaram embaçados e sua cabeça pendeu para o lado.

- Onde fica o laboratório de Brockman? — Ernie balançou o Ender.

- Ernie — eu disse, tocando-lhe o ombro. — Acho que ele morreu.

- A seringa não funcionou — disse Michael.

- Sim, eu sabia que não funcionaria. Mas, pelo menos, serviu para ele desembuchar.

Ele se levantou e avançou pelo corredor enquanto Michael e eu o seguimos até o laboratório principal. Hyden apareceu com uma enorme bolsa preta de viagem no ombro. Redmond estava logo atrás dele.

- Levaram todos os Metais — eu disse, com a voz arrastada.

— Nem todos — disse Hyden, com tristeza nos olhos. — Você ainda está aqui. Por sorte, você estava na sala de cirurgia.

Chegamos até o outro lado do laboratório. Assim que comecei a me perguntar por que Ernie estava nos levando a um beco sem saída, Hyden bateu na parede e uma porta secreta se abriu, revelando um corredor estreito. Entramos e a porta se fechou atrás de nós com um clique.

Hyden abriu uma porta e nós subimos as escadas correndo. Tentei contar os lances de escada e logo desisti. Eu estava resfolegante, tentando respirar. Ernie colocou o braço por baixo do meu e me ajudou a vencer o restante do caminho. Redmond, por ser um Ender, também ofegava. Estava ficando para trás no percurso.

Finalmente, chegamos até o final do último lance de escada. Hyden digitou uma senha em outro teclado, e uma porta de aço deslizou, dando acesso à garagem. Ela se fechou às nossas costas, mascarando totalmente a última passagem.

Chegamos até a garagem e estávamos perto do furgão quando a porta do elevador se abriu. Dois Enders com máscaras de gás e pistolas saíram por ela. Um deles era bem alto, com uma longa cabeleira branca, parecido com um viking.

Hyden indicou a Ernie que deveria colocar Michael e eu no furgão. Sentei no banco do passageiro, Michael ficou no banco traseiro e Hyden pulou para o assento do motorista. Redmond estava vindo, correndo a toda velocidade, mas foi agarrado por trás pelo Ender alto.

Ernie saltou para ajudá-lo, mas o Ender mais baixo mirou sua pistola e acertou Ernie em cheio.

- Não! — gritei.

Redmond se virou para enfrentar seu agressor de cabelos compridos, e os dois se

engalfinharam. A arma disparou e Redmond caiu no chão, atingido no coração.

Gritei o nome de Redmond. Hyden também estava gritando, porém eu não consegui compreender suas palavras.

Ernie agarrou a porta do furgão e colocou o pé sobre o degrau de acesso. Michael se esticou para fora e segurou-o pelo braço.

Os homens começaram a correr em nossa direção. Hyden engatou a marcha a ré e acelerou, saindo da garagem enquanto Michael trazia Ernie para o banco traseiro. Hyden pressionou o botão da porta da garagem e ela começou a se levantar.

Os Enders correram para tentar nos alcançar. Estavam quase chegando à porta da garagem quando nosso furgão saiu.

Hyden pressionou o botão novamente, e a porta se fechou com uma velocidade cinco vezes maior do que o normal. O Ender de cabelos compridos ficou preso na porta, que caiu sobre ele como se fosse uma guilhotina. Desviei o olhar e me concentrei na arma que ele levava nas mãos. Ela voou pelos ares e girou no chão quando caiu.

Meu estômago se revirou.

— Não olhe — disse Michael.

Hyden acelerou e se afastou do esconderijo.

Olhei para Michael pelo espelho retrovisor. Seu rosto estava pálido.

— Redmond... — Minha voz estava embargada. Cobri a boca com a mão enquanto as lágrimas enchiam meus olhos.

— Eu sei — disse Hyden.

Todos ficaram em silêncio por um momento enquanto eu soluçava por trás da palma de minha mão.

— Ele morreu rápido — prosseguiu ele, logo em seguida.

Assenti. Ernie gemeu no banco traseiro.

— Callie, preciso que vocês dois cuidem de Ernie — disse Hyden.

Michael estava sentado ao lado de Ernie. Eu sabia que Hyden queria apenas que eu afastasse a morte de Redmond de minha mente. Consegui me recompor e virei-me; vi nosso guarda-costas esparramado no banco traseiro, com a mão sobre o coração. Seu paletó estava manchado de sangue.

Comecei a ficar enjoada, mas me inclinei por cima do assento para conseguir vê-lo melhor.

— Está vendo o ferimento? — perguntei a Michael.

Michael abriu com cuidado o paletó de Ernie para procurar. O buraco da bala estava num ponto alto do peito, longe do coração.

— Está alojada no ombro — eu disse a Hyden, aliviada. — Não seria melhor aplicar pressão?

Michael colocou as mãos sobre o ferimento e o apertou.

— Ele precisa de um médico — falou Hyden, mantendo os olhos fixos na estrada.

Ernie fez que não com a cabeça, tentando ser forte. Contudo não conseguiu evitar uma careta provocada pela dor.

— Ele não quer — disse Michael a Hyden.

— A decisão final é minha. Esse é um dos únicos privilégios de ser chefe — disse Hyden.

Hyden dirigia em alta velocidade. O sistema de navegação nos levou até o Hospital das Irmãs da Misericórdia em poucos minutos. Estacionamos em frente ao hospital, passando por flores de plástico colocadas em canteiros. Era outro hospital que mal conseguia manter suas contas em dia, uma vítima de nossos tempos. Paramos o furgão em frente à entrada de emergência. Ernie suava e seus olhos estavam desfocados. Michael o amparava, colocando a mão sobre o ombro dele.

— Você vai ficar bem. — Tentei ser confiante. — Já chegamos.

Ernie sacou sua arma e apontou-a para Hyden.

— Pare o carro — ordenou Ernie.

Hyden parou o carro um pouco antes da zona de acesso para os pacientes.

— Vou levar você lá para dentro — contestou Hyden. — Você está ferido.

— Sangrar faz parte de meu trabalho. — Ernie agitou a arma para enfatizar suas palavras.

— Pare com esse drama, Ernie — disse Hyden. — Nós dois sabemos que você não vai atirar em mim.

— Metais não podem ficar esperando em um hospital. Eles podem estar atrás de vocês. — Ernie se esforçava para pronunciar as palavras. — Ou vocês fazem as coisas do jeito que eu quero, ou então não vão fazer nada.

Hyden concordou. Michael e eu saímos do carro, abrimos a porta ao lado de Ernie e o ajudamos a sair. Ele se encostou na parede perto da entrada de emergência e guardou a arma no coldre.

— Me desculpe por não conseguir salvar Redmond — disse Ernie.

— Ei, cara, você tentou — acrescentou Michael, dando palmadinhas amistosas no antebraço de Ernie.

— Você nos salvou, Ernie. Obrigada. — Queria que ele ficasse bem. Apertei sua mão. — Fique bem.

— Caiam fora daqui — ordenou ele, com um sorriso discreto.

Ele se despediu com um gesto e nós entramos no furgão. Observei um auxiliar de enfermagem sair do hospital trazendo uma cadeira de rodas para Ernie.

— Ele é durão — disse Hyden, guiando o carro rumo à rodovia, em direção ao leste. — Vai entrar em contato assim que puder.

Percebi um sinal de dúvida em sua voz. Hyden agarrava o volante como se aquilo servisse para lhe dar mais firmeza. Talvez por não poder tocar as pessoas, era mais difícil deixar que elas tocassem seu coração. Eu sabia que ele se importava com Ernie e com Redmond, entretanto ele não deixava esses sentimentos transparecerem.

Olhei para Michael. Ele parecia estar tão traumatizado quanto eu. Senti uma coceira se espalhando por todo o rosto. Cocei minha bochecha.

— Não faça isso — disse Hyden. — Não toque em seu rosto.

Ele abriu um painel perto do teto do veículo e tirou um estojo de primeiros socorros. Pegou dois sachês brancos de dentro deles, cada um mais ou menos do tamanho da palma de minha mão. Jogou-os para mim.

— Abra.

Entreguei um para Michael. A única coisa que estava impressa na embalagem era o nome longo de um composto químico que eu não reconhecia. Abri o pacote e tirei um lenço umedecido de dentro.

— Limpe o rosto primeiro. Não se esqueça da área do nariz. Depois, limpe as mãos, pernas e qualquer área onde a pele estava exposta.

Pressionei o lenço frio contra o rosto.

— A sensação é boa.

— Ele neutraliza o resíduo da maioria dos gases.

Michael se limpou com o lenço umedecido.

— O que aquele gás faria conosco?

Hyden fez que não com a cabeça.

— Você não vai querer saber. Acredite em mim.

— Pobre Redmond! — Limpei o rosto e o resto da pele exposta.

— Se lhe serve de consolo, ele teria se matado se fosse obrigado a trabalhar para meu pai — disse Hyden.

Uma sensação de vazio parecia corroer minhas entranhas. Como na ocasião em que usaram fumaça no prédio onde morávamos e nós perdemos tudo, incluindo as últimas fotos de nossos pais. Um sentimento de desespero tomou conta de mim, um impulso de ir imediatamente ao encontro de meu irmão menor, tomá-lo nos braços e segurá-lo com força contra meu corpo.

— Preciso ver meu irmão — eu falei, abruptamente.

— Você vai levar os homens de meu pai até o chalé.

— Ele tem razão, Cal — disse Michael.

Hyden acionou o rastreador de chips.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Rastreamento — respondeu ele, como se fosse óbvio.

Ele acionou um botão e o piloto automático do carro entrou em ação, permitindo que ele tirasse as mãos do volante.

— É a hora certa de fazer isso? — perguntou Michael.

— Estou tentando ver se consigo captar os sinais deles — explicou Hyden, quando a aerotela foi ativada. — Eles estão com todos os nossos Metais. O radar vai ficar parecido com uma árvore

de Natal.

— Quer dizer que poderemos recuperá-los? — perguntei.

— A ideia é essa — disse Hy den.

Observei a tela enquanto Hy den operava os sensores, ampliando a área de busca. Michael colocou a cabeça entre os assentos para observar a tela mais de perto.

O diagrama quadriculado estava inerte. Depois de algum tempo, Hy den passou a mão por ele, borrando os contornos das imagens.

— Eles são espertos demais — disse Hy den com um toque de cinismo na voz. — Têm a mesma proteção que nós. — Ele suspirou. — Desapareceram! — Hy den deu um tapa no volante. — Todos aqueles Metais... eles dependiam de mim.

— O que vamos fazer? — perguntei.

— Não sei. Não podemos voltar ao laboratório.

Ele desligou o piloto automático e continuamos a rodar por mais alguns quilômetros. Virei o rosto para trás e vi que Michael estava dormindo.

— Pode erguer o painel que separa os compartimentos? — sussurrei para Hy den.

Hy den olhou pelo espelho retrovisor e apertou um botão. Um painel de *plexiplast* se ergueu do chão, encaixando-se em uma ranhura no teto e fazendo com que fosse impossível que Michael ouvisse nossa conversa, caso acordasse.

— O que houve? — Hy den me perguntou.

— Quando estivemos no Departamento de Registros, quando seu pai acessou minha cabeça, ele fez algo novo.

— O quê?

— Ele conseguiu me controlar.

— Como?

— Ele conseguiu movimentar meu dedo mínimo. Contra minha vontade.

— Por que você não me disse isso antes?

— Não tivemos um momento a sós desde que aquilo aconteceu, não é?

— Mas isso mostra que ele continua desenvolvendo sua tecnologia. Preciso saber dessas coisas.

— Bem, agora você sabe. — Toquei a parte de trás de minha cabeça e, logo depois, parei. — E há mais uma coisa que não tive tempo de lhe contar.

— O quê? — Ele estreitou os olhos.

— Ele não admitiu que estava manipulando a voz de meu pai quando o confrontei.

— Ele é assim mesmo.

— Não. Ele sempre se vangloria de tudo que faz.

— Ele está querendo abalar você. Esqueça isso.

Hy den saiu da rodovia e pegou uma rua lateral. Depois de pouco tempo, estávamos passando

ao largo do leito seco do rio Los Angeles. Hyden subiu na calçada com o furgão e passou por um buraco que dava acesso ao canal. Descemos por uma rampa íngreme até chegarmos ao piso de concreto do canal que servia como escoadouro do rio.

— Hyden? — perguntei, me segurando em uma alça no painel.

Michael acordou e bateu contra o painel de *plexiplast* entre nós. Hyden o baixou.

— O que você está fazendo?

— O Departamento de Água e Luz construiu essa rampa há vários anos. Estamos descendo por ela.

Ele guiou o furgão por um túnel auxiliar que surgiu à nossa frente.

— Por quê? Para onde estamos indo? — perguntei, me agarrando ainda com mais força na alça.

— Para um lugar subterrâneo que seja seguro — respondeu Hyden enquanto guiava o carro cada vez mais para baixo, passando por um nível após o outro. — E que tenha um banheiro.

Quando chegamos ao fundo, era como se estivéssemos em outro mundo. Havia um enorme mercado improvisado com todos os tipos de Starters e Enders.

Um Starter esfarrapado correu até nosso carro com uma garrafa e pedaços de pano nas mãos.

— Cuidado! — gritei para Hyden, para que não atropelasse o garoto.

— Está tudo bem — disse Hyden. — Ele está fazendo isso para evitar resíduos da poeira dos esporos.

O Starter esfregou o carro de Hyden, molhando-o com o seu spray enquanto ainda avançávamos rumo a um lugar onde podíamos estacionar.

Desembarcamos e Hyden lhe deu um dólar.

— Que lugar é esse? — perguntei.

— É o Mercado de Pulgas do Povo. Só vamos passar por aqui por causa do banheiro que há nos fundos — disse Hyden.

— O que estamos esperando? — perguntou Michael enquanto caminhávamos rumo à entrada.

Uma mulher Ender com um lenço amarrado ao redor da cabeça e um vestido florido verde estava sentada em uma mesa com uma placa onde se lia *Pague aqui*. Hyden colocou três notas sobre a mesa e ela abriu o portão da entrada, feito com uma antiga placa de “Proibido virar à direita”.

— Divirtam-se — disse ela, com um brilho nos olhos.

Havia algo familiar nela. No entanto, não era a mulher, e sim o lenço que ela usava na cabeça. Minha mãe tinha um igual àquele.

Segui Hyden, junto com Michael, atordoada, entorpecida e, sem dúvida, ainda sentindo os efeitos do choque ao escapar do tiroteio. Passamos como sonâmbulos pelos vendedores sentados em cobertores ou cadeiras dobráveis atrás de mesas que expunham fragmentos estranhos da vida, alguns de muitos anos atrás.

Michael percebeu uma peça grande e achatada de metal que estava sobre uma das mesas.

— O que é isso?

O vendedor era um Ender excêntrico e seus longos cabelos brancos estavam amarrados em várias tranças pequenas. Ele se animou quando demonstramos interesse pelo que vendia.

— Chama-se “laptop”. É um computador.

— Quer dizer que essa coisa grande é uma aerotela? — perguntei. — É como as pessoas costumavam acessar as Páginas antigamente?

— As pessoas não as chamavam de Páginas naquela época — disse Hyden. — Naqueles tempos, as pessoas também não documentavam cada minuto de sua vida como nós fazemos hoje.

— Nem todos nós — observou Michael.

O vendedor sorriu e tocou o objeto de metal, abrindo-o. Era ainda maior do que parecia.

— Olhem só as teclas — eu disse. — É como uma máquina de escrever. — Fiz um sinal de “joia” para o vendedor. — Obrigada por nos mostrar. — Continuamos avançando pelo mercado.

— O que é uma máquina de escrever? — perguntou Michael.

— Você não viu nos filmes antigos? — Lembrei-me dos que assisti com meu pai. Na próxima vez que eu os assistisse, ele não estaria ao meu lado.

— Por que chamavam aquilo de “laptop”?

— Vem do inglês, a junção das palavras “lap”, que significa “colo”, e “top”, que significa “em cima”. Originalmente, foi planejado para que as pessoas o usassem sobre o colo — explicou Hyden. — Mas ninguém fazia isso.

— Por que eles estão aqui, e não lá fora? — perguntei.

— Eles são parte das pessoas do submundo — disse Hyden. — Starters e Enders com medo de outro ataque ou de resíduos dos esporos.

— Mas eles não foram vacinados? — perguntou Michael.

— Nem todos. E a vacina não pode protegê-los de um novo ataque com armas biológicas — disse Hyden.

Armas biológicas. Ataque. Resíduos dos esporos. Comecei a ficar zozna.



Lavei o rosto no banheiro e enxuguei as mãos com os guardanapos de papel que estavam empilhados com capricho no canto da pia. A mulher com o lenço na cabeça devia ter surrupiado aqueles guardanapos de vendedores de cachorro-quente. Enquanto estava ali, sozinha, as mortes no laboratório finalmente me atingiram como se fossem um soco no estômago desferido por um renegado. Era surreal estar aqui, nesse mercado de pulgas, depois de tudo o que passamos.

Redmond. Ernie.

Voltei para junto de Michael e Hyden na área onde vendiam comida. Eles compraram garrafas de água e bolotas de chocolate que tentavam se passar por Supertrufas, com uma

quantidade mínima de vitaminas, apenas para poder dizer que continham alguma coisa.

Hyden jogou uma para mim.

— Aqui, pegue.

Peguei o chocolate. Ele jogou também a garrafa de água, mas não consegui apanhá-la e ela caiu no chão. Michael a recolheu e entregou-a para mim. Fiquei ali, sem me mover.

— O que há de errado? — perguntou Hyden.

— O que é que não está errado? — eu disse.

Ele se aproximou e retirou com cuidado o chocolate de minha mão, desembulhando-o e estendendo-o para que eu o pegasse. Eu o apanhei sem tocar em Hyden, tirei um pequeno pedaço e o mastiguei lentamente.

— Vamos lá, diga.

A Supertrufa fajuta desceu seca pela minha garganta.

— Eu quero a minha vida de volta — respondi.

Hyden olhou fixamente para mim. Michael também.

— Só passei duas semanas com meu irmão vivendo como se fôssemos uma família normal, em uma casa de verdade, e agora ele está lá nas montanhas e eu estou aqui, embaixo da terra, imaginando se algum dia conseguirei vê-lo de novo. Eu deveria dar uma vida a ele, não uma babá. E, do jeito que as coisas estão indo, duvido que tenhamos muita chance de viver para ver o dia de amanhã.

Hyden se aproximou.

— Quero a mesma coisa que você. Viver em liberdade. Quero que todos sejam livres. Mas agora não dá. Temos que dar um passo de cada vez, entende?

Desviei o olhar dele.

— Não perdemos tudo que tínhamos — disse Hyden.

Engoli em seco. Como ele era capaz de dizer uma coisa dessas?

— Não perdemos mesmo, Callie. Redmond morreu e perdemos os Metais. Lily, Savannah, Jeremy e os outros.

Pensei no perigo que eles estavam correndo. Não importa o que aquele Ender disse antes de morrer. O pai de Hyden sempre poderia transformá-los em bombas humanas.

— Mas nós vamos fazer tudo para trazê-los de volta. Eu tenho uma bolsa preparada com os equipamentos essenciais. E dinheiro — falou Hyden, apontando para o carro, onde ele guardou a enorme bolsa de viagem preta. — Os estudos, eu posso recriar. — Ele apontou para a própria cabeça.

— Mas seu laboratório, os computadores... — eu disse.

— Eles não pegaram meus computadores — explicou ele. — Eu tinha um dispositivo que explodiria os computadores se o laboratório fosse invadido.

— Então, você os perdeu.

— Deixem eu mostrar uma coisa para vocês — disse Hyden.

Nós o seguimos até a saída do mercado de pulgas e fomos até o furgão.

— Tenho o scanner para rastrear os chips. E tenho equipamentos de reserva, também. — Ele apontou para o carro. — O furgão é um laboratório portátil.

— Como assim?

Ele abriu a porta traseira do veículo. Havia uma poltrona reclinável de couro instalada no compartimento de carga, ocupando toda a largura deste. Tinha um formato que permitiria a uma pessoa ficar sentada nela com as pernas flexionadas. Hyden colocou a mão por trás do assento e ergueu a tampa de um painel, revelando um megacomputador.

Michael soltou um assobio baixo.

— Não é só um detector de Metais.

Certo, já era alguma coisa. Mas não era motivo para comemoração.

Hyden inclinou a cabeça.

— Você tem razão, Callie. A situação não é nada boa. Nem para os Metais, nem para Redmond. Mas não desista.

Olhei de Hyden para Michael. A força deles começou a me contagiar. E me deu um pouco de esperança.



Dormimos no furgão: Hyden na frente, Michael e eu na traseira. Fiquei adormecida pelo que pareceram horas, tentando encontrar uma posição confortável, sem travesseiros e sem cobertor, e acordei no escuro, me sentindo desorientada. Eu podia ouvir a respiração rítmica de Hyden e Michael. O interior do veículo estava escuro, com apenas alguns pontos de luz acesos no painel e no interior do carro, brilhando como vermes luminescentes dentro de uma caverna. Pelas janelas cobertas com a película plástica, vi a placa com a palavra “Fechado” que a mulher com o lenço na cabeça pendurou na entrada do mercado, e vários vendedores cobriram seus produtos com toalhas e farrapos. Outros espaços não estavam tão vazios. Vários dos vendedores dormiam em seus carros estacionados, para que pudessem vigiar o mercado.

Enquanto eu olhava pelo vidro, meus olhos se concentraram na própria janela do furgão e minha visão ficou embaçada. Quando consegui focar novamente a visão, era como se a janela fosse uma tela, e parecia haver uma cena nela que logo me envolveu. Eu estava no Club Rune, na pista de dança, passando pelos “adolescentes” glamorosos, em sua maioria inquilinos Enders em corpos de doadores, exatamente como Helena e eu. Fui até o bar e mostrei ao barman o holo de uma garota. Era Emma, a neta desaparecida de Helena: loira e bonita, com o nariz elegante de Helena e o mesmo queixo forte.

Era outra lembrança de Helena que se desenrolava à minha frente; um pouco diferente desta vez, mais visual. Quando estava usando meu corpo, ela deve ter ido até o Club Rune para perguntar a respeito de Emma. O barman simplesmente olhou para o holo e balançou a cabeça em sinal negativo. Senti uma tristeza profunda despedaçar meu coração.

A tristeza de Helena, um momento preservado do passado, estava congelada em meus bancos de memória. Eu não estava apenas revivendo aquela lembrança; eu a sentia como se fosse minha.

A visão desapareceu e eu estava novamente no carro, olhando pela janela, com uma lágrima rolando pelo rosto. Helena esteve lá há dois meses; essa era a idade daquela lembrança. E, agora, voltava à superfície.

Eu tinha muitas de minhas próprias lembranças tristes desde o tempo da Guerra dos Esporos, entretanto as memórias de Helena estavam cravando as garras em mim. Ela tinha uma determinação intensa, um desespero, uma paixão irrefreável pela ideia de encontrar Emma. Encontrar suas respostas. Ela não desistiria. Como eu poderia fazer aquilo?



— Tive outra lembrança daquelas ontem à noite — eu disse na manhã seguinte.

Acordamos mais ou menos no mesmo horário, com mau hálito e as roupas amarrotadas. Eu estava na traseira do carro com Michael, apoiada sobre o cotovelo. Hyden levantou o encosto do banco do motorista até a posição normal e desembaraçou o cabelo com as mãos.

— Um ataque de memórias? — perguntou Hyden.

— Sim. E isso me fez pensar em meu pai.

Michael colocou a mão em meu ombro.

— É difícil, Cal — disse ele. — Nós passamos por muitas perdas. Você sabe como isso acaba virando tudo de cabeça para baixo.

— Eu sei, mas...

— Callie, lembre-se do que vimos no Departamento de Registros — disse Hyden.

— É só uma sensação. Não consigo me livrar dela.

— O que você quer fazer? — perguntou Hyden.

Olhei para cada um deles.

— Quero ir para a minha casa.

Hyden, Michael e eu dirigimos pelas ruas do bairro no vale ao norte de Los Angeles onde Michael e eu crescemos. Hoje em dia, o lugar é um subúrbio abandonado. Passamos várias casas, com todas as entradas cobertas por tapumes e marcadas com tinta vermelha. Algumas diziam “Mudou-se”, porém a palavra “Condenada” era a mais comum.

Estar aqui me fez lembrar da época horrível em que nossos pais contraíram a doença transmitida por esporos. De como os inspetores vieram tirá-los de casa para levá-los a centros de tratamento onde, na realidade, não receberiam tratamento nenhum. Eram lugares em que as pessoas iam para esperar a morte chegar. De como os Starters eram levados para instituições, a menos que tivessem avós que se responsabilizassem por eles. Eram as casas de meus amigos e vizinhos, as famílias Surratt, Perry e Roger. Todas vazias agora, com jardins cobertos pelo capim alto e seco, e avisos de condenação colados em cada uma das portas. Eram essas as casas onde eu ia pedir doces no Halloween, onde as famílias faziam churrasco no jardim e celebravam aniversários.

Agora, era como se o lugar tivesse sido dominado por zumbis.

Toquei a parte de trás de minha cabeça. Passamos pela casa de Michael e ele se virou para olhá-la. Não consegui identificar a expressão em seu rosto; acho que era exatamente isso que ele queria.

— Quer parar aqui? — perguntei.

Ele fez que não com a cabeça. Hyden olhou para mim.

— É a casa onde ele morava.

Hyden assentiu.

— Vocês eram vizinhos.

— Sim — eu disse. — Mas não passávamos muito tempo...

— Não saíamos juntos — completou Michael.

Hyden assentiu outra vez.

— Entendo.

Circulamos em silêncio por mais alguns quarteirões. Apontei para a direita.

— É ali.

Ele estacionou em frente à minha casa. Uma cerca de arame que corria ao redor do perímetro estrangulava as roseiras.

As rosas premiadas de minha mãe estavam mortas; as roseiras eram apenas esqueletos espinhosos que se erguiam em busca de alguém que pudesse salvá-las. Alguém que nunca veio.

Tive que engolir muitas e muitas lágrimas. Michael estendeu a mão por cima do encosto do assento e acariciou meu ombro.

— Está pronta? — perguntou ele.

Respirei fundo.

— Vamos lá. — Coloquei a mão na maçaneta da porta do carro.

— Espere — disse Hyden.

— Por quê?

Ele me entregou uma máscara de gás. E jogou outra para Michael, no banco de trás.

A ideia de usar uma máscara como aquela em minha casa me deixou enjoada.

— Não vou usar essa coisa. É a minha casa. — Esse era o lugar onde minhas melhores amigas já vieram passar a noite. Onde fiz e assei brownies. Onde comia pizza toda sexta-feira à noite. Não era um lugar onde se usaria máscaras de gás.

— Pode ser perigoso. Mesmo que não haja resíduos de esporos, os produtos químicos que usaram para desinfetar a casa podem ser nocivos — explicou ele.

Michael estava ajustando sua máscara de gás.

— Ele tem razão.

Hyden lhe passou um par de luvas.

— Não quero saber. — Abri a porta e saí do carro enquanto eles estavam colocando o equipamento.

Hyden e Michael me seguiram. Hyden começou a trabalhar rapidamente com um alicate de corte para abrir um buraco na cerca de arame. Michael vigiava a rua, sempre alerta, caso algum renegado resolvesse se aproximar. Mas não havia nenhum sinal de vida; nem mesmo um esquilo.

Conforme caminhamos pela calçada, meu passo ficava cada vez mais lento. Minha casa. Nós brincamos nesse jardim, e ele já esteve cheio de vida e risos. Agora, estava envolto em um silêncio lúgubre. O gramado verde e exuberante onde meu pai jogava bola com Tyler virou um emaranhado de trepadeiras amarelas e quebradiças.

Chegamos à porta de entrada. Várias tábuas foram pregadas nela, bloqueando a entrada. A palavra “Condenada” estava pintada sobre as tábuas em tinta vermelha como sangue. Uma melodia alegre quebrou o silêncio, assustando os garotos. Era o pequeno holo emoldurado de minha mãe, ativado por nossa presença. Ela costumava mudar as imagens de acordo com as estações, e essa, em particular, tinha uma foto onde nós aparecíamos — meu pai, ela, Tyler e eu — sorrindo, segurando um enorme coração de cartolina. Ao final da melodia curta, dizíamos em coro: “Bem-vindos”.

Um pouco da tinta vermelha havia respingado sobre a moldura que captava a energia solar.

Minhas pernas fraquejaram.

Michael olhou para mim.

— Quer levá-la?

Fiz que sim com a cabeça. Ele tirou um canivete do bolso e arrancou-a da parede.

— Aqui está.

Guardei-a na bolsa.

Hyden desenrolou as mangas para cobrir os braços até a altura das luvas.

— Vocês deveriam fazer o mesmo — aconselhou ele. — Qual é a melhor maneira de entrar?

Eu os levei à porta dos fundos. O quintal parecia um cemitério com grama pardacenta e os brinquedos de Tyler jogados por todo lado — uma bicicleta pequena, um robô de metal quebrado. Fomos até a porta dos fundos e eu agitei minha mão em frente ao sensor de entrada.

A porta não se abriu.

— Não vai funcionar sem eletricidade — disse Hyden.

Michael usou sua faca para arrombar a fechadura. Hyden abriu a porta com ajuda do alicate de corte. Juntos, eles a abriram.

Estava escuro dentro da casa. Ela continuava do mesmo jeito em que a deixamos, no dia em que Tyler e eu tivemos que fugir dos inspetores. O sol lutava para ultrapassar o tecido das cortinas, lançando uma luz amarelada e mortiça sobre nossos pertences. Precisávamos de lanternas de pulso, porém não as utilizávamos mais.

Michael afastou uma das cortinas da cozinha.

— Por onde você quer começar?

— Pelo escritório de meu pai — eu disse.

Afastei a tentação de pegar todos os objetos de valor sentimental que havia na casa: o último suéter que minha mãe estava tricotando, o último livro que meu pai estava lendo, um quadro com os sapatinhos que Tyler usou quando era bebê, e meu último boletim escolar com notas boas afixado na geladeira. Tínhamos que nos concentrar. Examinamos com cuidado os papéis e documentos de meu pai, seu sistema de arquivos. Hyden pegou a aerotela de meu pai.

— Está esgotada. Preciso carregar a bateria — disse Hyden.

Fiz um gesto.

— Vamos levá-la daqui.

Passamos mais tempo no escritório do que Hyden achava prudente, examinando caixas e gavetas. Não encontramos nada que nos desse qualquer indicação sobre onde ele poderia estar ou se ainda estava vivo.

Estávamos quase prontos para sair. Eu havia enchido uma caixa com alguns objetos e lembranças, e estava tentando decidir se deveria levar uma das pastas de arquivos de meu pai. Hyden observou por cima de meu ombro enquanto eu folheava os papéis e cartões de visita que a pasta continha.

— Espere. Pare — disse ele.

Ele tirou um cartão de dentro da pasta.

A animação holográfica foi acionada, uma batida compassada começou a soar e Starters dançavam no alto do cartão.

— O que é isso? — perguntou Michael.

— Esse é o Club Rune — respondeu Hyden.

Ele tinha razão; as palavras no cartão diziam tudo.

Um lugar onde você pode ser outra pessoa.

Onde conheci Madison e Blake.

Ficamos olhando para o cartão.

— Club Rune? Mas... meu pai?

Não podia imaginar o motivo pelo qual meu pai teria um cartão do Club Rune. Era um lugar frequentado por inquilinos e adolescentes comuns. O que um Middle, especialmente meu pai, faria lá?

Hyden pegou a caixa.

— Temos que ir embora.

— Só mais um minuto — eu disse. — Por favor.

— Não é seguro estarmos aqui, nós três — argumentou Hyden.

— Ei, dê um minuto a ela, cara — Michael apoiou uma caixa pesada que estava segurando contra o quadril.

— Vocês não entendem — disse Hyden, colocando a caixa que segurava no chão. — Estou dizendo isso porque sei como o *chipspace* funciona.

— É você que não entende. — Michael praticamente jogou sua caixa no chão. — Que tal pensar um pouco nela? Você nem é capaz de tocá-la, a menos que esteja ocupando o corpo de alguém.

Prendi a respiração e fitei os dois rapazes com os olhos arregalados.

— Michael!

Hyden ficou paralisado. Eu não respirava. Os dois estavam tensos, quase como dois animais, prontos para saltar um sobre o outro.

— Não — disse Hyden, entristecido. — Ele tem razão.

— Hyden... — eu falei, querendo muito poder abraçá-lo.

Ele pegou a caixa.

— Vá em frente, Callie. Vamos esperar por você lá fora.

Ele saiu. Michael olhou para mim.

— Não precisa se apressar — acrescentou ele, antes de ir atrás de Hyden.

Suspirei enquanto estava no meio do escritório de meu pai. O que eu devia fazer com meus últimos e preciosos minutos ali? Queria algo que tivesse pertencido a ele, mas o quê?

Um dos relógios de meu pai estava sobre uma pilha de papéis em sua escrivaninha. Era antigo, como os que apareciam nos velhos filmes que ele adorava. Tinha dois deles; eram raros. Objetos de colecionador.

Coloquei-o em meu pulso. Era grande demais. Pesado. Tirei-o e o pus de volta na mesa. Meus olhos examinaram a sala desesperadamente e pararam na estante de livros. No topo, perto da beirada, estava seu velho chapéu. Usei uma vara de pescar para alcançá-lo. Trouxe-o até meu nariz e respirei fundo. Ainda tinha o cheiro dele, um cheiro amadeirado, natural. Segurei-o junto ao meu rosto, imaginando que ele estava ali comigo.

Será que eu conseguiria me lembrar daquele cheiro? Registrá-lo para que me lembrasse dele quando sentisse saudade do seu abraço?

Afastei o rosto do chapéu e acariciei o feltro. Ainda mantinha seu formato antigo. No entanto, não substituiu meu pai.

Deixei-o ao lado do relógio para que ficassem juntos.



O centro de Los Angeles, à noite, variava de rua para rua de acordo com as pessoas que as ocupavam. Em geral, era tudo tranquilo, mas procuramos evitar os manifestantes que estavam acampados em frente à prefeitura.

Quando chegamos ao nosso destino, Hyden passou com o furgão por entre a fila de carros estacionados na calçada e foi até a entrada de um estacionamento pago.

— Chegamos? — perguntou Michael.

Confirmei com um aceno de cabeça e olhei para a danceteria onde tantas coisas aconteceram comigo. Nunca imaginei que voltaria lá.

— Bem-vindos ao Club Rune — disse o manobrista Ender que nos recebeu com um sorriso.

— Não precisamos estacionar — eu disse ao Ender quando desembarquei. — Ele só veio nos deixar aqui.

Fiz um gesto para Hyden, e Michael e eu saímos do furgão.

— Divirtam-se — disse Hyden pela janela, antes de ir embora.

Perguntei a mim mesma o que ele estaria pensando. Ele e Michael não disseram uma palavra sobre a discussão que tiveram em minha casa.

Homens.

No caminho, paramos para comprar tecnotrages de última moda para ter certeza de que nos deixariam entrar. Michael vestia uma bela jaqueta preta brilhante que mudava de cor e textura quando ele se movia. Eu estava usando um vestido curto feito de tecido holográfico tridimensional. Quando a luz incidia sobre a roupa, o design da peça se movia e se transformava. Folhas verdes caíam por ele agora, e se transformavam em borboletas vermelhas esvoaçantes.

Embora a Prime estivesse fechada e a indústria de alugueis de corpos houvesse desaparecido, a aparência geral dos frequentadores não havia mudado. Dois tipos de adolescentes compunham a clientela: aqueles com a pele manchada e cabelos desgrehnados, e os que pareciam ser esculpidos a laser, sem qualquer imperfeição. Isso poderia acontecer por causa de cirurgias cosméticas custeadas por suas famílias ou pela Prime. Ou podiam ser naturalmente bonitos.

Um Ender ultra-hip, com cabelos prateados esculpidos, uma blusa justa de gola rulê e calça preta falou em seu intercomunicador discreto preso ao ouvido enquanto estava postado em frente à corda de veludo que bloqueava a entrada. Ele parou de falar e olhou para nós.

— É a primeira vez que vêm aqui? — perguntou ele.

— Muito engraçado — eu disse com um tom de voz tão esnobe e seco que o Ender não se atreveu a barrar nossa entrada.

Dois porteiros Enders, usando uniformes, abriram as enormes portas da entrada para nós. Isso sempre dava a sensação de estar entrando em um templo egípcio. Até as portas se fecharem atrás de nós.

Lasers cortavam o ar no salão escuro, golpeando com as cores de joias preciosas a pista de dança. As músicas mais recentes do gênero *hybrid fusion* tocavam alto, tornando difícil até o ato de pensar.

— Ainda continua igual — eu disse, tentando suplantar a música.

— Acho que entendo por que Hyden preferiu não entrar — disse Michael.

Hyden não conseguiria enfrentar todas aquelas pessoas juntas. Porém o lugar também não era agradável para Michael. Ele preferiria desenhar essa multidão em vez de fazer parte dela.

Um garçom, cujo sexo não conseguimos identificar, passou por nós carregando uma bandeja com coquetéis azuis cintilantes, que deixavam uma trilha de fumaça branca para trás. Mais adiante, uma garota em traje de banho saiu de uma fonte instalada na parede. A água parecia ser feita de óleo dourado, e, quando ela emergiu, sua pele estava coberta pela substância, tornando-a semelhante a uma estátua de ouro.

Passamos pelo astrobar e fomos até o *lounge*. Não estava tão cheio quanto o salão principal, mas, mesmo assim, ainda tinha bastante gente. As poltronas antigas estavam cheias de Starters lindos. Eles poderiam ter nascido daquele jeitinho mesmo.

— Conseguiu reconhecer alguém? — perguntei a Michael.

— Não. E não tem ninguém que eu queira conhecer.

Decidimos que, além de procurar pistas sobre o motivo que levou meu pai a vir até aqui, recrutáramos quaisquer bons Metaís que encontrássemos. Será que estaríamos apanhando-os para Brockman outra vez? Esperávamos que não.

Caminhamos pelo espaço do *lounge*.

— Que tal aquela ali? — Michael indicou uma garota linda, de corpo esguio, com cabelos loiros e lisos.

Ela estava encostada contra uma das colunas espelhadas. Eu me lembrava do rosto dela. Era uma das doadoras e chegou quando estávamos fechando as portas do banco de corpos. Claro, era sua inquilina que estava no controle naquele momento.

— Você conversa com ela — ele me disse.

— Venha comigo.

— Vai ser mais fácil se você for sozinha. A chance de assustá-la é menor.

Ele foi até o bar e eu me aproximei da garota. Dei uma olhada em meu celular, que estava guardado na bolsa. Meu aparelho identificou o aparelho dela como sendo o celular de Daphne. Eu me aproximei mais um pouco e sorri.

— Oi, Daphne.

Ela me olhou com uma expressão entediada.

— Eu deveria conhecer você?

Bem, ela não era a Starter mais gentil da danceteria.

— Mais ou menos. Estamos ligadas pelo banco de corpos. Somos quase irmãs — eu disse.

— Ah! — Os olhos dela se arregalaram. — Aquela empresa. Não quero nem me lembrar daquele lugar sujo.

— Eu sei. — Em seguida, decidi pressionar um pouco. — Mas penso na Prime, às vezes. Não consigo evitar. Algumas lembranças acabam surgindo. Isso acontece com você também?

— Lembranças de minha inquilina? Sim — disse ela, e tomou um gole de sua água com gás. — Já tive várias vezes uns flashbacks, e neles estou me equilibrando em uma corda bamba estendida sobre um desfiladeiro. Sou ginasta, não equilibrista. Consegue imaginar que eles deixaram que ela me usasse dessa maneira? Minha inquilina obviamente não tinha medo de altura, mas eu tenho, com certeza.

— Não é nada bom. Talvez algum dia alguém saiba como remover nossos chips.

— Pegaria uma faca e o arrancaria com minhas próprias mãos, se sobrevivesse ao processo.

Ginasta e corajosa.

— Como você está se virando desde que deram um fim na Prime? — perguntei. — Está vivendo bem?

— Fui esperta. Guardei meu dinheiro.

As roupas dela pareciam ser novas, sua aparência era saudável e conseguiu passar pela inspeção dos porteiros do clube. Seja lá o que estivesse fazendo, estava se dando bem.

— Há quanto tempo você frequenta o Rune?

— Há alguns meses. Me falaram daqui depois que comecei a trabalhar para a Prime.

Ela não seria de muita ajuda se eu quisesse encontrar meu pai, pois começara a vir à danceteria havia pouco tempo. Porém era um dos poucos Metais remanescentes que ainda podíamos resgatar.

— Deixe eu apresentá-la ao meu amigo — eu disse.

Eu a levei até onde Michael estava e deixei os dois conversando. Fui falar com a única pessoa que geralmente conhece todos os frequentadores da casa: o barman. Como todos os outros funcionários, ele era um Ender de cabelos brancos. Era alto e tinha o corpo esguio, com um brinco na orelha. Seu rosto amigável me era muito familiar. Talvez porque conversei com ele na primeira vez em que vim ao clube, quando Helena estava me alugando? Não, era mais recente. Estava nas memórias de Helena. A lembrança de quando ela mostrou o holo de Emma para o barman.

Pedi um refrigerante e mostrei a ele o holo emoldurado de minha família, que arrancamos da porta da frente da casa.

— Você reconhece este Middle?

— É difícil esquecer um Middle — disse ele, enquanto enxugava um copo. — São poucos os

que vêm aqui.

Meu coração começou a bater mais rápido, mas tentei manter a calma.

— Você o viu?

Ele pegou o holo de minha mão e observou-o por um momento. Depois, olhou para mim.

— Você é filha dele?

— Sim.

— Qual é seu nome, querida?

— Callie Woodland. Ele se chama Ray.

O barman se inclinou por cima do balcão e examinou minhas feições.

— São os mesmos olhos. — Ele largou a toalha. — Eu estava esperando que alguém aparecesse. Venha comigo.

Eu não sabia o que estava acontecendo e esperei enquanto ele saía de trás do bar. Será que deveria acompanhar esse Ender que acabara de conhecer?

— Está tudo bem — disse ele, discretamente, como se percebesse minha preocupação. — Vamos apenas subir uma escada. Tenho algo que seu pai deixou.

O que ele poderia ter que pertenceu ao meu pai? Eu o segui pela danceteria até uma porta lateral. Era uma área nos bastidores do clube, com paredes sem pintura e piso de concreto. Entramos em um escritório pequeno e sem qualquer traço que o distinguísse, e ele fechou a porta atrás de nós.

Senti a tensão crescer dentro de mim.

Ele se ajoelhou e pegou uma chave que estava presa ao seu cinto. Usou-a para destrancar uma gaveta de arquivos e enfiou a mão no fundo dela, procurando alguma coisa. Ao encontrar o que procurava, ele fechou a gaveta, voltou a trancá-la e se levantou.

— Pegue — disse ele.

Ele me entregou um pequeno objeto branco, com cerca de cinco centímetros de comprimento. Era feito de um material duro com uma superfície polida, e tinha o formato de um ovo achatado. Uma figura prateada, com o formato parecido com o de uma pena, decorava um dos lados.

— O que é isso?

— Não sei. Mas estou muito feliz em poder me livrar disso — disse ele, deixando o corpo cair em uma cadeira. — Você não se importa se eu descansar um pouco os meus pés, não é? Quando alguém passa a noite inteira em pé, eles incham como se fossem dois leitões.

Ele suspirou.

— Seu pai dava ótimas gorjetas. Costumava vê-lo por aqui com frequência.

— Por quê?

Ele deu de ombros.

— Ele pedia um uísque e ficava observando as pessoas.

Segurei o ovo na palma da mão com cuidado.

— Como você conseguiu isso?

— Certa noite, há mais ou menos um ano, seu pai estava sentado no balcão do bar quando se virou e percebeu alguns homens andando pela danceteria.

— Enders?

Ele confirmou.

— Eram fortes. Seu pai entregou essa coisa para mim, junto com uma boa quantia em dinheiro, e disse duas palavras: “Esconda isso”. Coloquei esse objeto no bolso e continuei cuidando de minha vida.

Quer dizer, então, que o ovo era importante.

— E meu pai?

— Ele se levantou para ir embora, mas os homens o cercaram. Eles saíram juntos.

— Como eles eram?

— Como todos os outros Enders. Cabelos brancos, altos, musculosos e usavam óculos escuros, embora fosse noite — respondeu o barman, fazendo uma careta.

Olhei para o ovo que estava em minha mão.

— Não sei se ele está vivo.

— Lamento, querida. Gostaria de dizer para você que ele está. — Ele se levantou e deu um tapinha amistoso em meu ombro, mas seus olhos estavam fixos no ovo. — Tenha cuidado. Os homens que queriam isso aí eram mal-encarados. Talvez você devesse deixá-lo com outra pessoa.

Ele indicou a porta com um gesto, para que eu fosse na frente. Coloquei o ovo em um bolso com zíper dentro de minha bolsa e saí. Enquanto voltávamos para o salão principal da danceteria, eu tentava compreender aquela situação.

Não podia provar nada: nem que ele estava vivo, nem que estava morto.

Uma sensação de culpa subiu pela minha garganta. Claro, se houvesse a mais remota chance de que era realmente meu pai quem estava falando em minha cabeça, eu estaria disposta a viver com aquela incerteza por várias e várias décadas, até que conseguisse encontrá-lo. Mesmo assim, isso não tornava as coisas mais fáceis.

Voltei ao *lounge* e encontrei Michael sentado sozinho.

— Descobriu alguma coisa? — perguntou ele.

Queria muito poder contar para ele, mas não faria isso dentro do clube.

— Onde está Daphne?

— Foi embora.

— Você a perdeu de vista?

— Ela ficou paranoica e caiu fora. Talvez devêssemos fazer o mesmo.

Mandeí um Zing para Hyden e ele veio nos esperar na frente da danceteria. Agora eu podia mostrar aos dois o que havia descoberto.

— Meu pai deixou uma coisa no clube — eu disse, assim que fechei a porta do passageiro.

Hyden se afastou da entrada do estacionamento.

— O que foi?

Tirei o ovo de minha bolsa.

— Isto.

— O que é essa coisa? — Michael se aproximou para olhar.

— Não faço a menor ideia.

Hyden diminuiu a velocidade e parou o carro. Ainda estávamos perto do clube, no final da longa entrada circular.

— Deixe eu ver.

Entreguei o ovo a ele. Hyden o examinou e segurou as duas pontas do ovo. Puxou-as, mas nada aconteceu.

— Cuidado para não quebrar — eu disse.

Hyden olhou para mim com um sorriso.

— Acho que sei o que fazer com isso.

Ele torceu o ovo com um movimento circular e vi, horrorizada, quando se despedaçou em suas mãos. Em seguida, ergueu a parte principal do ovo, revelando um conector metálico.

— É um z-drive triplo. Para armazenamento de grandes volumes de dados.

— Um drive? — eu disse. — Por quê?

Hyden fez um gesto para que Michael abrisse caminho e foi até a traseira do veículo.

— Não pode usar a aerotela do rastreador? — perguntei.

— Não é poderosa o suficiente. — Ele abriu o painel que revelava o computador traseiro, aquele que podia ser usado para transposições, e inseriu o drive.

A aerotela se iluminou. Um monte de caracteres estranhos surgiu no visor.

— Está criptografado — disse Hyden. — Isso não me surpreende. Seu pai não era bobo.

— Consegue excriptografar? — perguntou Michael.

— É “descriptografar” — corrigiu Hyden enquanto operava os ícones na tela. — Estou preparando o programa agora, mas pode levar bastante tempo.

— Quanto?

— Algumas horas. Dias... — Ele deu de ombros. — Temos que esperar.

A tela se tornou uma torrente de números e letras que corriam pelo visor a uma velocidade estonteante.

Imaginei o que haveria de tão importante naquele drive. O que os Enders perigosos queriam e

por que o barman ficou muito aliviado de ter se livrado daquilo. Eu estava com medo. O que foi que fizeram com meu pai? Não o levaram para o centro de tratamento, como me disseram?

— É seguro fazer isso aqui? — perguntou Michael.

— Você tem razão — disse Hyden, preparando-se para voltar à estrada.

Olhei pela janela para ver se o caminho estava livre e vi os Starters esperando por seus carros. Uma garota alta de cabelos loiros, que lhe caíam sobre os ombros, entrou em seu conversível e o manobrista fechou a porta. Ela parecia ser alguém que eu conhecia.

Não podia ser. Será que...?

Peguei meu telefone e o apontei para ela. No alto da tela, surgiu uma palavra: EMMA.

Fixei os olhos nela enquanto a garota dava a partida no conversível.

— É Emma!

— Aquela loira? — perguntou Hyden.

— Sim.

Ele desativou a aerotela e saiu do carro.

— Emma! — ele gritou, enquanto ela passava bem ao lado de nosso carro.

Ela virou o rosto, olhou para Hyden e acelerou.

— Você a assustou — eu disse, colocando a cabeça para fora da janela.

— Ela viu vocês? — perguntou ele.

— Acho que não — disse Michael.

— Não a perca de vista. — Apontei na direção que ela seguiu.

Hyden voltou rapidamente para o assento do motorista e começou a segui-la. Àquela hora da noite, não havia tantos carros na rua. Não demorou muito até avistarmos as luzes traseiras do conversível mais adiante.

— É ela — eu disse. Outro carro se interpôs entre nós. — Não a perca de vista!

— Não se preocupe, nós vamos pegá-la.

— Não é somente por ser uma Metal — eu acrescentei. — Devo isso à avó dela. Ela não sabe que sua avó está morta e que herdou metade da mansão.

— Você acha que ela não gostaria de saber disso? — comentou Michael.

— Eu tenho o número dela, mas... — eu falei, com o telefone nas mãos.

— Duvido que ela atenda — disse Hyden. — Mesmo assim, temos algo melhor.

— O rastreador — disse Michael.

Hyden acionou o *scanner*. Em pouco tempo, o sinal dela já brilhava em nossa aerotela.

— Pegamos — disse ele.

Hyden diminuiu a velocidade, agora que o sinal dela estava fixo na aerotela. Os poucos carros que circulavam pela rodovia ajudavam a nos manter ocultos e também permitiam que manobrássemos para mantê-la à vista, caso a aerotela perdesse o sinal.

— Qual é o alcance do rastreador, antes que o sinal desapareça da tela?

— Uns quatrocentos metros. Se não houver prédios ao redor.

Ela rumou para o leste por cerca de vinte e cinco minutos. Depois, guiou o carro para a faixa da direita.

— Lá vai ela — eu disse.

— Estou vendo.

Ela entrou na faixa lateral da direita. Esperamos um momento e depois fizemos o mesmo. Após mais alguns momentos, ela saiu da rodovia.

— Não se aproxime tanto — disse Michael.

— Você quer dirigir? — esbravejou Hyden, olhando por cima do ombro. — Eu sei seguir uma pessoa.

— Você acha que eu não sei dirigir essa coisa? — perguntou Michael. — Tem um volante e um acelerador, só preciso disso.

— Rapazes! — eu disse. — Concentrem-se.

Emma virou à esquerda. Deixamos dois carros passarem à nossa frente e depois a seguimos. Não era dos melhores bairros da cidade. Havia lojas pequenas com grades nas janelas, placas em idiomas estrangeiros e oficinas de carro com portões pesados e trancados.

— O que ela está fazendo aqui? — perguntei.

Michael concordou com um movimento de cabeça.

— Um lugar bem estranho para uma garota rica.

— Já pensaram na possibilidade de que alguém esteja no controle dela? — perguntou Hyden.

— Será? — Toquei a parte de trás de minha cabeça. — Por que você diz isso?

— É apenas uma possibilidade. Mas temos sempre que ter isso em mente — disse ele.

Pensei um pouco naquilo. Se ela estivesse sob o controle de alguém, teria que ser do pai de Hyden, ou de uma das pessoas que trabalhavam para ele. Por que não a usaram de outra forma, então? Por que não a fizeram falar comigo?

— Não acho que ela esteja sob o controle de alguém — eu disse.

Ela entrou em uma rua lateral. Mantivemos a distância.

— Emma, Emma, para onde você está indo? — perguntou Hyden.

— Para lá. — Apontei para frente.

No meio de uma fileira de lojas com as janelas gradeadas, uma delas continuava aberta. Um pequeno luminoso de neon brilhava por trás da vitrine. Uma cafeteria. Um lugar pequeno, escondido.

— Aquela cafeteria, está vendo?

— A princesa decide se misturar com os plebeus — disse ele.

Ficamos para trás, parados quase no meio da rua, enquanto Emma entrava no estacionamento ao lado da cafeteria. Era cercado por um alambrado, mas ficava aberto para os clientes. Ela desceu do carro e entrou no café.

— Callie, é aqui que saímos — disse Hyden. — Michael, pegue o volante. Estacione a uns dois quarteirões daqui e venha nos encontrar lá dentro.

Descemos do carro e fomos em direção à cafeteria.

— Não vá assustá-la — eu falei, antes de entrarmos.

— Não se preocupe. Vamos ser discretos dessa vez.

Dentro do estabelecimento, cortinas encardidas de um marrom avermelhado ocultavam janelas cobertas com uma grossa camada de poeira. Estava tocando um *blues* suave, porém alto-falantes baratos tiravam a qualidade do som.

Um Ender magro e de cara fechada estava sentado em uma das quatro mesas redondas e pequenas, ocupado com seu café *espresso*. Com certeza era o tipo de pessoa que ficaria mais feliz com uma bebida forte.

Emma estava de costas para nós, sentada em uma banquetta ao balcão, observando a aerotela que exibia o cardápio. Pequenas holoanimações saltavam de um lado para o outro, ilustrando as ofertas especiais. Um sanduíche de bacon girava, emitindo o aroma de bacon. Um barista Ender esperava com os braços cruzados enquanto Emma decidia o que pedir.

Um gato alaranjado e magricela saltou sobre uma das mesas vazias. Acaricie-o, tentando agir casualmente, enquanto Hyden colocava as mãos nos bolsos e olhava ao redor. Desliguei o módulo holográfico de meu vestido 3D, e ele ficou branco. Hyden estava vestido de maneira casual, mas Emma e eu ainda estávamos com as roupas extravagantes que usamos para ir ao Club Rune e bastante deslocadas neste lugar.

O caixa olhou para mim e para Hyden, e depois desviou os olhos. Ele disse algo para Emma.

— Banheiro? — sussurrei para Hyden.

— Acho que ela está dando o fora — disse ele.

Quando o caixa virou as costas, fizemos o mesmo caminho de Emma através de uma cortina que cobria a entrada de um corredor. Nossos olhos tiveram que se ajustar ao ambiente escuro, entretanto seguimos o som dos passos de Emma. Quando passamos pela cozinha, havia algo estranho: estava completamente vazia. Não havia latas de comida, vidros de conserva ou tábuas de corte. Emma abriu uma porta no fim do corredor e saiu. Nós a seguimos, entrando em um espaço escuro como breu.

As luzes se acenderam repentinamente em um clarão, nos cegando. Pisquei e, depois de alguns minutos, o mundo voltou a entrar em foco, embora tudo estivesse banhado por aquela luz estonteante. Estávamos em um espaço enorme, do tamanho de um galpão, com máquinas, computadores e equipamentos que eu não conseguia identificar cobrindo as paredes.

Era como se estivessem nos oferecendo a pior festa surpresa de todas. Ao nosso redor, com armas em punho, estavam Emma e alguns Enders. Um deles tinha uma mancha no pescoço... uma tatuagem prateada de leopardo. Era o homem que vi conversando com Reece pouco antes de ela morrer. Vários outros Enders nos cercavam, vestidos com roupas escuras. Parecia ser equipamento militar, nada que vira antes. Eles mantinham os rifles apontados para nossas pernas.

Meu coração parecia que ia explodir dentro de meu peito.

Um dos homens arrancou a bolsa de minhas mãos e puxou meus braços para trás. Algemou meus pulsos enquanto outro Ender algemava os de Hyden.

— O que está acontecendo? — perguntei. — Quem são vocês?

Olhei para Hyden. Estavam esvaziando seus bolsos, tiraram seu telefone de lá. Ele suava. Eu sabia que os toques o estavam quase matando, mas ele se esforçava para não revelar sua fraqueza enquanto outro Ender o revistava.

— Não tem armas — disse o Ender militar.

— Revistem a garota também — ordenou o homem com a tatuagem de leopardo. — Para que ninguém diga que não tratamos as mulheres com igualdade.

O Ender militar me revistou e assentiu ao final do processo.

— Está limpa, senhor.

— Vocês não podem nos deter. Somos menores com famílias. — Percebi, logo depois que disse aquilo, que Hyden não era o que se poderia chamar de menor com família, já que não morava com seu pai.

O homem do leopardo se aproximou.

— Se isso fosse verdade, vocês não estariam perseguindo essa garota por toda a cidade. — Ele apontou para Emma. — Estariam em casa, onde é quente, com seus avós que os amam, assistindo a shows de calouros insípidos em suas aerotelas. E se vocês estão aqui é porque são Metais.

Surpresa, olhei para Hyden, mas ele continuava com o olhar fixo para frente. Agia como se já fora aprisionado e interrogado antes. Talvez pelo próprio pai.

— Você nos trouxe a uma armadilha. — Olhei para Emma, furiosa.

Ela permanecia com o rosto imóvel como uma pedra. O homem do leopardo estava prestes a responder quando alguém bateu com força na porta. O homem do leopardo fez um sinal com a cabeça para que apagassem as luzes. Um dos Enders abriu um pouco a porta, permanecendo atrás dela. Soltei um gemido, alarmada, quando vi quem estava do outro lado.

Michael.

Ele estava apertando os olhos, tentando enxergar no escuro. Alguém acendeu uma luz sobre mim.

— Callie! — Michael sorriu ao me reconhecer.

— Michael, não! Fuja!

Era tarde demais. Ele entrou no galpão como se fosse um cervo inocente que caiu na armadilha preparada por um caçador. As luzes se acenderam e um dos Enders colocou algemas em seus pulsos. O pobre Michael olhou, embasbacado, a cena que se desdobrava à sua frente.



Hyden e eu estávamos sentados em cadeiras de metal, com as mãos ainda presas nas costas com algemas de plástico. Os Enders uniformizados continuavam a nos vigiar; o homem do leopardo e Emma levaram Michael por uma porta à esquerda. Aerotelas grandes estavam projetadas na parede, monitorando a “cafeteria”, que, agora, estava vazia. O engodo pegou todos nós. O cliente taciturno e o barista entediado entraram pela porta, vestindo uniformes pretos. Não estavam mais taciturnos ou entediados.

Por que levaram Michael para outro lugar?

— O que estão fazendo com ele? — perguntei a Hyden.

Um Ender uniformizado me cutucou com o cano de seu rifle.

— Silêncio.

O metal frio contra minha pele me causou um arrepio. Por quê, por quê, por quê? Por que estávamos ali? Eu só queria uma vida normal com meu irmão e aqui estou eu, novamente uma prisioneira. A diferença é que, desta vez, eu não estava na Instituição 37.

Estava num lugar muito pior.

Ao lado das aerotelas havia projeções especiais no salão que transformavam o espaço. As imagens mudavam ciclicamente, mostrando cenas diferentes, acompanhadas de aromas e sons suaves que complementavam cada uma delas. Neste momento era uma floresta de bambus agitados pelo vento, com um aroma de grama. Não sabia se aquilo era apenas uma ideia que tiveram para decorar o galpão ou se era uma técnica especial para que nos sentíssemos desorientados. Se fosse a segunda opção, estava funcionando muito bem.

Hyden olhou para mim. Seus olhos transmitiam uma tristeza. Ele suspirou e os fechou por um momento. Soube, na hora, que era um gesto que indicava um pedido de desculpas.

Se eu pudesse falar, diria a ele que não era culpa sua. Fui eu quem insisti em seguir Emma. Se não tivesse feito aquilo, ele também não estaria algemado e Michael não teria sido levado para outra sala, possivelmente para ser torturado.

Senti minha visão perder o foco. E sabia o que aquilo significava. Outra das lembranças de Helena estava surgindo. Minha visão logo se endireitou e mostrou uma visão tão clara quanto o que eu veria em um Xperience. Eu estava na cama de Helena, com o dossel, sob a luz da lua. Acendi a lâmpada da mesa de cabeceira e me levantei da cama, indo até o closet. Puxei o carpete para trás, expondo o compartimento escondido que havia no chão. Ergui a tampa do estojo e vi a arma de fogo que estava ali dentro.

Eu a peguei e a segurei contra meu rosto, sentindo o poder que a arma continha. O metal estava gelado.

A lembrança terminou abruptamente, como se tivesse acordado no meio de um sonho. Eu estava congelando. Tremia, mas não conseguia afastar a memória. As lembranças de Helena pareciam surgir com mais frequência durante momentos de estresse. Às vezes, elas me ajudavam. Contudo, eu não conseguia ver significado por trás dessa que acabara de experimentar. Apenas mais um sinal de que meu cérebro realmente não pertencia a mim.

Eu estava totalmente desperta e consciente, aqui, no meio da floresta de bambus.

A cabeça de Hyden estava pendendo para frente e seus olhos estavam fechados. Estava dormindo? Não sei dizer.

A porta que levava à sala lateral se abriu, e o homem do leopardo saiu por ela. Sozinho.

— Tragam a garota — disse ele.

Os olhos de Hyden se abriram quando um dos Enders militares se aproximou e me obrigou a ficar em pé.

— O que faremos com ele? — perguntou o Ender ao outro guarda.

— Somente a garota — disse o primeiro.

— Não, me levem! — gritou Hyden. — Irei no lugar dela!

— Sua vez vai chegar — disse o guarda, chutando-o nas canelas.

Meu guarda me puxou com mais força, me levou pela porta à esquerda e, depois, me empurrou para dentro de uma sala menor. Havia uma projeção holográfica que fazia o lugar se parecer com o interior de uma caverna. Ele me obrigou a me sentar em uma cadeira de metal.

— Você pode ir — alguém falou para o guarda. Era o homem do leopardo.

O guarda hesitou, como se eu fosse uma espécie de assassina perigosa que ele não ousaria deixar a sós com seu chefe.

O homem do leopardo estava com as mãos nos quadris.

— Sim, senhor — respondeu o guarda, e saiu.

Leopardo estava com uma camisa polo preta de mangas longas e jeans pretos. Deixava os cabelos longos e brancos lhe caírem sobre as costas, como se fossem uma juba. Na verdade, quando ele andou ao redor de minha cadeira, parecia um leão em meio a uma caçada, acuando sua presa. Ele examinou todos os ângulos de meu rosto. Depois, foi até às costas de minha cadeira e empurrou minha cabeça para frente. Afastou meus cabelos, expondo a cicatriz da cirurgia de inserção do chip. Senti que ele dedilhava a cicatriz com dedos cautelosos.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Ele me ignorou. Após me examinar por alguns minutos, ele se afastou e eu ergui a cabeça.

— Você não tem o direito de nos manter aqui. Quero um advogado.

Um riso cortante saiu pelos lábios dele.

— Você acha que nos importamos com direitos? Com advogados? — Ele se curvou para olhar em meus olhos, ficou cara a cara comigo. — Você é minha. Como uma boneca. Farei o que quiser e quando quiser.

Detectei um leve sotaque, sutil demais para que eu conseguisse identificá-lo. Seus olhos eram azuis, meio acinzentados. O rosto deveria ter sido bonito, mas, agora, era apenas cruel. Suas mãos eram rústicas, com articulações protuberantes e calos. Não tinha dúvida de que eram capazes de infligir qualquer tipo de tortura.

Meus olhos examinaram a sala. Duas portas. Nada que pudesse ser usado como arma. Olhei para o teto. Através da ilusão da caverna, percebi que havia painéis no teto. Talvez pudesse me esconder ali.

Ele deu a volta e sentou-se atrás da mesa. Olhou em meus olhos. Eu não sabia exatamente o que ele estava fazendo. Será que estava me examinando em busca de algo em particular? Ou só

estava fazendo aquilo para me intimidar? Eu me recusei a desviar o olhar. Enfim, ele se ergueu e foi até a porta.

Ao abri-la, uma guarda Ender com cabelos cortados bem rente entrou.

— Tire-a daqui — disse ele.

A guarda forte me ergueu pelo braço com truculência. Quando passamos ao lado do Leopardo, não desviei meus olhos dos dele. Quis mostrar que resistiria a tudo que ele fizesse, mesmo se significasse minha morte.

Em seguida, pensei em Tyler e minha coragem se desfez. Ele teria Eugenia e uma vida boa, porém ficaria sem família se me perdesse. Eu tinha que descobrir o que eles queriam, descobrir se haveria como negociar minha segurança. E a de Michael e Hyden também.

A guarda me escoltou por um corredor que tinha a projeção de um rio com corredeiras e me levou até uma sala que parecia um consultório médico de alta tecnologia. Uma floresta de pinheiros estava projetada em uma parede, com pássaros voando por entre as árvores. Ela me fez sentar sobre uma mesa de exames e ergueu-a com um pedal mecânico. O motor zuniu enquanto eu era elevada até a altura perfeita para o exame.

Um médico entrou. Um Ender baixo e gorducho. Ele me cumprimentou de maneira solene, com um aceno de cabeça.

— Vou apenas examiná-la — explicou ele, como se precisasse de meu consentimento.

— E se eu disser não?

— Receio que você não tenha essa opção — disse ele. — Podemos prosseguir?

— Não. Eu me recuso. Estou aqui porque estão me mantendo como prisioneira. — Agitei minhas amarras. — Estou algemada, como você pode ver. Mas não fiz nada de errado.

O médico deixou os braços caírem ao lado do corpo.

Minha voz ficou mais suave, transformando-se num pedido desesperado.

— Por favor, faça a coisa certa — supliquei. — Deixe eu ir embora daqui.

Ele trocou um olhar com a guarda. Minhas palavras devem ter causado algum efeito. Ele tinha que ver o quanto era errado me manter ali daquela maneira. Aproximou-se da outra Ender e sussurrou algo. Esperava que ele estivesse pedindo para que ela soltasse minhas algemas. Estavam apertadas demais, e meus braços doíam depois de tanto tempo naquela posição.

Eles se viraram para mim. As expressões naqueles rostos, frias e duras como rochas, não demonstravam qualquer simpatia.

A guarda me segurou com toda sua força.

— O que vocês estão fazendo comigo?! — gritei, me debatendo sobre a mesa fria.

O médico estava de costas para mim, mas percebi que estava preparando uma injeção. Ele se aproximou com uma seringa. A guarda cravou os dedos ossudos em minha pele enquanto o médico enfiava a agulha em meu braço.



Sonhei que voltara à casa de minha família, a bela casa em estilo campestre de classe média onde eu e meu irmão crescemos. Tyler e eu estávamos na sala de jantar, jogando um *card game* bobo no chão, em uma tarde de sábado. Não fazia sentido, porque ele parecia ter a idade atual. Meu pai entrou na sala.

— Papai? — disse, surpresa ao vê-lo.

— O que foi, Menina Cal? — perguntou ele.

Por algum motivo, ele estava usando um terno preto. Em seguida, minha mãe entrou na sala usando um vestido de baile esvoaçante e colocou o braço ao redor da cintura de meu pai.

— Mãe? — eu disse.

Ela inclinou a cabeça.

— O que foi, querida?

— Achei que vocês estavam mortos — respondi.

— Não — disse ela. — Nós sempre estivemos aqui.



Acordei em uma sala apertada, sobre uma cama de hospital com um colchão duro. Cheguei a pensar que estava em uma espécie de berço, mas, em vez de barras, estava cercada por todos os lados por paredes transparentes de *plexiplast*.

Acima de mim, estrelas brilhavam. Projeções. Uma ilusão para tranquilizar? Ou para confundir?

— Ela acordou — sussurrou alguém.

Virei a cabeça na direção do som. Havia uma vigilante do lado de fora do quarto, com uma parte do rosto oculta pela porta.

Uma Ender que usava um macacão justo e de cor clara, cobrindo-lhe o corpo inteiro, entrou no quarto. Em suas mãos, trazia uma pequena máquina com um cabo. Ela estendeu o cordão e o encostou em minha testa; em seguida, em meu pulso e coração. Foi quando percebi que meus pulsos estavam atados à cama.

Ela verificou a máquina e se deu por satisfeita. Saiu do quarto sem nem olhar em meus olhos.

Girei os pulsos e puxei as amarras para testá-las e ver se conseguiria escapar. Impossível. O pânico começou a tomar conta de mim como se fosse água entrando por debaixo da porta. Movimente-me com mais força, mas isso só serviu para arranhar meus pulsos.

Alguém abriu a porta. Desta vez, era Emma. A guarda Ender continuou no corredor quando Emma entrou e fechou a porta atrás de si.

Trazia consigo uma sacola de compras.

— Oi, Callie — cumprimentou-me ela, com um sorriso enorme no rosto.

— O que você quer? — Eu não confiava nela, no entanto, não era o caso de eu simplesmente

me levantar e ir embora.

— Eu lhe trouxe um *smoothie*. Achei que fosse gostar. — Ela o tirou de dentro da sacola. — Morango com banana.

— Não posso segurar o copo. Se você me desamarrar...

— Eu o segurarei para você.

Ela veio até o lado da cama e colocou o canudo em minha boca. Senti vontade de recusar, mas estava com muita sede. E com fome. O *smoothie* desceu gelado e doce por minha garganta.

— Vá com calma — disse ela. — Não beba muito de uma só vez, ou vai acabar engasgando.

Emma se parecia muito com a avó, vista assim de perto. Helena devia ter sido como ela quando era mais nova. Um rosto de traços elegantes, com as maçãs do rosto proeminentes. Claro, o nariz de Emma passou por um ajuste plástico na Prime.

Ela afastou o copo de *smoothie* enquanto eu engolia.

— Por que você fez aquilo? — perguntei.

— O quê?

— Agiu como isca. Você nos atraiu... para as garras deles.

Ela baixou os olhos, entretendo-se com o copo e mexendo no canudo.

— Não tive escolha — disse ela, em voz baixa. — Eles me obrigaram.

— Como assim? — Mantive a voz baixa também.

Ela poderia estar sob o comando de outra pessoa neste exato momento. Será que podia confiar no que ela dizia?

— Eles disseram que machucariam minha avó se eu não fizesse o que mandassem — sussurrou ela.

— Sua avó? Helena?

— Isso mesmo. — Ela gemeu, como se não conseguisse suportar a ideia de que Helena poderia sofrer.

Ela aproximou a cadeira e sentou-se com as pernas cruzadas. Percebi que usava um adorno grande ao redor do tornozelo, um dos acessórios mais populares do momento, com o nome escrito em ouro ao redor da peça:

Emma.

— É bonito — eu disse, apontando para a tornazeleira.

— Obrigada. Foi um presente de minha avó.

Respirei fundo. Emma parecia não saber nada sobre mim. Ela não fazia ideia de que sua avó me alugara para assassinar o senador. E, quando o plano não deu certo, Helena desenvolveu outro: descobrir o que acontecera com sua neta. Parecia muita coisa para despejar sobre Emma, contudo ela tinha que saber o desfecho da história de Helena, especialmente porque estava agindo sob a presunção de que ainda podia salvá-la.

Isso, é claro, se ela estivesse me contando a verdade.

— Essa tornozeleira deve ser seu acessório favorito — eu disse. — Que outras joias você gosta de usar?

— Outras joias?

— Sim. O que você gosta de usar ou colecionar?

— Várias coisas. Broches. Coisas que minha mãe me deu. Um bracelete com pingentes que Doris me deu.

Fiz que sim com a cabeça. Ela não estava sendo controlada. Eu estava conversando com a verdadeira Emma. Vi o bracelete no quarto dela na primeira vez em que fui à casa de Helena, quando ainda era uma doadora.

— Eu tinha um bracelete igual ao seu — eu disse. — Ganhei o mesmo presente de Doris.

— Era bonito — disse ela, com uma expressão saudosa no rosto. — Gostaria de ainda tê-lo comigo.

Sua expressão e sua maneira de falar me deram o indício de que havia algo errado. Não estava agindo com naturalidade, como acontece com algumas pessoas que passam muito tempo aprisionadas. Vi aquele olhar no rosto de algumas meninas da instituição, inclusive no de minha amiga Sara. Emma estava submissa e sonhadora. Não estava realmente presente.

— Emma, quando foi que esses homens pegaram você?

— Quando?

— Você assinou o contrato com o banco de corpos. O que aconteceu depois?

— Eu não podia voltar para casa. Minha avó ficaria furiosa. Não sei mentir. Ela perceberia o que aconteceu quando visse o resultado da cirurgia plástica.

— Então, você fugiu?

— Com meu amigo Kevin.

Minha intuição ficou ainda mais ativa. Kevin. Esse era o nome do neto de Lauren, que também havia desaparecido.

— Kevin também assinou com a Prime?

— Sim. Ele disse que queria a cirurgia plástica, mas acho que ele foi até lá apenas porque eu fui. Ele gostava de mim, só que não era meu namorado. Nós juntamos o dinheiro que ganhamos da Prime. Queríamos comprar um apartamento.

— Mas o homem com a tatuagem do leopardo encontrou vocês?

Ela confirmou com a cabeça.

— Dawson. Ele disse que era o dono do apartamento.

— Entendo.

— Kevin ia me encontrar lá, mas não apareceu.

Perguntei a mim mesma se ele fora apanhado pelos homens de Brockman. Entretanto ela não estava pronta para ouvir nada daquilo.

— Há quanto tempo você está com essas pessoas? — perguntei. — Esses que trabalham para Dawson?

— Não sei — disse ela, enfatizando com um movimento de cabeça. — Que dia é hoje?

Ela perdera a noção do tempo. Poderia estar aqui há uma semana ou há um mês.

— Emma, essas algemas de plástico estão muito apertadas. Estão me machucando — sussurrei. — Pode afrouxá-las um pouco?

A guarda abriu um pouco mais a porta para mostrar que não estávamos sozinhas. Emma deu uma olhada na direção da mulher. Ela se endireitou na cadeira.

— Callie, eles precisam fazer alguns testes importantes com você. — A voz de Emma estava mais alta agora.

Falava como se decorara aquelas palavras. Deixei que prosseguisse.

— São exigidos para todos nós. Passei por eles também — disse ela. — Não vão lhe fazer mal.

Percebi nos olhos de Emma que ela estava mentindo.

— É o que você acha — eu disse. — Mas não vou passar por exame nenhum.

Seus ombros caíram e ela me olhou, consternada.

— Callie, por favor, escute o que estou lhe dizendo. Você tem que fazer os exames. Você não tem escolha.

Leopardo-Dawson entrou na sala.

— Pode ir agora, Emma — ordenou ele.

Ele falava com firmeza e rispidez, como se estivesse se dirigindo a uma criança. Ela parecia estar com medo, porém não se moveu.

— Emma, saia — ordenou ele novamente.

Ela pegou o que restava do *smoothie* e saiu. Dawson se inclinou por cima do *plexiplast* que cercava minha cama, os cabelos brancos lhe caindo por cima dos ombros como se fosse um feiticeiro maligno.

— E então, como se sente? — perguntou ele, sem sorrir.

— Como você acha que eu me sinto, presa desse jeito? Como um animal.

— Se você cooperar, podemos soltá-la. Nada de algemas. Mas você tem que cooperar.

— Quero que tirem essas algemas e me deixem ir embora. Não vou concordar com nada além disso.

Ele suspirou e apertou um botão. As paredes de minha cama deslizaram para dentro de ranhuras no chão com um baque forte. Nada de códigos de segurança aqui. Ele tirou um canivete grande do bolso e girou a lâmina para abri-la. A lâmina longa brilhou contra a luz quando ele se virou. Tentei não gemer quando ele a trouxe para perto.

Ele enfiou a lâmina por baixo da algaema plástica que atava meus pulsos e serrou-a até que eu estivesse livre. Ele removeu a tira, fechou a lâmina do canivete e enfiou-o novamente no bolso. Esfreguei meus pulsos doloridos.

Levantei-me da cama. Ainda estava usando a roupa que vesti para ir ao Club Rune.

— Onde estão meus sapatos? — perguntei.

Ele me agarrou pelo braço e me puxou para fora do quarto. Desçaça.

A guarda nos seguiu pelo corredor. Chegamos a um cruzamento e ele virou à direita, me puxando bruscamente para que o acompanhasse, pisando naquele piso frio.

— Você está me machucando — eu disse.

— É mesmo? Me desculpe, Majestade.

Gritos abafados chegaram até nós quando nos aproximamos do fim do corredor.

Reconheci a voz. Hyden.

Uma onda de terror atravessou meu corpo.

— O que vocês estão fazendo com ele?! — gritei, tentando me desvencilhar das mãos de Dawson.

Ele me segurou com mais força, me empurrou até a frente de uma vidraça enorme e apertou minha cabeça contra o vidro. Dentro de uma sala havia uma máquina gigantesca com o formato de um tubo. A projeção de uma floresta tranquila na parede contrastava diretamente com a cena violenta que se desenrolava logo à frente. Dois Enders seguravam os braços de Hyden enquanto ele se contorcia e se debatia, tentando escapar. Um terceiro Ender estava encostado na parede, observando tudo com um sorriso no rosto. O seu sorriso desapareceu assim que ele avistou Dawson.

Aquilo machucaria qualquer pessoa, mas, para Hyden, que sentia dor com o mais leve dos toques, deveria ser uma tortura.

Dawson fez um sinal com a cabeça para os homens. Em vez de agirem com menos truculência, começaram a empurrar Hyden de um lado para o outro, entre eles, como se estivessem chutando uma bola. Hyden se esforçava para permanecer em pé.

— Pare com isso! Mande-os parar! — Bati com as mãos no vidro. Minhas entranhas estavam se retorcendo.

O suor se formava no rosto de Hyden, sua pele nunca esteve tão pálida. Tinha manchas escuras ao redor dos olhos. Será que bateram nele?

— Vocês não entendem. Isso pode matá-lo — eu disse.

— Você é a única que pode parar isso — disse Dawson. — Você sabe o que eu quero ouvir.

Hyden caiu, mas os Enders o pegaram do chão e o colocaram novamente em pé. Eles o arrastaram até a vidraça, bem na minha frente, e pressionaram seu rosto contra o vidro.

— Hyden... — Meu coração estava prestes a se quebrar ao meio. — Certo — disse a Dawson. — Farei os testes.

Dawson abriu um sorriso torto e fez um sinal para os Enders que estavam do outro lado do vidro. Eles soltaram Hyden, mas ele continuou contra o vidro, erguendo a mão para alinhá-la com minha palma.

— Onde está Michael? — perguntei enquanto Dawson me escoltava de volta pelo corredor. Ainda estava descalça, porém, pela primeira vez desde que cheguei ali, estava caminhando por conta própria em vez de ser arrastada. Eles sabiam de minha fraqueza e o que deveriam fazer para me afetar. Mas eu não conseguia evitar; tinha que dar um jeito de impedir os planos deles. Estava mais determinada do que nunca em encontrar uma maneira de tirar todos nós daqui.

— O que você quer com ele? — disse Dawson.

Ele abriu uma porta e nós entramos em um laboratório onde uma Ender estava calçando luvas de borracha.

— Onde ele está? — perguntei a Dawson.

— Descansando — ele disse, antes de sair.

Perguntei a mim mesma se Michael estaria bem. Ou se “descansando”, na realidade, significava que algum Ender o estava controlando.

A Ender que estava na sala usava roupas brancas de borracha: calças, botas e um avental por cima de uma camisa de poliéster. Ela me fez tirar as roupas e ficar sobre uma plataforma de borracha enquanto vários jatos de água me encharcaram, vindos de direções diferentes. Ela colocou óculos de proteção no rosto e me esfregou com uma toalha áspera. Aquilo me fez lembrar do banco de corpos, embora as instalações não fossem tão elegantes. Seja lá o que fosse este lugar, a verba de que eles dispunham era bem menor.

Depois que meu corpo estava seco, ela me entregou uma camisola cirúrgica.

— Para que é isso? — perguntei a ela. — O que vai acontecer comigo?

Ela nem chegou a me olhar nos olhos. Era como se eu não tivesse voz. Ela me pegou pelo braço antes de eu vestir a camisola. Segurei a peça na frente do corpo enquanto ela me puxava para outra sala. Uma outra Ender me esperava lá.

Vesti apressadamente a camisola e esta nova mulher, baixa e pálida, me observava. Ela mandou eu me deitar sobre uma plataforma. Colocaram uma armação de ferro que se parecia com uma gaiola ao redor de minha cabeça e a trancaram para que eu não pudesse me mover. Detestei aquilo. Era tão apertada que eu conseguia sentir a pulsação se acelerando nos vasos sanguíneos de minha cabeça. Eu queria gritar.

— Relaxe — disse ela. — Você não tem que ir a lugar nenhum. Não se mexa.

Ela apertou outro botão e um aparelho gradeado, parecido com um caixão, envolveu meu corpo.

— O que está acontecendo?! — gritei.

Com um som estridente, que me lembrou uma serra, a plataforma deslizou para dentro da máquina com formato de tubo. Não havia abertura atrás. Na parte da frente, por onde entrei, uma tampa se fechou, bloqueando qualquer visão que eu tivesse do espaço exterior.

O ar começou a circular naquele espaço, mas não me senti melhor. Parecia que cada nervo de meu corpo estava em chamas. Queria sair de dentro de minha própria pele, parecia que meu coração ia explodir dentro do peito. A voz da Ender surgiu em um alto-falante perto de minha

cabeça.

— Prenda a respiração até eu lhe dizer para respirar outra vez.

— Quando?

— Agora.

Aspirei fundo e prendi a respiração pelo que pareceu ser um tempo muito longo. A máquina fez ruídos altos de peças batendo umas contra as outras, como se alguém estivesse trabalhando fora dela com uma marreta. Quando vi que não aguentava mais prender o fôlego, ela falou.

— Tudo bem. Pode respirar.

O procedimento durou uma eternidade. Uma vez, ela disse que eu estava respirando rápido demais e teria que fazer tudo de novo. Após algum tempo, a portinhola da máquina se abriu e ela removeu as amarras.

Esfreguei meu pescoço. Estava completamente exausta, mas aliviada por estar fora dali.

O próximo teste envolvia um Ender empunhando um *scanner* perto de minha cabeça enquanto outro monitorava um computador para analisar os resultados. Claro que detectaram o número de identificação de meu chip; foi a primeira coisa que fizeram. Não fazia ideia do que eles estavam procurando além disso.

— Por que vocês estão fazendo isso comigo? O que estão tentando encontrar? — Eles não respondiam a nenhuma pergunta que eu fazia. Para eles, eu era apenas um rato de laboratório.



Passei por vários outros testes que avaliaram minha aptidão física, visão, capacidade de identificar cheiros, sabores e propriedades táteis. Finalmente eles terminaram ou, pelo menos, foi a sensação que tive, porque me deram roupas novas — uma camiseta e calças verde-oliva — e devolveram meus sapatos.

Tive que beber um copo com um líquido vermelho e, logo depois, caí no sono.

Acordei no piso de um quarto com paredes cinzentas acolchoadas. Havia uma almofada de espuma em um canto, um cubo que podia ser usado como banqueta. E, no canto oposto, havia um buraco no chão que fazia um som constante de sucção. O vaso sanitário.

Esta era minha cela, preparada para que eu não pudesse causar ferimentos em mim mesma. Nada de projeção aqui. E nada de meus sapatos.

Vi uma câmera de segurança no teto e outra no canto onde as paredes se encontravam, bem no alto. Gritei para ela:

— Fiz todos os seus testes. Quero ver meus amigos!

As lentes da câmera me encararam em silêncio.

Ali estava eu, trancafiada outra vez. Soquei as paredes, mas o som era bastante abafado. Gritei. Ninguém respondeu.

Estava muito longe do mundo exterior, longe de Tyler. Ele deveria estar preocupado comigo. Tudo isso deveria ter acabado quando o banco de corpos foi demolido. Achei que pudéssemos ter uma vida normal: ele iria à escola, brincaria com jogos e pescaria no lago. Formaríamos uma família substituta, Michael, eu, Tyler e Eugenia, no papel de uma avó postiça.

Eugenia. O que ela estaria pensando agora que fazia tanto tempo que Michael e eu estávamos desaparecidos? Será que entraria em contato com as autoridades? Será que tentaria consolar Tyler, inventaria alguma mentira, lhe diria que estávamos bem? Não seria tão fácil enganá-lo.

Sentia saudades de meu irmão mais novo. Sentia saudades de seus olhos castanhos, de seus cabelos macios, de seu sorriso tímido. Foi muito bom vê-lo com saúde outra vez. Nem tive tempo de aproveitar aqueles momentos, pois, subitamente, tivemos que sair da mansão, correr e nos esconder. Será que algo havia mudado? Parecia que estávamos sempre correndo e nos escondendo. A diferença é que, desta vez, as casas de onde saíamos eram cada vez maiores e melhores.

O que aconteceria com ele se eu nunca retornasse? Será que Eugenia cuidaria dele? Lauren era sua guardiã legal, mas será que gostaria realmente de se responsabilizar por sua criação e educação?

Pensei na última vez em que estive presa em uma cela. Instituição 37. Não houve nada de bom nessa experiência.

Quanto tempo fiquei deitada ali, inconsciente? Aqueles Enders devem ter me drogado.

Foi então que ouvi a voz de um homem em minha cabeça.

Callie.

Sentei-me, perfeitamente imóvel, esperando para ouvi-la outra vez.

Consegue me ouvir?

Parecia a voz de Dawson, mas não tive certeza.

— Quem está falando?

Quem você imagina que é?

— Deixe de fazer joguinhos. Tenho tempo demais sobrando, vou acabar vencendo você pelo cansaço.

Não interessa quem sou eu. O que interessa é que você pode me ouvir.

Era Dawson, eu tinha certeza.

Como está se sentindo?

Lembrei-me de que ele já havia me perguntado aquilo antes, com o mesmo tom cínico e que não demonstrava qualquer preocupação verdadeira.

— Cansada. Cansada de estar aqui.

Gostaria de sair do quarto?

Ele estava me perguntando aquilo de verdade?

— Sim.

A porta se abriu. Seria um truque? Dane-se. Eu seria idiota se não tentasse ir embora. Levantei-me e saí do quarto. A guarda Ender não estava à vista.

Não precisamos de guardas se pudermos vigiar você.

Soltei um suspiro exasperado.

Não se preocupe, não posso ouvir seus pensamentos. Eles pertencem a você. São privados.

— É a única coisa privada que sobrou por aqui.

Caminhei até o final do corredor e passei pela porta. Outro corredor. Continuei por ele e virei à direita.

Este lugar é um labirinto.

— Então, onde fica a saída?

Ele riu. Odiei ouvir aquela risada dentro de minha cabeça. Estava sentindo um desejo horrível de atacá-lo com algum objeto duro e pesado. Isso me faria muito bem.

O corredor terminou em outra porta. Eu a abri e vi uma sala com brinquedos para crianças. Mesas empilhadas com blocos de madeira coloridos e quebra-cabeças compunham a mobília da sala. Entretanto não havia nenhuma criança à vista. E o lugar era limpo demais, como se houvesse sido preparado artificialmente.

Você está na sala de recreação. Por que não se senta?

Fui até a porta que estava do outro lado da sala, oposta àquela por onde entrei, e tentei girar a maçaneta. Estava trancada. Voltei até a porta por onde havia entrado, e ela havia sido trancada pelo lado de fora também.

Sim, você deveria se sentar.

Puxei uma cadeira e me sentei. Estava inevitavelmente presa naquela sala, com as portas trancadas e sem janelas.

Você está vendo vários blocos coloridos de madeira, em vários formatos. Pode pegar o círculo vermelho?

Peguei o que ele pediu e segurei-o diante de meu rosto para que ele o visse facilmente.

Perfeito. Agora, coloque-o na bandeja à sua frente.

Fiz o que ele pediu.

Agora, coloque as mãos sobre a mesa, retas, à sua frente. Mantenha-as relaxados.

Eu não fazia ideia do que ele estava testando. Estava parecendo fácil demais.

— Se eu fizer o que está pedindo, você vai deixar eu...

Uma coisa de cada vez. Fique aí, desse jeito, até que eu lhe dê outra instrução.

Esperei por alguns momentos. Em seguida, algo horrível aconteceu.

Meu polegar direito se moveu. Mas não era eu quem estava executando o movimento.

Senti um calafrio correr por meu pescoço.

— O que você está fazendo?

Relaxe. Não fale.

Minha mão direita vibrou incontrolavelmente, agitando-se para frente e para trás. Em seguida, ergueu-se alguns centímetros da superfície da mesa e moveu-se em direção ao círculo vermelho de madeira. Pairou sobre ele, tremendo, e eu não conseguia fazer nada além de observar.

Relaxe, eu já disse. Pare de resistir.

A voz dele estava tranquila e firme, como se estivesse tentando me colocar em uma espécie de transe.

Em seguida, minha mão caiu sobre o bloco vermelho como a garra de uma daquelas velhas máquinas cheias de bichos de pelúcia, e meus dedos agarraram o bloco desajeitadamente. Minha mão se ergueu e o trouxe de volta para diante de meu rosto. Em seguida, deixou o bloco cair na mesa. Logo depois, caiu por cima do brinquedo.

— O que você fez?

Eu controlei você.

Ele não conseguia conter o tom de alegria na voz.

Estava odiando aquilo. Concentrei toda a minha força de vontade na tentativa de tirá-lo de minha cabeça, porém não sabia como fazer isso; sabia apenas que queria, que estava disposta. Concentrei-me em imaginá-lo desaparecendo, sendo levado para longe por um tornado invisível, até que a minha mente ficasse limpa, desimpedida e totalmente sob meu controle outra vez.

Não sei se ele saiu por vontade própria ou se eu realmente consegui o que queria. Subitamente, tudo ficou quieto.



Continuei sentada ali por quinze ou vinte minutos, até que um guarda Ender chegou. Ele me levou até outra sala, uma grande galeria de tiro instalada dentro do galpão.

— Vá até a última baía. — A voz de uma Ender ecoou no alto-falante.

Olhei à minha volta. Ela estava atrás de uma parede de vidro, em uma área de visualização ao lado de uma sala de controle, no andar superior. Usava o uniforme militar preto, mas era alta e elegante, com os cabelos brancos, curtos e armados na vertical.

Havia um rifle esperando por mim na última baía. Eu o peguei. Perguntei a mim mesma: se eu atirasse na parede de vidro, será que ela seria à prova de balas? É claro que seria.

O rifle era pesado para minha constituição. Ouvi o ranger de um alvo que se movia até sua posição com um som mecânico. Era um holo especial de um Ender, vestido no que pareciam ser roupas de terrorista. Uma máscara lhe cobria o rosto e ele estava apontando sua arma contra mim.

— Vou contar até três — disse a Ender ao microfone. — Um.

Ergui o rifle até a altura do rosto e mirei.

— Dois.

Respirei fundo.

— Três.

Atirei contra o alvo, mirando no coração. O disparo fez o rifle recuar com um coice, mas me mantive onde estava.

— Cessar fogo — disse ela.

O alvo foi movido para que eu pudesse examiná-lo. O holo estava congelado e registrou o tiro. O buraco da bala estava exatamente no coração. Eu me virei e olhei para a Ender de uniforme. Seu rosto não demonstrava qualquer expressão.

Ela me fez repetir o teste várias vezes e, a cada vez, um círculo vermelho indicava o lugar onde eu deveria mirar. Cada vez que eu pressionava o gatilho, eu acertava. As lições que meu pai me deu não foram esquecidas.

Em seguida, o alvo holográfico mudou para uma senhora Ender que usava um vestido florido e tinha uma bengala na mão.

— Atire — disse ela.

— Em uma civil inocente? — perguntei.

— Atire.

— Não.

Ela virou de costas para que eu não conseguisse ver seu rosto. Percebi que estava conversando com outro Ender na sala de controle.

Meu couro cabeludo começou a formigar. Senti que havia alguém dentro de mim.

Callie?

Dawson. Ah, como eu odiava tê-lo dentro de mim!

Não se preocupe, pequena Starter. Você não precisa fazer nada. Apenas relaxe.

Ah. Ele ia tentar me controlar outra vez. Tentei resistir. Segurei o rifle com força.

No entanto, meus braços se ergueram lentamente. Foi horrível. Eles se ergueram até a posição de tiro. Tentei lutar, tentei forçá-los para baixo.

Ele estava no controle.

Minha cabeça baixou até meu rosto encostar no rifle, e meu olho alinhou a arma com o alvo. Apontava direto para o coração da vítima.

Gotas de suor se formaram em minha testa. Tentei enrijecer as mãos para que elas não se movessem, mas meu dedo se flexionou lentamente e puxou o gatilho.

BANG!

Olhei para o alto, em direção à sala de controle. A Ender dentro do espaço protegido pelo vidro conversava com outra pessoa.

O alvo se aproximou. Aquela pobre senhora Ender foi morta com um tiro fatal no coração disparado por minha arma.

Excelente.

Senti meus dedos afrouxarem ao redor da empunhadura do rifle. Dawson me devolvera o controle. Deve ter sido necessário um esforço muito grande de concentração para manter aquela conexão, e agora ele precisava se recuperar.

— Isso é asqueroso — eu disse. — Você é uma pessoa horrível, um doente.

Às vezes é preciso fazer coisas que não são muito agradáveis. Tudo em prol de um bem maior.

O alvo Ender se afastou com um zunido eletrônico triste de seu motor, e um novo alvo se colocou na posição original.

Vamos tentar com esse aqui.

Era o holo de um Starter. A essa distância, imaginei que ele tivesse minha idade, vestia roupas típicas de um Starter das ruas: farrapos, uma garrafa de água e uma lanterna de pulso. Sujo e descabelado.

Era uma imagem de Michael.

Senti meu estômago se revirar. Fiz menção de soltar o rifle, mas não consegui.

— Não...

Minhas mãos trouxeram o rifle até a posição de tiro, e meu olho mirou o alvo.

— Pare com isso! — eu gritei.

Minha mente trabalhava em alta velocidade. Será que havia algo que eu poderia fazer para retomar o controle? Se relaxar ajudasse, será que o pânico quebraria a conexão?

— Você não pode me forçar a fazer isso!

Mas, com movimentos dolorosamente lentos, meu dedo puxou o gatilho. Nada que eu pudesse fazer impediria que meu dedo se movesse. Eu não conseguia me fazer parar.

O rifle disparou com um estrondo.

Os Enders na sala de controle pressionaram botões que fizeram o alvo se mover para frente, para que eu pudesse ver os resultados.

Um ferimento estava contornado em vermelho, mostrando que a bala havia atravessado a holoimagem da testa de Michael.

Se fosse Michael, ele estaria morto.

Meu estômago se retorceu. Senti meus braços mais leves. Eu estava novamente no controle.

Segurei o rifle com firmeza e corri pela passarela até a porta. A Ender gritou no microfone.

— Callie Woodland, retorne à sua baia. Repito: pare agora!

Callie!

Tentei não escutar o que Dawson dizia, não deixei a fúria arrefecer. Parecia me dar mais energia. Passei pela porta. O guarda Ender do outro lado avançou sobre mim. Mirei em sua perna e puxei o gatilho.

O gatilho não se moveu. Estava travado.

Você acha que não somos capazes de controlar essas armas? Elas não funcionam fora da galeria de tiro, pequena Starter.

— Pare de me chamar assim!

Ergui o rifle e usei a coronha para atingir a barriga do Ender. Ele caiu no chão, de joelhos. O que não consegui ver foi o Ender que chegou por trás de mim e encostou algo duro contra minha coluna, que transformou meus nervos em geleia. Meus joelhos cederam e tudo ficou escuro.

Acordei no quarto com as paredes acolchoadas com uma dor de cabeça horrível e com a sensação de que haviam enchido minha boca com algodão. A porta se abriu e a guarda Ender deixou que alguém entrasse no quarto. Emma. Ela fechou a porta atrás de si.

Olhei para ela.

— Não trouxe um *smoothie* hoje?

Ela se sentou ao meu lado, no chão.

— Disseram que estava trancada aqui.

— O que mais disseram?

— Que você é uma atiradora excelente, mas que você atacou um guarda.

— Eu me recusei a atirar em meu melhor amigo. O que eles queriam?

— É somente um holo. Queriam verificar se você é capaz de seguir ordens.

Fiz que não com a cabeça.

— Eles sabiam que eu não faria isso. Foi por isso que armaram aquela situação.

Ela ergueu os joelhos e apoiou os braços sobre eles. Percebi a tornozeleira com o nome gravado outra vez.

— E Michael? Ele é seu namorado?

— Não. Ele é meu amigo. — Por que ela estava me perguntando essas coisas? Será que realmente se importava? — Como ele está?

— Está bem. *Ele* passou por todos os testes. — Ela enfatizou a palavra “ele” para indicar o que um bom Starter faz. — E Hyden? — Ela brincou com o cabelo. — E ele?

— O que tem Hyden? Ele está bem?

— Está sim. *Ele* é seu namorado?

Não estava gostando daquele interrogatório. Quanto menos eu revelasse, melhor. Além disso, deveria haver câmeras nos filmando.

— Não — eu disse. — Ele também é um amigo. Onde ele está agora?

— Em outro quarto. Ele também se recusou a terminar os testes.

Imaginei Hyden recebendo instruções para atirar em um holo meu. Senti-me um pouco melhor ao saber que ele se recusou a fazer aquilo. Mas Michael completou seus testes. Será que teve que atirar em mim?

Ela deslizou as mãos pelos cabelos.

— Quando vocês não cooperam, as coisas apenas demoram mais para terminar.

— O que você quer dizer com isso? Outros Metais já passaram por aqui antes?

Ela confirmou com um aceno de cabeça.

— Onde eles estão agora?

— Não posso falar sobre isso. — Ela girou o dedo ao redor de uma mecha do cabelo. — Queria lhe perguntar uma coisa. Eles disseram que você conhecia minha avó.

— Disseram isso para você?

— Sim. Disseram que ela alugou seu corpo. É verdade? — Ela dava a impressão de ser mais inteligente agora do que quando conversamos pela primeira vez. Naquela ocasião, parecia estar bem distraída.

— Como vou saber se você é a Emma mesmo?

— Achei que houvesse provado para você, da última vez que conversamos. O bracelete, lembra?

— Talvez você estivesse escutando quando Emma e eu conversamos — eu disse.

— Minha avó sempre deixava uma arma escondida no quarto.

— Muitos Enders fazem isso.

— No piso do closet, debaixo do tapete, embaixo da tábua, em um estojo de madeira? Uma Glock 85?

Ela me convenceu com a descrição.

— Tudo bem.

— Ela dizia que era melhor estar preparada do que sentir medo. Acho que a guerra fez isso com ela.

— A guerra mudou muitos de nós.

— A única coisa que eu odiava era ela nunca ter permitido que eu fizesse uma cirurgia. Queria corrigir meu nariz e sei que minha mãe deixaria eu fazer isso, se estivesse viva. Foi o que eu disse à minha avó. Ela chorou. Não sei se foi porque ela sentia muita falta de minha mãe, ou porque a magoei. Se conseguir vê-la de novo, vou pedir desculpas pela maneira como agi. Penso muito nela.

Não conseguiria contar a verdade a Emma agora. Ela não estava preparada para ouvi-la.

— Mesmo assim, ela deveria ter deixado eu fazer a cirurgia — continuou ela. — Meu nariz parecia o bico de um tucano.

— Emma, vi suas fotos antigas. Você tinha o mesmo nariz de sua avó. Era forte e parecia se encaixar bem em vocês duas. Pode parecer piegas, mas é verdade: o que há do lado de fora não é tão importante quanto o que há por dentro.

— Ah, é fácil para você dizer isso — comentou ela, me olhando da cabeça aos pés.

— Recebi as mesmas cirurgias que você, e elas não mudaram quem eu sou. Algum dia, nós duas seremos Enders e, mesmo com a cirurgia de laser verde, ficaremos velhas e enrugadas. Como todo mundo. Mas seremos muito mais bonitas se estivermos felizes por dentro. Se usarmos nosso cérebro e talentos em vez de levarmos a sério o que as pessoas definem como “bonito”.

Emma franziu a testa.

— Você não tem noção do que está dizendo. Provavelmente, nunca foi feia.

— Você também não. Não é que não devamos querer ser o melhor que pudermos. Mas... cirurgia plástica aos 16 anos? Ou aos 12, 13 anos? Aposto que você conheceu garotas cruéis que parecem estrelas dos holos.

— Claro que conheci.

— Deixe eu perguntar uma coisa para você: eram aquelas garotas que ninguém suportava ficar perto, pois eram cruéis e ficavam rindo de tudo e todos, não é?

Ela ficou em silêncio.

— É o que estou dizendo para você. Se há uma coisa que aprendi com toda essa bagunça que o banco de corpos causou, é que a aparência é mais valorizada do que deveria ser. Beleza não é estar no mesmo padrão de uma estrela dos holos. O importante é ser você mesma. A aparência vem e vai. E ninguém mais pode ser você.

Ela me olhava como se eu fosse louca.

— Você nunca vai fazer eu mudar de ideia — disse ela. — Se já não tivesse feito a cirurgia, pediria ao médico que está aqui para fazê-la em mim. Ele pode fazer qualquer coisa.

— Que médico?

— Um cirurgião e também *expert* em tecnologia. — Os olhos dela pareciam queimar.

A voz de uma Ender soou num alto-falante invisível.

— Emma, apresente-se no escritório principal.

Ela bufou.

— Preciso ir. — Levantou-se e saiu.

Eu me senti uma idiota por gastar minha energia em tentar fazer com que ela gostasse mais de si mesma. Será que ela prestou atenção? Não. Enquanto isso, Dawson provavelmente estava preparando uma nova tortura. Depois de ter atacado aquele guarda, não queria nem pensar no que estariam guardando para mim.

Callie?

Alguém estava dentro de minha cabeça. E não era Dawson.

— Hyden? — eu me levantei. — É você?

Sim, sou eu.

— Como isso está acontecendo?

Fiquei olhando para as paredes acolchoadas e cinzentas.

Dawson e seus homens me obrigaram a conectar. Eles estão aqui.

— Ah, sim. — Então, Dawson tinha um novo teste.

Desculpe...

— Por quê? — Contra minha vontade, eu estava andando em direção à porta. A porta se abriu. A guarda Ender se afastou para que eu pudesse passar. Entrei no corredor. Tudo parecia etéreo, como se eu estivesse no meio de um sonho.

Continue andando. Você não precisa fazer nada. Apenas não resista.

Era uma sensação estranha. Como patinar pelo corredor, mas sem os patins. Não estava tentando andar, não estava tentando resistir. Só estava me movendo.

Não sabia para onde estava indo. E não apenas o destino do percurso, mas também não sabia se eu abriria uma porta, faria uma curva ou iria até o fim do corredor. Apenas colocava um pé na frente do outro.

Surpreendentemente, isso não me assustava. A sensação era quase de tranquilidade. Talvez por saber que era Hyden que estava me controlando, mesmo se fosse Dawson quem estivesse lhe dando ordens.

Continue comigo.

Eu não era idiota. Sabia que eles o estavam obrigando a fazer isso. Dawson provavelmente estava apontando um rifle para a cabeça de Hyden. Portanto, algo deveria estar prestes a acontecer. Consegui ouvir um tom de preocupação em sua voz.

Reconheci o caminho que ele estava me fazendo percorrer. O destino era a galeria de tiro.

O novo guarda Ender que estava lá era mais alto e maior do que o que ataquei. Ele abriu a porta para mim e eu entrei.

Olhei para cima e vi a mesma Ender elegante da outra vez, me observando atrás da área envidraçada ao lado da sala de controle.

Achei que iam me levar até a última baía de novo, mas parei no meio do caminho. Virei-me e, em vez de um rifle, vi uma pistola, uma Glock 85. Era o mesmo tipo de arma que Helena fez eu usar. Será que sabiam disso?

Não vi nenhum alvo. Não queria tocar na arma, no entanto, a decisão não era minha. Hyden fez isso por mim.

Minha mão se moveu para baixo e envolveu a empunhadura de metal fria da pistola. Depois, ergueu-se.

A mulher Ender atrás do vidro falou com alguém na sala de controle. Ouvi um ruído na galeria e concentrei minha atenção ali. Desta vez, em vez de um alvo, um homem Ender com um traje de proteção à prova de balas e um capacete surgiu. Ele me encarou, uma versão viva da imagem do alvo contra o qual atirei antes.

— O traje que ele está usando é à prova de balas, certo?

Estão me dizendo que sim.

Hyden ergueu meu braço e mirou, usando meus olhos. Meu dedo puxou o gatilho. O Ender cambaleou com o impacto da bala, mas continuou em pé.

A Ender atrás da vidraça falou em seu microfone.

— Alvo, avance em direção à atiradora, por favor.

O homem caminhou em minha direção até estar a uns três metros de distância. Vi o lugar onde a bala abriu um buraco no traje de proteção, na altura do coração. Era fácil de ver por causa do pó vermelho que foi liberado quando as fibras foram rompidas.

— Bom trabalho — disse o Ender, através do capacete de proteção.

— Alvo, está dispensado — disse a Ender atrás do vidro.

Ele se virou e foi embora. Perguntei a mim mesma o que aquilo provava para eles. Provavelmente que, se eu confiasse em alguém, a pessoa controlaria meu corpo com mais facilidade. Então, agora...

Não. Não fariam isso.

Mas fizeram.

Michael entrou na galeria de tiro. Parecia estar usando o mesmo tipo de traje à prova de balas e o capacete.

Seria mesmo ele?

Ele tentou recuar, mas percebi que travaram magneticamente suas botas. Ele se esforçou e não conseguia levantar os pés. Foi forçado a ficar ali.

Que teste horrível! Não era um Ender qualquer, preparado para levar um tiro; era alguém que eu conhecia e amava como a um irmão. E se o traje dele não fosse à prova de balas?

Estão mandando eu dizer para você relaxar.

— Não faça isso, Hyden.

Estão dizendo que ele não vai se ferir.

Meu braço que empunhava a arma se ergueu.

Michael ergueu os braços para se proteger.

— Faça isso parar — eu disse. — Recuse!

Vai ser igual ao anterior.

— Não me obrigue a fazer isso. Por favor, Hyden.

Eu conseguia ver os olhos de Michael pelo visor do capacete. Ele os fechou.

— Não vou fazer isso! — gritei para Hyden.

Lutei com todas as minhas forças. Minhas entranhas pareciam estar se rasgando. Eu não conseguia recuperar o controle de minhas mãos.

— Desculpe — eu disse para Michael.

Meu dedo puxou o gatilho, a arma disparou com um estrondo alto e Michael caiu com as costas no chão.

Recuperei o controle logo depois. Larguei a arma e corri para perto dele. Tirei o capacete da cabeça dele.

— Michael! Consegue me ouvir?

Os olhos dele se abriram.

— Callie?

Olhei para o peito dele. O mesmo buraco, circulado em vermelho. Do mesmo jeito que aconteceu com o Ender.

Uma expressão de surpresa tomou conta do rosto de Michael.

— Você atirou em mim.



Guardas Enders se aproximaram e me levaram para outra sala, onde havia a projeção de uma praia. Algumas cadeiras estavam colocadas ao redor de uma mesa, como as que eram usadas nas escolas. Pouco tempo depois, trouxeram Hyden e nos deixaram a sós.

— O que tinha na cabeça?

Ele ergueu as mãos.

— Não tive escolha.

— Você me obrigou a atirar em Michael! Não acredito que fez isso.

— Eles me forçaram. Disseram que iam torturar você se eu não cooperasse. — Os olhos dele pareciam implorar. — Me asseguraram que as balas eram de festim.

— Ele podia ter morrido. As pessoas podem morrer com balas de festim, pelo impacto, se estiverem muito próximas.

— Nem todos são especialistas em armas de fogo como você.

Ele passou a mão pelos cabelos. Estava com uma aparência horrível, exausto e com olheiras.

— Machucaram você? — perguntei.

— Estão me tratando como um príncipe.

Dei uma olhada na sala. Deveria haver câmeras e dispositivos de escuta nos monitorando por todos os lados.

— Quem são essas pessoas? — sussurrei.

Ele esfregou a testa.

— Não sei, ainda. — Hyden manteve a voz baixa. — Querem o chip. O meu chip. Descobriram como usá-lo. Acho que são concorrentes.

Ele cobriu a boca com as duas mãos, para que a câmera não pudesse ler seus lábios, e sussurrou:

— A questão é: será que trabalham para meu pai?

Nem cheguei a cogitar aquela hipótese. Isso explicaria como dominaram o processo das transposições.

Lembrei-me do que o pai de Hyden me dissera: *Não confie em ninguém além de você mesma. E, em seguida, questione essa confiança.*



Pouco tempo depois, nos trouxeram água e algo para comer. Era pão e uma sopa rala, mas estávamos famintos.

— Onde está Michael? — perguntei ao guarda Ender que trouxe a comida.

Ele me ignorou.

— O que será que estão fazendo com ele? — perguntei a Hyden.

— Pode ser algum tipo de tática. Estão tentando nos manter separados. Quem sabe? Pode ser que ele esteja comendo cheeseburger e batata frita.

Ele riu um pouco, como se estivesse tentando me alegrar. Não deu certo. Minha mente pensava nas piores situações, estava preocupada com Michael. Não sabia por que quiseram interrogá-lo. Entre nós três, Hyden era a pessoa que tinha mais coisas a revelar. Seria possível que não soubessem quem ele era?

Olhei para ele.

— O que foi? — ele perguntou, discretamente.

— Nada. — Não queria nem me arriscar a sussurrar aquilo.

Quando terminamos, o mesmo guarda Ender que trouxe a comida retornou à sala.

— Agente firme — disse Hyden. — Seja forte.

Abri um meio sorriso para ele. Ele assentiu.

O guarda me escoltou pelo corredor até uma sala pequena e esbranquiçada, com uma mesa e duas cadeiras. Uma Ender entrou, usando uma blusa de gola rolê e calça branca. Ela fez um sinal para o guarda, dispensando-o.

— Olá, Callie. Por favor, sente-se.

Ela se sentou na cadeira em frente a minha. Ligou a aerotela portátil que estava em sua mão para transcrever nossa conversa. Dava para ver as letras projetadas de maneira invertida enquanto conversávamos.

— E então, Callie? Há quanto tempo seu chip foi implantado?

— Três meses, duas semanas e cinco dias.

— Você tem algum problema físico que imagina ser decorrente do chip?

— Dores de cabeça.

— Apenas isso?

Pensei em não contar para ela, no entanto, notei que na aerotela havia um marcador que se movia e parecia estar traçando um gráfico. Era um detector de mentiras e estava se agitando em ondas porque eu estava pensando em mentir.

— Tenho lembranças estranhas.

Ela se inclinou para frente.

— É mesmo? Como elas são?

— Em algumas ocasiões, revivo alguma lembrança de minha inquilina, quando ela estava em meu corpo. Quando eu não estava consciente. Elas surgem na minha cabeça, sem qualquer

motivo ou explicação.

— Como isso se manifesta? — As palavras dela se formavam na aerotela.

— É como assistir a um holo — eu disse. — Um holo curto. Dura apenas um minuto. — Dei de ombros como se quisesse indicar que aquilo não tinha importância. Entretanto ela estava interessada demais para aceitar o fim da conversa.

— Você diz que é uma lembrança da experiência de sua inquilina. Como você sabe?

— Porque...

Hesitei, e o gráfico do detector de mentiras deu um salto.

— Diga apenas a verdade — disse ela.

— Eu sabia quem ela era. Reconheci os lugares na memória, o quarto dela.

— E existe alguma emoção que você associa a isso? — As sobrancelhas dela se ergueram. Ela lambeu os lábios e se aproximou.

— Sim. É como se eu estivesse revivendo a experiência dela naquele momento. Mas não sei por quê. Não acontece para responder a uma pergunta. Também não sei explicar por que essas lembranças surgem. Não há nenhuma revelação. Apenas esse holo estúpido em minha cabeça e, depois, ele some.

Vi minhas palavras se formarem na tela. Era estranho.

— Quem é o cirurgião que vocês têm aqui? — eu perguntei.

Ela olhou para mim e não negou minha existência; simplesmente não respondeu. Continuou com o interrogatório.

— E o que você sabe a respeito de Hyden? — perguntou ela.

Meus músculos ficaram tensos. Ouvi quando o aparelho que ela usava emitiu um ruído estridente, quase como o grito de um pássaro.

— Relaxe, por favor — disse ela.

— Acho que você deveria perguntar a ele quem ele é, o que faz... — eu disse. Relaxe os músculos e o som desapareceu.

— Estou perguntando a você.

— E eu estou dizendo que você deveria perguntar a ele.

A máquina dela ficou em silêncio. A mulher também. Ela desativou a aerotela portátil e levantou-se. Sem dizer outra palavra, saiu da sala.

Dawson entrou. Não o via cara a cara há algum tempo. Tê-lo dentro de minha cabeça era uma experiência bastante inquietante. Era quase constrangedor vê-lo pessoalmente outra vez.

— Você é teimosa demais, pequena Starter — disse ele.

Eu o encarei. Ele puxou uma cadeira e se sentou.

— Quero saber mais a respeito de Hyden — disse ele.

— Como disse para a outra Ender, acho que você deveria perguntar isso a ele.

— Você não preferiria que não fizéssemos isso daquele jeito? — Ele estreitou os olhos, como se estivesse imaginando uma tarefa pouco prazerosa.

— Não sei muito sobre ele.

— É verdade que ele inventou o chip que você tem na cabeça?

— Ele teria que ser muito inteligente, com tão pouca idade, para conseguir uma coisa dessas.

— Ele é muito inteligente. — Ele se inclinou para frente, sobre a mesa e agarrou meu pulso. — É você quem nós queremos, Callie Woodland. Você é a única pessoa com um chip alterado que permite matar. Você é a única D.M.A. — Tentei me soltar, mas ele me agarrou com firmeza. — Doadora de Múltiplos Acessos. Você é a única que pode receber alguém em sua cabeça sem que seja necessário fazer a transposição total. Você ainda fica consciente. Pode ouvi-los. E significa, também, que você pode ter outra pessoa dentro de si. Isso é algo que ninguém conseguiu recriar em qualquer outro Metal.

As unhas dele estavam machucando minha pele.

— Você está me machucando. Tem certeza de que quer machucar a única Metal D.M.A.?

Ele olhou para meu pulso e me soltou. Eu o trouxe para trás das costas. Não queria que ele me visse esfregando a carne.

Lembrei do que Hyden dissera. Quer dizer, então, que essas pessoas eram concorrentes de seu pai? Talvez eles quisessem vender o chip para algum grupo terrorista ou para outro inimigo. Ou eles mesmos talvez fossem um grupo terrorista.

— Quer dizer que vocês estão fazendo todas essas pesquisas sobre a tecnologia dos chips...

— Sim — disse Dawson. — É o que estamos fazendo.

— Com esses especialistas...

— Temos alguns dos melhores.

— Mas não são capazes de recriar o chip.

— O problema são os algoritmos centrais, e não estamos conseguindo decifrá-los.

— Não queremos mais esses chips em nossas cabeças — eu disse. — Vocês podem ficar com eles. Acredito que têm um *expert* aqui que é capaz de removê-los.

— Você sabe que isso é muito difícil. Um trabalho de precisão extrema. É necessário um nível de habilidade que envolve a combinação de um especialista em demolições com um neurocirurgião.

— Certo. Mas vocês têm a pessoa para fazer o trabalho, não é?

Ele olhou para mim com olhos penetrantes. Percebi que estava considerando a oferta, como se fosse a resposta para todos os seus problemas.

— Lembre-se, foi você quem escolheu isso — disse ele.

Dawson reuniu todos nós o galpão onde entramos pela primeira vez. Hyden, Emma, eu e Michael. A projeção mostrava os picos nevados do Himalaia.

Corri até Michael, queria saber como ele estava, o que fizeram com ele, porém Dawson me impediu. Ele trouxe um Ender ao qual se referia somente como “o Doutor” para conversar conosco. Ele tinha um sotaque estrangeiro, algo entre o sueco e o norueguês.

— A remoção do chip é um processo arriscado — disse o Doutor. — Sabemos, pelos exames de tomografia, que eles estão ligados ao tecido neural por uma conexão parecida com uma teia de aranha.

— É uma ideia genial. O próprio chip cria a teia — acrescentou Dawson.

— Devido a variações que existem de um ser humano para outro, é muito difícil determinar a maneira de extraí-lo — explicou o Doutor. Ele fez um movimento com os dedos, flexionando-os como se fossem ganchos. — Mas, finalmente, temos o inventor do chip conosco e podemos perguntar isso diretamente a ele.

Hyden o olhou com raiva.

— É melhor perguntarem ao meu pai. Desenvolvi apenas o conceito e os primeiros projetos. Ele criou o chip físico e também o método de implante.

O sorriso do Doutor se desfez.

Dawson puxou uma cadeira e sentou-se.

— Você chegou a observar uma cirurgia de implante?

— Várias vezes — disse Hyden. — Mas nunca vi uma remoção.

— E pode ser feita? — perguntou Dawson.

— Teoricamente, sim. Na prática, eu não tocaria no chip — argumentou Hyden. — E seria melhor vocês não considerarem essa hipótese.

— Por quê? — perguntou o Doutor.

— Porque o risco é enorme.

— Qualquer cirurgia envolve riscos — disse o Doutor. — Mesmo assim, as executamos.

Começaram todos a falar ao mesmo tempo, discutindo os prós e contras da cirurgia dos chips, até que ninguém mais conseguia ser compreendido.

Emma deu um passo à frente.

— Quero que removam o meu.

Todos se viraram e olharam para ela.

— Tirem isso de mim — disse ela. — Vocês podem ficar com ele.

Com uma expressão de surpresa, o Doutor olhou para Dawson.

— Temos uma voluntária.

Ela estendeu a mão.

— Sim. Podem me usar.

— Emma, você tem certeza?

— Por quê? Você quer passar na minha frente? Não pode. Eu pedi primeiro.

— Você sabe o risco que está querendo assumir? — perguntou Hyden, balançando a cabeça negativamente de forma quase imperceptível.

— Não tentem me convencer a voltar atrás. Detesto ter essa coisa em minha cabeça. Foi a pior decisão que já tomei — disse ela. — Não quero que esses homens consigam me rastrear, perseguir ou caçar. — Ela apontou para mim. — Você sabe. Todos sabem que vai ser assim para o resto de nossas vidas. Sempre seremos caçados pelo que podemos fazer, por causa dos próprios chips. Estou farta disso. Quero voltar para minha avó. Terminar a escola. Ir a festas de novo. A guerra terminou, mas ainda estou vivendo no meio dela. Todos os dias. Estou cheia de tudo isso. Tirem essa coisa horrorosa de minha cabeça. Por favor.

Um silêncio tomou conta da sala. Dawson limpou a garganta.

— Tudo bem — disse ele. — Mãos à obra.

Emma sorriu. Aproximei-me dela e toquei seu braço.

— Os chips podem explodir — eu disse. — Vi isso acontecer no shopping. Alguém ativou a bomba.

— A cirurgia é diferente — afirmou ela, recolhendo o braço. — Ninguém vai detonar o meu chip. Vão removê-lo.

Ela tinha certa razão.

Hyden se aproximou.

— Existe, sim, um componente explosivo aí dentro. — Ele apontou para a cabeça de Emma. — A estrutura em forma de teia de aranha de meu projeto está encapsulada pelo explosivo.

— Então você sabe alguma coisa sobre o processo de remoção do chip — disse Dawson.

— É como se cem cordões estivessem embaraçados dentro de uma gaveta cheia de objetos — disse Hyden. — Não posso lhes dizer como desembaraçá-los.

Dawson ficou olhando para Hyden por um tempo. Em seguida, gritou para o Doutor.

— Preparem Emma para a cirurgia!

Antes que Emma sáísse, ela se aproximou de mim e sussurrou.

— Você deveria pedir para fazer a cirurgia também. E se não quiserem remover os chips de todos nós? Melhor aproveitar enquanto pode.

Ela estava muito feliz quando saiu da sala com o Doutor, Dawson e um guarda.

Michael se aproximou de mim.

— Eles vão fazer isso mesmo?

— É loucura — disse Hyden, balançando a cabeça.

Entretanto entendi o que Emma disse. Sentia o mesmo. Mais do que tudo, queria ser normal

novamente. E ela tinha razão: nunca estaríamos seguros se não nos livrássemos dos chips. Sempre haverá alguém tentando nos controlar ou sequestrar para conseguir o chip. E eu preferia que minha cabeça fosse aberta por um neurocirurgião experiente a passar por uma cirurgia com algum ladrão.

Mesmo assim, Hyden, que deveria conhecer o procedimento melhor do que ninguém, ficou pálido ao considerar a ideia de que Emma estava se preparando para entrar na faca.

— Ouvi dizer que o chip seria desativado se alguém tentasse removê-lo. Para proteger a tecnologia, ele poderia se autodestruir — eu disse a Hyden. — E, talvez, explodir.

— Foi ideia de meu pai. Só descobri que ele colocou o composto explosivo em meu projeto quando já era tarde demais.

Ele ficou distraído. Irritado. Michael segurava minha mão para me reconfortar. Hyden viu e seus olhos refletiam apenas dor. Queria fazer alguma coisa, qualquer coisa que pudesse servir de conexão entre nós três neste momento, enquanto esperávamos para ouvir o destino de uma Starter com nós.

Estendi a mão para ele.

Ele ficou surpreso. Em seguida, foi embora.

Eu sabia que ele não podia me tocar. Mas eu tinha que tentar.



Um Ender nos trouxe chocolate quente e sanduíches. Chocolate quente? Eu estava muito confusa. Éramos prisioneiros ou cobaias? Será que conseguiríamos o que mais queríamos, ou seja, a remoção dos chips? E se isso acontecesse, eles não precisariam mais de nós. Talvez fôssemos idiotas por pensar que eles nos deixariam ir embora.

Só nos restava esperar para ver qual seria o resultado da cirurgia de Emma. Levamos uma mesa e cadeiras até um dos cantos daquele salão enorme, longe das portas e das paredes, para sentir que tínhamos um pouco de privacidade, mesmo com todas aquelas câmeras escondidas. Comemos em silêncio, estávamos com muita fome. Como toda a mobília do lugar, a mesa era totalmente utilitária: pernas dobráveis, tampo de metal. Talvez fosse alugada. O modo como o lugar fora arrumado dava a impressão de que estava sendo ocupado há menos de dois meses.

Sentei-me entre Hyden e Michael. Quando terminamos de comer, Michael puxou a cadeira para meu lado. Hyden olhou para nós com uma expressão de dúvida no rosto.

Michael colocou o braço ao redor do encosto de minha cadeira. Hyden se levantou e foi para o outro lado daquele salão enorme, longe o bastante para não ouvir o que falávamos. Fiquei com pena dele, não era culpa sua não suportar o toque de outra pessoa; era sua sina.

— Ei — disse Michael para mim.

E puxou meu cabelo. Tinha aquela expressão nos olhos, aquele olhar carinhoso que me dizia que compreendia o que eu estava sentindo. Temia por Emma e por nós. Se conseguissem tirar o chip da cabeça dela, o que aconteceria depois?

Inclinei-me para sussurrar para Michael, esperando que o salão fosse grande o bastante para

que quaisquer câmeras e microfones que houvesse por ali não pudessem captar nossa conversa.

— Então, se tirarem o chip de Emma, não precisarão mais dela.

Ele apertou os olhos, como se não conseguisse imaginar aquilo.

— O que você está querendo dizer?

— O que vão fazer com ela? Ela poderia dar com a língua nos dentes. Ela sabe onde fica este lugar e o que fazem aqui. Sabe a respeito deles.

Olhei fixamente para a mesa. O tampo tinha manchas de tinta. Manchas vermelhas. Desviei o olhar.

— Nem pense nisso — disse ele.

— Para que precisariam de nós, se tirassem nossos chips?

— Para nada. E por isso, nos deixariam ir embora.

— Vão querer manter Hyden por perto porque ele inventou o chip.

— Você acha que acreditaram naquela história sobre o pai dele ter inventado o chip?

— Não sei. Você não acreditou, não foi?

Michael apoiou a cabeça em meu ombro por um momento.

— Não — disse ele, e voltou a se encostar em sua cadeira.

— E o meu chip é diferente. Não sei se isso significa que eles querem removê-lo ou se querem preservá-lo dentro de mim. — Toquei a parte de trás de minha cabeça. — Quem sabe se ele faria com que o próximo doador agisse da mesma maneira que eu?

— Está falando sobre dar a capacidade de matar a essa pessoa?

— Não. Estou falando sobre o fato de eu poder continuar consciente enquanto alguém está me controlando. Posso ouvi-los falando comigo. Eles enxergam através de meus olhos, mas eu ainda estou ali, consciente.

— Deve ter sido assustador quando você se viu atirando em mim. Para mim, com certeza, foi horrível.

Girei as pernas por cima da lateral de minha cadeira, para ficar de frente para ele.

— Não quero que ninguém me controle outra vez. Emma tem razão. O melhor que poderia nos acontecer seria conseguirmos tirar esses chips.

— Pelo jeito, você é a próxima voluntária.

Se eu morresse, Tyler não teria mais família. Porém se eu sobrevivesse, estaria livre.

— Eu poderia ser uma menina normal outra vez. Teria uma boa vida na mansão, com Tyler e com você. Emma poderia voltar e morar lá também.

Ele soltou uma risada suave.

— Já que ela é dona de metade de tudo, imagino que seja exatamente isso que vai acontecer.

— E você? Vai se oferecer como voluntário? — perguntei.

— Não sei por quê, mas acho que isso não depende de querermos ou não — disse ele. — Se eu

puder escolher, vou me oferecer, sim. Caso contrário, vamos passar o resto de nossas vidas fugindo. A guerra pode ter acabado, mas nunca terminará para nós.

Olhei nos olhos dele. Não havia percebido, que em algum momento, a mão de Michael, que estava em meu ombro, deslizou até minha mão. A sensação de ter contato humano novamente era agradável e reconfortante. Diferente de ser empurrada pelos guardas pelos corredores daquele lugar. Era assim que as pessoas deveriam tratar umas às outras.

Senti as lágrimas se formarem em meus olhos, e me forcei a contê-las. Esse não era o lugar nem a hora de deixar as emoções tomarem conta de mim. Não podia desanimar. Havia muita coisa em jogo.

Soltei da mão de Michael e me levantei.

— Não deveria ter acabado? — eu disse. — Quanto tempo mais isso vai levar?

Hyden estava do outro lado da sala, andando de um lado para outro como se fosse um animal enjaulado. Fui até onde ele estava e puxei a gola de sua camisa.

— Quanto tempo você acha que isso ainda vai durar? — eu disse.

— Não sei — respondeu ele, negando com a cabeça.

— Você vai se oferecer como voluntário? — perguntei.

Ele olhou para mim como se eu estivesse louca.

— Está brincando? Seria suicídio. É claro que não! E é melhor que você não esteja pensando nisso.

— É a única maneira de me livrar de um futuro em que sempre serei fantoche de alguém. Isso se eles quiserem remover o chip de mim.

— Não sei quem são essas pessoas, mas não são tão brilhantes quanto você acha. Temos que descobrir uma maneira de sair daqui.

— Como podemos escapar? Eles têm armas. Guardas.

— Já escapou de algum lugar antes?

— Sim. Da Instituição 37.

— Um lugar horrível, mas você escapou de lá.

Um guarda Ender estava contra a parede do lado oposto, olhando para nós com uma expressão gelada no rosto.

— Este lugar parece ser bem mais difícil — eu disse.

— Eu sei. — Ele olhou em volta e depois baixou a voz. — Os guardas estavam falando sobre meu pai e o encontro da cúpula.

— O que foi que disseram? — sussurrei em resposta.

— Apenas confirmaram o que você ouviu quando invadiram meu laboratório. Alguns de nossos inimigos, alguns países, alguns grupos suspeitos, estão se reunindo no laboratório de meu pai. Ele vai vender a tecnologia a quem pagar o preço mais alto, junto com os Metais que ele recolheu.

Coloquei a mão sobre a barriga.

— Isso é horrível. Não somente para os Metais, mas para o país.

— É exatamente assim que meu pai age.

Eu ia perguntar mais a respeito do pai dele e o que ele fazia, mas um som alto nos interrompeu.

Uma explosão.

Hyden, Michael e eu corremos na direção do som, passando por um corredor decorado com uma projeção de cachoeiras tranquilas. Vários guardas saíram das salas laterais e nos seguiram. Quando nos aproximamos, ouvimos gritos agonizantes.

Um grupo de Enders estava aglomerado em frente a uma porta no final do corredor. Vozes desconexas, confusão e um cheiro forte no ar, um odor de produtos químicos queimados, encheu minhas narinas.

Ouvi um homem gritar de dor, entretanto não consegui ver quem era por cima dos guardas Enders altos. Agachei-me e consegui ver, por uma fresta entre os corpos, um Ender sentado no chão. Era o médico. Ele agarrava um dos braços, que se agitava violentamente. Sua mão estava queimada, seu braço enegrecido até a altura do cotovelo. Os gritos dele diminuíram até se transformarem em um gemido horrível, mas, em seguida, ele começou a gritar novamente, com a diferença de que os gritos não eram nem tão altos nem tão constantes. Os pelos em meu braços se eriçaram. A dor deveria ser insuportável.

Alguém gritou:

— Tragam um médico!

— Ele é o médico — disse o guarda Ender.

Alguns dos Enders que estavam à minha frente saíram e eu me endireitei para conseguir enxergar melhor. Uma barreira, que fora colocada ali para separar o paciente e o médico, estava enegrecida e despedaçada, mas pode ter salvado a vida do médico. Do outro lado, o corpo de Emma estava na mesa de cirurgia. Alguém havia coberto a parte de cima do corpo e a cabeça com um lençol. Só víamos seus pés e a tornozeleira com seu nome:

Emma.

Dawson foi até o Doutor e se ajoelhou ao seu lado.

— O que aconteceu?

O Doutor se esforçou para pronunciar as palavras.

— Aquilo... explodiu.

Senti um aperto no peito. Quando disse “aquilo”, estava se referindo à Emma.

— Quando você o tocou?

Ele apertou os dentes.

— Estava com quase trinta por cento da extração concluída. Fiz um corte expondo o material e... — Ele balançou a cabeça negativamente. — Bum!

O rosto dele se contorceu por causa da dor. Em seguida, seus olhos se reviraram e ele tombou para frente. Pouco antes de a cabeça do Doutor bater no chão, Dawson o agarrou pelos ombros.

— Alguém, leve-o daqui!

— Ele...? — perguntou um guarda.

— Está apenas desacordado — disse Dawson, com uma expressão de asco no rosto. Dois guardas trouxeram a maca hospitalar.

Emma estava morta.

Não consegui conhecê-la. Achei que teríamos tempo para isso quando ela voltasse a morar na casa conosco.

— Todos vocês, saiam daqui. — Dawson fez um movimento com o braço, indicando a sala. Em seguida, ele olhou para mim e apontou. — Exceto você. E os seus amigos.

Engoli em seco. Seríamos responsabilizados e castigados por esse acontecimento horrível?

Os Enders se enfileiraram para sair da sala. Os guardas vieram e ficaram perto de Michael, Hyden e de mim. Trocamos olhares nervosos conforme a sala foi se esvaziando, até que sobraram apenas nós, os guardas e Dawson.

E a pobre Emma.

Dawson agarrou o braço de Hyden. A dor era óbvia. Coisas que apenas machucariam uma pessoa comum eram totalmente insuportáveis para ele.

— Me solte — ordenou Hyden.

— Você sabia que isso ia acontecer! — gritou Dawson.

— Eu disse para vocês que era arriscado. Que havia um explosivo. Vocês não me deram ouvidos — disse Hyden. Ele apontou para o corpo de Emma. — *Ela* não ouviu o que eu disse.

— Pare com isso. Solte-o — disse Michael a Dawson.

— Você deixou que isso acontecesse com Emma — eu falei para Dawson. — A culpa é sua, mais do que dele. É você que dá as ordens por aqui.

Dawson soltou o braço de Hyden, veio em minha direção e parou com o rosto a poucos centímetros do meu. Não recuei nem desviei o olhar. Mantive os olhos fixos nos dele, com toda a frieza que consegui reunir.

— Você acha que eu queria perder uma Metal? — disse Dawson. — Não há muitos de vocês e a maioria está sob a guarda de um único homem. O pai dele. — Dawson apontou para Hyden.

Devo ter soltado um suspiro involuntário, pois Dawson se virou para mim.

— Ah, nós sabemos — disse Dawson. — Sabemos de tudo.

Ele saiu da sala pisando forte e nós o seguimos, com um guarda logo atrás de nós. Tentei não entregar mais nenhuma informação. Quanto ele sabia?

— E sabemos também sobre *seu* pai, Callie — disse Dawson, falando por cima do ombro.

— Meu pai? — eu disse. Meu coração começou a bater mais rápido.

Dawson parou e cruzou os braços.

— Seu pai também trabalhou no desenvolvimento da tecnologia dos neurochips.

— Meu pai inventou a lanterna de pulso — falei lentamente, sem saber o rumo que essa conversa estava tomando.

— E o que ele fez depois disso? — perguntou Dawson.

— Ele não falava sobre trabalho. No máximo, dizia que fazia “pesquisas”. E depois ele morreu, assim como minha mãe.

— Seu pai estava tentando fazer o que ele — Dawson apontou para Hyden — e Brockman conseguiram fazer. Criar o neurochip para a transposição. Ele se especializou em tentar criar chips que podem se comunicar com outros chips.

A ideia de que meu pai estava envolvido com essa tecnologia dos chips me deixou tonta. E Dawson parecia saber o que estava dizendo. Hyden e Michael olhavam para mim como se eu estivesse escondendo um segredo enorme deles, durante todo esse tempo.

— E agora, vocês dois estão juntos — disse Dawson, indicando Hyden com um gesto. — Coincidência? — Ele negou com um movimento de cabeça. — No que vocês estão trabalhando, exatamente?

— Não estamos trabalhando em nada! — exclamei. — Eu nem sabia do trabalho que meu pai fazia.

Hyden continuou em silêncio. Percebi que deveria fazer o mesmo. Mas era tarde demais.

— Eu só queria tirar os chips de todos nós — acrescentei.

— Bem, depois do que aconteceu com Emma, você não quer mais, não é mesmo? — disse Dawson. — *Kabum!*

Engoli em seco. Estava exausta. Meu corpo inteiro doía. Que situação detestável! Não sabia em quem acreditar. Quem era Dawson, na verdade? Talvez ele estivesse inventando tudo isso para causar algum tipo de mal-estar entre nós. Será que eu não deveria saber qual era o trabalho de meu pai?

Cruzei os braços.

— Meu pai nunca me disse nada a respeito dos chips. Eu era só uma criança.

Dawson me encarou.

— Você espera que eu acredite nisso? Você não é uma garota comum.

Deixei escapar uma risada.

— Como vou saber que você não está inventando tudo isso?

— Você não tem como saber. — Hyden estava cara a cara com Dawson. — Nós sabemos quais são seus planos. Você quer saber os segredos. Vai dizer qualquer coisa para conseguir tirá-los de nós.

— Agora você sabe que não pode tirar os chips de dentro de nós — eu disse. — Nós lhe dissemos tudo. Você nos testou de todas as maneiras possíveis. Portanto, nos deixe ir embora daqui.

Dawson olhava para nós com um olhar frio e silencioso. Seu cabelo brilhava sob a lâmpada que pendia do teto no corredor.

— Não. — Os olhos dele pousaram em cada um de nós. — Ele sabe demais — disse ele, indicando Hyden. Virou-se para o guarda. — Leve-os para as celas.



Desta vez, nos colocaram na mesma cela de paredes acolchoadas. Aquela cela deveria ter aparelhos de escuta instalados e eles deveriam imaginar que conseguiriam alguma informação se ouvissem nossas conversas. Qualquer pessoa inteligente teria ficado de boca fechada, contudo estávamos completamente exaustos e não nos importávamos com mais nada. Parecia que sabíamos mais do que realmente demonstrávamos, de qualquer maneira.

Michael, Hyden e eu nos sentamos no chão. Conversamos em voz baixa. Se estivessem nos escutando, não pretendíamos facilitar as coisas para eles.

— Não acredito que ela morreu — eu disse. — Não conseguimos nem nos despedir.

— Isso vai parecer muito insensível, mas... alguém gostava dela, de verdade? — perguntou Hyden.

— Não tivemos muito tempo para conhecê-la — disse Michael.

— E o que você acha que é preciso dizer? — perguntei, lutando para conter a histeria que crescia dentro de mim. — Quer que eu me despeça de você agora, caso algo horrível lhe aconteça?

Michael suspirou. Apoiei a cabeça nas mãos.

— Você não sabia mesmo que seu pai estava trabalhando com a transposição? — perguntou Michael.

— Não, é claro que não. Eu contaria a vocês.

Hyden apoiou a cabeça contra a parede.

— Com o que restou do chip de Emma, eles vão tentar descobrir mais informações.

— Você acha que vão conseguir duplicar o chip? — Michael se espreguiçou e se deitou de barriga para cima.

Hyden negou, balançando a cabeça.

— Não sobrou material suficiente para irem tão longe.

— E você sabe fazer mais neurochips? — perguntou Michael a Hyden.

— Sem meu pai, não. A especialidade dele é o hardware.

— E ele não pode fazer mais chips sem você? — perguntou Michael.

— Não. É por isso que está capturando todos os Metais. — Hyden olhou para as paredes acolchoadas ao redor da sala. — Não acho que vão se contentar em nos deixar presos aqui.

— O que você acha que vão fazer? — eu perguntei.

— O que puderem.

Caímos em um silêncio lúgubre. Eu me deitei no chão, queria dormir um pouco, mas os pensamentos insistiam em correr por minha mente. O que aconteceu com Emma poderia ter acontecido com qualquer um de nós. Como Metais, éramos vulneráveis.

Meu pai, trabalhando na tecnologia de neurochips? Lembrei-me da discussão entre meus pais por causa da vacina. Minha mãe ficou irritada porque alguns adultos iam receber a vacina comprada no mercado negro ou porque o governo decidiu que algumas pessoas-chave, em posições administrativas ou na área de pesquisa, deveriam ter acesso a ela. Vários Enders e Starters não receberam a vacina. Alguns pais estavam aterrorizados com a ideia, afetados pela paranoia de que a vacina poderia causar paralisia ou ter efeitos piores. Muitos se recusaram a ser vacinados. Mas ela pensava que meu pai poderia consegui-la. Devia conhecer algo sobre o projeto no qual ele estava trabalhando e o quanto era importante.

Minha mãe não era uma pessoa ruim. Estava apenas lutando pelo bem de sua família. Para mantê-la viva.



Sonhei que ouvia meu pai conversando comigo. Ele chamava por meu nome, várias e várias vezes.

Meus olhos se abriram. Ainda o ouvia.

Callie?

Meu coração deu um salto.

— Pai? — sussurrei.

Michael estava deitado perto de mim, dormindo profundamente, com as costas voltadas para mim. Do outro lado, Hyden dormia com as costas para baixo, com uma das pernas sob a outra, o joelho flexionado formando um ângulo reto. O som de sucção do vaso sanitário ajudava a disfarçar o som de minha voz. Talvez estivesse apenas imaginado que ouvia meu pai. Ou será que estava sonhando?

— Papai?

Está me ouvindo?

Era ele! Era sua voz.

— Estou ouvindo você, papai, estou ouvindo.

Menina Cal.

— Me diga que é você — eu disse, com a voz arrastada.

Tentei entrar em contato com você, mas está sendo muito difícil.

O carinho em sua voz. Queria correr para os braços dele, senti-lo me agarrar em um abraço e me proteger.

— Disseram que você trabalhou no projeto do neurochip. Como você sabia que eu tinha um?

Preste atenção, Cal. Não temos muito tempo. Deixei um z-drive em um lugar chamado Club Rune.

— Eu sei. Eu o peguei, mas estava criptografado.

É muito valioso.

— Me diga onde você está.

Não quero que você tente vir até aqui. Não é seguro.

— Em qual cidade você está? Pai, me diga como posso encontrá-lo.

Não, é longe demais, no meio do deserto. E esse homem é perigoso.

Ouvi sons confusos e misturados na sequência.

— Papai? Papai. — Minha voz acordou os rapazes, e eles começaram a se espreguiçar.

— Com quem você está falando? — perguntou Michael, com a voz sonolenta.

Cobri as orelhas com as mãos, desejando que a voz de meu pai retornasse. Que conversasse comigo outra vez, que me ajudasse a chegar até ele. Que me ajudasse a sair deste lugar. Mas era como se alguém tivesse interrompido a transmissão. Senti um aperto no peito.

Michael se aproximou. Falamos em voz baixa.

— O que houve?

— Acabei de ouvir meu pai.

— Do que você está falando?

Hyden se sentou.

— O que está havendo? — perguntou ele, discretamente.

— Meu pai acabou de falar comigo. Dentro de minha cabeça.

— Como você sabe que não é meu pai tentando confundir você outra vez?

— Ele sabia sobre o z-drive.

Hyden se endireitou.

— O que mais ele disse?

— Que está sendo mantido em cativeiro.

— Ele disse onde está?

Neguei com a cabeça.

— Não. Disse apenas que era no deserto.

Quando ouviu aquela palavra, Hyden se recostou. Percebi, pela expressão em seu rosto, que agora ele acreditava em mim.

— Então ele está com meu pai.

— Meu pai adora o deserto. Porque somente os fortes sobrevivem lá — prosseguiu Hyden.

Nós nos aproximamos para continuarmos conversando em voz baixa. Se o pai de Hyden sequestrara meu pai, aqueles certificados de óbito eram falsos. Ele poderia estar mantendo meu pai em cativeiro há mais de um ano.

Por uma fração de segundo, me permiti sonhar com um reencontro.

— Espero poder viver tempo o bastante para nos vermos. Espere Tyler saber disso!

— Se o que vou dizer ajudar, meu pai ia querer desesperadamente manter seu pai vivo. Ele ia querer saber tudo o que seu pai sabe — disse Hyden.

— Depois de um ano, você não acha que ele já sabe? — perguntei. Minhas entranhas se retorceram. — Temos que encontrá-lo. Você não tem ideia de onde fica o laboratório dele? Nem um palpite? Nada?

Ouvimos um ruído na porta. Paramos de falar e olhamos na direção dela. Uma fresta se abriu. E permaneceu assim.

Hyden foi até a porta e olhou para fora. Em seguida, fez um sinal para que o seguissemos.

O corredor estava vazio, nenhum guarda à vista. Seguimos Hyden ao longo de uma projeção de uma floresta tropical e eu me preparei para que alguém pulasse à nossa frente a qualquer momento.

Ele espiou pela janela cortada na superfície de uma porta em frente a uma das salas. Estava escuro, mas a luz fraca de uma aerotela com um rastreador de chips em modo de descanso brilhava como a chama de uma vela. Hyden fez um sinal afirmativo e nós entramos.

Hyden agitou a mão no ar e o brilho da aerotela se intensificou ao máximo. Deixamos as luzes da sala apagadas. A projeção de uma geleira decorava uma das paredes. Fora isso, a sala tinha muito pouca mobília: uma mesa onde a aerotela estava instalada, outra mesa com alguns materiais de escritório e algumas cadeiras dobráveis.

O número de identificação do chip de Hyden piscou na aerotela. Em seguida, dois outros números surgiram.

Hyden apontou para cada um dos três números.

— Esse é o meu, esse aqui é o seu — disse ele, apontando para mim — e este outro é o dele — completou Hyden, indicando Michael com um gesto.

Hyden apontou para o número de seu chip e tocou duas vezes na tela. Ela se conectou com seu chip.

— Estou conectado — sussurrou ele.

— Ele rastreou seu chip — sussurrei em resposta.

Observamos, maravilhados, quando seus olhos se estreitaram e ele usou a mente, não os dedos, para vasculhar os arquivos. Ele procurou por “Brockman”, no entanto, a busca não retornou nenhum resultado.

— Não sabem onde ele está — disse Hyden.

Em seguida, Hyden foi para uma área diferente e localizou um novo diretório: “Segurança”. Com sua mente, e o chip, examinou os arquivos em alta velocidade. Encontrou o sistema de alarmes e descobriu uma maneira de desligá-lo.

— Uau! — sussurrou Michael.

Sorrimos. Mas, naquele momento, alguém abriu a porta.

Uma mulher Ender estava sob o batente da porta, usando um macacão preto. Era esbelta, com uma bela estrutura óssea e cabelos brancos longos e soltos, caindo-lhe nos ombros.

Ela entrou e fechou a porta atrás de si.

— Está tudo bem — disse ela. — Não tenham medo.

Reconheci a voz dela.

— Você estava no escritório da galeria de tiro.

Ela era a Ender que havia observado a ação e passado instruções para a equipe que estava lá dentro.

Ela falou em voz baixa.

— Vi o que fizeram com vocês, e é uma vergonha.

— Por que você quer nos ajudar?

— Sou avó. Bem, era. Perdi não somente meus filhos, mas também minha neta durante a guerra. Ela se recusou a tomar a vacina porque não confiava no governo.

Percebi que Hyden mudara a tela para uma imagem texturizada.

— Se ficarem aqui, o que ele pretende fazer com vocês é horrível. É por isso que estou arriscando meu emprego para tirar vocês daqui.

Nós três trocamos um olhar preocupado.

— Vocês têm que ir embora agora — disse ela.

— Foi você quem abriu a porta de nossa cela — afirmei.

— Sim. Ia acompanhá-los até a saída, mas um guarda passou por perto e tive que distrair o sujeito. — Ela colocou a mão no bolso e tirou a chave de nosso carro. — Peguem. Eu vi você desarmar o alarme — disse ela para Hyden. — Vão, agora! — Ela jogou as chaves para ele.

Demos meia-volta e corremos na direção que ela apontou, passando por uma série de portas que se abriam para um pequeno corredor com a projeção de uma cena rural. A última porta era a que levava para fora. Ela se abriu sem qualquer som, sem que um alarme soasse.

Saímos dali e chegamos ao ar fresco e doce da noite. Estávamos fora do complexo. Livres.

— Onde está o carro? — perguntei.

Michael apontou para o canto mais distante do prédio, oposto do estacionamento, perto da rua.

— Daquele lado.

Corremos, atravessamos a rua e avançamos até o quarteirão seguinte. Tentamos ficar atrás

dos carros, nas sombras, o máximo possível. Finalmente, chegamos ao furgão e eu destravei as portas para entrarmos.

Hyden deu a partida. O som do motor rugiu em meio ao silêncio da noite.

— Rápido — eu disse.

Hyden dirigiu pela rua deserta. Michael levantou a mão para bater com a palma na minha.

— Não comemorem tão cedo — disse Hyden. — Esperem eu abrir uma boa distância entre nós e aquele lugar.

Olhei por cima de Michael, na direção da aerotela instalada na traseira do furgão. Ainda estava fechada, mas um brilho suave emanava por baixo do painel que a cobria.

— O z-drive de meu pai — eu disse. — Talvez o processo esteja concluído.

Precisávamos de um lugar tranquilo e seguro para ver o que meu pai deixara gravado. Hyden conhecia um lugar que estaria aberto: os jardins subterrâneos de uma cooperativa especializada em plantas hidropônicas.

— O que é isso? — perguntei a ele.

— Um lugar onde também poderemos comprar alimentos frescos — respondeu ele.

— Deixe eu adivinhar... fica no subsolo porque eles queriam evitar a poeira dos esporos?

— É a nova onda dos orgânicos — disse Michael.

— Além disso, algumas pessoas ficam escondidas o máximo que podem. Os Enders vão até lá depois do trabalho. Têm muito medo de um novo ataque.

Descemos do carro. Um Starter começou a limpar o carro com um pedaço de pano imediatamente, como aconteceu no mercado de pulgas. O ar aqui era úmido e quente, e tinha um cheiro de terra. Não nos importávamos; estávamos contentes por nos livrarmos de Dawson.

Tivemos que passar por valetas rasas que estavam cheias com um líquido de aparência turva antes de podermos entrar no mercado de vegetais. Havia várias dessas valas nas proximidades.

— Para que não levemos poeira de esporos para dentro do mercado? — perguntei a Hyden enquanto molhava os sapatos na valeta.

— O líquido tem um agente químico. — Ele pisou fora de sua valeta. — Estamos com sorte, pois a jardineira-chefe não está aqui hoje. Ela obriga todo mundo a colocar um camisolão de papel por cima das roupas.

Olhei para a direita e vi Michael agitando seus sapatos molhados como um gato que entra em casa depois de tomar chuva. Dentro do mercado, havia bancas com tomates, pepinos e alfaces administradas tanto por Enders quanto por Starters.

— Elas recebem luz de tubos que vão até lá fora — disse Hyden. — E de lâmpadas ligadas em baterias portáteis que eles recarregam em seus carros.

A horta ficava logo atrás das mesas que exibiam os legumes e as verduras. Grandes bandejas de legumes estavam instaladas em recipientes maiores por onde corria água. Olhei para o grupo de jardineiros que borrifava água nas plantas.

— Essas pessoas... — Comecei a dizer rapidamente.

— Todo tipo de gente — disse Hyden, em voz baixa. — Eles não confiam na segurança da comida que é vendida lá em cima.

— Não podemos culpá-los — disse Michael.

Compramos tomates e pepinos frescos, e também sucos. Depois de pagar pelas compras, ficamos no estacionamento para estudar a aerotela. Hyden e eu ficamos no banco traseiro e acionamos a aerotela, enquanto Michael ficou do lado de fora, encostado na lataria do furgão, comendo um pepino. O computador terminara de decifrar a criptografia e estava pronto para reproduzir o conteúdo do z-drive. Hyden deu início à reprodução e uma imagem de meu pai surgiu na aerotela.

Meu pai estava com uma expressão preocupada. Seu cabelo estava despenteado. Tinha olheiras. Parecia olhar diretamente para mim quando falava, como se soubesse que eu estaria ali algum dia.

— Este drive contém material intelectual confidencial, e não deve ser retransmitido a ninguém. Caso venha a morrer, eu, Ray Woodland, declaro que a pesquisa contida aqui deve ser utilizada em benefício de meus dois filhos, Callie e Tyler.

Ele estava fazendo isso por mim. Meu coração ficou apertado.

— Callie, se você estiver assistindo a isso, o trabalho que estou deixando pode sustentar você e Tyler. Estive desenvolvendo um processo de transposição, uma transferência entre mentes e corpos. Sei que não estou sozinho, que outros tiveram sucesso com o processo e que já o fizeram antes de mim, mas minhas descobertas sobre a transposição reversa estão focadas em uma função específica, que, pelo que acredito, ninguém mais conseguiu desenvolver até hoje. Será bastante valiosa para que você possa vendê-la e usar o dinheiro para seu bem-estar e de seu irmão.

— Transposição reversa? — perguntei.

Hyden congelou a imagem no ar com um toque dos dedos.

— Isso acontece quando o corpo de um doador, como você, consegue entrar no corpo do inquilino e controlá-lo. É algo que ninguém conseguiu fazer ainda.

Eu? Controlar a pessoa que estiver me controlando? Um conceito e tanto.

— Entrar no corpo de quem estiver me controlando? Ver através dos olhos dela? Fazer com que ela se mova? Isso seria incrível.

— Ainda é apenas teoria — disse ele.

Hyden tocou a aerotela e o vídeo continuou a ser reproduzido. Meu pai continuou a falar. Nunca o vi tão sério antes.

— Talvez eu não esteja vivo quando este conteúdo for acessado — disse ele.

Ouvir aquelas palavras era doloroso. Porém ele falou comigo, dentro de minha cabeça, há pouco tempo. Ele tinha que estar vivo. A menos que...

— Durante o mês que passou, fui seguido, confrontado e assediado porque me recusei a trabalhar para um homem cuja visão para a tecnologia não estava alinhada com a minha. Documentei os pontos-chave de minha pesquisa neste drive, para o caso de alguma coisa me acontecer. Proteja-o e use-o com sabedoria.

Sua imagem desapareceu em um fundo preto e, em seguida, uma série de números e fórmulas começou a rolar pela aerotela rapidamente. Hyden observou a tela, fascinado. Repentinamente, tudo desapareceu. Simplesmente assim. Não havia mais nada na tela.

— O que houve? — perguntei.

— Está tudo bem, tudo continua aqui — disse Hyden. — Não se preocupe. Vou examinar com cuidado mais tarde.

O vídeo chamado “visita”, com meu pai, era dolorosamente curto. Queria repeti-lo várias e várias vezes, sem parar.

— Percebeu aqueles números que estavam rolando pela tela? — perguntou Hyden. — Bem, agora eu posso usar o programa dele para fazer um *upgrade* no seu chip. Isso vai abrir o caminho para que você reverta a transposição.

— Quer dizer que, se Brockman tentar me controlar, poderei ver através dos olhos dele — eu falei, lentamente. — Obrigá-lo a fazer o que eu quiser.

Eu tinha certeza de que meu pai nunca imaginara que seria eu quem usaria a sua descoberta. Tínhamos que colocar aquilo para funcionar.

Hyden acreditava que a transmissão seria mais fácil se estivéssemos em campo aberto. Com o tempo se esgotando, ele queria aumentar nossas chances de sucesso. Assim, saímos da cooperativa subterrânea e estacionamos perto de um campo de minigolfe desativado. O arame farpado no alto da cerca me deixou triste e amedrontada. Já era tarde e estava escuro, mas percebi que o moinho de vento que havia ali dentro estava quebrado, e apenas duas das pás ainda estavam inteiras. Lembrei-me da última vez em que estive em um lugar como aquele, com minha mãe. Foi o dia em que os esporos caíram.

— Você vem, Callie? — Michael cutucou meu braço com o dedo.

Sai do furgão enquanto Hyden abria a porta traseira e ligava a aerotela.

Ele usou o programa de meu pai para tentar fazer um *upgrade* em meu chip por uma conexão *wireless*.

— Fique ali — disse ele, apontando para uma árvore que estava alguns metros adiante. — Não posso garantir que vai funcionar. Vamos ter que testá-lo.

Michael estava atrás de Hyden e olhava por cima dos ombros dele.

— O que você está fazendo agora?

— Preparando a identificação do chip dela — disse Hyden. — Pronto.

Hyden sentou-se no assento reclinável na traseira do carro e fechou os olhos.

Em alguns segundos, consegui ouvir Hyden dentro de minha cabeça outra vez.

Pode me ouvir?

— Alto e claro.

Era estranho ter Hyden dentro de minha cabeça de novo. A última vez foi quando Dawson me forçou a atirar em Michael, na galeria de tiro. Agora nós é que estávamos no controle.

Certo. Não se mova, não faça nada. Vou estabelecer o controle.

Fiquei ali e esperei, com os braços pendendo ao lado do corpo. Em seguida, meu braço direito se ergueu lentamente, até estar acima de minha cabeça.

Ótimo. Veja se consegue resistir. Vou manter seu braço para cima. Faça força para baixá-lo.

Era meio parecido com uma disputa de queda de braço contra um oponente invisível. Hyden era forte, mentalmente, e eu não estava conseguindo fazer nenhum progresso. Concentrei-me, até rangi os dentes, mas meu braço continuou erguido.

— Não consigo.

É porque você não está com medo. Você sabe que é seguro. Tudo bem, vou baixar seu braço.

Meu braço baixou. Eu me sentia o próprio fracasso.

Vamos tentar o oposto. Tente entrar dentro de mim.

— Como?

Encontrei uma coisa nas anotações que seu pai deixou no drive. Ele sugere imaginar que há um

cordão entre nós. Como se fosse um barbante tensionado. Visualize uma luz azul ao redor da linha, saindo de mim e indo até você. Agora, imagine uma luz dourada saindo de você e vindo até mim. Absorva a luz azul e transforme-a em dourada. Observe o fluxo sair de você e vir até onde eu estou.

Tentei fazer o que ele pediu. Entendia o conceito, intelectualmente, no entanto, transformá-lo em uma ação real era bem diferente. Esforcei-me para fazer aquilo durante vários e longos minutos, mas não consegui entrar na cabeça dele uma única vez, não consegui ver através dos olhos dele. Ainda estava dentro de meu corpo.

Agora eu realmente me sentia um fracasso total.

— Não está funcionando — eu disse.

Hyden se levantou do assento especial. Olhou para a aerotela, examinando o programa. Depois, desceu do carro e veio até onde eu estava.

— Examinei o programa. Está tudo certo. Deveria funcionar.

Michael se aproximou e colocou seu braço ao redor de meus ombros. Hyden olhou para o carro.

— Vamos tentar ir para outro lugar — disse Hyden.

— Toda essa exposição... não é perigosa? — perguntou Michael.

— Se ele tomar o controle do chip de Callie, aí sim teremos um teste de verdade — respondeu Hyden.

Entramos de novo no carro, e Hyden deu a partida.

Percebi que algo importante estava faltando.

— Não temos telefones.

— Ficaram na base de Dawson — disse Hyden, com um movimento de cabeça. — Quer voltar para buscá-los? — ele sorriu, irônico.

Peguei uma garrafa de água no frigobar do furgão e entreguei outra para Michael. Por trás dele, vi uma forma escura que nos acompanhava na estrada vazia. Um furgão enorme.

Seus faróis estavam apagados.

— Temos companhia — eu disse.

Michael se virou para olhar. O furgão enorme se aproximou.

Hyden apertou os olhos, concentrando-se no retrovisor.

— Há quanto tempo ele está nos seguindo?

— Acabei de vê-lo — respondi.

— Pode ser apenas um cara que se esqueceu de ligar os faróis — sugeriu Michael.

— Duvido — comentou Hyden.

— Algum dos homens de Brockman? — perguntei.

Hyden fez que sim com a cabeça.

— Eu não deveria ter feito o teste ao ar livre. Ele nos rastreou. — Hyden deu um tapa no volante. — Segurem-se. Vou despistá-lo.

Ele acelerou e fez uma curva fechada, entrando em uma rua apertada na área industrial onde estávamos. Um gato saiu em disparada na frente de nosso carro.

— Cuidado! — gritei.

— Eu vi — disse Hyden.

Ele girou o volante e bateu em uma lata de lixo, derrubando-a na rua. O furgão que estava atrás de nós passou por cima dela, fazendo com que o lixo voasse por todos os lados.

Virei para trás.

— Michael, é um Starter que está no volante?

Ele olhou.

— É, sim. Um garoto.

Apertei os olhos.

— Parece que alguém está controlando o Starter no volante. Você sabe para onde está indo?

— Não! Estou tentando despistá-lo — disse Hyden, enquanto segurava o volante com força.

Acionei a aerotela do navegador e vi um beco sem saída à frente.

— Essa rua está bloqueada — eu falei. — Não tem saída.

— Ótimo — disse Hyden.

— Ótimo? — gritou Michael.

Hyden aumentou a velocidade. O Starter controlado estava bem atrás de nós. Vi um muro de concreto no final da rua.

— Estamos indo direto contra o muro! — gritei.

— Eu sei. — Hyden agarrou o volante. — Não vamos bater nele. — O muro estava se aproximando rápido. — Vamos bater na cara atrás de nós. Preparem-se. — Ele pisou no freio com força e engatou a marcha a ré.

O furgão maior bateu em nosso veículo com um som horrível e ensurdecedor de metal se chocando e sendo esmagado. Nossos *air bags* foram acionados, protegendo-nos do impacto por todos os ângulos.

Demorou um pouco para recuperarmos o fôlego.

— Vocês estão bem? — Hyden apertou um botão; nossos *air bags* se esvaziaram e os cintos de segurança foram soltos.

— Acho que sim — eu disse. Meu corpo estava tremendo após o impacto. — Michael?

— Estou bem melhor do que aquele cara lá atrás. — Michael olhava fixamente para o furgão que nos seguia.

Hyden pegou uma arma, e eu peguei outra, e descemos do carro.

— Você fica aqui — disse ele a Michael.

O veículo de Hyden era essencialmente um tanque, mas eu não esperava que escapássemos daquela situação sem nenhum arranhão. A frente do furgão que nos perseguia estava esmagada como se fosse o fole de uma sanfona, e transformou-se em um amontoado de metal retorcido, porém o carro de Hyden estava sólido como sempre.

Fomos nos aproximando lentamente. Hyden empunhou a arma, olhou do lado do motorista e abriu a porta.

O Metal caiu por ela.

— Sem cinto de segurança — disse Hyden. — Está morto.

Ele tinha um corte na cabeça que sangrava bastante, e seus olhos estavam abertos em uma expressão paralisada.

Hyden verificou os bolsos do garoto e não encontrou nada. Examinei o furgão para ter certeza de que não havia mais ninguém ali dentro. Abri a porta do lado do passageiro e olhei para dentro. Não havia nenhum documento ou indicação que nos mostrasse de onde ele veio.

Hyden passou por cima do corpo e acionou a aerotela do navegador do furgão.

— Quero saber qual foi o último lugar onde essa coisa esteve.

Um momento depois, ele descobriu.

— Região de Joshua Tree — disse ele. — Antigamente, era um parque nacional no deserto.

A base de Brockman.



Duas horas depois, estávamos cortando o deserto no meio da escuridão da noite, com a lua iluminando os cactos. O vento uivava do lado de fora de nosso furgão, soprando o aroma adocicado do capim do deserto pelas ventoinhas do carro, me fazendo arrepiar de ansiedade e medo. O deserto me assustava. Um clima árido capaz de congelar uma pessoa durante a noite e queimá-la até transformá-la em cinzas durante o dia, sem qualquer abrigo ou água por vários quilômetros.

Não era o tipo de lugar de que eu gostava, porém sabia apreciar suas belezas, assim como gostava de ver holos de terror na noite de Halloween. Estávamos no meio da noite, mas eu não estava cansada. Sentia-me exultante.

— O que vamos fazer quando chegarmos lá? — perguntou Michael.

Hyden olhou rapidamente para mim e depois concentrou-se na estrada.

— Provavelmente vamos entrar com as armas cuspidando fogo — disse ele, com um meio sorriso.

— Talvez seja melhor esperar até o dia raiar. Pedir a algum Ender, como Lauren, para avisar os inspetores ou coisa parecida — disse Michael.

Hyden olhou para mim.

— Você quer esperar?

O rosto exausto de meu pai naquele vídeo era tudo o que enxergava.

— Não. Estamos muito perto agora. E se eles fugirem e nos despistarem?

— Vamos dar uma olhada no lugar — disse Hyden.

Michael recostou-se em seu assento. Tenho certeza de que ele achava que éramos loucos e imprudentes. Não o culpava, mas não era o pai dele que estava ali.



O navegador nos alertou que estávamos próximos de nosso destino. O vento ficou mais forte, fazendo com que uma bola de capim seco rolasse pela estrada, bem à nossa frente. Mais adiante, reparei em uma estrutura baixa à sombra da lua. Conforme nos aproximamos, vi que, na realidade, era um complexo composto por várias estruturas de concreto e cercado pelo terreno do deserto.

Olhei fixamente para aquele lugar, observando-o através do para-brisa marcado por insetos esmagados.

— É ali?

Hyden assentiu.

— Meu pai está em algum lugar ali embaixo.

— E, se tudo der certo, o meu também.

Hyden olhou para mim. Naquele momento, estávamos ligados.

— Como vamos saber se Brockman não estava falsificando a voz de seu pai? — perguntou Michael.

— Temos o vídeo com meu pai. Eu o vi.

— E você criou uma transmissão falsa com o Velho para fazer com que os inquilinos voltassem à Prime. Você sabe que o fato de ver alguma coisa não quer dizer que ela seja verdadeira — disse Michael, dando uma pancada na parte de trás do apoio de cabeça de meu assento. — Podemos estar entrando em uma armadilha.

— O que você sugere, então? — esbravejei. — Desistirmos? Ficarmos sentados feito toupeiras em algum estacionamento subterrâneo? Passei um ano inteiro acreditando que meu pai estava morto. Não vou ter certeza disso até vê-lo com meus próprios olhos. Quero tentar.

— Se quiser, você pode ficar no carro. Deixar tudo pronto para escaparmos rapidamente — disse Hyden.

Michael bufou. Enquanto isso, estávamos a pouco mais de meio quilômetro do prédio. Hyden diminuiu a marcha do furgão até o veículo parar. Olhei para ele com as sobrancelhas erguidas.

— Não seria inteligente dirigirmos até lá — disse Hyden. — O motor é barulhento demais.

— Mas nossos chips aparecerão no radar deles — eu disse.

— Eles têm muita gente com chips na cabeça ali dentro. Talvez não percebam os nossos. — Em seguida, ele se virou para Michael. — E então, Michael, o que vai fazer? Ficar no carro ou vir

com a gente?

— Vou com vocês, sei que vão precisar de ajuda ali dentro.

Hyden pegou algumas das armas que estavam presas às paredes internas do furgão e me entregou uma delas.

— Está carregada — disse ele. — Michael, você sabe atirar?

— Não, ele não sabe — eu disse, antes de Michael responder.

— Sei sim, Cal — disse ele. — Pratiquei tiro ao alvo com meu pai.

Fiz uma careta.

— Você nunca me contou.

— Não havia motivo para isso. Não tínhamos armas, não é mesmo?

Hyden lhe passou uma pistola.

— Bem, agora você tem. Está carregada. A trava de segurança está acionada. — Ele também nos passou coldres com presilhas de encaixe rápido, facas e algemas de *plexiplast*.

— É muita coisa — disse Michael, um pouco incomodado. — Talvez devêssemos alertar os inspetores.

— Eles sempre aparecem quando você liga? — perguntou Hyden. — E o que é que vamos dizer a eles? Que estamos com essas armas para poder *evitar* um tiroteio. Se os inspetores vierem, e eles não virão, é exatamente isso que acontecerá.

Uma brisa leve trouxe o aroma doce dos juníperos. A luz da lua lançava sombras azuladas sobre os cactos que nos observavam quando passávamos.

Uma criatura pequena, um escorpião, atravessou meu caminho e fugiu bem rápido de mim.

Caminhamos em silêncio pela areia dura, por entre as iúcas e os arbustos, e nos aproximamos sorrateiramente. Pensei em tudo que queria: ver meu pai; remover meu chip. Talvez pudéssemos obrigar Brockman a nos dizer como removê-lo. E, depois, eu poderia voltar a ser uma Starter.

Meus olhos examinaram a areia, buscando criaturas nas quais seria melhor não pisar. Provavelmente, foi por isso que não me dei conta de que um jipe com a capota coberta andava pelo terreno acidentado e vinha em nossa direção; ele estava a cerca de cem metros de distância.

Os faróis estavam desligados. Da última vez que vimos isso, a situação não era nada boa. Agora, estávamos longe demais de nosso veículo para nos escondermos nele.

Fomos apanhados. No meio da noite do deserto.

— Espalhem-se. Protejam-se atrás de alguma coisa! — gritou Hyden. — Arbustos ou pedras.

Michael e eu saímos correndo em busca de coisas grandes que pudessem nos proteger.

— Preparem as armas — disse Hyden.

Abaxe-me sobre a areia dura, atrás de umas moitas, com a arma em punho. Os rapazes fizeram o mesmo, formamos um triângulo.

O jipe parou antes de chegar até nós. O motorista desligou o motor e abriu a porta.

Meu coração batia com força, um *tum-tum* que chegava aos meus ouvidos.

O motorista tinha uma cabeleira branca longa e usava óculos com aros grossos e pretos. Era alto, vestia uma calça *jeans* e uma camisa de mangas longas.

— Calma, garotos. Estou vindo em paz — disse ele, com os braços erguidos.

Reconheci aquela voz. Era o Ender que operava os computadores na Prime.

— Trax?

— Sim, sou eu. Callie?

Hyden se levantou, com a arma ainda apontada.

— Por que você veio até aqui, Trax?

— Hyden — disse ele. — Vai me dizer que você não faz a menor ideia?

Michael continuou agachado atrás do arbusto, um pouco para trás de Trax, que não o viu.

— Há uma coisa que eu tenho que saber, Trax — eu disse. — Você matou Helena?

Baixei a arma, mas ela ainda estava em minhas mãos.

— Por que eu faria isso?

— Porque você trabalhava para meu pai — disse Hyden.

— Eu trabalhava para o Velho — disse Trax. — O Velho. E, por causa dos velhos tempos, vim até aqui por livre e espontânea vontade, para alertar vocês. Brockman não sabe que estou aqui.

— Nos alertar? Sobre o quê?

Trax se aproximou de mim, com as mãos ainda erguidas; um pouco mais baixas do que antes.

— Avisá-los de que este lugar é perigoso.

Com um movimento rápido, ele tirou uma pistola que estava enfiada por dentro da cintura da calça, passou o braço ao redor de meus ombros, prendeu meus braços e apontou a arma para Hyden.

— Largue essa arma — disse Trax.

Hyden se ajoelhou e deixou a arma cair no chão.

— Mãos para cima — disse Trax a Hyden. — Onde está o outro Metal?

— Esqueça-o. Pode confessar, então. Você matou Helena, não foi? — perguntou Hyden.

— Tinnenbaum mandou que eu o fizesse. Porque recebeu ordens de seu pai. — Trax inclinou a cabeça na direção de Hyden. — Ela ia nos causar problemas.

Trax começou a me puxar para trás, em direção ao seu jipe. Com os braços presos, só conseguia apontar a arma para baixo. Será que conseguiria atirar no pé dele? Ou simplesmente acertaria o meu?

— Ela ia estragar tudo — disse Trax. — Não podíamos deixar que isso acontecesse.

Contorci meu corpo, tentando me desvencilhar.

— Quer dizer que o Velho mandou matá-la? — eu perguntei.

Trax parou de me puxar.

— O Velho? — Ele olhou para mim. — Você não sabe quem é o Velho, não é?

— Brockman — eu disse. Imaginei que se Trax continuasse falando, a situação acabaria ficando mais favorável.

Trax riu.

— Não, mas não está muito longe da verdade. Brockman é o pai do Velho.

Apertei os olhos. Que diabos ele estava dizendo?

— Brockman é um Middle — eu disse. — Ele não pode ser o pai do Velho. Ele é o Velho.

Olhei para Hyden, esperando que ele esclarecesse, no entanto, ele ficou ali parado, observando. O silêncio tomou conta da noite.

— Por que está dizendo isso? — perguntei a Trax.

— Hyden sabe do que estou falando — disse Trax. — Diga a ela quem é o Velho. — Ele fez um sinal com a cabeça. — Quem é o homem mascarado?

Nada daquilo estava fazendo sentido para mim.

— Diga para ela, Hyden — comentou Trax. — Se você não disser, eu direi.

Nunca vira uma expressão como a que estava estampada no rosto de Hyden. Era como se acabara de descobrir que engolira veneno, mas a substância ainda não atingira seu estômago. Seus lábios começaram a se mover, mas não emitiram nenhum som.

— Ela não está ouvindo você — disse Trax, cantarolando de maneira infantil.

— Sou eu — disse Hyden, com a voz baixa, olhando diretamente para mim. — Eu sou o Velho.

Um riso estrangulado saiu pela minha boca.

— Não pode ser. Você é um Starter.

— Era eu — disse Hyden, de maneira suave.

Por um momento, meu coração parou. Meu cérebro parou. E meus ouvidos devem ter parado também, porque todos os sons, subitamente, pareciam estar abafados. Eu não estava ouvindo aquilo.

— Do que você está falando? — perguntei.

— Ela quer provas. — Trax tirou alguma coisa de sua bolsa de viagem e jogou-a na direção de Hyden.

O objeto caiu sobre a areia. Não consegui saber o que era.

— Pegue — ordenou Trax.

Hyden se curvou e pegou o objeto. Quando se levantou, reconheci o que ele tinha nas mãos. A máscara do Velho.

— Coloque-a no rosto — disse Trax, ainda com a arma apontada para ele.

Hyden não se moveu. Ele olhava para a máscara de uma maneira que me fez lembrar da cena em que Hamlet conversa com a caveira.

Hyden era o Velho? Impossível. Era alguma tática que Trax estava usando para ganhar tempo.

— Ele não vai colocar a máscara porque isso vai confirmar o que eu estou dizendo. A máscara é biocompatível apenas com a pele dele. Hyden é o único que pode ativá-la. — Trax me empurrou para perto de Hyden. — Coloque a máscara nele — disse o Ender para mim.

Tinha que ver aquilo com meus próprios olhos. Tirei a máscara das mãos de Hyden. Ele ficou imóvel enquanto eu ajustava a alça ao redor de sua cabeça. O molde se encaixou em suas feições perfeitamente.

Prendi a respiração por um momento.

— É só esperar. Logo ela vai brilhar e mostrar imagens bonitas — disse Trax.

A máscara se iluminou. Aquela luz azul que me dava calafrios. Uma imagem de um rosto, formada pixel a pixel. Em seguida, formou a imagem de outro rosto.

— Eis a mágica! A máscara das cem mil faces — disse Trax.

Hyden apertou um botão na frente da máscara, perto do pescoço.

Aquela voz metálica horrível veio do próprio Hyden, a voz do Velho.

— Me desculpe, Callie. Eu queria lhe contar tudo.

— Ah, a voz assustadora — disse Trax. — Senti falta dela.

Parecia que havia um monte de insetos minúsculos rastejando por meus braços, minhas pernas.

— Não — eu disse, lutando contra o horror que crescia dentro de mim. — Você não é o Velho.

Ele era mais alto. Maior.

— Use um pouco de imaginação, querida — disse Trax. — Ele tinha um traje completo com truques especiais. O casaco, as luvas, os saltos no sapato... e, com uma peruca e um chapéu, Hyden se transformou em um Ender bastante convincente. Eu também achava que ele era um Ender, mas Brockman me contou a verdade.

Que loucura! Era Hyden que estava ali, o tempo inteiro. Não seu pai. Ele.

— Você não deveria ter me jogado às traças quando a Prime foi desbaratada, chefe — disse Trax a Hyden. — Eu estaria apodrecendo em uma cela como Tinnenbaum se seu pai não tivesse me tirado de lá.

— Descobri que vocês dois estavam me espionando e contando tudo para ele — disse Hyden, ainda com aquela voz eletrônica. — Por que eu deveria salvar um traidor?

A máscara brilhou com aquela luz azul assustadora conforme rostos diferentes surgiam, em ordem aleatória. Estendi a mão e arranquei a máscara do rosto de Hyden, arrebatando a alça que a prendia no lugar. Um pedaço da máscara se rasgou com o meu puxão.

Joguei-a no chão. Ela ainda mostrava um rosto com a energia residual de Hyden, mas, agora, tremeluzia. Finalmente, o rosto desapareceu e só os pixels azuis continuaram brilhando.

— Você mentiu para mim! — gritei. — O tempo todo!

— Você teria me escutado, se soubesse a verdade? — perguntou ele. — Deixaria que eu a protegesse?

Soquei o queixo de Hyden com tanta força que meu punho começou a latejar. Ele nem tentou se defender. Avancei sobre ele, mas Trax me puxou pelos braços.

— Quantas mentiras você ainda vai contar, Hyden? Por que fez isso comigo?

Trax me puxou de volta para o jipe. Eu estava tão concentrada em Hyden que nem me preocupei em resistir. No entanto, antes que Trax abrisse a porta, Michael saltou de trás do carro, surpreendeu Trax e o segurou pelas costas. Michael usou seu peso para puxar todos nós para o chão, e Trax teve que me soltar para conseguir se desvencilhar de Michael, o que me deu a chance de me correr.

Contorci o corpo para me livrar do agarrão de Trax e corri para longe. Virei-me para ver Michael segurando o braço no qual Trax segurava sua pistola. Trax resistia, mirando-a sem qualquer cuidado no ar, em Hyden e depois em mim. Hyden correu para ajudar, batendo na pistola de Trax com sua própria pistola. Ela caiu no chão, girando. Trax tentou recuperá-la, mas Michael o conteve.

Em seguida, Hyden pegou suas algemas de *plexiplast* e Michael prendeu os pulsos e tornozelos de Trax.

Observei a ação e esfreguei meu braço, que estava dolorido após o agarrão de Trax.

— É verdade que Brockman não sabe que você veio até aqui?

Trax assentiu.

— Então você sabia que estávamos a caminho — eu disse.

— Vi vocês no rastreador — disse ele. — Faz parte do meu trabalho.

— Por que você não contou a ninguém? — perguntou Michael.

— Porque ele tem seus próprios planos — disse Hyden. — Sua própria vingança.

Os cabelos longos e brancos de Trax caíram por cima de seu rosto. Ele os afastou com um meneio da cabeça.

— Consegui o que queria. Humilhei você na frente de sua namorada.

— Eu não sou... — Eu nem era capaz de repetir a palavra.

— Ele nunca se importou com ninguém da maneira que se importa com você. — Trax olhou para ver se conseguira causar alguma reação em Hyden.

Mantive os olhos em Trax naquele momento de silêncio desconfortável, durante o qual ninguém queria falar.

— O que vamos fazer com ele? — perguntou Michael.

— Deixe-o aqui. — Hyden começou a apalpar o corpo de Trax, revistando-o e tirando algo de metal de dentro de seu bolso.

Michael me puxou pelo braço e me afastou de Hyden.

— O que faremos agora? — perguntou ele, em voz baixa.

Esfreguei minhas têmporas. O deserto estava pregando peças em mim. Os cactos pareciam estar se movendo, vibrando.

— Meu pai está muito perto.

— Mas como podemos confiar em Hyden? — disse Michael. — Pode ser outra armadilha.

A dúvida tomava conta de meu cérebro. Porém eu precisava levar isso adiante.

— Você pode confiar em mim! — gritou Hyden.

Virei-me na direção dele e me aproximei.

— Por quê?

— Porque uma das coisas que Trax disse era verdade. Sobre você e eu.

— É outra mentira. — Michael me pegou pelo braço e me tirou de perto de Hyden. — Você não pode dar ouvidos a ele.

Meu estômago doía. O que Michael dizia fazia sentido. Entretanto precisávamos de Hyden.

— Se Hyden estivesse nos levando para uma armadilha, não acho que Trax teria aparecido desse jeito. Tentando nos separar. E Hyden não chegou a ajudar Trax. Lutou contra ele. — Balancei a cabeça negativamente. — Não sei. Não sei o que pensar.

Olhei para Hyden, que estava ali, sob a luz do luar no deserto.

— Esse tempo todo, era ele que estava por trás da máscara. Pense nisso.

Pensei em todas as coisas que fiz com o Velho enquanto ele estava no corpo de Blake. No quanto eu gostava daquele garoto... não de Blake. E no quanto eu fiquei horrorizada ao saber que, na realidade, era o Velho. Eu não sabia como poderia viver com aquilo. Agora, descobri que não era um Ender malicioso que estava por trás de tudo, mas um Starter. Um Starter que eu achava que conhecia.

Quem era ele, realmente? E será que eu podia confiar nele?

Apesar de tudo, havia algo que eu sabia. Algo que eu queria. E que era verdade, apesar de Hyden e de sua mentira.

— Temos que salvar meu pai — eu disse. — Por isso, vamos andando.

— Com ele? Não seria melhor algemá-lo?

Pensei naquela sugestão por um segundo.

— Que vantagem isso nos traria? Precisamos de toda ajuda que pudermos para impedir os planos de Brockman. Acredito que ele odeia o próprio pai. E vai querer acabar com ele, tanto quanto nós queremos.



Deixamos Trax, ainda algemado, deitado no banco traseiro de seu jipe. Antes de prosseguirmos a pé, voltei a olhar para a máscara que fora jogada no chão do deserto. Pixels aleatórios ainda pulsavam, fazendo sua dança tristonha para ninguém além dos cactos e das estrelas.

Ainda tínhamos uma longa caminhada ao longo do chão poeirento de areia compactada do deserto até chegarmos ao lugar onde Brockman estava escondido.

— Callie, fale comigo — disse Hyden. — Eu sei que você deve ter um milhão de perguntas.

— Não converso com mentirosos, seu mentiroso dos infernos!

— Vamos lá, pergunte o que quiser — disse ele. — Estou falando sério. Direi o que você quiser saber.

— Por onde devo começar? Que tal se você me disser que diabos você tinha na cabeça quando começou com tudo isso? Por quê?

— Não é o que você está pensando — disse Hyden. — Eu estava tentando salvar os Starters sem família.

— Transformando-os em corpos de aluguel para sempre? Colocando-os para dormir para sempre?

— Nunca faria isso. Só queria que os Enders acreditassem nessa ideia. Estava totalmente no controle da operação. Nunca deixaria alguém machucar os Metais.

Parei para absorver aquela informação.

— Mas você nos usou. Você vendeu nossos corpos para lucrar.

— Eu tinha que estabelecer a empresa para atrair os Enders ricos. E para acostumá-los com a ideia de trocar de corpos. Nenhuma revolução sai de graça.

— Então, você planejava matar os Enders?

— Mantê-los em um sono profundo. Alguém tinha que fazer alguma coisa — disse ele. — Eu ajustaria o relógio para que eles acordassem um minuto depois de eu haver transformado o mundo em um lugar melhor.

Tentei assimilar aquilo, era o oposto do meu julgamento do Velho.

— Eu descobriria onde eles guardavam o dinheiro para esvaziar suas contas bancárias — disse Hyden.

— Então você é um ladrão — eu disse.

— E usaria o dinheiro para financiar as mudanças. Tirar os Starters das instituições e acabar com esse sistema de uma vez por todas.

— Quer dizer que você não teve nada a ver com o que aconteceu com Helena?

— Estava desconfiado dela. Eu a segui, e foi por isso que encontrei você. No Club Rune.

— E você me perseguiu para que pudesse monitorá-la.

— Em parte, sim.

— E você queria ver o que meu chip alterado era capaz de fazer.

— Em parte, sim.

— Você queria ver se eu seria capaz de matar. E eu quase fiz isso.

— Mas eu também vim para ajudar você. Ajudar a salvar você.

Olhei na direção de Michael. Ele estava andando com as mãos nos bolsos, apenas escutando nossa conversa.

— O que acha, Michael? Você confiaria nele?

— Está brincando? — Ele apontou para Hyden. — Ele sequestrou seu irmão e enfiou um chip na cabeça dele.

— Eu nunca faria isso. Os responsáveis por essa ideia foram Tinnenbaum, Trax e um médico que trabalhava para meu pai.

— E como você conseguiu chegar até essa posição? — perguntei. — Comandando a Prime.

— Quando meu pai quis vender a pesquisa para as pessoas erradas, tive que criar uma identidade Ender para tomar conta da Prime. E funcionou. As pessoas acreditavam que eu era um Ender. Eu já estava usando alguns equipamentos de proteção.

— Porque tinha medo de ser tocado? — perguntei.

Ele assentiu.

— Acrescentei outros detalhes e criei um disfarce. Mas a razão principal para a existência da Prime era dar um fim na escravidão dos Starters. — Ele olhou para a lua, que pairava sobre a paisagem do deserto. — Mas, quando você destruiu a Prime, meus planos foram por água abaixo.

— E como vou saber que você não está trabalhando com seu pai agora? Ele admitiu que estava usando a voz eletrônica do Velho.

Hyden fez que sim com a cabeça.

— Realmente, era ele quem estava falando dentro de sua cabeça no shopping. E, também, desde que a Prime foi fechada.

— Por que ele faria isso? — perguntou Michael.

— Estava fazendo testes. Queria acessar o chip de Callie para mapeá-lo. Quando a Prime caiu, Trax lhe deu toda a tecnologia em que conseguiu pôr as mãos.

— Testes — eu falei.

— E bagunçando sua cabeça. Joguinhos mentais — disse Hyden. — Porque é isso que ele faz.

— Então, o que mais é mentira? O que mais eu deveria saber?

— O resto é verdade. Meu pai é mau. Ele planejou um leilão com os Enders mais ricos do mundo, e venderá os Metais e a tecnologia a quem pagar o maior preço. E, pelo que tudo indica, eles usarão tudo contra nós. Contra o nosso país.

— Tudo isso que você disse... — Apontei para ele. — As coisas que ele estava dizendo para me confundir, e o fato de que ele gosta de poder, tudo isso tem a ver somente com você.

— Não — respondeu ele.

— Porque você é muito parecido com seu pai, afinal de contas. É por isso que você o entende tão bem.

Minhas palavras tiveram exatamente o efeito que desejei causar. Ele estava com uma expressão de dor no rosto.

Parei de andar e encarei Hyden.

— Precisamos de você. Então, teremos que trabalhar juntos. Isso não significa que eu o perdoo, ou que confio em você, depois de tudo o que aconteceu.

— Não culpo você — disse Hyden. — Apenas me dê a chance de reconquistar sua confiança.

Eu não estava disposta a fazer nada por ele.



O complexo de Brockman ficava no meio do deserto e, mesmo assim, parecia desprotegido.

— Não tem cerca — comentou Michael. — Como pode?

— É um lugar bastante isolado — eu disse.

— Atrai mais atenção. E há barreiras mais perigosas do que cercas — disse Hyden. — É como dizer ao mundo que a segurança desse lugar é melhor do que uma cerca frágil.

Caminhamos ao redor da lateral do prédio. Não havia jardim ou projeto de paisagismo, apenas alguns pequenos cactos ao redor do lugar. Havia janelas na parte mais alta das paredes, altas demais para servir a qualquer propósito além de deixar que a luz do dia iluminasse o interior.

Hyden foi até uma porta dupla da entrada dos fundos. Olhei para o estacionamento, era imenso. Tinha espaço para mais de cem carros. A essa hora da noite, contei apenas sete. Batia com o que Trax disse. Serviu para me dar esperança de que não enfrentaríamos uma quantidade esmagadora de inimigos.

Hyden tirou um cartão do bolso e agitou-o na frente de um painel de metal que ficava à direita das portas. Ouvimos um clique. Em seguida, uma das portas maiores se abriu silenciosamente.

— Obrigado, Trax — sussurrou Hyden. Ele fez um gesto para que o seguissemos para dentro do prédio.

Estávamos em uma espécie de saguão. Um holograma de ramos de bambu verde estava projetado sobre o piso de vidro. Vi duas portas à direita etiquetadas como *Vestiário de funcionários*. Um deles era feminino, outro, masculino. Tivemos a mesma ideia ao mesmo tempo. Michael e Hyden entraram no vestiário masculino e eu entrei no feminino.

O interior dos vestiários parecia com o que eu vi nos holos de um *spa* de luxo. Mais pisos holográficos, armários de madeira de lei, vasos imensos com bambus e orquídeas e até uma cascata. Imaginei que, durante o dia, colocavam música ambiente tranquila para tocar.

Abri um dos armários e encontrei a versão local de um jaleco de laboratório: um quimono branco curto. Coloquei-o sobre minhas roupas e amarrei a faixa ao redor da cintura. Vesti também uma touca cirúrgica branca. Quando saí do vestiário, dois rapazes também vestiam jalecos em forma de quimono e toucas.

— E agora? — perguntei, em voz baixa.

— Vamos trabalhar — disse Hyden.

Hyden abriu a porta que levava à parte principal do complexo que seu pai utilizava. Olhei por cima dos ombros dele e vi somente um corredor escuro.

Enquanto observávamos o lugar, Hyden começou a andar pelo corredor, que foi se iluminando com luzes que se acendiam conforme ele avançava. Hyden decidiu que iria na frente e procuraria um computador enquanto eu me separaria para procurar meu pai. Ele entrou em um corredor lateral e desapareceu. Michael seria o último a avançar, e ia procurar nossos amigos Metais.

Segui pelo corredor estéril, me movendo entre as sombras e os fachos de luz. Estava com a mão ao redor da empunhadura da arma, guardada no coldre oculto pelo quimono, esperava não ter que usá-la.

Abri uma porta no fim do corredor e fiquei atordoada com o que encontrei. A sala se estendia por um espaço imenso e continha uma profusão imensa de plantas e árvores de pequeno porte com ramos baixos. Entrei naquele lugar verdejante. O ar era morno e tinha um cheiro agradável e terroso. Parecia que haviam modelado o lugar a partir de uma floresta tropical, que contrastava totalmente com o deserto lá de fora.

Percebi que Hyden estava em uma das salas laterais, trabalhando em uma aerotela. Ele olhou para mim e fez um gesto para que eu me aproximasse. Fui até onde ele estava.

— Já consegui entrar. Pode ficar com isso. — Ele me deu o cartão de acesso de Trax, e eu o enfiei no bolso de minhas calças.

Voltei para a sala com a vegetação de selva e saí por outra porta. Além dela havia um corredor com um chafariz instalado na parede. O som da água borbulhante enchia o espaço. Continuei caminhando, espiando no que pareciam ser escritórios ou salas de conferências. Decoraram os espaços ao estilo de vários países — Índia, Rússia, Japão. Eu os reconheci pelo que estudara na escola antes da guerra. A escola. Será que eu teria a oportunidade de retornar? Não para uma escola Zype. Para uma escola de verdade.

No meio do corredor, perto do chafariz, as portas de todas as outras salas estavam fechadas.

Afrouxei a faixa de meu quimono para ter acesso rápido à minha arma e fui até a primeira porta fechada. Mesmo encostando a orelha na porta, não consegui ouvir qualquer som que viesse dali de dentro. Coloquei o cartão de acesso de Trax na placa de metal à direita da porta. *Clique*. Lentamente, abri a porta.

Meus olhos se ajustaram rapidamente à pouca luz do ambiente. Em um contraste forte com a atmosfera digna de um *spa* que dominava o restante do lugar, a sala onde eu estava era quase uma clínica. Não havia nenhuma planta ou pôster na parede. A sala ampla estava cheia de plataformas de metal que eram utilizadas como camas. Luzes baixas estavam instaladas ao redor das paredes, iluminando os corpos. Um corpo perfeito após o outro, todos com rostos impecavelmente bonitos, todos adormecidos. Os Metais estavam presos às camas com tiras de nylon ao redor dos pulsos.

Senti meu coração pesar no peito. Quer dizer, então, que Brockman era tão ruim quanto Hyden dissera — ou pior.

Havia uma coisa que eu não entendia: os Metais tinham sondas em forma de tubos acopladas ao nariz, que se ligavam a pequenas bolsas de plástico colocadas ao redor do tórax. Por quê?

Enquanto examinava a sala, reconheci alguns dos rostos: Brianna. Lee. Raj. Passei algum tempo com aqueles corpos, mas não com aquelas pessoas. Eu os conheci somente como corpos de doadores ocupados por Doris, Tinnenbaum e Rodney, os Enders horríveis da Prime Destinations. Eles me espiaram. Pelo menos, foi o que pensei na época. Agora eu sabia a verdade. Doris e Rodney estavam me vigiando, sob as ordens de Hyden. Para terem a certeza de que eu não mataria o senador. E, talvez, para me proteger.

Tinnenbaum estava me vigiando sob as ordens de Brockman.

Pisei em uma das tábuas do piso que rangia e o Metal que estava mais perto de mim, Lee, se agitou. Dei mais um passo e ele abriu os olhos.

O verdadeiro Lee era um rapaz asiático incrivelmente bonito. Ele apertou os olhos enquanto me olhava sob aquela luz fraca.

— Quem é você? — perguntou ele, com uma voz entorpecida.

Briona, que estava ali perto, acordou com o som da voz dele. Ela virou a cabeça para me observar.

— Ela é nova — disse ela.

Estava linda como sempre, com sua pele bronzeada em um tom amanteigado, mas agora tinha um olhar desesperado, dominado pelo medo.

— Por que você está vestida assim?

— Estou aqui para ajudar — sussurrei, esperando que ela falasse baixo.

— Eles deixaram você andar por aí? — perguntou ela.

Os Metais mais próximos começaram a se mover. Raj era um deles, o terceiro membro daquele trio. Ninguém conseguiu erguer o corpo para se sentar; todos estavam amarrados às suas camas. Examinei as tiras de nylon que prendiam Lee. Havia pequenos retângulos de metal nelas. Tirei o cartão de Trax e pressionei-o contra a tira que prendia o braço direito de Lee. A trava se abriu, mas ele não se moveu.

— O que você está fazendo? — questionou ele. — Isso vai me causar problemas.

— O que foi que fizeram com você? — perguntei. — Para que serve esse tubo?

— É assim que eles nos alimentam quando não estamos trabalhando — disse Lee. — Serve para manter nosso peso dentro dos limites saudáveis.

— E nos torna dependentes deles — disse Raj, com seu sotaque indiano característico.

— Por favor, me livre dessas amarras — disse Briona. — Tenho pesadelos. As coisas que me obrigaram a fazer... eu as revivo.

Outros Metais começaram a acordar.

Raj olhou para Briona.

— Fique quieta, Briona — disse ele. — Ela não pode ajudar você. Está presa aqui, assim como nós.

Ele não viu o que eu podia fazer. Destravei as amarras de Briona. Ela ergueu o tronco até se sentar sobre a cama e esfregou os pulsos.

— Isso é o que você pensa. Olhe para mim. Estou livre — disse Briona.

— Me solte! — gritou uma garota loira.

— Psiu — sussurrei. — Vou soltar todos vocês. Não podemos tirar todos daqui imediatamente, mas vamos fazer isso logo, logo. Por enquanto, me contem o que vocês sabem sobre este lugar.

Lee reuniu coragem para se sentar. Continuei andando pela sala, soltando os outros. Deveria haver uns vinte Metais naquela sala. Um deles me parecia familiar.

Blake.

Estava muito estranho e digno de pena, com um tubo saindo pelo nariz.

Estava entorpecido. Esforçou-se para levantar, entretanto as tiras de nylon restringiam seus movimentos.

— Blake. Sou eu, Callie — eu disse, libertando-o.

— Callie?

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntei.

— Tempo demais — disse Blake. — Mas não tanto quanto alguns dos outros. Alguns estão aqui há meses. Eles pegaram você também?

— Não. Eu vim para tirar vocês daqui — eu falei. — Há outros Metais por aqui?

Ele confirmou com um movimento de cabeça.

— Quantos?

— Outros três dormitórios — disse Lee.

Talvez até cem Starters mantidos em cativeiro aqui.

— Algum de vocês chegou a ver um homem, um Middle, chamado Ray Woodland? Tem cabelos castanhos escuros, alto, boa aparência? Tem uma cicatriz deste lado do rosto. — Apontei para a minha própria face.

Eles fizeram que não com movimentos de cabeça.

Eu me recusava a acreditar que meu pai não estava lá. Brockman o estava mantendo escondido em algum lugar. Eu tinha certeza disso.

— Onde estão os guardas? — perguntei.

— Não sei. Dormindo, talvez? Já é tarde — disse Briona.

— Não, alguém deve estar acordado. — Raj veio e se juntou a nós. — Sempre há alguém acordado durante a noite.

Eu esperava que esse alguém fosse Trax.

— Vocês estão em condições de lutar? — perguntei.

— Com certeza — disse Lee.

Fiz todas as perguntas que queria a eles, e eles as responderam. Prometi que meus dois amigos e eu os ajudaríamos a escapar. Mas, antes de qualquer coisa, eu tinha que encontrar meu pai. Foi então que ouvi uma voz em minha cabeça.

Callie Woodland?

— Quem é?

— Com quem ela está falando? — perguntou Briona aos outros.

Afastei-me deles, fui em direção à porta para poder escutar a voz.

Estou decepcionado. Você parecia ser uma garota muito inteligente.

É claro que eu sabia quem era. Eu esperava que ele estivesse dormindo, e que não soubesse que eu havia invadido suas instalações.

— E então: devo chamá-lo de Brockman ou simplesmente de pai de Hyden?

Ele riu.

Fico muito feliz que você tenha vindo até aqui, finalmente. Exatamente como eu esperava que aconteceria.

— Você esperava?

Abri a porta e fiz um gesto, indicando aos Starters que me acompanhassem. Briona, Lee, Raj e vários outros me seguiram. Desviei os olhos para que Brockman não os visse.

Não consegui fazer com que o Starter que adquiri recentemente trouxesse você para cá.

— Aquele cara do furgão.

Sim. Uma pena perder algo tão valioso.

Passei o cartão de Trax para Briona discretamente, às minhas costas, e fechei os olhos. Deixei que os Starters seguissem pelo corredor sem mim. Quando voltei a abrir os olhos, eles já haviam desaparecido pela porta de outra sala, provavelmente um lugar onde havia outros Starters adormecidos.

Mas eu preciso de vocês dois, e Hyden não gosta de manter contato com a família.

— Você não queria que aquele Metal nos apanhasse. Só queria que ele nos levasse até você.

Funcionou, não é?

Ele parou de falar por um momento.

O que você está procurando aqui?

— Meu pai. Onde ele está?

Posso providenciar isso. Mas, primeiro, por que não aproveitamos essa oportunidade para nos conhecermos?

Abruptamente, parei de me mover. Fiquei imóvel, e devagar percebi que alguém estava tomando o controle de meu corpo. Parecia que eu tinha uma boa quantidade de mercúrio correndo pela minha espinha. Dos pés para as pernas, para os quadris, para o abdômen, para meu peito e meus braços. Até minha garganta parecia estar rígida. Uma garota Metal saiu de dentro de um quarto. Com o que restava de minha voz, gritei:

— Corram! Corram e se escondam! — Minha voz saiu arrastada e não tão alta quanto eu gostaria.

O medo tomou conta do rosto da garota. Ela hesitou, e depois saiu correndo, avisando os outros.

A sensação continuou a se espalhar, subindo por meu pescoço até minha cabeça. Eu tinha a sensação de que me transformara em pedra.

Meu pé direito se moveu para frente, e, depois, o esquerdo. O movimento era espasmódico no começo, quase robótico. Depois de alguns segundos, comecei a andar com um passo mais suave, o que poderia até enganar alguém que estivesse me observando, indicando que eu estava fazendo as coisas exatamente como queria.

Aposto que você quer saber para onde está indo.

Eu responderia, entretanto, diferente das ocasiões anteriores em que fui controlada, não conseguia falar.

Ele me obrigou a andar até o fim do corredor e virar à direita. Era muito estranho me mover dessa maneira. Quando Hyden me controlou no laboratório de Dawson, a sensação era de pisar nos pés de meu pai e deixar que ele os movesse para dançarmos. Desta vez, eu tinha a sensação de que estava sendo invadida, possuída, mas ciente de cada momento horrível da experiência.

Tentei esconder meu tormento enquanto observava meu braço se erguer para abrir uma porta no final do corredor. Em seguida, me lembrei do que Hyden me disse, algo sobre tentar reverter o processo. Não funcionou antes. Eu poderia tentar outra vez.

Concentrei-me, tentando puxar o braço de volta antes que ele abrisse a porta. Mas meus dedos se fecharam ao redor da maçaneta.

Não, disse a mim mesma. Solte essa maçaneta!

Eu não tinha nenhum controle sobre mim. Brockman estava me dominando completamente. Minha mão abriu a porta.

Entrei no saguão de um prédio. O lugar tinha um *layout* aberto, com um mezanino, e era cercado por paredes de vidro. Vários guardas se aproximaram de mim.

Entreguei todas as minhas armas a eles. Minhas próprias mãos apalparam meu corpo para ter certeza de que não havia mais nada escondido.

Os guardas levaram as armas embora e me deixaram sozinha. Em seguida, senti meu corpo retornar ao meu controle. Começou no alto de minha cabeça, uma sensação de formigamento que vibrou pelo meu rosto, pescoço, peito, barriga, quadris, pernas e, finalmente, chegou aos meus pés. Era como agitar os pés ao se levantar e perceber que estavam formigando.

Olhei ao redor, tentando decidir para onde correr. Comecei a ir na direção da porta que ficava do outro lado, mas ouvi um ruído acima de mim, no mezanino.

— Para onde você está correndo, Starter? Ou prefere que eu a chame de Metal? — Olhei para cima e vi que havia um Middle me observando. Ele estava apoiado casualmente contra uma vidraça grossa e à prova de balas, sorrindo para mim como o gato de *Alice no País das Maravilhas* em sua árvore.

Parecia ter 40 e poucos anos, em forma e elegante, em um traje de tecido holográfico que mudava de cor conforme ele se movia. Suas feições bonitas, sua estrutura óssea esculpida finamente, e até a sua postura eram idênticas as de Hyden.

Então, esse era Brockman. O pai de Hyden.

Brockman me observava atentamente com os braços cruzados, como se fosse um ditador pomposo. Agora que eu tinha o controle de meu corpo novamente, andei até a porta aberta que levava à escadaria. Um guarda surgiu das sombras, bloqueando o caminho.

Um microfone na sala de Brockman amplificou a sua voz.

— Bem, pelo visto é muito fácil controlar você.

— Onde está meu pai?

— Você vai vê-lo em breve — disse ele, com um sorriso. — Na verdade, quero muito que você o veja. Mas, antes disso, vamos conversar um pouco. Você é uma garota muito especial, Callie Woodland. E, é claro, você é a única D.M.A. Ah, se tivéssemos mais alguns como você...

— Mas não têm — eu disse. — E, na verdade, não têm nem a mim.

— É aí que você se engana. — Ele olhou para um ponto que estava além de mim. — Sabe quem mais nós temos?

Brockman fez um sinal para alguém que estava atrás dele, em seu escritório. Não conseguia ver quem era. Dois guardas surgiram pela porta, arrastando outra pessoa entre eles. Michael. Estava com as mãos presas às costas. Michael se desvencilhou deles e correu na direção do vidro.

— Não o machuque — eu disse a Brockman.

— Não acho que será necessário — disse Brockman. — Porque você fará exatamente o que queremos que faça.

Ele mandou que os guardas levassem Michael para fora de meu campo visual.

— O que você quer de mim? — perguntei.

— Tenho vários convidados importantes hospedados aqui, vindos de vários países diferentes. Agora que você chegou, vamos fazer uma demonstração especial da tecnologia. E, em seguida, faremos um pequeno leilão.

Minha pulsação acelerou.

— Vocês vão nos vender como se fôssemos escravos?

— Ninguém vai machucar vocês. Eles vão querer cuidar muito bem do investimento que farão.

— É tudo por causa do dinheiro, então? Você não está fazendo isso porque acredita em alguma coisa?

— As pessoas fazem qualquer coisa por dinheiro. — Ele examinou suas unhas. — Ainda não percebeu?

Eu o odiava. Era tão cruel quanto Hyden disse. Era horrível ver tantas coisas que faziam eu me lembrar de Hyden — as feições, a voz, os pequenos trejeitos — naquele monstro desumano que estava na minha frente. Por que pessoas boas, como minha mãe, tinham que morrer, enquanto uma escória como ele sobrevivia?

— Meu filho, obviamente, ficou encantado com você, e eu percebo o motivo. Você tem tudo: inteligência, beleza, coragem e o único neurochip assassino que existe.

Ele se virou e caminhou até a escada, descendo até estar no mesmo nível que eu. E se aproximou.

— Sim, você é bonita. Os compradores ficarão animados quando a virem. Eles foram notificados sobre sua chegada e estão se preparando.

Um guarda sussurrou algo no ouvido de Brockman.

— Excelente. Tragam-no.

Outro guarda escoltou Hyden até o átrio. Brockman olhou-o da cabeça aos pés.

— Você está muito bem. É bom vê-lo sem aquele disfarce imbecil. Agora que está aqui, posso demonstrar isso para vocês dois.

Brockman pressionou um ponto atrás da orelha enquanto olhava para mim. Senti aquela sensação horrível tomando conta de mim, espalhando-se dos dedos dos pés até o alto da cabeça. Eu não conseguia falar, não conseguia fazer nenhuma expressão facial e não encontrava um jeito de indicar a Hyden o que estava acontecendo.

No entanto, tenho certeza de que ele percebeu, porque seu rosto ficou ruborizado.

— Pare com isso — disse ele ao seu pai. — Deixe-a em paz.

Vi meu corpo se virar na direção de Hyden, meu braço se erguer e o minha mão lhe dar um tapa forte no rosto. Brockman abriu um sorriso enorme.

— Eu simplesmente adoro controlar Metais — disse ele. — E é ainda melhor com você, Callie, porque você permanece consciente o tempo inteiro. Uma experiência muito intensa, de compartilhamento íntimo. Faz com que eu sinta comichões por todo o corpo.

Hyden olhou para seu pai com uma cara feia e avançou contra ele, desferindo-lhe um soco no queixo. Brockman foi pego de surpresa, e Hyden o agarrou pelos ombros e se engalfinhou com ele no chão, atacando-o. A raiva, aparentemente, era a cura para seu problema. Os guardas intervieram e o tiraram de cima do pai.

Recuperei o controle sobre meu corpo no momento em que Hyden o atingiu.

— Hyden! — gritei.

Hyden estava no chão e um dos guardas estava por cima dele, imobilizando-o. Brockman pegou o ZipTaser do outro guarda e o apontou para Hyden. A luz azul fez um arco e atingiu-lhe o corpo. Hyden tremeu e soltou um grito estridente.

— Pare! — eu disse.

Brockman desligou o ZipTaser. Já servira ao seu propósito. Hyden não conseguia se mover, contorcendo-se no chão em uma agonia insuportável. Em seguida, ficou completamente em silêncio. Estaria tudo bem com ele?

Ajoelhei-me ao lado de Hyden.

— Hyden. — Sem pensar, desabotoei a parte de cima de sua camisa e coloquei a mão sobre seu peito para sentir o coração.

Estava batendo.

Em seguida, olhei para minha mão, percebendo meu erro. Hyden abriu os olhos, as pálpebras ainda pesadas por causa do trauma do ZipTaser, e olhou para minha mão. Ele abriu um sorriso quase imperceptível.

Hyden conseguiu tolerar meu toque. Ou, talvez, estivesse apenas atordoado por causa do ZipTaser.

Brockman não percebeu. Estava ocupado conversando com as pessoas na sala.

— Estão vendo? Meu filho toma decisões erradas. É por isso que eu cuidarei da venda da tecnologia.

Afastei a mão quando o guarda se aproximou. Ele puxou Hyden com truculência, para que ficasse em pé, agarrando-o pelo braço. Fiquei ao lado dele.

— Você matou Reece. — Hyden avançou outra vez contra seu pai. O guarda o conteve. — E Helena.

— Ela estava planejando matar um senador — disse Brockman ao seu filho. Em seguida, falou com o guarda. — Coloque-os na sala quatorze até a hora do show.



As paredes e o piso da pequena câmara sem janelas eram feitos de aço. A porta também era feita de metal grosso, o que não oferecia nenhuma possibilidade de fuga.

— Eles nem se incomodaram em nos algemar — eu disse.

Hyden suspirou.

— É porque não há como fugirmos daqui.

— Foi por isso que nos deixaram aqui, juntos?

— Somos os produtos mais valiosos que ele tem. Por isso, temos que dividir a sala à prova de fugas.

Olhei para o brilho tremeluzente das lâmpadas fluorescentes que estavam embutidas no teto alto.

— Que tipo de homem precisa de uma sala assim?

— Um homem que tem mais inimigos do que amigos — respondeu Hyden.

Sentamos no canto da sala com as costas apoiadas contra a parede.

— Nenhum dos Metais viu meu pai — eu disse.

Hyden baixou a voz.

— Não fale sobre eles. Pode ser que...

— Você acha que ele está escutando? — eu sussurrei.

Ele deu de ombros.

— A menos que ele esteja ocupado demais com os preparativos para o leilão.
— Não importa o que digamos agora. Estamos prestes a sair daqui. Provavelmente para algum lugar muito distante, onde talvez nem saibamos falar o idioma local — eu falei.

— Provavelmente não ficaremos juntos — disse ele.

Olhei para Hyden.

— Você pretendia mesmo usar o dinheiro para acabar com as instituições?

— Ia contratar especialistas em *lobby* para pressionar os senadores. Já tinha tudo mapeado. Tinha até planos de converter as instituições em escolas e equipá-las com os lançamentos mais recentes de aerotelas e transmissões de aulas a distância.

— Lamento por atrapalhar seus planos.

— Não. Não, nunca mais diga isso. Apreendi muito com seu chip depois que ele foi alterado, e usei Blake para ficar perto de você para que eu pudesse observar de perto a mudança no protocolo que impedia os Metais de matarem outras pessoas. Mas, além de qualquer coisa, havia você. Eu me sentia responsável por você. Todas as coisas em sua vida seriam diferentes se eu nunca tivesse criado a Prime.

— Quer dizer que... você sentiu pena de mim?

— Não. — Os olhos dele encontraram os meus. — Eu me apaixonei por você.

Fiquei paralisada. O tempo parou.

Talvez houvesse um chão frio de metal sob meu corpo, mas eu não estava presente naquela cela. Estava em outro lugar, lutando para conseguir juntar todas as peças. Ainda não conseguira assimilar a descoberta de que Hyden era o Velho, e isso explicava muitas coisas. Pelo menos eu sabia por que me sentia tão ligada a ele. Compartilhamos muitas coisas especiais quando estávamos juntos, quando ele estava no corpo de Blake.

Senti um calor irradiar de dentro de mim. Hyden estava esperando por minha reação, e eu não sabia como colocar aquilo em palavras. Vi a marca da queimadura na parte de cima de seu pulso. Tinha o formato de um diamante.

Será que ele estava fingindo no momento em que o toquei? Estendi a mão. Ele não se esquivou. Com o polegar, toquei a pele que estava ao redor da marca deixada pelo ZipTaser.

— O ZipTaser — eu disse.

Seus olhos refletiam um pouco de dor, mas ele deixou que eu o tocasse.

— Sente alguma coisa?

— Não é fácil. — Ele engoliu em seco. — Mas vale a pena.

— Você fez progressos — eu disse, e afastei minha mão.

— É o que acontece quando se recebe uma descarga tão grande de eletricidade, eu acho.

— Talvez. E todos aqueles guardas que ficaram segurando e empurrando você, aqui e na base de Dawson.

— Ou eu ignorava a sensibilidade, ou morreria — disse ele.

Acho que confrontar o monstro que estava na fonte de sua dor era a verdadeira razão. Mas não era algo que tivesse importância agora.

Levantei a mão, esperando que ele se lembrasse daquele momento na base de Dawson, quando estávamos separados pelo vidro.

Ele levantou a mão também. Nossas palmas se encontraram e se tocaram no ar. Ele estava tenso, porém não removeu a mão dali. Fechou os olhos por um momento e, quando os abriu novamente, parecia estar um pouco mais relaxado. Ele encaixou os dedos entre os meus e fechou a mão ao redor da minha, com nossas palmas ainda em contato. Puxou-me para perto de si enquanto inclinava a cabeça e me beijou.

Ele me beijou. Pela primeira vez, sendo ele mesmo. Não como Blake, Jeremy ou qualquer outra pessoa.

Nunca foi tão bom.

Mas, dentro de pouco tempo, a porta se abriu.

Briona estava com o cartão de acesso de Trax na mão.

— Vamos lá — disse ela em voz baixa, indicando que devíamos nos levantar.

— Está tudo bem, essa é Briona — sussurrei para Hyden.

— Eu sei — disse ele. — Ela estava na Prime.

Nós a seguimos pelo corredor. Briona estava com uma aparência muito melhor depois que tirou o tubo que lhe entrava pelo nariz.

— Onde estão os outros? — perguntei.

— Escondidos. Alguns estão procurando comida.

— Ninguém foi pego? — perguntou Hyden.

— Não sei. Ninguém que eu conheça. Mas estão todos espalhados.

— Não estou gostando disso.

— Eu sei onde seu pai está — ela disse para mim. — Woodland, não é?

— Sim. Onde?

— Vou levá-la até ele. Um dos Starters encontrou um arquivo. Venha por aqui.

— Ele está bem? Você o viu?

— Não tive tempo — disse ela. — Queria chegar até você antes.

Meu coração batia rápido. A ideia de que eu finalmente conseguiria ver meu pai, vivo...

Fizemos uma curva no corredor. Havia uma porta com o número 511.

— Ele deveria estar aqui — disse ela, fazendo uma pausa. Parecia confusa.

Eu estava prestes a abrir a porta quando ela me agarrou pelo braço.

— Espere. Essa sala se conecta com a parte de trás do anfiteatro.

— Eu não me importo nem se for o banheiro, desde que meu pai esteja aí — eu disse, passando por ela e abrindo a porta.

Quando passei por ela, ouvi aplausos. Brockman estava do lado oposto de um palco redondo, a cerca de cinco ou seis metros de mim.

— Aí está a nossa estrela, senhoras e senhores — disse Brockman, falando em um microfone. Ele subiu ao palco, ficando de costas para a plateia para me encarar, do outro lado da sala.

Hyden estava logo atrás de mim. Ainda estávamos sob o batente da porta.

— Não! É uma cilada! — disse Hyden.

Demos meia-volta para correr, mas três guardas apareceram no corredor, bloqueando nosso caminho. Eles nos obrigaram a voltar para o teatro.

Um dos guardas sussurrou em meu ouvido.

— Você achava que não tínhamos monitores espalhados em todos os cantos?

Briona, que estava genuinamente irritada, foi puxada de lado. Foi usada. Talvez se eu houvesse prestado atenção quando ela teve dúvida em frente à porta, poderíamos ter fugido. Eles estavam nos observando durante todo aquele tempo.

O teatro era arredondado, com um pequeno palco no centro e um piso com uma inclinação forte, onde estavam instalados os assentos da plateia. Era difícil enxergar a plateia por causa das luzes, mas percebi que havia cerca de vinte Enders usando *smokings* ou vestidos de baile, ou robes coloridos que eram tradicionais em suas nações de origem. Era como se estivessem vestidos para assistir a uma noite de ópera. Joias enormes brilhavam nas mulheres, e a infinidade de tecidos holográficos quase me deixou tonta.

Hyden foi levado por um guarda para ficar fora dos holofotes do palco, à minha direita. Outro guarda me levou para ficar ao lado de Brockman, no centro do palco. À minha esquerda havia uma mesa pequena, e, à direita, uma mesa maior com vários objetos coloridos.

— Ela é um pouco tímida, senhoras e senhores. Esta é Callie Woodland, a única transpositora que é uma D.M.A., uma Doadora de Múltiplos Acessos, o que significa que mais de uma pessoa é capaz de ocupar seu corpo ao mesmo tempo. E elas podem se comunicar umas com as outras. Não é muito diferente de andar em uma bicicleta para duas pessoas.

Ele riu. Senti vontade de socá-lo da mesma forma que Hyden o fez. Isso não ajudaria em nada. Eu não podia fazer nenhuma idiotice. Tinha que agir com a cabeça para conseguir sobreviver e resgatar meu pai.

— E isso não é tudo. Todos os outros transpositores têm uma programação que os impede de matar, com exceção desta. Quando é ocupada, ela é a única que pode ser usada como arma. E seu conjunto de habilidades e coordenação motora são fenomenais: ela é uma atiradora perfeita, capaz de usar qualquer arma, para eliminar qualquer oponente, terrorista ou concorrente. Imaginem isso: vocês podem colocar uma equipe dentro do corpo dela, digamos, um especialista em inteligência, um *hacker* e um especialista em bombas, ao mesmo tempo. E, quando conseguirem invadir o esconderijo daquele terrorista, ou quando conseguirem encontrar o ex-funcionário que roubou os segredos de sua empresa, vocês podem apreciar pessoalmente a emoção de estar por trás dos olhos dela quando a garota puxar o gatilho. Existe algo melhor do que isso?

A plateia internacional, composta pelos Enders reluzentes, riu e começou a aplaudir. Olhei para a minha direita, para Hyden. Ele estava fazendo um sinal negativo com a cabeça, indicando que eu não deveria dizer ou fazer nada.

— Vamos vê-la em ação — disse Brockman.

Brockman virou o rosto para o outro lado, e desta vez eu percebi que ele usava um pequeno *headset* que quase se mesclava com seus cabelos. Havia um pequeno disco conectado a ele que estava ligado à base de sua cabeça. Provavelmente funcionava como um dispositivo de controle remoto para que ele não tivesse que ficar plugado a um computador.

— Preciso de um voluntário para isso. Quem gostaria de subir ao palco?

Uma mulher Ender, que usava um vestido longo, com os cabelos armados em um penteado elegante, foi conduzida ao palco por um guarda e colocada atrás da mesa pequena, onde havia uma pilha de cartões brancos.

— Eu poderia fazer com que ela se movesse como um fantoche, mas vocês nunca saberiam se ela estaria sob meu controle ou apenas seguindo instruções. Para provar que estou controlando o corpo dela, você vai escolher os objetos que Callie vai pegar. Está pronta?

Brockman olhou para o vazio por um segundo. Em seguida, senti o peso, a sensação esmagadora de perder o controle outra vez. Brockman habitava meu interior. Senti aquela sensação horrível de ser violada; ele controlou meus movimentos e me fez virar de costas para que eu não conseguisse ver a mulher ou os cartões que ela escolheria.

— Agora, se puder fazer a gentileza de escolher um dos cartões e mostrá-lo para a plateia — disse Brockman. — Ótima escolha. Obrigado.

Meu braço se lançou para frente e agitou-se por cima dos objetos. Havia pelo menos vinte deles. Minha mão baixou sobre um urso feio de pelúcia cor-de-rosa. Eu o levantei, bem alto. A plateia reagiu com suspiros de admiração, “oh”, “ah”, e depois aplaudiu.

Ele continuou o showzinho com vários outros objetos, e depois disse à mulher para voltar ao seu assento.

— Agora, qual de vocês gostaria de comandar os movimentos dela? — perguntou Brockman.

Metade da plateia levantou as mãos. Mas foi um Ender bastante velho, com uma cabeleira prateada e usando um robe verde, que se ofereceu como voluntário, vindo até o palco. Brockman colocou um *headset* quase invisível nele, como aquele que estava usando.

— Vamos apenas ajustar isso em você, e ela será toda sua — disse Brockman. — Lembre-se do que eu lhe disse antes, e concentre-se.

Brockman deve ter dado uma sessão de treinamento antes que eu chegasse. Senti quando o controle de Brockman sobre mim perdeu a força, mas apenas por um momento. Quase imediatamente o Ender de robe verde começou a invadir meu corpo. O mais estranho era o fato de eu conseguir sentir uma diferença. Não soube explicar, mas senti que havia uma pessoa diferente dentro de mim.

O Ender de robe verde fez eu olhar para a plateia e acenar com a mão.

— Ótimo — disse Brockman. — Você conseguiu logo na primeira tentativa. Viu como é fácil?

Em seguida, ele fez eu andar pelo palco como se fosse uma passarela, fazendo meus quadris se moverem de forma exagerada. Parei, sorri para a plateia e dei meia-volta, para retornar ao ponto de partida. Ele fez eu parar com as costas ainda voltadas para o público. E agora? Aquele pervertido fez eu rebolar. Todos começaram a rir. Era horrível.

Ele me obrigou a virar outra vez e ficar de frente para plateia. Senti minha boca se abrir. Ele não ia fazer eu falar! Mas foi exatamente isso que ocorreu:

— Sou muito bonita.

A voz não soava exatamente como a minha, mas também não era como a dele.

— Excelente — disse Brockman. — Veja a rapidez com que você conseguiu dominar a transposição.

Agora, todos os homens levantavam as mãos para se oferecer como voluntário. Alguns estavam gritando em suas línguas nativas. Um homem que usava um *smoking* saltou para cima do palco quando o homem de robe verde retirava o *headset* e o devolvia para Brockman. Senti

meu controle voltar, mas as coisas estavam ficando mais confusas agora, tudo acontecendo ao mesmo tempo, rápido demais. Não sentia que tinha o controle total sobre mim mesma; parecia que eu estava em uma espécie de limbo.

Dei uma olhada na direção de Hyden. Seu rosto estava vermelho; ele estava lívido. Um guarda o segurava pelos braços.

O novo voluntário Ender era bronzeado, tinha cabelos brancos curtos e um enorme anel de diamante no dedo.

Brockman colocou o *headset* nele e ele se concentrou por um momento. Nada aconteceu. As pessoas da plateia se mexeram em suas cadeiras. Alguém tossiu. Logo depois, senti minha mão se levantar e ir até a parte de cima de minha camisa.

Ela foi até o primeiro botão abaixo da gola. E o abriu.

Não. Ele não iria... mas era o que estava fazendo. Minhas mãos desabotoavam minha camisa. Meus quadris balançavam como se eu fosse uma dançarina barata em uma boate de *striptease*. Ele fechou meus olhos e jogou minha cabeça para trás, como se eu estivesse em êxtase com aquela situação. Minhas mãos abriram o último botão, revelando a camiseta que eu tinha por baixo. Estava aliviada por ter aquela peça por baixo, mas até onde ele estava disposto a ir?

Senti que todos estavam prendendo a respiração, inclusive eu. Ele fez eu tirar a camisa, girá-la por cima de minha cabeça e jogá-la na direção da plateia. Um homem que usava um traje africano a agarrou e agitou-a de forma triunfal.

O homem que me controlava fez com que eu provocasse a plateia, me obrigando a erguer a barra da camiseta e puxá-la de um lado para o outro. Em seguida, ele fez eu erguê-la, expondo meu sutiã. Minhas mãos puxaram a camiseta por cima de minha cabeça e a jogaram para a plateia, para o deleite de outro Ender pervertido.

O Ender que estava me controlando fez com que eu olhasse para ele, no palco, e andasse lentamente em sua direção. O que ele me obrigaria a fazer? A cada passo, um cenário pior do que o anterior surgia em minha imaginação.

— Parem com isso! — era a voz de Hyden.

Consegui olhar na direção dele. O Ender que me controlava perdeu a concentração. Hyden estava sendo cotido por dois guardas.

— É o suficiente — disse Brockman. — Teremos uma demonstração espetacular para vocês que mostrará todo o poder desta tecnologia. Algo que vocês nunca verão em nenhum outro lugar, algo que nunca esquecerão.

Um dos guardas devolveu minha camisa, e eu rapidamente a vesti. Olhei com uma expressão enfurecida para o homem com o anel de diamante.

— Você é um pervertido — falei por entre os dentes.

— Vamos começar — disse Brockman.

Uma das portas à direita do palco se abriu, e eles entraram com um homem preso pelos pulsos e tornozelos a uma superfície vertical, maior do que uma porta. Parecia um número circense perigoso. O homem tinha cabelos escuros e barba. Era um Middle.

Conforme os guardas se aproximavam com ele, para o meio do palco, soube quem ele era.

Um Middle que eu não via há mais de um ano. Um Middle que eu pensei que nunca, nunca veria outra vez, porque me disseram que ele estava morto. Um Middle com o qual eu compartilhava as lembranças de uma vida inteira. E nosso código especial.

Meu pai. Corri até ficar ao lado dele.

— Papai!

— Callie — disse meu pai, com a voz fraca.

Os olhos dele estavam piores do que a imagem que surgiu no vídeo a que eu assisti. Ele estava magro e fragilizado, comparado ao pai que eu conhecia.

— Caso vocês não tenham ouvido isso, esse é o pai de Callie — disse Brockman em seu microfone.

— O que você fez com ele? — girei sobre os calcanhares e encarei Brockman, furiosa.

— A questão é, o que *você* vai fazer com ele? — perguntou Brockman, com um sorriso maldoso.

Senti um enjoo forte ao pensar no que estava por vir.

Meu corpo pareceu ficar mais cheio por dentro quando Brockman assumiu o controle. Ele fez com que eu me afastasse de meu pai, ficando a cerca de três metros de distância. Um guarda se aproximou de mim, trazendo uma bandeja com uma arma.

— Senhoras e senhores, essa garota está prestes a atirar em seu próprio pai, em uma última demonstração de quanto este processo é poderoso — disse Brockman. — Se conseguirmos fazer com que ela aja como desejamos, a pessoa que sair daqui com o produto que eu ofereço, poderá usá-la para assassinar qualquer um.

Meu corpo começou a suar frio. Ele não estava falando sério. Meu pai tinha conhecimentos que Brockman poderia usar.

Não, não, não pode ser, ele não quer fazer isso.

Conforme a plateia murmurava em antecipação, apenas uma Ender se levantou e saiu da sala. Brockman desligou seu microfone e aproximou-se de mim.

— Precisávamos apenas das pesquisas dele. Obrigado por trazer o z-drive até aqui. Já começamos o processo de quebra da criptografia. Dentro de algumas horas, teremos a tecnologia de seu pai.

Eles encontraram o carro de Hyden. Agora tinham tudo o que meu pai poderia lhes dar. E fomos nós que trouxemos a informação para eles.

Brockman voltou a ligar o microfone.

— Observem atentamente — disse ele à plateia.

Minha mão pegou a arma.

Meu pai olhou para mim.

Havia muitas coisas que eu queria dizer a ele. Que agi como se fosse a mãe e o pai de Tyler, que tentei fazer tudo que ele me ensinou para proteger meu irmão. Que fiz o melhor que pude, mas acabei deixando tudo muito, muito pior do que antes. Eu só queria ser a garotinha dele outra

vez, me aninhar em seu colo e ouvir ele me dizer que tudo ficaria bem.

A pior de todas as coisas começou a acontecer. Meu braço começou a formigar. Ele se levantou, não por vontade própria, até que a arma em minha mão estava apontada diretamente para a cabeça de meu pai.

Meu pai não me via há um ano e provavelmente pensou que nunca mais voltaria a me ver. E agora eu estava aqui, apontando uma arma para ele. Era a última coisa que ele veria na vida.

Estou aqui dentro. Controlando você. E a sensação é deliciosa.

Ao ouvir a voz de Brockman dentro de minha cabeça, senti vontade de me arrastar para fora de meu próprio corpo. Tentei me forçar a retomar o controle, tentei mover meus braços e minhas pernas, queria conseguir fazer qualquer coisa para soltar a arma, para não fazer essa coisa horrível.

Mas eu só era responsável pelas lágrimas que rolavam pelo meu rosto.

Por favor, não me faça atirar em meu pai.

A voz de Brockman surgiu em minha cabeça.

Um teste perfeito. E bastante irônico, já que foi ele que lhe ensinou a atirar tão bem.

— Está tudo bem, Callie. Não é sua culpa — disse meu pai. Seus olhos ainda tinham uma aura de carinho e gentileza. — Não importa o que aconteça, eu amo você — disse ele. — Eu sei que não é você quem está fazendo isso. Você não tem culpa.

Ouvi Hyden gritar.

— Callie, reaja! Revide, agora!

Em meio ao trauma, havia esquecido. Eu tinha que tentar. Lembrei-me do que Hyden tentou me ensinar, o método de meu pai. Imaginar um cordão com uma luz... qual era mesmo a cor? Azul. Uma luz azul que vinha de Brockman até mim. Em seguida, uma luz dourada que saía de mim e ia até ele. Transformar a luz azul em dourada.

Eu ainda estou no comando, Callie.

A voz de Brockman soou forte em minha cabeça.

Meu pai continuou rígido, sentindo a agonia daquela ameaça pairando sobre ele, minha arma ainda apontada. Tentei concentrar minha mente, visualizar o cordão, transformar o azul em dourado, e depois empurrar Brockman para fora. Eu o visualizei como o vi da última vez, no palco, em pé e com uma expressão de desprezo, e me vi empurrando-o para o mais longe que podia, usando meus próprios braços.

A mão que segurava a arma começou a tremer.

Era a coisa mais difícil que eu já fizera em toda a minha vida. Eu tinha que manter o controle. Se vacilasse por um segundo, minha mão recuperava a firmeza. Tinha que me esquecer da arma, me esquecer de meu pai, me esquecer de tudo, exceto do cordão. Continuei me esforçando, mesmo que a sensação fosse igual a prender a respiração eternamente, mais do que é humanamente possível, e minha mão se agitou com violência.

Callie...

A voz de Brockman dentro de minha cabeça parecia estar tomada pelo desespero. Isso me deu

forças.

Visualizei a mim mesma empurrando com tanta força que Brockman caía para trás, até ficar cada vez menor.

Minha mão voltou a ficar sob meu controle. Consegui deixar a pistola cair, e ela bateu no chão. O público exclamou, surpreso. Brockman me encarou com um olhar enfurecido.

Queria correr para perto de meu pai, mas tinha que manter o foco. Eu ainda tinha a conexão com Brockman; tinha somente que reverter o fluxo, ver a mim mesma dentro do corpo dele. Senti que estava entrando em Brockman. A sensação era de frio, como se houvesse água gelada correndo por minhas veias. Eu estava no corpo dele.

Obriguei-o a caminhar em direção à pistola.

— Você não vai conseguir se livrar de mim — comuniquei a ele.

Você não pode fazer isso.

— Observe o que você vai fazer — eu disse.

Fiz o corpo dele se abaixar para pegar a arma. Ele tentou resistir, mas era uma batalha perdida.

— Como se sente agora? — eu disse.

Forcei-o a dar meia-volta e apontar a arma para os guardas que estavam no fundo do palco.

— Soltem as armas. — Fiz Brockman dizer.

Os guardas hesitaram, os rostos tensos com a confusão.

— Agora! — Fiz Brockman ordenar. — E soltem as algemas também.

Os guardas obedeceram, colocando as pistolas e as algemas de *plexiplast* no chão.

— Coloquem as mãos para cima — disse Brockman.

A plateia murmurava, obviamente confusa. Alguns pareciam não saber se aquilo fazia parte do espetáculo.

— É tudo parte do show — disse o pervertido com o anel de diamantes, rindo.

Alguns riram de nervoso junto com ele. Fiz Brockman apontar a arma para o Ender pervertido e ele parou de rir.

— O show acabou. — Obriguei Brockman a dizer.

Ergui a mão de Brockman, apontando a arma para a última fileira de assentos, que estava vazia, por cima das cabeças das pessoas na plateia, que estavam sentadas nas cadeiras mais próximas do palco. Disparei alguns tiros.

As pessoas saltaram de seus assentos e correram para as saídas, tropeçando em seus vestidos e também umas sobre as outras.

Girei o corpo de Brockman para verificar os guardas. Eles estavam se espalhando pelo lugar, tentando não ser atropelados pelas pessoas que corriam em busca das saídas. Disparei algumas vezes contra a parede atrás deles, e os últimos guardas também saíram correndo pela porta.

Meu pai e Hyden continuavam ali, mas eu não conseguia pensar neles. Ainda estava vendo o

salão pelos olhos de Brockman, ainda controlava seu corpo. Obriguei-o a andar até as algemas que os guardas largaram no chão. Fiz ele soltar a arma e pegar um par de algemas. Movi suas mãos para que ele atasse as algemas ao redor dos tornozelos. Em seguida, peguei outro par e coloquei-as ao redor de seus pulsos.

Pronto. Hora de sair deste corpo horroroso. Concentrei-me e logo voltei a ver o lugar com meus próprios olhos.

Brockman começou a gritar a plenos pulmões.

Corri até onde meu pai estava.

— Papai!

— Menina Cal.

Joguei meus braços ao redor dele, beijando-lhe o rosto, até que Hyden chegou para soltar as amarras que o prendiam. Meu pai se levantou com as pernas vacilantes e me abraçou com força.

— Callie, querida. — Ele segurou minha cabeça com uma mão contra o peito.

Mais de trinta inspetores chegaram para prender Brockman, os guardas e qualquer bilionário que ainda não tivesse escapado em seu helicóptero. Confiscaram as aerotelas e levaram os mais de cem Metais que estavam no complexo até o auditório, para colher depoimentos. Vi todos os Metais que foram levados de nosso laboratório, incluindo Savannah, Avery, Lily e Jeremy. Fiquei feliz ao ver que ninguém estava ferido. E mais feliz ainda quando vi Kevin, o neto desaparecido de Lauren. Ela ia transbordar de alegria.

Nós conversamos no grande átrio que ficava no andar inferior — meu pai e eu sentados nas poltronas do saguão, logo abaixo de onde Brockman estava quando o vi pela primeira vez.

Os inspetores trouxeram mais um Metal para a sala: Michael. Ele estava bem. Corri até ele para lhe dar um abraço.

— O que aconteceu com você? — perguntei.

— Os guardas me pegaram, mas consegui escapar e me juntar aos outros Starters.

Sentamos ao lado de meu pai, que colocou um braço ao redor de meus ombros. Ele estava muito magro. Perdera mais de quinze quilos desde a última vez que o vi, e o ano que passou em cativeiro estava refletido em seus olhos. Mas ele estava vivo. Não conseguia parar de sorrir toda vez em que olhava para ele.

Hyden entrou por uma porta do outro lado do salão, onde o investigador-chefe estava. Logo atrás de Hyden, vinha um grupo de Enders, quase todos vestidos de preto. Dawson e sua gangue. Senti meu corpo se retesar e olhei para Michael. No mesmo instante, nós nos levantamos e fomos até onde o investigador-chefe estava.

— Aquele homem — eu disse, apontando para Dawson — nos manteve em cárcere privado.

Dawson se aproximou. Recuei um passo, cada vez mais tensa ao vê-lo, e também ao ver aquela tatuagem de leopardo. Ele exibiu seu holodistintivo. Um raio de luz colorida brilhou para formar um símbolo que eu não consegui identificar.

— Callie, sou Matt Dawson, chefe da Equipe de Pesquisas sobre Transposição.

— Você não pode estar trabalhando para o governo — eu disse.

Hyden se aproximou e ficou perto de mim. Michael estava do outro lado.

Dawson baixou a voz, falando em tom conspiratório.

— Trabalhamos fora dos registros conhecidos, então, não existimos oficialmente. Fazemos coisas que vão além dos regulamentos porque somos obrigados a fazê-las.

Imagens do tratamento horrendo que sofremos passaram diante de meus olhos.

— E o que me diz sobre o que aconteceu com Emma?

— Foi um acidente lamentável — respondeu ele.

— Enders — eu disse, resmungando, para que Michael e Hyden ouvissem. — Mas o jeito que você nos tratou... vocês foram brutais — eu falei, sem compreender. Será que ele realmente estava de nosso lado?

— Você nunca esteve envolvida com os militares — disse ele. — Não tínhamos autorização para divulgar nada naquele momento. Não sabíamos o quanto podíamos confiar em você.

— Por que fizeram todos aqueles testes? — perguntou Michael.

— Tínhamos que avaliar a ameaça à segurança nacional.

Comecei a encaixar as peças.

— Quer dizer que vocês *queriam* que eu viesse até aqui?

Ele assentiu.

— Não podíamos simplesmente tomar este lugar de assalto. Sabíamos que Brockman destruiria tudo. Os Starters, os cientistas e seu pai.

— E a tecnologia — disse Hyden.

— E tínhamos que pegá-lo no momento em que estivesse cometendo a traição, além de capturar essas pessoas perigosas que poderiam comprar e usar a tecnologia. Era crucial esperar até o momento exato.

— Você nos usou como isca — disse Michael.

— Vocês não se importavam se sobreviveríamos ou não — acrescentei.

— Mas vocês conseguiram. Vocês três. E com honras — disse Dawson. — E é por isso que queremos recrutá-los como os primeiros membros de nossa academia especial. Quem passar pelos testes também poderá se juntar à nossa equipe.

Olhei para os rapazes. Quem ia querer ser parte de uma equipe comandada por Dawson?

Uma mulher se aproximou e ficou ao lado de Dawson. Eu a reconheci como a Ender que fingiu sentir pena de nós e nos deu as chaves para fugirmos da base.

— Não é de admirar o fato de termos conseguido escapar de sua base — eu disse.

Ela colocou o braço ao redor da cintura de Dawson.

Um sorriso iluminou as feições dele.

— Minha esposa.



Três dias depois, eu estava no portão da Instituição 37. Um guarda Ender examinou meu corpo com um *scanner* em forma de bastão. Em seguida, uma vigilante Ender me revistou com certa truculência.

— Está limpa — disse a mulher.

O outro guarda apertou um botão e o portão se abriu com um som de metal raspando contra metal. O som fez eu fechar os olhos por um momento, e me levou de volta ao dia em que Sara morreu. O dia em que eu escapei por causa do sacrifício que ela fez.

Com os guardas ao meu redor, marchei até o prédio da administração. Nossos sapatos batiam

e ecoavam na atmosfera pesada do corredor escuro, com seu cheiro de mofo e os armários baixos de nogueira com as pernas esculpidas em espiral. Quando chegamos à porta do escritório da diretora, ela se abriu antes que os guardas batessem.

Beatty apareceu sob o batente da porta. Ouvi sua voz pelo intercomunicador do portão, consentindo em me receber como visita, de modo que não havia nenhuma surpresa em seu rosto. Ela usava um terno caro que perdia toda a elegância em seu corpo grande e disforme. Provavelmente sempre teve um corpo digno de um uniforme.

— Callie. Que surpresa deliciosa.

Os guardas avançaram para me acompanhar, mas a mão erguida de Beatty os deteve.

— Não é necessário que fiquem aqui. Podem ir. — Quando hesitaram, ela perguntou: — Vocês a revistaram com atenção? Vocês dois?

— É claro, senhora — disse a mulher.

— Então, posso cuidar dela. — Beatty me puxou para dentro de seu escritório pelo pulso. — Sempre pude.

Ela fechou a porta diante deles, deixando-os atarantados. Puxei meu braço para me livrar do agarrao de Beatty e esfreguei o pulso.

— Vou lembrá-la de que estou com o meu ZipTaser, Callie. — Ela deu um tapinha em um objeto protuberante que estava em seu bolso.

— É claro que está. — Pensei em Sara.

O rosto de Beatty estava ainda mais feio e mal-humorado do que costumava ser. Mas havia algo diferente. Como se parecesse um pouco menos hedionda.

— Já sei — eu disse. — Você conseguiu se livrar daquelas verrugas.

Os olhos dela se arregalaram.

— É uma ótima maneira de torrar seu salário de diretora.

— Dá para ver que ainda não aprendeu a ter modos.

Ela foi até a escrivaninha. Estava organizada de maneira espartana, apenas com sua aerotela, um estilete para abrir cartas e um jogo de copos de cristal ao lado de uma garrafa cheia de um líquido cor de âmbar. Ela serviu uma dose em cada copo.

— Vamos brindar à sua visita. — Ela estendeu um copo para mim. Não o peguei. — Apenas um gole. — Ela empurrou o copo até que ele tocou minha mão.

— O que é isso?

— Um scotch, envelhecido duzentos anos. Melhor do que calda de chocolate.

— Sou menor de idade. Não posso.

Ela abriu um sorriso torto e colocou o copo sobre a mesa.

— Como quiser. — Ela bebeu o uísque em goles curtos, saboreando-o.

— Então, Callie, por que veio até aqui e, ainda por cima, sozinha? Achei que você fosse mais esperta. Alguma coisa mudou em sua vida? Sua guardiã mudou de ideia? Ela se cansou de você?

Obviamente, ela não sabia nada sobre o que houve com Brockman.

— Tenho novidades para você — eu disse. — Lembra-se do Velho? Na realidade, ele é um garoto adolescente.

Percebi quando as pupilas dela se dilataram. Ela não fazia a menor ideia.

— E daí? — disse ela.

Beatty estava tentando disfarçar sua surpresa.

— Ele usou você para libertar os Starters que estavam nessa instituição — eu disse. — Para que eles pudessem correr livres por aí.

Ela colocou o copo com a bebida sobre a escrivaninha e cruzou os braços.

— E por que eu deveria me importar? Ele me pagou.

— Não pode ter sido tanto assim. Afinal, ele era somente um Starter.

— Dez mil dólares. Por criança. Não é tão pouco.

— Você as vendeu, sabendo que seriam usadas por Enders. Talvez para sempre.

A mão de Beatty se moveu na direção do ZipTaser.

— Você pode me ferir, mas não pode me matar com isso — eu disse. — Não como fez com Sara.

— Sara tinha uma doença infeliz.

— Você sabia sobre o problema cardíaco dela. E permitiu que seus guardas a atacassem com os tasers mesmo assim.

— Ninguém escapa de minha instituição. — Ela apertou os olhos e segurou o copo de bebida. — Nem Sara. Nem você.

Ela jogou o scotch em mim, encharcando meu rosto e minha camisa. Esfreguei os olhos e vi quando ela pegou um objeto na mesa. O estilete. Ela o segurava como se fosse um punhal.

Dei um passo para trás. Ela sorriu e avançou um passo em minha direção. Eu não havia me preparado para aquilo. Não vim armada.

Meu coração acelerou quando ela ergueu o estilete. Em vez de me atacar, ela desferiu um golpe rápido e certo contra o próprio antebraço. Seu grito fez minha pele se eriçar.

— Não! — gritou ela. — Não me machuque!

O sangue escorria por seu braço. Ela pressionou o cabo do estilete contra minha palma. Eu o larguei, ele caiu no carpete.

A porta se abriu. Virei-me e, por uma fração de segundo, esperei ver os guardas da instituição ali. Mas, é claro, quem entrou foi Dawson, ladeado por dois inspetores.

— Ela me esfaqueou — disse Beatty, exibindo o braço ensanguentado.

— Peguem-na — disse Dawson aos inspetores.

Quando eles se aproximaram de nós, Beatty abriu um sorriso torto para mim que ninguém mais viu.

— Graças aos céus, meus guardas chamaram vocês. Ela me atacou com aquilo. — E apontou para o estilete que estava no chão.

Dawson olhou para o estilete e fez um movimento negativo com a cabeça.

— Não foi isso o que aconteceu.

— Ela me atacou. Essa garota é perigosa — disse Beatty.

— Isso, com certeza, é verdade — disse Dawson. — Mas ela não encostou um dedo em você.

— Desista, Beatty — eu disse. — Ele viu tudo através de meus olhos. Ouviu através de meus ouvidos.

O queixo de Beatty caiu. Ela olhava para mim e para Dawson, para mim e para Dawson.

— Ele estava... dentro de você? — Ela estava chocada, imóvel como uma pedra, como um *troll* apanhado de surpresa pela luz do sol.

Dawson fez um sinal para os inspetores. Um deles pressionou um lenço contra o braço de Beatty para estancar o sangramento.

— Bom trabalho — Dawson disse para mim.

— Estou só cumprindo com a minha parte do acordo.

— Que acordo? — perguntou Beatty.

— Eu faria o que ele quisesse, se Dawson me ajudasse a acabar com você — eu respondi.

Fiz um sinal com a cabeça para os inspetores e eles algemaram os pulsos de Beatty às suas costas.

— Não! Vocês não podem fazer isso! Eu sou a diretora. Conheço pessoas importantes! — O rosto de Beatty se contorcia.

— Não mais — disse Dawson.

Quando a levaram embora, certifiquei-me de que a última imagem que Beatty teria de mim seria um enorme sorriso em meu rosto.

Uma semana depois, eu estava em um lugar secreto no meio do deserto, olhando para um complexo imponente de estruturas cinzentas e escuras. Um enorme emblema estava estampado na entrada. Era o Centro de Pesquisas sobre Transposição de Dawson.

Meu pai estava comigo, seu braço ao redor de meus ombros. Michael estava um pouco mais distante, entretenendo Tyler. A proposta de Dawson ainda ecoava em minha cabeça.

— Nossos inimigos planejam nos dominar. Dentro do país e também fora daqui. Temos que impedi-los.

— Você quer que eu seja espiã — eu disse.

— Não é somente por seu país. Os compradores que escaparam vão querer capturar você e Tyler, por causa de seus chips. Eles vão querer pegar seu pai por causa do conhecimento dele. Trabalhar comigo é a melhor chance que sua família tem de sobreviver.

Eu desejava apenas ter uma vida normal com meu pai e meu irmão, mas, com o chip em minha cabeça, tive que aceitar que meu futuro estava destinado a ser diferente. Brockman estava na cadeia, no entanto, se recusava a cooperar. Se ele sabia como remover os chips, não revelaria o segredo. Eu não poderia viver para sempre com medo, como se meu corpo não me pertencesse.

Eu ficaria em treinamento junto com os outros, mas somente alguns de nós passariam pelo programa exaustivo de três meses e fariam parte da equipe. Muitos dos Metais que conheci estariam aqui, porém eu estava procurando por apenas um deles.

Não conversava com Hyden desde o dia em que seu pai foi preso. Ele não atendia ao telefone. Eu não conseguia imaginá-lo aceitando fazer parte do treinamento, especialmente depois de tudo que Dawson nos fez passar.

O veículo de transporte que nos trouxe até aqui esperava atrás de nós. Outros veículos chegaram pela estrada, trazendo mais recrutas Metais.

Michael se aproximou de mim no local de desembarque, no momento em que os novos recrutas começavam a chegar. Savannah, a faixa preta com conhecimentos de medicina. Lily, a acrobata. Jeremy, o especialista em artes marciais. Briona. Lee. Raj. Blake.

Trocamos cumprimentos conforme cada um deles prosseguia para o Centro. Esperamos enquanto os transportes vazios retornavam pela estrada.

— Será que ele esteve aqui mais cedo? — perguntou Michael para mim.

— Ele nunca chega cedo — eu disse, engolindo em seco. — Ele não virá.

Meu pai deu uma palmadinha em meu ombro.

— Hora de nos despedirmos, Menina Cal.

Dei um longo abraço nele. Depois, em Tyler.

— Faça com que o mundo seja um lugar seguro — disse Tyler.

Abracei-o com força.

— E você, comporte-se.

Eles embarcaram em seu transporte e foram embora. Tyler ficou acenando para mim até eu não conseguir mais vê-lo no horizonte. Em seguida, Michael e eu nos viramos e fomos até o prédio. Ouvimos um veículo e nos viramos ao mesmo tempo para ver a poeira que se levantava no deserto.

Havia mais um transporte chegando.

Paramos e ficamos olhando. Apertei os olhos por causa do sol. Não consegui ver quem vinha.

A porta do transporte se abriu.

Era Hyden.

Ele desceu e veio andando até onde estávamos. Olhou para mim e abriu um sorriso discreto. Vi em seus olhos toda a dor e angústia que tinha sofrido naquela semana, enquanto tomava uma decisão. Ele olhou para o Centro.

— Um lugar e tanto — disse ele, cobrindo os olhos.

Da última vez em que apostei todas as minhas esperanças em um prédio, as coisas não aconteceram como eu imaginei. Agora, olhando para o Centro, esperava que pudéssemos trabalhar juntos — Starters e Enders, Metais e cientistas. Com o tempo, Starters se tornariam Middles e, depois, Enders, e as novas gerações não teriam aquele buraco enorme que tínhamos agora. Talvez, quando esse dia chegasse, não importaria tanto o fato de sermos jovens ou velhos, ricos ou pobres, ou a aparência exterior que cada um tinha.

Respirei fundo. Este dia era muito diferente do dia em que cheguei às portas da Prime Destinations.

Desta vez, eu não entraria sozinha. Estava acompanhada por dois rapazes que dariam a vida por mim. E eu faria o mesmo por eles.

— Prontos? — perguntou Michael.

— Já nasci pronto — disse Hyden.

Concordei com um movimento de cabeça.

— Vamos lá!

Peguei a mão de Michael, depois estendi a outra para pegar a de Hyden. Ele hesitou por um momento, mas estendeu a mão e segurou a minha. Um leve lampejo de dor surgiu em seus olhos, então ele se recuperou e indicou que estava tudo bem com um sorriso.

De mãos dadas, juntos, caminhamos em direção a um futuro em que nós mesmos seríamos responsáveis por nossos destinos.

Obrigada a todos os Starters, Middles e Enders que me ajudaram a elaborar o livro *Enders*.

A Dean Koontz, mestre do suspense, significa muito para um autor estreante receber comentários elogiosos como os que fez sobre *Starters*. Serei eternamente grata a você.

A minhas agentes maravilhosas, Barbara Poelle e Heather Baror, e a minha editora incrível, Wendy Loggia, muito obrigada por toda a ajuda e o apoio.

A meus amigos talentosos do grupo de escritores, Derek Rogers e Liam Brian Perry, vocês serão os próximos. A minha amiga Dawn, aos escritores S. L. Card, Suzanne Gates, Lorin Oberweger e Gina Rosati, obrigada a todos por suas ideias brilhantes.

A Kami Garcia, minha gratidão sincera por nos dar generosamente sua ótima citação, e por seu apoio.

Michael Messian, você é um dos campeões, sempre esteve presente no desenvolvimento desta série. A meu marido, Dennis, obrigada por sempre compreender o quanto o livro é importante para mim e por nunca reclamar sobre os shows em que não compareci, os filmes a que não assisti e os jantares que perdi.

A todos que me ajudaram: minhas editoras maravilhosas ao redor do mundo, resenhadores, blogueiros, livreiros, bibliotecários e professores, obrigada por acreditarem nesta série desde o início.

E, finalmente, a todos os leitores maravilhosos ao redor do globo. Sou imensamente grata por toda a paciência e lealdade de vocês. Entrem em contato comigo sempre que quiserem através do site www.lissaprice.com